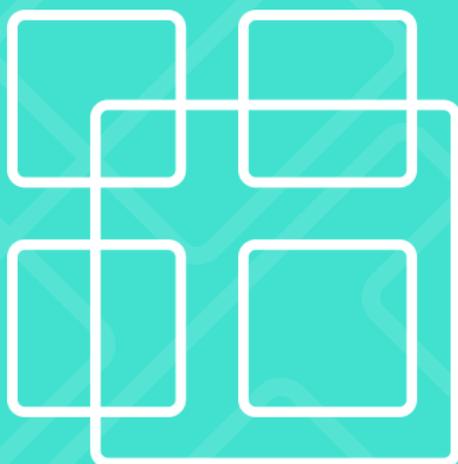


PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO EM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E
CULTURAL DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



EDICC 7 ENTRE-MEIOS

REVISTA DO EDICC
VOLUME 7 | OUTUBRO DE 2021
ISSN - 2317-3815

7º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA
7 A 9 DE OUTUBRO DE 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Estudos da Linguagem

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

REVISTA DO 7º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA

ISSN 2317-3815

EDITORES

Adriana Silvestrini Santos, Carolina Sotério, Clevisvaldo Pinheiro Lima, Gabriel Agostinho Piazzentin, Maiber Silva Pedroza, Malena Beatriz Stariolo, Maria Cortez Salviano, Quézia Salles Cabral Viana, Thais Ribeiro Alencar, Victória Bernardino Coelho

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Amorim, Celso Bodstein, Cristiane Dias, Daniela Manica, Diego Vicentin, Germana Barata, Graça Caldas, Márcia Tait Lima, Marta Mourão Kanashiro, Rodrigo Cunha, Simone Pallone, Susana Oliveira Dias

ORGANIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Maria Cortez Salviano

IDENTIDADE VISUAL

Malena Beatriz Stariolo

REVISÃO

Adriana Silvestrini Santos, Bianca Martins Peter, Erick Lucas Migoto Teodoro, Maria Cortez Salviano

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 7º EDICC

Coordenação-geral: Maria Cortez Salviano e Victória Bernardino Coelho. Equipe: Adriana Silvestrini Santos, Ana Clara Andrade Melo, Clevisvaldo Pinheiro Lima, Gabriel Agostinho Piazzentin, Guilherme Henrique Vicente, Helena Ansani Nogueira, Maiber Silva Pedroza, Malena Beatriz Stariolo, Quézia Salles Cabral Viana, Suzana Correa Petropouleas, Thais Ribeiro Alencar, Vinícius Nunes Alves

PUBLICAÇÕES IEL/UNICAMP

Supervisor do Setor de Publicações: Esmeraldo Armando dos Santos

CONTATO

Universidade Estadual de Campinas

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo - Labjor

Prédio da Reitoria V (3º piso) | CEP 13083-970 | Campinas, SP | Brasil

Telefone: (19) 3521-2584 | Fax: (19) 3521-2599 | Email: revedicc@unicamp.br

REVISTA DO EDICC (ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURA)

v. 7, outubro/2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
CONFERÊNCIAS	
A QUEDA DO FIM DO MUNDO, Diego Vicentin.....	6
ARTIGOS	
OS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO NOVO CORONAVÍRUS NA PANDEMIA DE COVID-19, Quézia Salles Cabral Viana.....	11
NOVAS FRONTEIRAS TELEJORNALÍSTICAS: O USO DAS IMAGENS DE CÂMERAS DE VIGILÂNCIA NA PRODUÇÃO NOTICIOSA, Antonio Pinheiro Torres Neto.....	19
DESINFODEMIA NO BRASIL: O AVANÇO DE DESINFORMAÇÕES SOBRE CORONAVÍRUS, Girliani Martins da Silva.....	30
O USO DE UM GAME CONTRA FAKE NEWS: UMA PESQUISA-AÇÃO NO ENSINO MÉDIO, Wagner Silva de Oliveira	41
ANÁLISE DE DOIS PERFIS DO TWITTER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS PRIMEIROS TRÊS MESES, Amanda Toledo do Prado Paes, Luisa Massarani e Vanessa Brasil	50
NOTÍCIAS FALSAS COMO ARTIFÍCIO DE DIFAMAÇÃO: FAKE NEWS DE TEMAS SEXUAIS COMO ESTRATÉGIA CONSERVADORA NO CONTEXTO DAS GUERRAS CULTURAIS, Gustavo Bianchini	64
DOS CONTEÚDOS DE GENÉTICA NA EDUCAÇÃO FORMAL: QUE DEMANDAS TRAZEM OS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO?, Vinícius Nunes Alves, Marielly de Campos e Adriane Pinto Wasko	74
AÇÕES E REFLEXÕES DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO DEPARTAMENTO DE ENDOCRINOLOGIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS: AS DIFERENÇAS NO DESENVOLVIMENTO SEXUAL, Ana Fukui e Berenice Bilharinho de Mendonça	84
RISCOS, APRIMORAMENTO E INOVAÇÃO: ANÁLISE EM TORNO DA MODULAÇÃO HORMONAL EM UM GRUPO NO FACEBOOK, Camila Silveira Cavalheiro	93
BLOG CONSCIÊNCIA ANIMAL: DIVULGANDO COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR ANIMAL, Caroline Marques Maia	102
EXEMPLOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PELA PERSPECTIVA DECOLONIAL, Luana Pires Vida Leal e Rosana Figueiredo Salvi	110

MULHERES NEGRAS E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS, Aline Silva Dejosí Nery, Luciana Ferrari Espindola Cabral e Ana Lúcia Nunes de Sousa	121
INTERVENÇÃO AFROFUTURISTA: EXPERIÊNCIAS EM UM CURSINHO POPULAR NA CIDADE DE ITAQUAQUECETUBA, Alisson Felipe Moraes Neves e Luís Paulo de Carvalho Piassi	129
A PRODUÇÃO DA VACINA DA COVID-19: UM OLHAR PARA O DISCURSO DE ANSIEDADE VEICULADO PELAS NOTÍCIAS DE JORNAL, Alberto Lopo Montalvão Neto, Flávia Novaes Moraes e Wanderson Rodrigues Moraes	140
O VANGUARDISMO DA <i>ILUSTRADA</i> NA COBERTURA DA VANGUARDA PAULISTA COMO ELEMENTO DE LEITURA, Luciana Martins de Souza	151
O JORNALISMO DE CLARICE LISPECTOR: A ALIMENTAÇÃO COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO AO JUDAÍSMO, Thiago Cavalcante Jeronimo	161
PRESIDENTAS LATINO-AMERICANAS CRISTINA KIRCHNER, DILMA ROUSSEFF, LAURA CHINCHILLA E MICHELLE BACHELET SÃO NOTÍCIA EM 173 CAPAS DE JORNAIS, Adriana Silvestrini Santos	169
PASSARINHO, QUE SOM É ESSE? DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E MÚSICA EM UM PRODUTO CULTURAL, Tiago Leite Trujillano, Dayana Aparecida Brito dos Santos e Emerson Ferreira Gomes	179
CRIANÇA, IMAGEM E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO YOUTUBE: COMPARANDO PRODUÇÕES NA REDE SOCIAL, Shaila Regina Herculano Almeida Maximo e Emerson Santos Izidoro	188
CURTA CIÊNCIA: PONTES DE SABERES EM WEBSÉRIES, Eveline Stella de Araujo, Guilherme de Paula Pires e Valquíria Michela John	197
CIÊNCIA AO PÉ DO OUVIDO: COMO A UFU SE COMUNICA COM A SOCIEDADE POR MEIO DE <i>PODCAST</i> , Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi, Diélen dos Reis Borges Almeida e Jhonatan Dias Gonzaga	208
COLAGENS, PALAVRAS E SILÊNCIO: REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM @RELIQUIA.RUM, Bianca Martins Peter	219
A REPETIÇÃO, ELO ENTRE A NORMATIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO REVELADO PELO <i>EX</i> , Fábio Pacheco Piantoni	231

APRESENTAÇÃO

Em 2020, relações que até então nos pareciam evidentes tiveram um revés em escala global a partir da pandemia do novo coronavírus. O alto risco sanitário e a necessidade de isolamento social reconfiguraram lugares e práticas estabilizados, exigindo novas formas de trabalhar, pesquisar e de conviver em sociedade. Diante do abalo de estruturas antes norteadoras de sentido, tornou-se impossível seguir da mesma maneira. Em paralelo, questões como *fake news*, negacionismo, vigilância, controle social, opressão de minorias ou sofrimento psíquico ganharam novo impulso quando o medo passou a ser vivido coletivamente e o “inimigo comum” era algo invisível.

Neste cenário, a ciência assumiu um lugar de destaque no debate público – seja enquanto fonte de orientações e esclarecimentos, seja como alvo de críticas de líderes políticos mundiais. A divulgação científica, portanto, também se deparou com uma série de novos desafios, que precisaram ser pensados e discutidos coletivamente para que outros caminhos se fizessem possíveis. Dessa forma, diante das questões e dificuldades que surgiram em um contexto pandêmico, o 7º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 7) buscou fomentar reflexões sobre o papel da academia e da divulgação científica em um momento de crise sanitária e de isolamento social. Além disso, procurou valorizar o caráter plural do conhecimento, reunindo pesquisas e falas interdisciplinares ou que escapassem a uma categorização tradicional, como os saberes à margem ou no entremeio de grandes campos teóricos.

O presente volume da Revista do EDICC conjuga trabalhos que foram apresentados no EDICC 7, realizado inteiramente online entre os dias 7 e 9 de outubro de 2020. O evento é organizado anualmente por discentes do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E, em sua sétima edição, teve por norteador o tema *Entre-meios*. A grafia hifenizada, a princípio, “não existe”; buscou-se, porém, evidenciar tanto o caráter interdisciplinar da divulgação científica, compondo entre meios bem-estabelecidos e delimitados, quanto o de ser um entremeio.

As contribuições neste volume estão divididas em *Conferências* e *Artigos*. Na seção de *Conferências*, contamos com as reflexões do pesquisador e professor Dr. Diego Vicentin (FCA e Labjor/Unicamp) sob o título *A queda do fim do mundo*. O texto simultaneamente condensa

e amplifica algumas questões abordadas no âmbito da mesa-redonda *Medo coletivo e possibilidades de futuro: há como superar o fim do mundo?*, realizada em 8 de outubro de 2020 e que propôs pensar os diversos âmbitos em que as instabilidades provocadas pela pandemia causaram choques e desequilíbrios significativos, como o sofrimento psíquico, a relação com a técnica ou as opressões e disparidades de gênero e de raça. Em seguida, em *Artigos*, estão reunidas 23 pesquisas que foram apresentadas ao longo dos três dias do evento e que possuem metodologias, temas e abordagens os mais diversos, voltando-se para questões como *fake news*, vigilância, ensino e divulgação da biologia, decolonialidade, afrofuturismo, estudos de gênero, literatura, produção de conteúdo digital, entre várias outras.

Agradecemos aos autores e autoras aqui reunidos pelas valiosas contribuições para a qualidade da Revista do EDICC, assim como àqueles que participaram do EDICC 7 e colaboraram para o enriquecimento de seus debates, entre os quais palestrantes, debatedores, apresentadores de trabalhos e ouvintes. Em tempos tão instáveis, poder compor junto é também uma forma de resistência, uma busca por outras formas de ser e estar. Seguimos!

Até breve,

Equipe Editorial da Revista do EDICC

A QUEDA DO FIM DO MUNDO

Diego Vicentin¹ - Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O breve ensaio que segue foi primeiramente pensado como uma fala provocada pela questão: “medo coletivo e possibilidades de futuro: há como superar o fim do mundo?” - título de uma mesa redonda realizada no sétimo Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 7). Sem oferecer uma resposta, o texto problematiza brevemente a questão a partir de um sentimento difuso de “fim de festa” em que mesmo as perspectivas mais otimistas e propositivas estão convencidas de que temos pela frente um árduo caminho de luta e de reconstrução das relações dos humanos entre si e com o ambiente. Embora o sentimento de saturação, de fim de mundo, seja marca de nossos dias, não podemos dizer que ele é novo ou inédito. Parte dos problemas que estamos vivendo foram pressentidos e descritos pelo pensamento social e pelas artes. Uma maneira de traduzir tal sentimento se dá pela metáfora da queda. Estamos todos em queda livre, sendo atraídos por uma força irresistível que faz com que saibamos de antemão qual é nosso destino, nos resta apenas adiá-lo.

Palavras-chave: Antropoceno. Futuro. Medo.

Abstract:

The short essay that follows was first conceived as a speech provoked by the question: "collective fear and possibilities for the future: is there a way to overcome the end of the world?" - title of a round table held at the seventh Science and Culture Dissemination Meeting (EDICC7). Without offering a direct answer, the text briefly problematizes the question departing from the diffuse feeling that "the party is over" in which even the most optimistic and propositional perspectives are convinced that we have an arduous path of struggle to reconstruct healthy relations with the environment and among ourselves. Although the feeling that we are at the very end of the world is a constitutive mark of our days, we cannot say that it is new or unprecedented. The problems we are currently facing were anticipated and described by social thought and the arts. One frequent way of translating that feeling is through the metaphor of the fall. We are all in free fall, being attracted by an irresistible force that makes us know in advance what our destiny is, the only thing we can do is to postpone it.

Keywords: Anthropocene. Future. Fear.

A questão colocada pela mesa diz respeito ao medo quanto àquilo que se coloca no horizonte no curto e no médio prazo. Tenho a sensação de que ela sugere que o fim do mundo foi antecipado de um futuro distante para o presente. O fim do mundo é uma bola que está sendo cantada há tempos, e temos a sensação de que finalmente chegou e, pior, vai demorar a passar. É no mínimo curioso que mesmo os grupos que estão formulando propostas concretas para superar o fim do mundo ou simplesmente adiá-lo (dentro da concepção de que “outro fim de mundo é possível”) como os defensores do *Green New Deal*, nos Estados Unidos, parecem

¹ Professor Doutor da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP e do Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL/UNICAMP.

concordar que, antes que nossa situação possa começar a melhorar substancialmente ela ainda vai piorar um bocado.²

A pressuposição é a de que as mudanças climáticas resultantes daquilo que chamamos de Antropoceno vão precisar ter efeitos ainda mais severos e devastadores para que alterações significativas aconteçam tanto para mitigar seus efeitos quanto para combater suas causas. A essa altura, as mudanças climáticas já são um processo irreversível e a questão é a de como vamos conviver com ele e desacelerá-lo. A sensação compartilhada por aqueles que não aderem ao negacionismo é a de que novas catástrofes climáticas e ambientais vão continuar a acontecer no futuro próximo, como a pandemia do novo coronavírus (ou Sars-cov-2), como as queimadas na Amazônia e no Pantanal, como a produção de desterramento e morte de populações tradicionais e indígenas e do agravamento do racismo estrutural, da misoginia, do trabalho precário e da retirada constante de direitos políticos e sociais que está vinculada à política de morte colocada em prática há tempos pelo neoliberalismo econômico e, mais recentemente, pela ascensão ao poder de um de populismo teocrático de direita que advoga pela eliminação da alteridade, eliminação daqueles que são Outros.

A alteridade é um dos problemas há muito tratados nas Ciências Humanas e Sociais (na Antropologia de maneira mais específica) por sua importância política, sua importância na construção de um mundo comum. Novamente, a alteridade é um problema político relativo ao encontro e frequentemente ao choque entre mundos, entre diferentes cosmovisões e ontologias. Esse choque entre mundos de algum modo coloca um problema para a questão que está no título da mesa (“há como superar o fim do mundo?”) porque sugere a existência de um mundo único, de uma universalidade que só existe quando é construída.

Me parece que, se há algo que recentemente atingiu uma certa universalidade é justamente aquele sentimento de fim de festa. Estamos diante do fim da promessa de inclusão política, econômica e social das massas e das minorias. Vivemos o esgotamento do modelo capitalista-financeiro de desenvolvimento econômico e de relação com o ambiente, o esgarçamento das relações sociais, a falta de confiança e de solidariedade, confusão mental e frustração. Mas esses sentimentos não são novos, podemos dizer que se espalham, no Brasil, há quase uma década. No mundo, me arrisco a dizer que eles vêm ganhando força ao menos desde o “derretimento dos mercados” na crise de 2008. Uma crise que foi apontada como o início do

² Nesse sentido, recomendo o segundo vídeo da série “A message from the future” produzida numa parceria entre o canal de notícias The Intercept e uma das organizações da sociedade civil, The Leap, que assumiu a defesa de um novo acordo para o desenvolvimento sustentável que vem sendo chamado de *Green New Deal*. CF. <<https://www.youtube.com/watch?v=2m8YACFJIMg>> Acesso em: 29/01/2021.

fim do neoliberalismo econômico como doutrina dominante. O início do fim da globalização pensada como integração dos países por meio do livre mercado. É possível dizer que isso vem de fato acontecendo, basta observar os capítulos recentes do conflito geopolítico entre Estados Unidos e China envolvendo toda a indústria de Tecnologias de Informação e Comunicação.

É ainda possível retroceder ainda mais quando olhamos para o problema do descrédito que se abateu sobre as Ciências e instituições científicas, algo que dá força à enxurrada de desinformação, *fake news* e teorias conspiratórias que povoam nosso pensamento hoje. Recentemente um artigo do Bruno Latour (2020), publicado originalmente em 2004, foi traduzido para o português brasileiro justamente por sua atualidade. Ele consegue descrever com muita precisão os dilemas que estamos vivendo hoje quanto ao negacionismo climático e à profusão de teorias conspiratórias que se apoiam numa espécie de hiper simplificação de argumentos elaborados dentro do bojo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT). Uma das perguntas que ele se coloca é: será que fomos nós, cientistas sociais, que ao abrir a caixa preta da objetividade científica deixamos sair o demônio de um relativismo rasteiro que serve de fundamento para teorias conspiratórias absurdas? Numa breve e certa introdução ao texto de Latour, as tradutoras e tradutores se referem ao fato de que ainda que todos nós, cientistas sociais, vimos frequentemente condenando os negacionistas, continuamos hesitando em dizer com todas as palavras que o aquecimento global é um fato objetivo “quer você queira ou não”.

A resposta dada por Latour (2020), no texto, como uma espécie de autodefesa do campo de pesquisas que ele ajudou a fundar, foi a de afirmar que os Estudos Sociais da Ciência não deveriam retirar, mas acrescentar realidade às Ciências. Ao descrever a feitura social e política dos fatos científicos, ele pretendia acrescentar planos de realidade ao fato científico, não retirar. De todo modo, me parece que a possível culpa ou responsabilidade dos ESCT no atual estágio de desinformação e propagação de teorias conspiratórias é mesmo bastante limitada. O agravamento do quadro observado por Latour ainda no início dos anos 2000 está mais ligado ao modelo de negócio das grandes plataformas de tecnologia, que é baseado na produção de “engajamento”, ou seja, na captura de tempo, capacidade cognitiva e dos afetos dos usuários de internet. Esse modelo de negócios está se demonstrando bastante eficaz em impulsionar teorias conspiratórias e radicalismos de direita (Ribeiro *et al.*, 2020).

O filósofo Vladimir Safatle (2020) tem frequentemente afirmado que a propagação de teorias conspiratórias e *fake news* é uma forma de revolta social, que traz consigo a satisfação de não reconhecer autoridades estabelecidas como, por exemplo, autoridades científicas. Por

isso, as pessoas que aderem e propagam *fake news* e teorias conspiratórias não podem ser vistas como ineptas e ignorantes. Há uma certa racionalidade, um sentimento libertador, que advém do prazer de recusar o discurso da autoridade médica, por exemplo, que diz que temos que usar máscara, ou de se recusar a acreditar na eficácia da vacina, na mortalidade associada à Covid-19.

Podemos supor que essa revolta é também movida pelo medo de olhar pra baixo e ver que estamos todos caindo. Uma recusa de encarar o fim do mundo como conhecemos ou de encarar a eliminação de uma multiplicidade de mundos que não conhecemos, ou sobre os quais conhecemos muito pouco.

O fim do mundo como queda aparece no livro de Ailton Krenak, recentemente lançado, “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020). O livro é um sucesso editorial, muito provavelmente pela promessa que está em seu título, o que é sintomático dos dias que vivemos. É genial que o livro comece com Krenak contando que o título foi inventado por ele de maneira displicente, quando estava concentrado em outra coisa, cuidando do seu jardim, e foi provocado por outra pessoa, que estava ao telefone e lhe cobrava um título para uma palestra que estava agendada. O livro, que é resultado dessa fala na Universidade de Brasília (UnB) e de outras (em Lisboa, Portugal), não é exatamente uma sistematização de ideias ou de ações que vão nos permitir adiar o fim do mundo, ou superá-lo, mas ele coloca questões importantes.

Uma delas, eu já mencionei diretamente aqui, está relacionada com o rompimento com uma concepção única e abstrata de humanidade que passa como um trator sobre aquilo que é considerado como não-humano, ou como recurso natural. Isso inclui, claro, rios, florestas e montanhas. Essa é uma ideia ou uma provocação que eu compreendo bem, ou minimamente bem, porque coloca em xeque aquilo que chamamos de progresso, desenvolvimento, crescimento econômico, e que é, na verdade, a implementação de uma política de morte.

Mas tem uma outra ideia do livro na direção de adiar o fim do mundo que me foge à compreensão, que é um tanto enigmática e que me deixa inquieto: a ideia de inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos. Ele, Krenak, se surpreende com o nosso medo e com a nossa surpresa ao encarar a queda, ao encarar o fim do mundo como conhecemos. Diz que não fizemos outra coisa nos últimos tempos (senão nas últimas eras) que não fosse cair, despencar. E propõe então que a gente deixe de pensar no espaço como lugar de confinamento, mas passe a pensar no espaço “como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (KRENAK, 2020, p.30). Para adiar o fim do mundo, então, ou superá-lo: “Não devemos eliminar a queda,

mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos” (KRENAK, 2020, p.63).

Referências

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOURET, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 29, n. 46, p. 173-204, July 2020. ISSN 0104-6675. DOI: <<https://doi.org/10.32334/oqnf.2020n46a748>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RIBEIRO, M. H., OTTONI, R., WEST, R., ALMEIDA, V. A. F., MEIRA, W. Auditing radicalization pathways on YouTube. In. *Proceedings of the 2020 Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAT* '20)*. Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 131–141. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.1145/3351095.3372879>> Acesso em: 29 jan. 2021.

SAFATLE, V. Fake News não é ignorância, mas uma forma de revolta social. *Huff Post Brasil*. 7 out. 2020. Disponível em: <<https://covid.sh.utfpr.edu.br/noticias/fake-news-e-fato/fake-news-nao-e-ignorancia-mas-uma-forma-de-revolta-social-diz-safatle/>> Acesso em: 29 jan. 2021.

OS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO NOVO CORONAVÍRUS NA PANDEMIA DE COVID-19

Quézia Salles Cabral Viana³ - Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Este artigo parte de uma inquietação em relação ao uso massivo de dispositivos tecnológicos como ferramenta de combate ao novo coronavírus, o SARS-CoV-2, durante a pandemia de COVID-19. Com a paralisação em diversas partes do mundo, rotinas, hábitos e especialmente as formas de se relacionar com os outros foram se alterando, assim como com a saúde, com a educação, com o trabalho, com a ciência e a tecnologia etc., emitindo reflexos dessa transformação tanto na esfera política quanto econômica. Ao traçar um breve panorama sobre as medidas adotadas por governos e empresas durante este momento pandêmico, este trabalho propõe um debate sobre as práticas de vigilância, com base em revisão bibliográfica, com o intuito de aguçar a reflexão sobre a questão específica: a pandemia intensificou métodos de vigilância ou apenas evidenciou modos já existentes? Para isso, se dedica às discussões sobre a consolidação de mecanismos e práticas de vigilância no contexto atual. Espera-se que este projeto contribua para as discussões que permeiam o campo da vigilância digital e também para os estudos em divulgação científica e cultural.

Palavras-chave: Coronavírus. Dispositivos tecnológicos. Vigilância digital.

Abstract:

This article starts from a concern regarding the massive use of technological devices as a tool to fight the new coronavirus, SARS-CoV-2, during the COVID-19 pandemic. With the stoppage in various parts of the world, routines, habits and especially the ways of relating to others were changing, as well as with health, education, work, science and technology etc., emitting reflections of this transformation in both the political and economic spheres. By providing a brief overview of the measures taken by governments and companies during this pandemic moment, this paper proposes a debate on surveillance practices, based on a literature review, in order to sharpen the reflection on the specific issue: the pandemic intensified surveillance methods or just evidenced already existing modes? For this, it is dedicated to discussions on the consolidation of surveillance mechanisms and practices in the current context. It is expected that this project will contribute to the discussions that permeate the field of digital surveillance and also to studies in scientific and cultural dissemination.

Keywords: Coronavirus. Technological devices. Digital surveillance.

Introdução

Em 2020, o mundo foi acometido por uma enfermidade que matou mais de 2,5 milhões de pessoas⁴ pouco mais de um ano desde o primeiro alerta emitido pelo governo chinês, em 31 de dezembro de 2019⁵. No Brasil, ao menos 20,7 milhões de pessoas foram infectadas e outras

³ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Labjor/Unicamp. E-mail: queziasalles@outlook.com.

⁴ ALKSHALI, H. Mundo ultrapassa 2,5 milhões de mortos por Covid-19. *CNN Brasil*, 25 fev. 2021. Disponível: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mundo-ultrapassa-2-5-milhoes-de-mortos-por-covid-19/>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

⁵ ALVES, R. Tudo sobre o coronavírus - Covid-19: da origem à chegada ao Brasil, *Estado de Minas*, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2P0GV0B>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

579,5 mil vieram a óbito, pouco menos de um ano e meio depois⁶ da primeira morte, datada em 17 de março⁷. A pandemia de COVID-19, doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2, paralisou diversas partes do mundo, alterando rotinas, hábitos e especialmente as formas de se relacionar com os outros, com a saúde, com a educação, com o trabalho, com a ciência e a tecnologia, etc. Essas transformações emitem reflexos nos mais diversos aspectos da sociedade, incluindo o político, econômico e cultural.

Como que trilhando um caminho similar ao já traçado após o 11 de setembro, em que governos e empresas dos cinco continentes implementaram medidas visando a toda forma possível de vigilância e monitoramento através de dispositivos digitais e eletrônicos, a crise sanitária de escala global proporcionou a implementação acelerada de diversos modelos e intermediações tecnológicas. Os argumentos comumente se baseiam em palavras-chave como segurança e bem-estar dos cidadãos. Quando, porém, questionados sobre a privacidade, alguns chegam a afirmar que a mesma deveria ser sacrificada em prol de um bem maior, como se a própria privacidade não fosse um bem a ser zelado. (COCKFIELD, 2003; LYON, 2003, 2014).

O conceito trazido por Klein (2008), conhecido como a doutrina do choque, compreende a tortura como uma metáfora de um sistema econômico que se apropria de toda forma de desastre para produzir choques e estabelecer padrões que, à primeira vista, podem parecer melhores ou inevitáveis para a maior parte da população, mas que, com o tempo, revelarão terem sido somente parte de uma estratégia que visa a conter condutas democráticas ou mesmo extingui-las.

Assim, quase duas décadas depois, a linha do tempo da história do mundo parece retornar ao mesmo ponto, quando traz à tona comportamentos semelhantes de um passado não tão distante. No entanto, desta vez, o inimigo já não é mais o possível terrorista ou criminoso e sim um vírus invisível e letal. Para o combate? O acúmulo de um enorme volume de dados e informações pessoais detalhados, contínuo, se possível, em tempo real, diversificado em variedade, com traços de extensibilidade e escalabilidade, exaustivo, de granulação fina e com

⁶ CORONAVÍRUS: Brasil chega a 579.574 mortes em 20.752.281 casos confirmados | Relatório diário. *TudoCelular.com*, 30 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.tudocelelular.com/tech/noticias/n154352/coronavirus-brasil-mundo-relatorio-covid-19.html>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Covid: com 1.394 novas mortes em 24h, Brasil ultrapassa 96 mil óbitos. *UOL Notícias*, 4 ago. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/31jhRrs>>. Acesso em: 4 ago. 2020.

⁷ RIBEIRO, B; CAMBRICOLI, F. Brasil registra a primeira morte pelo novo coronavírus em SP; País tem 290 casos confirmados, *Estadão*, 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-primeira-morte-pelo-novo-coronavirus-em-sao-paulo,70003236434>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

possibilidade de capturar populações inteiras para fins de predição (KITCHIN, 2013; 2014; ZUBOFF, 2019).

A análise preditiva, tanto aclamada pelos capitalistas de vigilância desde o início do século XXI, bem representada pelo economista-chefe da Google, Hal Varian, entre outros, promete ser capaz de oferecer informações expressivas sobre quem somos e o que fazemos, com base em perfis e padrões gerados a partir de (meta)dados. Este, considerado uma moeda de troca, atua também como um ativo invisível que provém das vendas a anunciantes e empresas de dados. Porém, no contexto atual, não é só o acesso irrestrito a inúmeras informações e dados pessoais aos quais governos e empresas obtiveram que é motivo de preocupação para os defensores da privacidade, mas também as formas pelas quais esse acesso foi obtido e as consequências dessa abertura em longo prazo, além dos discursos que já começam a reverberar sinais de uma vigilância massiva, permanente e exacerbada, conforme veremos adiante.

Sem que houvesse tempo suficiente para debates, foram implementadas câmeras com capacidade de detecção térmica em trens, hospitais e aeroportos na China, no Chile, na Colômbia⁸ e também em Dubai⁹; drones falantes¹⁰ no Brasil, na Austrália¹¹; cães robôs em Cingapura para espantar aglomerações¹²; e cartões SIM para celular com serviço ilimitado de internet na Tailândia¹³, visando ao rastreamento por meio do sinal telefônico, dentre outras medidas. Muitos desses serviços colocaram em cheque o real significado da palavra “gratuito”. Além de alguns dos serviços citados anteriormente, como as câmeras utilizadas em locais públicos, que foram doadas pela empresa chinesa Dahua Technology, e os chips, doados pelas principais companhias telefônicas da Tailândia, surgiram vários outros exemplos de companhias que deram, “de graça”, tecnologias contra o surto.

No Brasil, tivemos o caso da In Loco, uma empresa brasileira, que utiliza dados e sensores presentes nos smartphones, como Wi-Fi e bluetooth, e garante uma precisão 30 vezes

⁸ KNEBEL, P. Câmera de detecção térmica é opção para aeroportos, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 26 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2X4Bdix>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

⁹ CÂMERAS de vigilância de Dubai caçam o coronavírus, *MEMO Monitor do Oriente Médio*, 21 mai. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/39LNHRA>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁰ 'DRONE falante' começa a ser usado no Rio para 'espantar' aglomerações, *GI*, 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/308m1TA>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

¹¹ POLÍCIA WA usará drones para fazer cumprir as restrições do coronavírus, *9 NEWS*, 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/314ZOoQ>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹² CORONAVÍRUS: cão robô impõe distanciamento social no parque de Cingapura, *BBC News*, 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://bbc.in/3f5LqSg>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

¹³ TORTERMOVASANA, K. Chegadas para obter cartões SIM gratuitos com internet, *Bangkok Post*, 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2X4eovC>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

maior que a do GPS tradicional¹⁴. As operadoras Claro, Oi, TIM, Vivo e Algar também firmaram parceria com o governo federal para monitorar os deslocamentos físicos de seus usuários, gerar mapas de calor e acompanhar os níveis de isolamento social nos períodos da quarentena¹⁵.

Na América do Norte, o governo da Guatemala foi um dos que receberam de bom grado o aplicativo “APP AlertGuate”, anunciado como um meio de manter a população informada sobre o coronavírus. Em sua política de privacidade, o aplicativo indicava que era capaz de coletar endereços de e-mail, nomes das contas de mídia social, idade, interesses pessoais, localização geográfica, além da possibilidade de gravar áudios, chamadas e acessar arquivos dos usuários. De acordo com o presidente do país, o aplicativo também poderia ser utilizado para questões de segurança, como um sistema de busca para meninas e meninos desaparecidos, sendo este um dos argumentos para que os cidadãos mantivessem o software instalado nos celulares por muito mais tempo¹⁶. Já nos Estados Unidos, oficiais do governo também usaram a localização de milhões de celulares para rastrear os movimentos de seus usuários. O objetivo era que ao menos 500 cidades fornecessem esse tipo de dado¹⁷.

Na Europa, Alemanha, Reino Unido, Áustria Itália, entre outros países, também compartilharam dados de geolocalização com os ministérios da saúde. Na Bulgária, mudanças na lei adotadas silenciosamente passaram a permitir o rastreamento de metadados do tráfego de celulares e contatos na internet sem a necessidade de ordem judicial¹⁸. Já na Hungria¹⁹, o governo suspendeu temporariamente alguns direitos previstos no Regulamento Geral de Proteção de Dados (GDPR) como o acesso e o apagamento de dados pessoais, além de relaxar a obrigação das autoridades de notificar os usuários e indivíduos quanto à coleta de dados pessoais para a “prevenção, reconhecimento, exploração de casos de coronavírus, bem como prevenção de sua propagação”. Na Oceania e no continente africano, países como a Austrália,

¹⁴ ROSA, J; BRIGATTO, G. Companhias dão, de graça, tecnologia contra surto, *Valor Econômico*, 30 mar. 2020. Disponível em: <glo.bo/2BAZW6C>. Acesso: 28 jul. 2020.

¹⁵ BRAGA, L. MCTIC e operadoras fazem acordo para monitorar aglomerações, *Tecnoblog*, 2 abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2XbXR8S>> Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁶ O AlertGuarte, o aplicativo para denunciar o coronavírus, pode coletar suas informações pessoais por 10 anos, *Nómada*, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2X5jxU0>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁷ TAU, B. Governo rastreando como as pessoas se mudam na pandemia de coronavírus, *The Wall Street Journal*, 28 mar. 2020. Disponível em: <<https://on.wsj.com/39QQvwD>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

¹⁸ NIKOLOV, K. A polícia obteve acesso descontrolado a telefones e conexões com a Internet, *Mediapool.bg*, 14 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3hTscRn>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

¹⁹ MAKSZIMOV, V. Governo húngaro suspende direitos de proteção de dados da UE, *EUROACTIV.com*, 6 mai. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/39IEhGi>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

Nova Zelândia e África do Sul²⁰ também se utilizaram de aplicativos para o monitoramento e rastreamento de seus cidadãos pelos aparelhos celulares.

Por fim, mas não menos significativo, a China, Coreia do Sul, Paquistão, Índia e outros países asiáticos conhecidos por suas práticas massivas de vigilância também efetivaram outras medidas que favoreceram ainda mais o regime de controles autoritários, como o compartilhamento de dados de usuários de empresas de telecomunicações e de cartão de crédito com o governo, a solicitação de selfies diárias para a comprovação do regime de quarentena na Rússia²¹, assim como outros casos.

Essas medidas rigorosas foram vistas por muitos como verdadeiros exemplos de como lidar com a situação, reforçando, em certo nível, a imposição de dispositivos de monitoramento e também de governos arbitrários. Logo, não só a dependência como a crença nas tecnologias e práticas de vigilância excessiva foram ainda mais naturalizadas e embaladas como “soluções inovadoras”, “salvadoras da pátria”, “um mal necessário”, entre outras expressões.

Parte disso se deve aos estudos em cibernética, encabeçados principalmente por Wiener, autor que propõe uma nova forma de sociedade, amparada pelas trocas informacionais e pelo uso da comunicação como base para as relações entre os seres vivos. O controle, tanto sobre a máquina, o homem e a sociedade, está intrinsecamente ligado ao gerenciamento informacional, que requer um canal de retorno, uma espécie de verificação para seu sucesso. Um ótimo exemplo disso é o próprio capitalismo de vigilância, que engenhosamente se utiliza de pontos na rede para coletar informações e enviar comandos que pendem para o controle e o monitoramento contínuo (EVANGELISTA, 2018; ZUBOFF, 2019).

O perigo da ideia de que crises sanitárias ainda acontecem devido à falta de informações suficientes para lidar com as enfermidades reside no fato de que isso abre margem para a adoção de práticas e sistemas informacionais configurados para o monitoramento ininterrupto de seus usuários. O que antes foi introduzido com o argumento de proteção contra futuros ataques terroristas, agora é posto como uma ferramenta contra futuras pandemias. Com esse raciocínio, quanto mais informações, melhor – não para os usuários, que têm acesso a uma mísera quantidade de dados realmente coletados, mas para aqueles que se utilizam disso para enriquecer e alavancar o quadro de assimetrias que assola a terra.

²⁰ A África do Sul rastreará telefones celulares para combater o vírus Covid-19, *Business Insider South Africa*, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/33eNhle>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

²¹ MOSCOVITAS com coronavírus mandam enviar selfies – para confirmar que estão em casa, *Current Time TV*, 5 mai. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2EAEMqp>>. Acesso em: 31 jul. 20.

Uma evidência disso é que não foi preciso esperar muito para observar os efeitos dessa tóxica naturalização. Ainda em maio de 2020, partes da China anunciaram suas intenções de tornar o aplicativo referente ao COVID-19 permanente, e ainda aprimorá-lo, com seus clássicos sistemas envolvendo pontuação, levando em conta hábitos de fumar, beber e dormir²². Um levantamento feito pelo top10vpn.com²³, em resposta ao surto do COVID-19, indicou que 120 aplicativos de rastreamento de contatos estão disponíveis em 71 países; os Estados Unidos têm 23 aplicativos, mais do que qualquer outro país do mundo; 19 aplicativos, com 4 milhões de downloads combinados, não possuem política de privacidade. Já em relação ao rastreamento digital, 60 medidas foram introduzidas em 38 países; provedores de telecomunicações compartilham dados de usuários em 20 países.

É possível que haja outras formas de combater a pandemia sem invadir ainda mais a privacidade dos usuários. Evidentemente, é inegável que o monitoramento de pacientes em laboratórios ou dados coletados de pacientes infectados corroborem para a criação de uma vacina ou outros avanços na área da saúde, mas como argumenta John Fiske (apud FUCHS, 2011, p. 124), as vantagens da vigilância não podem ofuscar seu real caráter. O autor declara que

a vigilância é o poder de conhecer sem ser conhecido, de ver sem ser visto. [...] toda vigilância é totalitária, pois não permite que suas vítimas tenham voz na maneira como ela opera, e não devemos permitir que o aspecto benigno geral de seus usos mascare este fato (apud FUCHS, 2011, p.124).

Essa noção negativa da vigilância, bastante presente nas produções de Foucault, também encontra eco em outros autores como Gandy (1993) e Ogura (2006), que identificam as vigilâncias política e econômica como seus principais meios de vigilância (apud FUCHS, 2011). Nas situações referentes à vigilância política eletrônica, esses autores explicam que os sujeitos sofrem intimidações caso procedam de maneiras contrárias ao esperado por seus observadores, os atores políticos, que atuam em serviços secretos ou no sistema de policiamento. Já em relação à vigilância econômica eletrônica, os cidadãos encontram-se sujeitos a sistemas eletrônicos que perpetuam relações capitalistas através do acúmulo e da utilização de informação pessoal contra o próprio usuário, induzindo-o à compra ou venda de determinadas mercadorias.

²² DAVIDSON, H. Cidade chinesa planeja transformar app coronavírus em rastreador permanente de saúde, *The Guardian*, 26 mai. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/30hwgVS>>. Acesso em: 31 jul. 20.

²³ COVID-19 Digital Rights Tracker, *Top10VPN*, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2BPQigI>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

Existe ainda uma diferenciação apresentada por Jose van Dijck (2014) entre vigilância e vigilância de dados. A primeira, na visão da autora, está ligada ao monitoramento com propósitos específicos, já a segunda trata-se de um rastreamento ininterrupto de (meta)dados com objetivos predefinidos, porém não manifestos e explícitos, sendo esta a forma que este artigo se apoia para descrever melhor o atual momento.

Fuchs (2011) entende que a vigilância se utiliza e se mantém sob os pilares da ameaça e do medo, que seus aspectos configuram agressões mentais e podem alcançar proporções externas e físicas. O pequeno compilado de notícias apresentado no decorrer das primeiras páginas deste trabalho aponta para aspectos vigentes antes mesmo da pandemia, porém evidencia uma predisposição para o controle e a vigilância digital. É como um novo 11 de setembro, uma nova porta que se abriu para que poderes autoritários aumentassem ainda mais suas esferas de poder, testemunhando de uma economia política da vigilância que opera sob a lógica que permeia os conceitos de controle e cuidado (LYON, 2007).

Considerações finais

Escrever sobre um contexto tão sombrio em pleno desenvolvimento é, sem dúvida, desafiador. As mudanças, que se desenrolam tão velozmente, atingem as entranhas da sociedade e revelam marcas de profundas assimetrias sociais. Como uma brecha que se abre em um momento oportuno, governos e empresas se utilizam de artefatos digitais para o monitoramento contínuo de cidadãos e usuários, ancorados sob os já manjados discursos que prometem segurança e bem-estar. Suas incoerências, no entanto, mais cedo ou mais tarde, apresentam seus efeitos nas áreas da saúde, da educação, do trabalho, da ciência e tecnologia, dentre tantos outros setores.

O acesso irrestrito a inúmeras informações e dados pessoais aos quais governos e empresas obtiveram, bem como as formas pelas quais esse acesso foi obtido, evidenciam o funcionamento de uma economia política da vigilância, que se mantém sob os pilares da ameaça e do medo e que se aproveita das fragilidades do atual momento para reforçar seu domínio sobre o controle, a censura e a vigilância física e digital. Assim, entende-se que a pandemia não só evidenciou modos contemporâneos de vigilância e controle, mas também possibilitou que poderes, alguns deles autoritários, intensifiquem suas práticas agressivas que violam a privacidade dos cidadãos.

Referências

COCKFIELD, A. Who Watches the Watchers? A Law and Technology Perspective on Government and Private Sector Surveillance, *Queen's Law Journal*, v. 29, p. 364-407, 2003.

DIJCK, J. VAN. Datafication, dataim and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance&Society*, v. 12, n. 2, p. 197-208, 9 mai. 2014.

EVANGELISTA, R. *Para além das máquinas de adorável graça: cultura hacker, cibernética e democracia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

FUCHS, C. Como podemos definir vigilância?. *MATRIZES*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 109-136, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i1p109-136. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/38311>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

KITCHIN, R. Big data and human geography: Opportunities, challenges and risks. *Dialogues in Human Geography*, v. 3, n. 3, p. 262-267, 2013.

_____. Big Data, new epistemologies and paradigm shifts. *Big Data & Society*, v.1, n. 1, p. 205395174528481, 1 jan. 2014.

KLEIN, N. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

LYON, D. Surveillance as Social Sorting: computer codes and mobile bodies. In: LYON, D. (Ed.). *Surveillance as Social Sorting: privacy, risk, and digital discrimination*. New York: Routledge, 2003.

_____. *Surveillance, power and everyday life*. In: MANSELL, R.; AVGEROU, C.; QUAH, D. (Eds.). *The Oxford Handbook of Information and Communication Technologies*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. Surveillance, Snowden, and Big Data: Capacities, consequences, critique. *Big Data & Society*, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2014.

ZUBOFF, S. *The age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. New York, PublicAffairs, 2019.

NOVAS FRONTEIRAS TELEJORNALÍSTICAS: O USO DAS IMAGENS DE CÂMERAS DE VIGILÂNCIA NA PRODUÇÃO NOTICIOSA

Antonio Pinheiro Torres Neto²⁴ – Universidade Federal do Ceará

Resumo: Cenas capturadas por câmeras de vigilância são cada vez mais presentes no processo de produção de notícias nos telejornais brasileiros. Partindo desse pressuposto, buscamos apontar, a partir de revisão bibliográfica, os principais aspectos que constituem a relação entre a produção telejornalística contemporânea e o uso de imagens de equipamentos de videovigilância na narrativa noticiosa, tendo como base as discussões existentes em nossa pesquisa de doutorado que se encontra em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Dessa maneira, apresentamos no texto a seguir aspectos conceituais e teóricos, tanto do campo do Jornalismo, quanto referentes à temática da vigilância, que podem nos auxiliar a compreender os motivos para que haja a apropriação de imagens de videovigilância por parte dos veículos telejornalísticos. Como forma de avançarmos na discussão, propomos a hipótese de que o uso do conteúdo proveniente das câmeras de vigilância ganha força no telejornalismo, em tese, ao se vincular a uma pretensão jornalística que se pauta em transpor para a tela da TV a realidade “tal como ela é”, reforçando mitos como o da imparcialidade jornalística.

Palavras-chave: Videovigilância; Telejornalismo; Produção noticiosa.

Abstract:

Scenes captured by surveillance cameras are increasingly present in the news production process on Brazilian TV newscasts. Based on this assumption, we seek to point out, from a bibliographic review, the main aspects that constitute the relationship between contemporary television news production and the use of video surveillance equipment images in the news narrative, based on discussions in doctoral research that is under development in the Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Thus, we present in the text below conceptual and theoretical aspects, both in the field of Journalism, and regarding the theme of surveillance, which can help us to understand the reasons for the appropriation of these images by the media. As a way of advancing the discussion, we propose that the use of content from surveillance cameras gains strength in telejournalism, in theory, by linking to a journalistic claim that is guided by transposing reality to the TV screen “as it is”, reinforcing myths such as that journalistic impartiality.

Keywords: Video Surveillance; Telejournalism; News production.

1. Novas margens do visível

Vivenciamos uma realidade na qual as práticas de vigilância se tornaram rotineiras e naturalizadas em nossas vidas. Tal contexto tem provocado mudanças significativas nos modos de vermos e sermos vistos. De acordo com Bruno et al. (2010, p. 7), “(...) os parâmetros e limites segundo os quais estávamos habituados a ordenar o ver e o ser visto estão em trânsito. Ampliam-se e modificam-se as margens do visível, os modos de fazer ver, assim como os modos de ser visto”. É necessário termos em mente, desde já, que os processos de vigilância nos dias atuais

²⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Membro do Grupo de Pesquisa PráxisJor. E-mail: antoniopinheiro.cariri@gmail.com

são múltiplos e atendem a interesses os mais diversos. Neste cenário, temos desde iniciativas voltadas para a coleta de dados pessoais, e a consequente transformação destes em estratégia de comercialização (ZUBOFF, 2018), até procedimentos que visam garantir a segurança e o bem-estar dos cidadãos. Como nos adverte Botello (2010),

(...) a vida das sociedades contemporâneas tornou-se um contínuo movimento entre aparatos eletrônicos que registram as idas e vindas das pessoas: em centros comerciais, bancos, espaços públicos (como parques e avenidas), complexos habitacionais, estádios, hotéis, centros educacionais, estações de metrô, ônibus e, claro – depois dos atentados de 11 de setembro – aeroportos. Nesse sentido, a vigilância sistemática das atividades tornou-se algo trivial (BOTELLO, 2010, p. 18).

Conforme tem sido observado por diferentes pesquisadores²⁵, as atividades de vigilância possuem atualmente não só uma diversidade de aparatos tecnológicos a sua disposição, mas também um crescente escopo de medidas legais que sustentam a sua atuação. Diante desse panorama, estar no mundo significa participar, em alguma medida, de um regime marcado por iniciativas de monitoramento social. Nas palavras de Bauman (2014, p. 5), “A vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno”. Temos nossas transações eletrônicas registradas e analisadas por algoritmos, imagens dos nossos deslocamentos mais corriqueiros captados por câmeras de vigilância, além de anotações sobre a localização do GPS presente em equipamentos que utilizamos.

Levando em consideração a diversidade das práticas de vigilância, precisamos dizer que o nosso foco neste texto está centrado em discutir as atividades de videovigilância em nossa sociedade, abordando especificamente a relação destes dispositivos de visibilidade com o processo de produção noticioso no telejornalismo. Tal debate, que será aprofundado nas páginas seguintes, se constrói a partir das questões suscitadas no projeto de pesquisa de doutorado que iniciamos em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), e que tem nos levado a investigar os elementos que caracterizam o uso recorrente de imagens de videovigilância por parte dos telejornais brasileiros.

Partimos aqui do pressuposto de que as câmeras de vigilância estão cada vez mais naturalizadas em nosso cotidiano, integrando parte da paisagem urbana contemporânea e representando “(...) um olhar que, pela sua multiplicação em locais públicos, semipúblicos e privados, tende a descortinar a cidade e os corpos passantes” (BRUNO, 2013, p. 87). A intensificação da presença destes dispositivos de visibilidade acontece, em grande medida,

²⁵ Dentre as coletâneas brasileiras que reúnem escritos sobre o assunto, podemos destacar *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem* (BRUNO et al., 2018) e *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação* (BRUNO; KANASHIRO; FIRMINO, 2010).

devido a um entendimento que credita aos equipamentos de videomonitoramento uma capacidade de solucionar os problemas de insegurança e violência urbana. Conforme destaca Firmino (2013), existe um ambiente extremamente favorável ao uso desses dispositivos tecnológicos, em virtude da pretensa capacidade que estes teriam de solucionar os riscos virtuais existentes no espaço urbano.

Ou seja, há um forte vínculo entre a ideia de segurança e as práticas de vigilância, fazendo com que diversos mecanismos sejam adotados em nosso cotidiano como resposta aos potenciais riscos sociais. Assim, ferramentas como os Circuitos Fechados de Televisão (CFTV), câmeras de reconhecimento facial, entre outros, passam a ser encaradas, tanto pelas políticas públicas governamentais, quanto pela iniciativa privada, como uma espécie de solução natural para o quadro de insegurança existente nos grandes centros urbanos. “Nesse cenário que articula medo e controle, espaço não vigiado se tornou espaço do desconhecido, do ilícito e, principalmente, local de violência” (CASTRO; PEDRO, 2010, p. 36).

A princípio, as câmeras de vigilância cumprem um papel voltado estritamente para o campo da segurança. Porém, as imagens por elas geradas têm extrapolado o espaço das salas de controle, de onde são gerenciadas, e ganhado ampla visibilidade a partir de sua utilização pelos telejornais brasileiros. Apesar de não ser um fenômeno novo, temos acompanhado nos últimos tempos a intensificação da produção de notícias e reportagens, veiculadas por programas jornalísticos, que trazem em sua estrutura informativa o uso de cenas capturadas por equipamentos de videomonitoramento. “Inicialmente, sua finalidade é prover segurança, ou seja, a priori, [as câmeras de vigilância] não foram instaladas para finalidades jornalísticas. Entretanto, vez ou outra e despreziosamente, esses dispositivos registram flagrantes, fazendo-o de forma aleatória” (OLIVEIRA, 2019, p. 20).

É neste ponto, aliás, que estabelecemos a aproximação entre os processos de videovigilância com o campo do jornalismo. Atuando de forma ubíqua, em espaços públicos e privados, e em tempo integral, 24 horas por dia, as câmeras de vigilância têm proporcionado novas fronteiras para a produção telejornalística, mas não somente, ao ampliarem as possibilidades de obtenção de flagrantes dos acontecimentos sociais. Com um olhar maquínico que nunca desliga, estes dispositivos de visibilidade possibilitam o acesso a cenas que, de outro modo, provavelmente não se tornariam de conhecimento público. Temos assim um duplo movimento empreendido pelas câmeras de vigilância. Se por um lado elas podem provocar a diminuição da sensação de insegurança social e ampliar as táticas de combate ao crime; por

outra perspectiva, elas tornam visíveis uma série de flagrantes de acontecimentos cotidianos que acabam servindo de conteúdo para os veículos jornalísticos.

Assim, “O telejornalismo, enquanto lugar de referência, é um ambiente que tem sido fortemente marcado pela superabundância de exposição de acontecimentos expressos em imagens oriundas de circuitos fechados de televisão e câmeras amadoras” (ANDRADE, 2018, p. 65). Ou seja, partindo do princípio de que o jornalismo tem como principal tarefa publicizar os acontecimentos considerados os mais importantes do dia, os meios de comunicação acabam encontrando nos flagrantes produzidos pelas câmeras de vigilância uma excelente fonte de conteúdo para elaborar seu material informativo.

2. Câmeras de vigilância e produção telejornalística

Diante dos elementos evidenciados anteriormente, é importante questionarmos então qual a relevância e quais são as características que as imagens de câmeras de vigilância possuem e que justificam, digamos assim, a sua utilização em notícias e reportagens telejornalísticas. Essa indagação pode ser desenvolvida, ao nosso ver, a partir de dois eixos. O primeiro deles diz respeito à rotina produtiva, buscando compreender, por exemplo, como funciona o fluxo de chegada das cenas de flagrantes, obtidos por meio dos equipamentos de videomonitoramento, nas redações. Ou seja: quem são as fontes que cedem essas imagens? Que critérios de noticiabilidade são mobilizados para justificar a veiculação de determinadas imagens? Quais são os parâmetros éticos levados em consideração na hora de publicizar tais flagrantes?

Por outro lado, os meios de comunicação televisivos nos parecem sugerir, hipoteticamente, que há uma relação (implícita) entre o uso de cenas provenientes de câmeras de vigilância e conceitos que são caros à tribo jornalística (TRAQUINA, 2005), tais como a imparcialidade e o mito do espelho da realidade. A princípio, podemos até pensar que em virtude da necessidade de cumprir a sua função básica, ou seja, informar os cidadãos acerca dos acontecimentos mais importantes do dia, a instância midiática está “apenas” se apropriando de imagens carregadas de noticiabilidade, e de um conteúdo capaz de auxiliar os jornalistas na sua árdua tarefa de dominar o tempo diariamente.

Como sabemos, “(...) os meios informativos impõem cuidadosamente uma estrutura no tempo e no espaço como forma de tornar possível para eles mesmos a realização do seu trabalho a qualquer dia, bem como um planejamento do trabalho ao longo dos dias” (TUCHMAN, 1983, p. 54, tradução nossa). Isso porque sem uma certa rotina em que se possa encontrar parâmetros e procedimentos que auxiliem a encarar à imprevisibilidade dos

acontecimentos, se tornaria impraticável para os veículos jornalísticos efetuarem suas atividades diárias. Em outras palavras, e mencionando a assertiva de Hall et al. (1993), o mundo não pode ser apresentado como uma confusão de acontecimentos desordenados e caóticos.

Seguindo esse raciocínio, é evidente que com a gravação de cenas inusitadas e flagrantes sociais os mais diversos, os equipamentos de videomonitoramento acabam “disponibilizando” cotidianamente à instância jornalística um vasto material a ser exibido em seus telejornais, e que consequentemente auxiliam os profissionais do jornalismo no processo de dominarem o surgimento de acontecimentos imprevisíveis.

Tais dispositivos têm transitado facilmente no espaço midiático, não só pela contribuição dada do que tem se chamado comumente de jornalismo participativo, mas sob o aspecto da estrutura e construção do processo que transforma um acontecimento em notícia. [...] os jornalistas televisivos, regidos pela tirania do tempo, “aproveitam” e se apropriam desse conteúdo para dar conta de cumprir suas rotinas diárias de produção (...) (ANDRADE, 2018, p. 65).

Todavia, nos parece que existem aspectos adicionais neste cenário, como dizíamos anteriormente, que acabam indo de encontro a interesses centrais para o campo do jornalismo. Não teremos, obviamente, como abordar todas as questões citadas na página anterior e que podem nos auxiliar a compreender o uso das imagens de câmeras de vigilância por parte dos telejornais. Isso tanto em virtude da limitação do espaço deste artigo, como também pelo fato de que a nossa pesquisa se encontra em desenvolvimento, buscando avançar em meio aos questionamentos que mobilizam a investigação. De todo modo, gostaríamos de apontar três aspectos, ou hipóteses, que podem nos ajudar, de partida, a entender melhor a relevância que os flagrantes provenientes dos equipamentos de videovigilância representam para os veículos de comunicação televisivos na hora de produzirem suas notícias e reportagens.

O primeiro deles diz respeito a noção de que os acontecimentos flagrados pelas câmeras de vigilância são resultado da captação de um olhar eletrônico “desprovido” de interesses, logo proporcionando aos veículos informativos uma imparcialidade jornalística ao se utilizarem deste conteúdo. Essa compreensão deriva, em parte, do fato concreto de as imagens de câmeras de vigilância não possuírem, a priori, um caráter jornalístico. Isso significa dizer, deste modo, que este tipo de material não é controlado pelos meios de comunicação, nem tampouco é fruto da obtenção do trabalho de cinegrafistas vinculados a redações telejornalísticas. Nesse sentido, quando um determinado telejornal mobiliza as imagens capturadas pelos equipamentos de videomonitoramento, consequentemente ele está utilizando imagens produzidas por terceiros, proveniente de atividades externas às redações

telejornalísticas, e que não sofrem ou não são tocados, de forma imediata, pelos constrangimentos organizacionais presentes no ambiente redacional.

(...) essas imagens [de videovigilância] são reconhecidas pelo telespectador como uma narrativa que encerra verdades. Esvazia-se toda e qualquer ideia de opinião ou ponto de vista. O efeito de verdade surge exatamente da sensação de que a imagem cedida, independente da fonte, é deslocada da linha editorial do veículo de comunicação (ANDRADE, 2018, p. 60).

Temos assim, através do uso dessas imagens, uma espécie de efeito de real que pode proporcionar, em tese, a atualização da noção de imparcialidade jornalística, tendo como premissa a reprodução translúcida dos acontecimentos, quase como um espelho da realidade. Dito de outra maneira: o telespectador teria acesso, através das notícias construídas com imagens de câmeras de vigilância, a uma realidade nua e crua, sem qualquer tipo de intervenção jornalística. O público “(...) assume como uma promessa discursiva a ideia de que vê algo criado espontaneamente, sem os interesses que costumam ser associados às empresas jornalísticas, ou sem intencionalidade (...)” (MARTINS, 2015, p. 140).

Em conjunto com este primeiro aspecto, encontramos nas imagens captadas pelos dispositivos de videomonitoramento uma segunda potencialidade interessante para a atividade jornalística: a reprodução do acontecimento em “tempo real”. Quando um telejornal publiciza um acontecimento tendo como recurso para isso o uso de cenas provenientes destes equipamentos de visibilidade, ele torna possível a reverberação de um efeito de realidade que presentifica o fato já ocorrido. Em parte, devido à circunstância de que “Tais imagens, ainda que figurem como registros gravados e estejam deslocadas de seu tempo de captação, parecem conferir às narrativas excessivamente editadas dos jornais um testemunho supostamente mais autêntico do real” (BRUNO, 2013, p. 103).

Além disso, precisamos levar em consideração que enquanto o jornalismo trabalha, na maior parte do tempo, com a construção da notícia a partir de indícios que confirmam a ocorrência de determinada situação; as câmeras de vigilância trabalham com o acontecimento numa perspectiva do ‘*real time*’. Nesse sentido, “(...) enquanto o jornalismo trabalha com indícios do crime (aquilo que aconteceu e é reconstruído pela reportagem), as câmeras de vigilância mostram o próprio crime (o ocorrido em tempo real)” (MONTEIRO, 2009, p. 20), ainda que tal característica torne necessária uma discussão ética dessas imagens.

Como forma de exemplificar esta dimensão do *real time*, que acabamos de citar, basta lembrarmos da cobertura telejornalística do desastre ocorrido com o rompimento da barragem

da mineradora Vale, em Brumadinho (MG), em 2019²⁶. Em um primeiro momento da cobertura do acontecimento, os veículos de comunicação recorreram a imagens de satélite, fotografias e reproduções gráficas que mostravam o antes e o depois da área atingida pela lama da barragem, assim como vídeos gravados e compartilhados por moradores do Município que, em alguma medida, davam uma dimensão da tragédia. Porém, no dia 01 de fevereiro de 2019, cerca de uma semana após a tragédia, o Jornal Nacional veiculou cenas obtidas através de câmeras de videomonitoramento da Vale que registraram o acontecimento e expuseram de forma reveladora aquilo que até então carecia de um exercício de imaginação e de efeitos gráficos. Nas palavras do jornalista William Bonner, âncora do JN, “O rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho, não exige mais um esforço de imaginação. Nesta sexta-feira, exatamente uma semana depois do desastre, surgiram imagens que documentam a tragédia”²⁷.

A cena do rompimento da barragem, repetida incessantemente, colocou milhares de telespectadores frente a frente com o acontecimento, tornando ainda mais palpável a tragédia que já vinha sendo publicizada nos dias anteriores. Assim, mesmo as imagens exibidas tendo sido gravadas em um momento passado, elas conseguiam gerar um efeito de instantaneidade a partir da capacidade de tornar visível elementos da situação exata em que o fato se deu. Essa dinâmica é potencializada “(...) na medida em que a imagem cede força o telespectador a ocupar o lugar do olho do observador que efetivamente testemunhou o fato, driblando qualquer outro elemento que compareça na narrativa como um todo” (ANDRADE, 2018, p. 60).

Por fim, os meios de comunicação encontram no uso das imagens de câmeras de vigilância a possibilidade de acessarem acontecimentos que de outra maneira seriam praticamente impossíveis de serem obtidos e conhecidos. Dada a sua ubiquidade, estes dispositivos de visibilidade conseguem estar presentes em diferentes espaços, e com uma presença ininterrupta, 24 horas por dia.

Até não muito tempo, a obtenção do flagrante e do furo de reportagem costumava ser feita por jornalistas que dispendiam grande esforço nessa tarefa. Isso porque a gravação de imagens inusitadas depende, entre outros elementos, que se esteja no lugar certo, na hora certa. A partir das imagens geradas por câmeras de videomonitoramento, os flagrantes passam a ser mais frequentes nos telejornais, sem a necessidade de um profissional para produzir esses vídeos “espetaculares” (OLIVEIRA, 2019, p. 36).

Além de dominar, em parte, a imprevisibilidade inerente aos acontecimentos sociais, já que eles podem surgir a qualquer momento (tempo) e em qualquer lugar (espaço), as câmeras

²⁶ O desastre, ocorrido no dia 25/01/2019, em Brumadinho (MG), é considerado uma das maiores tragédias socioambientais do Brasil. O rompimento da barragem deixou, ao menos, 270 pessoas mortas. Fonte: Conectas.org

²⁷ Para assistir a matéria na íntegra, basta acessar: <https://globoplay.globo.com/v/7348848/>

de vigilância também conseguem lidar de forma corriqueira com a obtenção de imagens em meio a ambientes de risco. Assim, o profissional que atua em um veículo de comunicação e que cumpre sua tarefa diária de noticiar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo, pode se resguardar de situações em que sua integridade física não esteja completamente assegurada.

Vale lembrar também dos contextos noticiosos nos quais os jornalistas não possuem acesso livre, mas que através do uso das imagens de câmeras de vigilância acabam conseguindo produzir sua reportagem e em algumas situações alcançar até mesmo o almejado furo jornalístico. “O ‘furo’ é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses próprios do jornalista. O jornalista que se preza procura o ‘furo’. O ‘furo’ dá um gozo particular, um enorme prazer de conquistador” (TRAQUINA, 2005, p. 55). Com a disponibilização e a oferta constante de cenas obtidas pelos equipamentos de videovigilância, os jornalistas, sem dúvida, ganharam uma espécie de aliado nesta busca pelos relatos exclusivos e na efetivação da sua tarefa diária.

Considerações Finais

É importante destacarmos que apesar das potencialidades apontadas acima, acerca do uso das imagens de câmeras de vigilância e um possível diálogo destas com as dimensões da imparcialidade jornalística e de uma suposta transposição da realidade sem filtros para a tela da TV, entendemos, mesmo assim, que os meios de comunicação seguem desempenhando o seu papel de construtores da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2014) ao inserirem cenas provenientes de equipamentos de videovigilância em suas notícias e reportagens. Isso porque o jornalista é um observador que partilha o mesmo mundo que o observado.

Como nos fala Correia (2004, p. 138), “Da consciência desta proximidade e da sua participação na construção da realidade social pode resultar a assunção de que o jornalista, tal como todos os observadores sociais, está presente no mundo da vida, participa nele e na forma como ele é percebido”. Assim, ainda segundo Correia (2004), o jornalista não pode ser visto como um helicóptero que plana sobre a realidade sem a tocar, afinal de contas, sua atuação está diretamente inscrita em uma situação social, histórica e cultural determinada.

Como mencionamos no início do texto, todas essas questões estão sendo trabalhadas de forma mais ampla e detalhada em nossa pesquisa de doutorado que se encontra em curso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. O nosso intuito é que as problemáticas aqui suscitadas ganhem uma dimensão mais aprofundada ao

analisarmos a produção noticiosa do telejornal cearense CETV 1ª Edição, observando assim de que maneira as suas notícias e reportagens se valem do uso de imagens de câmeras de vigilância.

É válido ressaltar também que há uma preocupação da nossa parte em evidenciarmos, na pesquisa em curso, o papel central ocupado pelas práticas de vigilância nos dias atuais ao entendermos que o uso das imagens de câmeras de videomonitoramento por parte de um telejornal como o CETV 1ª Edição é consequência direta do contexto social no qual ele está inserido. Nesse sentido, estamos atentos as problemáticas levantados por pesquisadores como Bruno (2013), Lyon (2006; 2018), Firmino (2013; 2018), Kanashiro (2008), Melgaço (2010), Zuboff (2018), Evangelista (2018), além de Foucault (2014) e sua perspectiva histórica. É nessa direção que apontamos o olhar investigativo, buscando entender as correlações que se estabelecem entre a produção contemporânea do telejornalismo brasileiro e as práticas de vigilância, e mais especificamente de videovigilância, que constituem o nosso cotidiano.

Referências

ANDRADE, Ana Paula Goulart de. *Telejornalismo apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância*. Florianópolis: Insular, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOTELLO, Nelson Arteaga. Orquestração da vigilância eletrônica: uma experiência em CFTV no México. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, e FIRMINO, Rodrigo (Orgs). *Vigilância e visibilidade: Espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo (org.). *Vigilância e visibilidade: espaço tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CASTRO, Rafael Barreto de; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Redes de vigilância: a experiência da segurança e da visibilidade articuladas às câmeras de monitoramento urbano. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta e FIRMINO, Rodrigo. (Orgs). *Vigilância e visibilidade: Espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

CORREIA, João Carlos. *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

EVANGELISTA *et al.* DIO: o mapeamento coletivo de câmeras de vigilância como visibilização da informatização do espaço urbano. In: BRUNO, Fernanda et al. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FIRMINO, José Rodrigo. Securitização, vigilância e territorialização em espaços públicos na cidade neoliberal. In: BRUNO, Fernanda et al. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FIRMINO, José Rodrigo *et al.* Fear, security and spread of CCTV in Brazilian Cities: legislation, debate and the market. In: *Journal of Urban Technology*, London, v. 20, n. 3, p. 65-84, out. 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. A produção social da notícia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

KANASHIRO, Marta. Surveillance cameras in Brazil: exclusion, mobility regulation and the new meanings of security. In: *Surveillance & Society*, v. 5, n. 3, p. 270-289, 2008.

LYON, David. *Theorizing surveillance: the panopticon and beyond*. William Publishing: Oregon, 2006.

_____. Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In: BRUNO, Fernanda et al. *Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARTINS, Maura Oliveira. *Novos efeitos de real concretizados pelas máquinas de visibilidade: reconfigurações no telejornalismo perante a ubiquidade das câmeras onipresentes e oniscientes*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MELGAÇO, Lucas. *Securização urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança*. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, 2010.

MONTEIRO, Eliana. *Experiência, narrativa e informação: o uso das novas tecnologias na construção de uma cultura de vigilância na televisão*. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, William Silva de. *Os vídeos das câmeras de segurança no telejornal ESTV 1ª Edição: do monitoramento à notícia*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda et al. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DESINFODEMIA NO BRASIL: O AVANÇO DE DESINFORMAÇÕES SOBRE CORONAVÍRUS

Girliani Martins da Silva²⁸ – Universidade de São Paulo (USP)

Resumo:

Este artigo apresenta o avanço de desinformações sobre o coronavírus no Brasil (desinfodemia) e explica as motivações que fomentam a problemática. O negacionismo científico, as teorias da conspiração e a descredibilização do trabalho da imprensa são alguns dos fatores que têm prejudicado o combate à pandemia no país e o acesso a informações corretas. De acordo com um estudo da Avaaz, 110 milhões de pessoas acreditam em, pelo menos, uma notícia falsa sobre a doença: uma média de 7 a cada 10 brasileiros. O conteúdo desinformativo e as fake news são propagadas, principalmente, em redes sociais como Facebook e Instagram, além do WhatsApp, através de apelo emocional, medo, fanatismo político/ideológico, negacionismo da ciência, má-fé, desconhecimento da realidade, entre outros.

Palavras-chave: Desinformação. Fake News. Coronavírus. Negacionismo da ciência. Redes sociais.

Abstract:

This article presents the advancement of misinformation about the coronavirus in Brazil (disinfomedia) and explains the motivations that foment the problem. Scientific denialism, conspiracy theories and discrediting the work of the press are some of the factors that have hindered the fight against the pandemic in the country and access to correct information. According to an Avaaz study, 110 million people believe in at least one fake new about the disease: an average of 7 out of 10 Brazilians. Uninformative content and fake news are propagated mainly on social networks, as Facebook, Instagram, beyond WhatsApp, through emotional appeal, fear, political/ideological fanaticism, science negationism, bad faith, unfamiliarity of reality and others.

Keywords: Misinformation. Fake News. Coronavirus. Science negationism. Social networks.

Introdução

“O novo coronavírus não causou apenas uma pandemia no mundo, mas o crescimento da desinfodemia” (LEITE, 2020). Foi desta forma que o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, se referiu ao aumento de desinformações sobre a COVID-19 no mundo, em comunicado oficial realizado em 14 de abril de 2020, quase dois meses depois que o Brasil havia confirmado o primeiro caso da doença.

Em outras palavras, desinfodemia, termo cunhado pela ONU (BONTCHEVA; POSETTI, 2020, p. 2), diz respeito à epidemia de informações irreais ou imprecisas sobre o vírus SARS-CoV-2. Tal fato está intrinsecamente relacionado às *fake news*. Segundo a entidade, se não for combatida, a desinformação pode, inclusive, sem exageros, ocasionar na morte de centenas de pessoas. No Brasil, por exemplo, há uma série de desinformações sobre este assunto

²⁸ Mestranda do programa de pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, girliani@usp.br.

que circula em *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e outros meios digitais, viralizando com facilidade e ampliando o alcance.

Desde 26 de fevereiro de 2020, quando o Brasil confirmou o primeiro caso de coronavírus (tratava-se de um idoso de 60 anos que havia acabado de chegar à cidade de São Paulo, após uma viagem à Itália), começaram a surgir as primeiras notícias falsas sobre o tema.

A problemática expõe a importância do trabalho jornalístico e a urgência do acesso a informações apuradas com cuidado e profissionalismo, para que isso não resulte em efeitos negativos. A desinformação disseminada em redes sociais e aplicativos de mensagens tem como características o conteúdo envolvente, muitas vezes, dramático, e facilmente assimilado.

Segundo MARTIN-BARBERO (2006, p. 90) “é na linguagem da informação que o novo imaginário encontrará sua matriz discursiva, mas será na linguagem do melodrama que serão geradas as chaves do novo discurso informativo”.

Todavia, para WARDLE (2017, p. 2), antes de falarmos sobre *fake news* isoladamente, é necessário compreendermos que se trata de um ecossistema de informações dividido em três elementos: os diferentes tipos de conteúdo que estão sendo criados e compartilhados, motivações de quem cria esse conteúdo e formas como esse conteúdo está sendo disseminado.

Embora sejam utilizadas como sinônimos, desinformação e *fake news* são conceitos distintos. O primeiro termo, de acordo com BONTCHEVA; POSETTI (2020, p. 7), “é comumente utilizado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas”.

Para MELLO (2020, p. 20), combater uma notícia falsa hoje é mais difícil, em virtude da velocidade em que ela é difundida, assim, logo que uma é verificada e corrigida, outra a substitui. Desse modo, é essencial compreender as motivações que levam à desinformação, entre elas, estão jornalismo fraco/pobre, paródia, forma de provocação, paixão, partidarismo, lucro, influência política e propaganda (WARDLE, p. 3, 2017).

Já *fake news*, segundo um relatório divulgado pelo *Facebook* e assinado por WEEDON; NULAND; STAMOS (2017, p. 5), é algo muito abrangente e utilizado para se referir a várias coisas: “artigos de notícias que são factualmente incorretos, artigos de opinião, paródias, sarcasmos, boatos, memes, distorções factuais por figuras públicas que são relatadas em notícias corretas, etc”.

Nesse sentido, a plataforma criada por Mark Zuckerberg adota a terminologia para se referir aos seguintes conceitos: “artigos de notícias que parecem ser factuais, mas que contêm

distorções intencionais de fatos com o propósito de provocar paixões, atrair audiência ou enganar”.

Outra definição muito citada em artigos é a de ALLCOTT; GENTZKOW (2017, p. 211), que conceituam *fake news* como “artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos e podem enganar os leitores”. A sociedade, portanto, acaba assimilando tais conteúdos como verdadeiros. Em outras palavras, o resultado de uma “substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, porém, um processo de destruição do sentido diante do qual nos orientamos no mundo real” (ARENDR, 2002, p. 317).

Nesse sentido, este artigo não é sobre *fake news* apenas, mas sua relação com políticas e debates públicos, principalmente, a partir do âmbito federal, contestando a ciência e o jornalismo.

1. Teorias da conspiração

Desde que a doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na China, e se alastrou pelo mundo, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse estado de pandemia, o presidente dos EUA na época, Donald Trump, afirmou ter evidências de que o vírus havia sido produzido em laboratório chinês (SINGH, 2020), responsabilizando o país asiático pela disseminação.

Paralelamente, naquela época, o serviço de inteligência americano concluiu que o novo coronavírus tinha surgido na China, mas não havia sido fabricado, tampouco manipulado por humanos. A questão envolve desconfiança da ciência (negacionismo) e apresenta ainda um viés político, visto que para o republicano o governo chinês tinha planos de atrapalhar sua reeleição.

Essa teoria da conspiração foi amplamente difundida nos EUA e em outros lugares, e também teve defensores no Brasil, incluindo o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Posteriormente, surgiram outras desinformações. A maioria delas está relacionada às estatísticas falsas, sintomas, diagnóstico, tratamento milagroso e repercussão econômica, como a ideia de que a pandemia atrapalha o desenvolvimento de um país, levando em consideração o fato das pessoas terem ficado em casa na quarentena (ZAROCOSTAS, 2020, p. 676).

No primeiro pronunciamento do presidente Bolsonaro sobre o tema, realizado em 24 de março, ele minimizou a gravidade da pandemia, contrariou órgãos de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), ironizando que se tratava apenas de uma gripezinha, e

criticou as medidas de isolamento e o trabalho da imprensa, a quem atribuiu como propagadora de pavor e pânico na população.

O discurso reverberou entre seus eleitores, tanto que no decorrer dos meses surgiram *fake news* relacionando a doença como algo similar a uma gripe comum e também conteúdo falso sobre formas de curas e prevenção. De acordo com um estudo feito pela Avaaz (2020), através de monitoramento, as principais desinformações acerca da COVID-19 no Brasil foram as seguintes:

- Novo coronavírus foi criado em laboratório secreto na China;
- Tomar grandes doses de vitamina C pode retardar ou até impedir a infecção do novo coronavírus;
- Em apenas um dia, centenas de crianças morreram devido ao coronavírus;
- Prender a respiração por 10 segundos todas as manhãs ajuda a identificar se você está infectado com a COVID-19;
- O novo coronavírus é como qualquer gripe, tem os mesmos sintomas e uma taxa de mortalidade igual ou inferior à gripe comum;
- FDA liberou hidroxicloroquina para todos os pacientes com COVID-19.

O estudo ainda revelou que aproximadamente 110 milhões de pessoas acreditam em, pelo menos, uma notícia falsa sobre a doença: uma média de 7 a cada 10 brasileiros. Os principais canais usados para a propagação são *WhatsApp* e *Facebook*. Todas essas desinformações confrontam o trabalho de profissionais da mídia e de cientistas.

Geralmente, são compartilhadas pelo apelo emocional, medo, fanatismo político/ideológico, má-fé, desconhecimento da realidade, etc. Nesse contexto houve ainda polarização entre aqueles que defendiam o isolamento/quarentena e o grupo favorável ao retorno à normalidade. Ainda sobre esta questão, RIBEIRO (2020), a partir de dados do Monitor do Debate Político no Meio Digital, fez um levantamento que mostrou que municípios (acima de 300 mil eleitores) nos quais Bolsonaro havia vencido no primeiro turno respeitavam menos o distanciamento social.

BENKLER; FARIS; ROBERTS (2018, p. 36) enfatizam que a desinformação em geral reduziu a confiança nos meios de comunicação em uma ampla gama de países e que geralmente o conteúdo é sutilmente mascarado e manipulado para parecer convincente.

Em suma, as informações equivocadas sobre o coronavírus resultam em efeitos graves. Ao disseminar conteúdo falso pode haver superlotação das unidades de saúde, falta de produtos nas prateleiras de supermercados, como aconteceu no início da quarentena, e até mesmo riscos

à saúde, uma vez que houve procura acentuada nas farmácias por hidroxicloroquina, apontada erroneamente como possível tratamento para a doença.

Diante disso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) decidiu que o medicamento só pode ser vendido com receita médica, para evitar que os pacientes que já o utilizam para tratar lúpus, artrite reumatoide e malária não fiquem sem ele.

A hidroxicloroquina, inclusive, foi o tema central dos pronunciamentos posteriores de Bolsonaro. O fármaco vinha sendo utilizado por alguns países, no entanto, sem comprovação sobre a sua eficácia. Apesar disso, o presidente defendeu o uso, antes mesmo de ministrar o protocolo de testes.

Em abril, ele anunciou a produção da substância. Enquanto o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, evitava falar sobre o assunto, o chefe de Estado endossava o discurso de eficácia. Após a saída de Mandetta, substituído por Nelson Teich, que passou menos de 30 dias no comando da pasta, o Ministério da Saúde anunciou a liberação do remédio para pacientes leves de coronavírus.

Em contrapartida, a maior pesquisa sobre hidroxicloroquina, publicada em maio pela revista *The Lancet*, anunciou que a droga poderia aumentar o risco de arritmias e mortes (DESAI; MANDEEP; PATEL; RUSCHITZKA, 2020, p. 4). Os testes foram feitos com 96 mil pacientes em 671 hospitais. O estudo motivou a Organização Mundial da Saúde a suspender os testes. A notícia foi amplamente divulgada, no entanto, Bolsonaro criticou o trabalho da organização no combate à pandemia, assim como o da mídia tradicional. A eficácia do remédio ganhou um novo capítulo 10 dias depois, com a revisão do artigo: três dos quatro autores voltaram atrás porque disseram que não conseguiriam mais garantir a veracidade dos dados.

A pedido deles, inclusive, o documento foi retirado da plataforma. As dúvidas em torno do caso fizeram a própria Organização Mundial da Saúde anunciar o retorno de testes, e depois, a encerrar definitivamente os estudos com essa substância.

Enquanto pesquisadores em várias partes do mundo questionam a eficácia e efeitos colaterais, o governo brasileiro não mudou a conduta. Pelo contrário, comprimidos de hidroxicloroquina foram distribuídos até mesmo para pacientes assintomáticos no Sistema Único de Saúde (SUS).

Ainda nesse cenário de desinformações, surgiu uma outra discussão, desta vez, em torno da eficácia da vacina, que se tornou uma disputa política e ideológica entre o governador de São Paulo, João Dória, e o presidente (SHALDERS, 2020).

Na primeira quinzena de junho de 2020, João Dória já havia anunciado uma parceria entre o laboratório chinês, *Sinovac*, e o Instituto Butantan, para o desenvolvimento de um imunizante contra o coronavírus, a *CoronaVac*. Três meses depois, no final de setembro, assinou contrato para 46 milhões de doses da vacina. Em contrapartida, Bolsonaro criticou a decisão e disse em suas *lives* no *Facebook* que o governo brasileiro não comprará a vacina chinesa em razão de não acreditar em sua eficiência e pela sua origem (COLETTA, 2020).

Também anunciou que prefere esperar por imunizantes “mais confiáveis”, e que não obrigará a população a se vacinar. No ambiente digital, bolsonaristas não somente apoiaram esse posicionamento, como também questionaram a eficácia da *CoronaVac* por ela ser chinesa.

O entrave político entre o governador de São Paulo e o presidente não cessou nem mesmo quando a Anvisa aprovou, por unanimidade, o uso emergencial da vacina, e com isso, João Dória iniciou o plano de imunização no estado.

Desde o momento em que a *CoronaVac* ganhou as manchetes de jornais e a *home* de portais de notícias, também tornou-se um assunto popular nas redes sociais e foi alvo de *fake news*. A principal delas destacava que tinha deixado mais de 2 mil mortos na China e um tetraplégico na Inglaterra.

Além desse imunizante, a Anvisa também havia aprovado a *Oxford/AstraZeneca*, desenvolvida entre a Universidade de *Oxford* e a Fiocruz. A demora do governo brasileiro para produzir uma vacina e iniciar o plano de imunização levou o estado de São Paulo e outros governadores a tomarem decisões isoladas sobre este tema. Para completar, o colapso na saúde de Manaus, motivado pelo aumento de casos e a falta de oxigênio hospitalar, aumentou a pressão no governo federal e no Ministério da Saúde.

1.1 Negacionismo da ciência

Ao longo da pandemia, Jair Bolsonaro contestou a ciência de várias formas: menosprezou a gravidade da doença, mesmo quando a Organização Mundial da Saúde tinha declarado-a pandemia, contestou a importância do isolamento social e do uso de máscara, e reforçou o uso de hidroxiquina e da ivermectina, apesar de ambas não terem qualquer comprovação científica no combate ao coronavírus. Ao ser infectado pelo vírus, não só utilizou o medicamento, como aconselhou a população a fazer o mesmo. Meses depois, recomendou a ivermectina e o tratamento precoce, sendo criticado por órgãos de saúde. Sempre que contesta pesquisas sobre a doença, contrapõe o trabalho de cientistas, e conseqüentemente, colabora para o negacionismo da ciência, instaurando insegurança na população.

O termo ciência deriva do latim *cientia*, cujo significado é "conhecimento" ou "saber". De acordo com CHALMERS (1993, p. 23), diferentemente de outros modos de conhecimento ou pseudociência, a ciência apoia-se em um método considerado seguro que nos permite testá-lo, validá-lo e justificá-lo por meio de pesquisas/estudos, observações e experimentações. Todavia, a ciência não é irrefutável, é falível, pois reconhece sua própria capacidade de errar.

Desse modo, ao questionar comprovações científicas, Bolsonaro desrespeita o trabalho de profissionais e presta, principalmente, um desserviço à população. Desde o início de sua gestão, determinou o contingenciamento de recursos (corte de verbas), que levou ao desmonte da ciência brasileira. Segundo WESTIN (2020), o orçamento para a ciência em 2020 foi de R\$ 3,7 bilhões, exatamente R\$ 2 bilhões a menos que em 2019. “Em 2021, a proposta orçamentária para o Ministério da Ciência e Tecnologia, elaborada pelo Governo Federal e em análise no Congresso Nacional, será de R\$ 2,7 bilhões”.

2. Descredibilização jornalística

Quanto mais se produz desinformação, mais necessário é o trabalho de apuração dos jornalistas. A era das *fake news* contrapõe a veracidade dos fatos e descredibiliza a função desses profissionais na sociedade. Embora não haja um consenso na literatura acadêmica sobre a definição oficial de *fake news*, o termo ganhou visibilidade nas eleições americanas de 2016, entre o republicano Donald Trump e a democrata Hillary Clinton. Para muitos, as notícias falsas, inclusive, teriam auxiliado Trump a chegar à presidência.

Nem sempre quem curte ou compartilha desinformações nas redes sociais age de forma intencional. Muitas vezes, as desinformações são disseminadas pelas pessoas sem verificar. Ainda de acordo com MELLO (2020, p. 21), o excesso de desinformações, muitas vezes, é fomentado pela mídia hiperpartidária, isto é, portais ou páginas no *Facebook* e perfis no *Instagram* que reiteram o posicionamento do governo.

Para RECUERO; SOARES; ZAGO (2021, p. 6), veículos hiperpartidários podem ser entendidos como “mídias geralmente digitais que se engajam em discussões políticas por meio da produção de conteúdo que não tem compromisso com as normas éticas do jornalismo, utilizando, frequentemente, informações falsas ou manipuladas com objetivos políticos”.

Em contrapartida, a mídia tradicional e/ou independente pode ser entendida por jornais, sites, canais de tv, emissoras de rádio, etc. que “não deixam de investigar um político só porque ele está no governo e não se curvam a pressões para veicular apenas notícias positivas que se encaixam na narrativa desejada pelo governante da vez” (MELLO, 2020, p. 168).

A produção de notícias, feita pela mídia tradicional, tem todo um aparato jornalístico, isto é, baseia-se na checagem e apuração dos fatos. Enquanto, a mídia alternativa não dispõe, na maioria dos casos, desses recursos, e se retroalimenta de estratégias discursivas que validam as opiniões de Bolsonaro. Para CHARAUDEAU (2013, p. 38), essa abordagem está de acordo com determinadas normas e pode influenciar a população:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (CHARAUDEAU, 2013, p. 39).

2.1 Câmaras de eco

Conforme ressaltou o último relatório da *Pan-American Health Organization* (PAHO - 2020), é urgente que haja a interrupção da desinfodemia, uma vez que “a desinformação se expande no mesmo ritmo que a produção de conteúdo, e as vias de distribuição se multiplicam”. Com a expansão do problema, torna-se mais difícil contrapô-lo, uma vez que assim que uma notícia falsa perde força, é rapidamente substituída por outra, o que dificulta o combate à desinformação e à divulgação de notícias corretas sobre a pandemia. Nas redes sociais, isso é reforçado por meio de câmaras de eco ou filtro bolha, isto é, quando os algoritmos mostram posts e informações aos usuários que reforçam as suas crenças dentro de um grupo, isolando-os de perspectivas contrárias (PARISER, 2012, p.72).

Considerações finais

A disseminação de *fake news* é retrato de uma sociedade globalizada e interconectada. Para BAUMAN (1999, p.35), ao mesmo tempo em que as redes digitais permitiram que as pessoas se sentissem livres e à vontade para expor opiniões, também deram espaço para que elas compartilhassem conteúdo sem verificar a fonte, contestassem dados científicos e fortalecessem a rede de desinformações.

Atualmente, o Brasil está entre os países com o maior número de casos e mortes por coronavírus no mundo. Porém, a gravidade da situação não impede que o presidente Bolsonaro ridicularize a doença, seja por meio do negacionismo da ciência, omissão de dados do Ministério da Saúde, atraso no plano de vacinação ou desqualificação do trabalho da imprensa.

A desinfodemia dificulta o acesso às informações verdadeiras. O consumo de desinformação acontece, muitas vezes, sem questionamento crítico. Resumidamente, as pessoas

somente leem aquilo superficialmente e compartilham, sem qualquer filtro de checagem ou responsabilidade. Quando o presidente e seus apoiadores refutam a ciência e questionam a veracidade das notícias publicadas nos principais meios de comunicação, prestam um desserviço à população. Além de questionarem, criam narrativas falsas e teorias conspiratórias, algo que pode gerar insegurança e o caos.

Outro ponto que merece atenção é que Bolsonaro orienta que seus eleitores e apoiadores rechacem profissionais de veículos da imprensa tradicional e acompanhem apenas sites e páginas consideradas hiperpartidárias, representando uma ameaça à democracia (CESARINO, 2020, p. 107).

No *Instagram* e *Facebook*, por exemplo, ainda não há políticas consistentes para coibir a disseminação de informações falsas sobre o coronavírus ou qualquer outro assunto. A rede social anunciou apenas que para tentar reduzir o problema emitirá alertas e notificações aos usuários que interagirem com conteúdo marcado como falso. Há algum tempo a plataforma exibe marcações visuais em postagens comprovadamente falsas, iniciativa também adotada pelo *Twitter*.

As denúncias podem ser feitas por usuários e também por organizações de checagem de fatos, como as Agências Lupa e Pública. Entretanto, nem sempre as denúncias são aceitas e o *post* sinalizado como falso (marcação visual). Em plena pandemia, a discussão sobre *fake news* no Brasil ganhou outro desdobramento com a criação do PL 2630/2020. Após alterações no texto original, o projeto foi aprovado pelo Senado e aguarda votação na Câmara dos Deputados. O projeto de lei versa sobre o combate às notícias falsas em redes sociais e serviços de mensagens, como *WhatsApp*. Entre as medidas, estão proibição de disparos em massa e uso de robôs, o cadastramento de chips pré-pagos, etc. Ao levarmos em consideração que uma parcela significativa de brasileiros acredita e dissemina *fake news* sobre coronavírus com facilidade, a ação ainda não é suficiente para sanar o excesso de desinformações em nosso país.

Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 2017. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ARENDDT, Hannah. *Verdade e política*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

AVAAZ. O Brasil está sofrendo uma infodemia de COVID-19. *Avaaz Org*, 2020. Disponível em: <https://avaazimages.avaaz.org/brasil_infodemia_coronavirus.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENKLER, Y., FARRIS R., e ROBERTS, H. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics*. Oxford: Oxford University Press, cap. 1 a 3, 2018.

BONTCHEVA, Kalina., POSETTI, Julie. Desinfodemia: Decifrar a desinformação sobre a COVID-19. *Unesco*, v. 1, n. 1, 2020.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, 2020.

CHALMERS, Alan F. *O que é ciência afinal?* Tradução: Raul Filker. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução: Angela M. S. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COLETTA, Ricardo Della. Não acredito que vacina chinesa transmita segurança pela sua origem, diz Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/nao-acredito-que-vacina-chinesa-transmita-seguranca-pela-sua-origem-diz-bolsonaro>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

DESAI, Sapan S; MANDEEP R. Mehra; PATEL, Amit N RUSCHITZKA, Frank. Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of Covid-19: a multinational registry analysis. *The Lancet*, 2020. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2931180-6>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

LEITE, Hellen. Pandemia de fake news. *Correio Braziliense*, 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MELLO, Patrícia Campos. *Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAHO. Entenda a infodemia e a luta contra a COVID-19. *Pan-American Health Organization*, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14&isAllowed=y>. Acesso em: 01 jul. 2020.

PARISER, E. *O Filtro invisível: O que a internet está escondendo de você*. 1ª ed. Brasil: Zahar, 2012.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2021.

RIBEIRO, Márcio Moretto. *Eleitores e apoiadores de Bolsonaro respeitam menos o distanciamento social*. Monitor do Debate Político no Meio Digital, 2020.

SHALDERS, André. Como disputa entre Bolsonaro e Doria pode atrasar vacina contra Covid-19. *BBC*, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54639750>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SINGH, Maanvi. Trump claims to have evidence coronavirus started in Chinese lab but offers no details. *The Guardian*, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2020/apr/30/donald-trump-coronavirus-chinese-lab-claim>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WARDLE, Claire. Fake news. It's complicated. *Medium*, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WEEDON, Jen; NULAND, William; STAMOS, Alex. Information Operations. *Facebook*, 2017. Disponível em: <<https://about.fb.com/news/2017/09/information-operations-update/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

WESTIN, Ricardo. Corte de verbas da ciência prejudica reação à pandemia e desenvolvimento do país. *Agência Senado*, 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/09/corte-de-verbas-da-ciencia-prejudica-reacao-a-pandemia-e-desenvolvimento-do-pais>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, v. 395, n. 10225, p. 676, 2020.

O USO DE UM GAME CONTRA FAKE NEWS: UMA PESQUISA-AÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Wagner Silva de Oliveira²⁹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Este trabalho foi apresentado na 7ª edição do Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC), organizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 07 de outubro de 2020, e apresenta a pesquisa de iniciação científica “O uso de um *game* contra *fake news*: uma pesquisa-ação no ensino médio”. Realizada pelo graduando de Letras da Unicamp, Wagner Oliveira, e orientada pela prof. Dra. Inês Signorini, essa pesquisa é integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2020 da Unicamp e conta com o apoio da bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Situada dentro do campo de estudos da Linguística Aplicada, a pesquisa visa responder à seguinte pergunta: um *game* criado para combater *fake news* seria uma estratégia de letramento digital pertinente com alunos do ensino médio? Para isso, baseando-se nos referenciais teóricos que situam e contextualizam o conceito de *fake news* e de *game*, utiliza o jogo online *Bad News* para aplicação de uma pesquisa-ação com um grupo de dez alunos integrantes do cursinho pré-vestibular popular TRIU, situado na cidade de Campinas – SP, a fim de verificar se passar pela experiência de jogar o *game* os deixaria menos suscetíveis a acreditar em notícias falsas. Com seu cronograma de execução previsto para conclusão até julho de 2021, a pesquisa se encontra, no momento da submissão deste trabalho, no estágio de análise dos resultados preliminares, tendo contado, inclusive, com as contribuições obtidas na comunicação oral realizada no EDICC para fechamento do questionário de pesquisa. Dessa forma, este trabalho é finalizado com os próximos passos previstos para conclusão da pesquisa.

Palavras-chave: *Fake news*. Letramento digital. Ensino médio. *Game*.

Abstract:

This work was presented at the 7th edition of the Science and Culture Dissemination Meeting (EDICC), organized by the Laboratory of Advanced Studies in Journalism (Labjor) at the State University of Campinas (Unicamp), on October 7, 2020, and presents the scientific initiation research “The use of a game against fake news: an action-research in high school”. Conducted by Unicamp undergraduate student of Linguistic, Wagner Oliveira, and supervised by prof. Dr. Inês Signorini, this research is part of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) 2020 from Unicamp and has the support of a scholarship granted by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). Situated within the field of Applied Linguistics studies, the research aims to answer the following question: would a game created to combat fake news be a pertinent digital literacy strategy with high school students? To do so, based on the theoretical frameworks that situate and contextualize the concept of fake news and games, it uses the *Bad News* online game to apply an action-research with a group of ten students who are part of the popular pre-university entrance exam course, located in the city of Campinas - SP, in order to verify if going through the experience of playing the game would make them less susceptible to believe in fake news. With its execution scheduled for completion by July 2021, the research is, at the time of submission of this work, in the stage of analysis of the preliminary results, having even counted on the contributions obtained in the oral communication held at the EDICC for closing the research questionnaire. Thus, this work is concluded with the next steps foreseen for the conclusion of the research.

Keywords: Fake news. Digital literacy. High school. Game.

²⁹ Wagner Oliveira é graduado em Comunicação Social, pós-graduado em Administração de Empresas e, atualmente, graduando da licenciatura em Letras da Unicamp, no IEL. E-mail: w179287@dac.unicamp.br

Introdução

A revolução digital pela qual o mundo passa, sobretudo nas últimas décadas, trouxe mudanças profundas na forma como o ser humano acessa e compartilha informações. De consumidores passivos da mídia, passamos a produtores ativos de informações, com instrumentos que estão cada vez mais acessíveis às nossas mãos. Porém, essa realidade traz à tona a problemática da responsabilidade com que todos podem disseminar informações verdadeiras ou falsas. Daí que se discute a importância de se falar sobre as *fake news* no contexto atual.

Motivada por esse cenário, essa pesquisa de iniciação científica, inserida dentro do campo de estudos da Linguística Aplicada, propõe a utilização de um *game* para ajudar alunos do ensino médio de escola pública da cidade de Campinas-SP a entenderem o mecanismo de construção e disseminação das *fake news*, buscando descobrir se essa experiência por meio do jogo é capaz de torná-los mais críticos na hora de reconhecer uma notícia falsa. Dessa forma, a pesquisa visa responder à seguinte pergunta: um *game* criado para combater *fake news* seria uma estratégia de letramento digital pertinente com alunos do ensino médio?

Por meio dos registros obtidos nessa pesquisa-ação, então, espera-se propor possíveis intervenções na educação escolar de nível médio sobre como desenvolver a criticidade dos alunos no reconhecimento das *fake news*, bem como contribuir com a formulação de hipóteses para pesquisas futuras dentro dessa mesma temática.

Essa pesquisa, orientada pela prof. Dra. Inês Signorini, é integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2020 da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)³⁰, cujo cronograma de execução tem como previsão o mês de julho de 2021 para a sua conclusão. No momento de sua apresentação nas comunicações orais da 7ª edição do Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC), organizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, no dia 07 de outubro de 2020, o autor compartilhou a pesquisa em seu estágio de elaboração do questionário que ainda seria aplicado, tendo, inclusive, recebido valiosas contribuições dos participantes para fechamento do mesmo.

Atualmente, no momento da submissão deste trabalho, a pesquisa se encontra em seu estágio de análise dos resultados parciais, já tendo realizado a aplicação da pesquisa. Por isso,

30 Bolsista PIBIC 2020/2021, processo CNPq nº 129989/2020-7 e CAAE nº 39402420.9.0000.8142.

compartilha, neste texto, as percepções iniciais após a aplicação da pesquisa e os seus próximos passos previstos até a conclusão.

1. A problemática das *fake news*

A presença do online³¹ no cotidiano do brasileiro é um fato indiscutível. A internet alcançou, em 2019, uma penetração de 70% na população nacional, o que representa mais de 149 milhões de brasileiros usuários de internet, de acordo com o relatório “*Digital in 2019*”, elaborado pela *We are social* em parceria com a *Hootsuite*.³² Desse expressivo montante, pelo menos 140 milhões são usuários ativos de redes sociais, sendo o Facebook utilizado por 130 milhões de brasileiros, o Youtube por 98 milhões e o Instagram por 69 milhões.

No entanto, o uso “social”, focado apenas em relacionamento entre usuários, não é o único feito pelo brasileiro, que vem utilizando essa presença massiva na internet e nas redes sociais também para se informar. Segundo um dos mais importantes estudos sobre consumo de notícias no mundo, o *Digital News Report* de 2019, do *Reuters Institute*³³, 87% dos brasileiros com acesso à internet leem notícias online. Além disso, 53% usam o WhatsApp para obter notícias, e 54% fazem o mesmo por meio do Facebook.

Esse uso da internet feito pelo brasileiro para se informar, por meio das redes sociais e dos aplicativos, acarreta mudanças significativas na relação que o usuário estabelece com a informação. Afinal, com as mídias mais tradicionais, esse mesmo usuário se encontrava na condição de sujeito passivo consumidor de informação, enquanto, no contexto atual, ele passa a ser um usuário ativo que também compartilha e até produz informação. Um dado do *Digital News Report* de 2019 aponta que 58% dos usuários brasileiros compartilham notícias por meio das redes sociais ou por e-mail.

A questão que fica, diante desse cenário, é a forma com que esses usuários têm compartilhado informação pelas redes sociais e pelos aplicativos. Muitas vezes, sem a devida leitura crítica que os faria reconhecer uma informação falsa. Imbuídos pela facilidade característica do meio online para compartilhar mensagens, esses usuários se tornam instrumentos para a disseminação das chamadas *fake news*, ou seja, notícias falsas que,

31 Neste projeto, trato os vocábulos “online” e “digital” no contexto de “meios”, ou seja, de “mídia”, como possíveis sinônimos para se referir ao ambiente da internet.

32 KEMP, S. Digital in 2019, *We Are Social*, 30 jan. 2019. Disponível em:

<<https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

33 RUIZ, S. Brasileiro se informa pelo Facebook e WhatsApp, *Meio e mensagem*, 12 jun. 2019. Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2019/06/12/brasileiro-se-informa-pelo-facebook-e-whatsapp.html>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

geralmente, atuam em prol dos interesses políticos e sociais de grupos específicos que manobram opiniões e inverdades a seu favor ou, ainda, geram desinformação com a finalidade principal de causar confusão na rede.

Para Kai Shu et al (2017), as *fake news* não acontecem apenas na mídia online. Estão presentes desde a tradicional mídia, sustentando-se por dois aspectos principais de identificação: autenticidade (em que bases a informação foi criada) e intenção (com quais propósitos foi criada). No entanto, para os autores essa identificação se caracteriza de maneira diferente quando numa rede social, pois, enquanto na mídia tradicional as *fake news* possuem fundamentos psicológicos e sociais, na online elas contam com contas falsas e um sistema de “câmara de eco”, ou seja, um forma de propagação vertiginosa pela rede.

Essa capacidade de replicação é favorecida pelo próprio modo de funcionamento das redes sociais, geralmente permeadas pela lógica de um ou mais algoritmos. Como apontam Grace e Hone (2019), os usuários do Facebook não são alertados sobre a exposição a notícias falsas que são reforçadas em sua busca orgânica, pois quanto mais consomem determinado tipo de informação, mais serão direcionados a informações e opiniões que reforcem esse tipo de consumo. Dentro dessa lógica de funcionamento, podemos ainda falar sobre os tipos de *fake news* existentes, de acordo com o propósito para que foram criadas e a informação que replicam.

Sharma et al (2019) faz essa classificação levando em consideração o motivo ou a intenção das *fake news*, dividindo-as em, basicamente, dois principais tipos: *misinformation* (quando os usuários replicam a informação sem a intenção de desinformar) e *disinformation* (quando se trata de usuários que propagam falsas informações intencionalmente, para um fim específico). Interessante notar, nesse sentido, que o funcionamento das *fake news* passa pelo segundo tipo de usuários justamente usando o primeiro tipo para alcançar os seus interesses com a replicação. Por isso que, conforme apontado por Valero e Oliveira (2018):

O problema de espalhar informações falsas com a intenção de enganar o público tornou-se um problema global, reforçado pela onipresença da internet, pela possibilidade de viralização e pelo fato de muitas pessoas receberem a maioria das notícias através das redes sociais e não saberem reconhecer informações falsas quando apresentadas. (VALERO; OLIVEIRA, 2018, p. 71)

O fato mais recente e expressivo que corrobora essa realidade foi o papel que as *fake news* tiveram ao longo do ano eleitoral de 2018 no Brasil. Segundo pesquisa realizada pela

*IDEA Big Data*³⁴, analisando as redes Facebook e Twitter em outubro de 2018, mais de 98% dos eleitores do então candidato à presidência Jair Bolsonaro tiveram contato com uma ou mais notícias falsas durante a eleição, e mais de 89% acreditaram que tais *fake news* eram verdadeiras. Mais recentemente, já em 2020, um Estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FespSP)³⁵ identificou que, dos 1,2 milhão de *posts* que circularam no Twitter com a *hashtag* #BolsonaroDay, a fim de demonstrar apoio ao presidente do Brasil nos atos de rua promovidos no dia 15 de março último, 55% foram feitos por robôs, que são perfis falsos criados como usuários de redes sociais com o fim exclusivo de disseminar *fake news*, montando justamente a “câmara de eco” citada anteriormente.

Ou seja, fatos como esses são evidências claras de como as *fake news* têm atuado no nosso país e de como são significativas ao influenciar importantes processos de decisão.

2. O porquê do *game*

Diante da realidade incontestável de que as *fake news* estão entre nós e atuam de maneira significativa nos movimentos que interessam e influenciam a sociedade brasileira, esta pesquisa se justifica por se propor a verificar como o uso de um *game* pode ajudar a desenvolver em alunos do ensino médio a criticidade necessária à identificação das *fake news*, o que, conseqüentemente, evitaria a sua disseminação, freando o seu poder de propagação.

Nesse sentido, é importante destacar que tal criticidade por parte dos usuários vai além de apenas saber manusear instrumentos ou se relacionar com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pois, como pode se ver pelos dados apresentados até aqui, o digital e seus instrumentos já têm tido penetração e uso significativos no Brasil. Dessa forma, trata-se da importância de educar para saber, além de manusear dispositivos e navegar nas redes sociais, o que fazer com a informação que circula no online. É justamente a distinção que Buzato (2006) estabelece entre “alfabetização digital” e “letramento digital”, pois:

O que se espera do cidadão, do professor e do aluno, não é simplesmente que domine um conjunto de símbolos, regras e habilidades ligadas ao uso das TIC, mas que “pratique” as TIC socialmente, isto é, que domine os diferentes “gêneros digitais” que estão sendo construídos sóciohistoricamente nas

34 PASQUINI, P. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo, *Folha de S. Paulo*, 2 nov. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>>. Acesso em 03 mai. 2020.

35 KALIL, I.; SANTINI, R. M. *Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política*. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 de abril de 2020. 21p. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ. Disponível em: <https://www.fesp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2020.

diversas esferas de atividade social em que as TIC são utilizadas para a comunicação. (BUZATO, 2006, p. 8).

Ou seja, saber lidar com as *fake news* demanda uma prática educacional muito mais próxima do conceito de “letramento digital” do que simplesmente ser alfabetizado digitalmente. E uma das formas possíveis de se efetivar tal prática, no caso específico das *fake news*, é por meio do *game* online *Bad News*³⁶, que leva o usuário a jogar como um criador de *fake news*, tendo que conhecer e manipular os principais elementos das notícias falsas para ser capaz de criar notícias com potencial de propagação na rede. Dessa forma, ao fazê-lo, espera-se que o usuário perceba quais são os mecanismos por trás da elaboração das *fake news*. Como apontam Urban, Hewitt e Moore (2018, p. 179), “um videogame, com sua capacidade de simular um ambiente e mostrar relações de causa e efeito, é um meio apropriado para alcançar este objetivo”.

O jogo *Bad News* já conta com uma relevante e comprovada efetividade no que diz respeito ao educar para reconhecer e combater *fake news*. De acordo com pesquisa da Universidade de Cambridge³⁷, realizada em 2018 com 15 mil usuários do *Bad News*, jogar o *game* por apenas 15 minutos ajuda os usuários a desenvolver “anticorpos mentais” contra *fake news*, além de os seus jogadores ficarem 21% menos propensos a acreditar nas notícias falsas, em comparação com antes de jogarem o *game*.

Dessa forma, buscou-se encontrar essa mesma efetividade na aplicação com os alunos de ensino médio que compõem o grupo de observação desta pesquisa, formado por 10 estudantes voluntários de escola pública, residentes à cidade de Campinas-SP e matriculados no cursinho popular TRIU³⁸, do qual o autor faz parte e atua como professor de língua portuguesa há três anos.

Nesses moldes, essa pesquisa se propôs a trabalhar com o *game* como instrumento educativo por entender que é na educação que começa o letramento necessário para saber como se relacionar com o fenômeno das *fake news*.

36 *Bad News Game*. Disponível em: <<https://www.getbadnews.com/>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

37 FAKE news ‘vaccine’ works: ‘pre-bunk’ game reduces susceptibility to disinformation, *University of Cambridge*, 25 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.cam.ac.uk/research/news/fake-news-vaccine-works-pre-bunk-game-reduces-susceptibility-to-disinformation>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

38 O *Cursinho Popular TRIU* é um projeto que trabalha, há mais de 15 anos, pela popularização da universidade pública e funciona na Escola Estadual Barão Geraldo de Resende, em Barão Geraldo (Campinas – SP). Disponível em: <<http://cursinhotriu.com.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

3. Objetivos da pesquisa

Essa pesquisa tem como objetivo geral avaliar o uso de um game criado para combater *fake news* como estratégia de letramento digital no ensino médio. Nessa esteira, seus objetivos específicos são: (i.) identificar e descrever os modos de apropriação dos alunos das estratégias propostas pelo game *Bad News*; (ii.) avaliar a capacidade dos alunos participantes da pesquisa no reconhecimento de *fake news* antes e depois de jogar o *Bad News*; (iii.) propor possíveis intervenções no ensino médio com base nos resultados da pesquisa.

4. Metodologia

Baseando-se na introdução do game *Bad News* a um grupo de alunos do ensino médio na condição de jogadores, o propósito dessa pesquisa se alinha ao que Robson (2002) define como emancipatório. Dessa forma, o pesquisador age sobre algo e se envolve em alguma ação enquanto é participante e observador, ou seja, o pesquisador será parte daquilo que está pesquisando. Tal dinâmica atribui caráter de perspectiva indutiva à pesquisa, pois, pelo viés fenomenológico, busca-se compreender um contexto da vida real por meio da geração e análise de dados em uma situação específica.

Essa situação de análise será criada ao se observar como os alunos farão suas escolhas ao longo do jogo, que permite aos seus jogadores escolherem quais elementos desejam usar na construção das *fake news*, como, por exemplo, fatos sensacionalistas, alarmes de catástrofes iminentes, difamação de pessoas públicas, dentre outras opções que vão construindo notícias falsas. Desse modo, se o jogador é bem-sucedido em suas escolhas, a notícia falsa se replica com facilidade, fazendo-o ganhar seguidores e aumentar seus pontos no jogo. Assim, à medida que ganha mais pontos, o jogador vai adquirindo insígnias, que representam os principais elementos constituintes das *fake news*. Esse é o raciocínio que o jogo leva o usuário a desenvolver.

Sendo assim, essa pesquisa é do tipo qualitativo e possui caráter participativo (COUTINHO, 2011), pois visa compreender um problema abrangente inserido em uma situação específica e contextualizada, por meio de uma abordagem emancipada e não neutra por parte do pesquisador. Para isso, levando em conta a aplicação do jogo, usou-se a metodologia de “pesquisa-ação”, cujos dados foram registrados por meio dos seguintes instrumentos: (i.) uso do diário de campo, para registrar impressões do pesquisador; (ii.) uso do Google Meet, para interação do pesquisador com os estudantes ao jogarem, bem como gravação dessa conversa; (iii.) e uso de questionários, a fim de registrar a opinião dos alunos sobre o quão capazes eles

se consideram de identificar *fake news*, antes e depois de jogarem. Assim, o mesmo questionário foi aplicado duas vezes, com o intuito de averiguar se passar por essa experiência gerou mudanças expressivas na percepção e no raciocínio dos alunos.

Por fim, os registros obtidos por meio desses três instrumentos serão triangulados para análise, a fim de propor intervenções no espaço escolar que possam desenvolver nos alunos a criticidade necessária ao lidar com *fake news*, conforme os resultados obtidos.

5. Resultados preliminares

A aplicação da pesquisa foi realizada no período entre 05 e 28 de janeiro de 2021, com os dez estudantes de escola pública integrantes do cursinho popular TRIU. As interações realizadas individualmente com cada um dos participantes da pesquisa foram gravadas por meio do aplicativo Google Meet, bem como as impressões do pesquisador foram registradas em seu diário de campo sobre cada um dos alunos. Os questionários também foram preenchidos a cada participante, e todos esses registros da pesquisa estarão disponíveis para consulta online em uma pasta do Google Drive, sendo utilizados unicamente para fins de pesquisa científica. Esse armazenamento será mantido pelo período de 05 anos e, posteriormente, será destruído, seguindo as normas determinadas pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da Unicamp.

Preliminarmente, os registros obtidos apontam um resultado bastante positivo na percepção dos alunos em relação às *fake news* após passarem pela experiência do jogo *Bad News*, e isso ficou perceptível por meio do questionário aplicado antes e depois do *game*. Uma das perguntas desse questionário pedia que os participantes julgassem, em uma escalada de 01 a 05, quão provável que as notícias apresentadas a eles fossem falsas, sendo que quanto mais próximo de 01 estivesse esse julgamento, maior a chance de não se tratar de uma *fake news*, e quanto mais próximo de 05, mais provável de ser uma notícia falsa. Desse modo, todas as cinco notícias apresentadas aos alunos eram falsas, porém nem todas foram vistas como tal pelos alunos na primeira aplicação do questionário.

Após passarem pela experiência de jogar o *Bad News*, então, os alunos voltaram a julgar as mesmas notícias, sendo questionados se manteriam ou repensariam a escala de 01 a 05 atribuída a cada uma das notícias. Neste momento, todos os alunos que julgaram novamente as notícias, sem exceção, repensaram a escala atribuída por eles em relação a pelo menos uma das notícias julgadas, sempre se demonstrando mais sensíveis a notar que se tratava de uma *fake news*.

Por meio de uma análise mais aprofundada e detalhada dos registros, espera-se, ainda, entender os motivos pelos quais os alunos repensaram o seu julgamento das *fake news*, bem como realizar uma descrição sobre a relação dos participantes com as notícias e o seu comportamento frente as *fake news*, pontos estes que foram averiguados por meio das demais perguntas realizadas no restante do questionário.

Desse modo, com sua previsão de conclusão prevista para até julho de 2021, essa pesquisa segue, agora, com a análise dos registros obtidos e contará também com a contribuição dos integrantes do Grupo de Pesquisa CNPq *Práticas de escrita e de reflexão sobre a escrita em diferentes mídias*, liderado pela Prof. Dra. Inês Signorini, do qual o autor faz parte e, por isso, apresentará os resultados dessa pesquisa para discussão conjunta.

Referências

BUZATO, M. *Letramentos Digitais e Formação de Professores*. III CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE: EDUCAÇÃO, INTERNET E OPORTUNIDADES. Memorial da América Latina, São Paulo, mai. 2006.

COUTINHO, P. *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Almedina: Coimbra, 2011.

GRACE, L.; HONE, B. Factitious: Large Scale Computer Game to Fight Fake News and Improve News Literacy. In: CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, *Extended abstracts*. Glasgow, Scotland, UK. ACM, New York, NY, USA. Maio, 2019.

ROBSON, C. *Real World Research: A Resource for Social Scientists and Practitioner-Researchers*. 2nd ed. Blackwell Publishing: UK, 2002.

SHARMA, K.; QIAN, F.; JIANG, H.; RUCHANSKY, N.; ZHANG, M.; Liu, Y. *Combating Fake News: A Survey on Identification and Mitigation Techniques*. ACM Trans. Intell. Syst. Technol. 37, 4, Article 111. Ago, 2018.

SHU, K.; SLIVA, A.; WANG, S.; TANG, J.; Liu, H. *Fake News Detection on Social Media: A Data Mining Perspective*. ACM SIGKDD Explorations, 2017.

URBAN, A.; HEWITT, C.; MOORE, J. *Fake It to Make It: Game-based Learning and Persuasive Design in a Disinformation Simulator*. CONFERENCE: ASSOCIATION FOR EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY 2018. Kansas City, MO. Nov, 2018.

VALERO, P.; OLIVEIRA, L. *Fake news: una revisión sistemática de la literatura*. Observatorio (OBS*) Special Issue, 054-078, 2018.

ANÁLISE DE DOIS PERFIS DO TWITTER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS PRIMEIROS TRÊS MESES

Amanda Toledo do Prado Paes³⁹ – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

Luisa Massarani⁴⁰ – Casa de Oswaldo Cruz e Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia /FIOCRUZ

Vanessa Brasil⁴¹ – Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia/FIOCRUZ

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a repercussão de informações sobre o novo coronavírus e a doença causada por ele, COVID-19, no Brasil, por meio da análise de perfis da rede social *Twitter*. Nosso objetivo é analisar dois perfis que podem ser considerados fontes confiáveis de informação sobre o tema do novo coronavírus e que também tratam de duas dimensões diferentes da pandemia, a primeira seria uma dimensão de ciência e a segunda uma dimensão social. Para a dimensão científica, analisamos o perfil da Organização Mundial de Saúde (@WHO) e para a dimensão social analisamos o perfil do *Twitter Moments Brasil* (@MomentsBrasil). Analisamos os três primeiros meses de 2020 de cada perfil, buscando observar diferentes estágios de comunicação sobre o novo coronavírus entre os perfis, verificando desde quando ainda era uma suspeita de um novo tipo de pneumonia, em janeiro, até o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, em março. Assim, foi realizada uma análise de discurso após a coleta manual (*printscreens*) de *tweets* do perfil da OMS e dos *moments* do perfil *Twitter Moments Brasil* do período de janeiro a março de 2020. A partir da análise dos dados coletados foi possível notar diferentes narrativas da divulgação científica entre esses dois perfis que mostram distintas comunicações no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Divulgação Científica. COVID-19. Redes Sociais. Twitter.

Abstract:

This paper aims to analyze the repercussion of information regarding the novel coronavirus and its disease, COVID-19, in both Brazil and the world, by analyzing profiles from the social media *Twitter*. Our goal is to analyze two profiles that can be considered reliable sources of information regarding the novel coronavirus, and can also be related to two different dimensions of the pandemic, the first one is the scientific dimension and the second one is the social dimension. For the scientific dimension it was analyzed the profile of the World Health Organization (@WHO) and for the social dimension it was analyzed the profile of *Twitter Moments Brazil* (@MomentsBrasil). It was analyzed the first three months of 2020 in each profile, with the means of observing different stages of communication about the novel coronavirus between the profiles, analyzing from when there was only a suspicion of new kind of pneumonia in January until President Jair Bolsonaro's statement in March. Therefore, it was used a discourse analysis after a manual data collection (*printscreens*) of tweets from WHO and moments from

³⁹ Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense e mestranda em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: amanda.tp.paes@gmail.com.

⁴⁰ Doutora em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBqM/UFRJ), Brasil. Coordenadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e docente do mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Bolsa Produtividade do CNPq 1B e Cientista do Nosso Estado da Faperj. E-mail: luisa.massarani8@gmail.com.

⁴¹ Doutora pelo Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do INCT - Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia e colaboradora do Núcleo de Estudos de Divulgação Científica do Museu da Vida, Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: vanessabrasilcarvalho@gmail.com.

Moments Brazil throughout the period of January up until March of 2020. By the analysis of the collected data, it was possible to notice different narratives of science communication between the two profiles that show different communication in both Brazil and the world.

Keywords: Science Communication. COVID-19. Social Media. Twitter.

Introdução

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de COVID-19. Um ano essencial para a ciência não apenas em razão do acelerado avanço científico e tecnológico em busca de identificação, tratamento e imunização, mas também pensando em como ela está sendo comunicada e como ela está sendo debatida pela sociedade. Em todas as mídias, o assunto da pandemia é colocado em pauta, seja na televisão, na mídia impressa ou nas redes sociais. E isso ocorre pelo impacto que a pandemia teve em nossas vidas, tanto no último ano, quanto nos anos que virão. É um momento histórico na humanidade e na divulgação científica.

Pensando em redes sociais, em especial o *Twitter*, é possível observar o debate que ocorre sobre a pandemia e como ele é mobilizado pelos diferentes setores da sociedade. Por isso, o objetivo deste estudo é analisar como essas duas dimensões, da ciência e da sociedade, afetam e são afetadas pela pandemia e repercutem as informações sobre o novo coronavírus no *Twitter*. Para isso analisaremos dois perfis que refletem essas duas dimensões: o perfil da Organização Mundial de Saúde (@WHO) para a dimensão científica, numa perspectiva internacional, e o perfil do *Twitter* Moments Brasil (@MomentsBrasil) para a dimensão social, numa perspectiva nacional.

1. Metodologia

1.1 Escolha de perfis

A escolha dos perfis ocorreu em razão das relações de força presentes nos diferentes discursos que surgiram durante a pandemia. Essa relação presume que determinados sujeitos possuem mais autoridade em um determinado tópico devido ao caráter hierarquizado das relações da nossa sociedade, sendo marcadas também por relações de poder (ORLANDI, 2012). Portanto, foram selecionados perfis que não apenas fossem reconhecidos pelo seu conteúdo, mas também pela figura de autoridade que representam para determinado público sobre determinado tópico.

A OMS foi escolhida por ter esse caráter de figura de autoridade em saúde no mundo. Esse perfil possui uma função de divulgação científica institucional, ou seja, a sua função enquanto perfil de divulgação científica é a de fazer trabalho de relações públicas em nível

internacional. Isso significa fazer comunicados sobre a instituição, como transmissão de eventos ou fazer anúncios, além de fazer atividades de divulgação pontuais, sem abrir muito espaço para interatividade com outros usuários (SU *et al.*, 2017; UREN; DADZIE, 2015). O perfil da OMS, portanto, se insere no objetivo de analisar um perfil que esteja na dimensão científica encontrada no *Twitter* e que possui a autoridade reconhecida para divulgar as informações confiáveis sobre a COVID-19.

O segundo perfil, Moments Brasil, foi escolhido pela sua autoridade reconhecida no *Twitter* como uma fonte confiável de qualquer assunto que seja relevante em discussões que estejam em voga na rede social; o que inclui desde eventos de premiação ou destaque de *tweets* que viralizaram na rede, até as atualizações mais recentes sobre algum acontecimento, como um ataque terrorista, mantendo um fluxo constante de atualizações de eventos para manter a atenção do público.

O perfil tem como característica usar seus *moments* para promover o debate, colocando diferentes lados da mesma história e fazendo um trabalho constante de compartilhamento de checagem de fatos. Faz parte da política de curadoria realizada pelo perfil a imparcialidade, a precisão, a correção e as normas de conduta. Isso significa um compromisso com “alto padrão de precisão, imparcialidade e justiça” (TWITTER, 2021), numa tentativa de posicionar a empresa e o perfil como mensageiros neutros da informação, evitando conflitos de interesse comerciais e de conteúdo, ao promover a pluralidade do debate com diferentes atores de destaque sendo exibidos na discussão e corrigindo as informações quando necessário. Além disso, os seus *moments* estão disponíveis para todos os usuários na página de busca e para muitos usuários esta é uma forma de se atualizar sobre as notícias do mundo, já que há sempre atualizações sobre os assuntos mais comentados e populares no *Twitter* e as principais notícias do dia (DUGUAY, 2018).

Para a Análise de Discurso, os *moments* criados por esse perfil são muito importantes para entender a pluralidade de discursos que são feitos pelos usuários num cenário como o *Twitter* (LEMOS, 2008). Dessa maneira, Moments Brasil é ideal para compreender a dimensão social da pandemia no *Twitter*, pensando não apenas as notícias que estão sendo compartilhadas e que são relevantes, mas também mostrando como os próprios usuários estão reagindo a elas.

1.2 Procedimentos metodológicos

Para a extração de dados da análise foram coletados os *tweets* de janeiro a março de 2020. Como nesse período o termo coronavírus ou COVID-19 não era frequente, especialmente

em janeiro, não encontramos os termos em palavras-chave ou hashtags. Portanto, o recorte para este trabalho foi feito por meio de uma *research search*, ou seja, uma pesquisa utilizando termos relacionados a um assunto específico (GUHA; MCCOOL; MILLER, 2003), realizada a partir de uma seleção visual dos *tweets* que descreviam situações relacionadas ao novo coronavírus, a doença, o contágio, a quarentena e a eventual pandemia. A coleta desses *tweets* foi realizada por meio de capturas de tela pelo aplicativo Evernote, onde foram organizados por data e assunto. Dessa forma, o corpus para análise consiste em 166 *tweets* da OMS e 314 do Moments Brasil, totalizando 480 *tweets*⁴².

Para a análise desse *corpus* foi utilizada a Análise de Discurso (ORLANDI, 2012). O primeiro passo para a análise foi a partir desses *tweets* fazer uma descrição das *threads* e dos *moments* em que eles estão inseridos, para que contextualizasse e resumisse o que cada *thread* ou *moment* estava se referindo, visto que muitos deles continham imagens e vídeos que também precisavam passar pelo processo de descrição. Para isso, todos os *moments*, *threads* e *tweets* foram resumidos em um texto, sendo descritos os assuntos mais relevantes de cada dia a fim de filtrar informações não relacionadas ao tema de COVID-19 e, portanto, não relevantes para análise, como ocorria em *lives* diárias da OMS em que mencionavam outros assuntos de saúde, como uma participação do diretor-chefe em um evento sobre Ebola, por exemplo, ou em *moments* em que o novo coronavírus aparecia brevemente, o que permitia resumir e inserir o contexto do *moment* e como se relaciona com a pandemia.

Após esse processo, foram destacados em cada dia quais tópicos de informação eram compartilhados ou postados, como, por exemplo, se eram *tweets* que informavam medidas de prevenção ou atualizações da situação da doença em termos de casos e mortes, entre outros. Os tópicos que apareciam com mais frequência constituem o *corpus* de análise utilizado para a construção de uma narrativa.

Em seguida, iniciou-se o processo de interpretação e de-superficialização dos tópicos, onde começa a análise de quem diz, o que diz e em que circunstâncias diz o discurso que vai ser analisado (ORLANDI, 2012). A última etapa desse processo de interpretação é a análise de processo discursivo, em que ocorre a associação do que foi dito com a historicidade e ideologia da fala (ORLANDI, 2012). Com a conclusão de todas as etapas de análise foi possível, a partir de uma abordagem sociopolítica, observar quais narrativas foram criadas sobre a COVID-19 nesses primeiros meses, tanto em âmbito científico internacional quanto nacional.

⁴² Cada *tweet* do perfil Moments Brasil corresponde a um *moment*, ou seja, um compilado de *tweets* curado pelo perfil. Alguns *moments* são ao vivo, ou seja, estão sendo atualizados desde o início da pandemia, o que impossibilita a recuperação desses dados. Nesses casos apenas o *tweet* está sendo levado em conta na análise.

2. Narrativas nos primeiros três meses

2.1 Janeiro

A narrativa de janeiro da OMS pode ser definida pela preocupação, prevenção, informação e atualização. A preocupação pelos números alarmantes de casos que começam a crescer na China e rapidamente começam a ser espalhados pelo mundo. Além disso, é possível observar uma preocupação da OMS com a maneira que o mundo vai reagir com a China e como uma possível estigmatização do povo chinês, o que pode ser notado pelas diversas vezes em que o diretor-chefe da OMS, dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, faz elogios à eficácia da China em detectar, repassar informações e talvez até conseguir controlar a doença.

A prevenção aparece nos diversos *tweets* sobre cuidados e prevenção. Lavar as mãos, manter distanciamento, cozinhar bem a carne, entre outras formas de prevenção contra doenças aparecem diversas vezes durante o mês, sendo mencionada, “tweetada” ou o link com a *thread* sobre prevenção sendo usado em outras *threads*.

A informação surge no cenário em que vivemos de pós-verdade e *fake news*, em que há uma desconfiança com a ciência (COSTA, 2017). Os *tweets* da OMS refletem diversas vezes a importância da transparência e da confiança no processo científico. Exemplos disso são elogios ao esforço coletivo de compartilhar o sequenciamento genético do vírus pela China e também as constantes postagens desmentindo as diversas *fake news* sobre o novo coronavírus, como se comer alho previne a doença ou se antisséptico bucal mata o vírus.

Finalmente, percebe-se a constante atualização das informações sobre o novo coronavírus. Isso inclui não apenas informações sobre a doença em si, como taxa de gravidade ou a origem, mas inclui também as diferentes pesquisas, investigações e missões que foram feitas para chegar a essas novas informações sobre o novo coronavírus. Inclui-se também as constantes postagens sobre a atualização de número de novos casos e mortes, tanto na China quanto no mundo.

De modo geral, a OMS demonstra um esforço em fazer uma divulgação de informações sobre a doença e também uma comunicação de medidas a serem tomadas desde o princípio da então epidemia. O mesmo não acontece com o perfil do Moments Brasil. Por não ser um perfil focado em saúde, principalmente no âmbito internacional, a doença passou despercebida pelo perfil o mês de janeiro quase inteiro. Apenas em 20 de janeiro o perfil noticia um “vírus misterioso” na China, anunciando que é uma doença respiratória que já teve casos em mais três países na Ásia além da China. Os *moments* estão sempre em tom chocante, com ênfase no crescimento dos casos e mortes, utilizando frases como “deixou o país em estado de alerta”.

Figura 1 – Segmento de *thread* do perfil @WHO sobre colaboração da China ao compartilhar o sequenciamento genético do novo coronavírus e como essa informação pode influenciar no combate à doença



Fonte: Perfil oficial da OMS no *Twitter* (@WHO)⁴³

Ao se referir à China, os *moments* mostram a situação do país além dos dados científicos. Vídeos mostrando as ruas chinesas e até mesmo a imagem de um âncora de jornal usando máscara, além de relatos de brasileiros que estão em Wuhan, são exemplos da dimensão social que está sendo afetada pelo vírus.

O perfil, por meio dos *moments*, reforça a ideia de que a crise ainda é algo distante de nós, brasileiros, por ainda ter casos apenas na Ásia. Com o surgimento de casos nos EUA e na Europa, surge uma aproximação da doença com o ocidente e uma preocupação da preparação do Brasil para receber o vírus.

Os *moments* demonstram que havia um preparo para a chegada do novo coronavírus por parte da Anvisa. Havia também um controle de casos suspeitos e preparação em aeroportos e portos para receber possíveis casos vindos da China, além de uma preocupação em evitar desespero desnecessário, já que haviam casos suspeitos no Brasil desde de dezembro de 2019 que foram descartados. De modo geral, tudo indicava que o Brasil estava pronto para entrar com os protocolos de prevenção de uma situação como essa de emergência de saúde.

Além disso, os *moments* também fizeram várias menções ao que é o novo coronavírus e a como se prevenir. Informações sobre o que se sabia até o momento, atualizações constantes

⁴³ Disponível em: <<https://twitter.com/WHO/status/1216108498188230657?s=20>> e <<https://twitter.com/WHO/status/1216110920721629192?s=20>>. Acesso em 8 de jun. de 2021

de novos dados e de suspeitas de especialistas sobre a doença e o vírus, além de combate às *fake News*, foram tópicos que marcaram presença durante o mês de janeiro nesse perfil.

Figura 2 – Resumo do conteúdo de *moment* no qual há um vídeo dos cidadãos de Wuhan aplaudindo os profissionais de saúde



Fonte: Moments Brasil do *Twitter* (@MomentsBrasil)⁴⁴

O que podemos perceber nesse primeiro mês, apesar da defasagem da importância dada à doença e a informações sobre ela do Moments Brasil em comparação à OMS, é uma concordância entre os dois perfis de quais são os temas mais relevantes sobre essa nova doença que está afligindo o mundo. Ambos reportam as mesmas novidades sobre a doença, as mesmas atualizações de medidas de prevenção e aparentam caminhar para o mesmo caminho para a resolução desse problema.

2.2 Fevereiro

A partir de fevereiro de 2020, as narrativas da OMS e o Moments Brasil começam a divergir. Enquanto a OMS está preocupada com países com o sistema de saúde frágil, a falta de EPI no mundo, a estigmatização e o alerta aos países para se preparem, o que acompanhamos nos *moments* é uma preocupação com a vida cotidiana e o medo que assola com a aproximação da doença.

Além dos quatro tópicos anteriores que permanecem sendo importantes nas postagens da OMS, as palavras do mês de fevereiro são “janela de oportunidade” e “solidariedade”. A

⁴⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/i/events/1222581203666010112>>. Acesso em 8 de jun. 2021

mensagem de janela de oportunidade é de que é possível conter a doença, pois ainda não está num estado tão crítico de contágio e nem está em tantos países. É o momento de valorizar a ciência e seguir, tanto as recomendações de prevenção, quanto o protocolo essencial de isolar, conter, diagnosticar e testar. É o momento de uma cooperação global em pesquisa científica para descobrir mais sobre a doença e assim desenvolver tratamentos seguros. É preciso perceber que o investimento em ciência não é um gasto desnecessário, porque se economiza no futuro e, com isso, se evita que hajam outras crises subsequentes de uma pandemia, como um possível impacto social e econômico ou a preocupação da OMS em falta de EPIs para os profissionais de saúde. O momento para conter a doença e evitar uma crise maior é agora.

Já a solidariedade ocorre num sentido de estender a mão para os países com sistemas de saúde mais frágeis, ou seja, prevenir um surto maior para que não morram muitas pessoas nesses países que não conseguem controlar uma crise de saúde como um país desenvolvido. De modo geral, a OMS reforça um esforço global pela cooperação, tanto científica, quanto financeira e política, já que, ao que podemos observar no fim do mês, com casos em 49 países e a diminuição de casos na China, a COVID-19 é um problema global em que os países devem estar prontos para receber e que devemos combater unidos.

Figura 3 – Segmento de *thread* de transcrição de pronunciamento do Dr. Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, durante a sessão de encerramento do Conselho Executivo da organização



Fonte: Perfil oficial da OMS no *Twitter* (@WHO)⁴⁵

Ao contrário do caráter globalizado das preocupações da OMS, o perfil Moments Brasil na maior parte do mês de fevereiro ainda foca em dados da China, mas os *moments* refletem em maior medida um interesse em compartilhar a situação na China em relação aos casos e mortes e o que se sabe até então. Esse cenário muda apenas com a aproximação da epidemia com o Ocidente, com os primeiros casos na Europa, quando há o compartilhamento de notícias sobre situações em outros países e de casos suspeitos no Brasil, além da repatriação de brasileiros e, finalmente, no fim do mês, o primeiro caso no Brasil.

⁴⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/WHO/status/1226159658454396929?s=20>>. Acesso em 8 de jun. de 2021

Outras notícias desse período são sobre como um número alarmante de casos confirmados ou suspeitos estão afetando a vida das pessoas, principalmente na Ásia. Exemplos disso são os cancelamentos de eventos como GP da Fórmula 1 na China, o cancelamento de shows do grupo de k-pop BTS em Seul, ou o cancelamento das celebrações do ano novo chinês em São Paulo. Além disso, alguns eventos compartilhados pelo perfil mostram a preocupação das pessoas em terem suprimentos o suficiente para passar por essa, até então, epidemia. Na Itália, os cidadãos italianos começaram a fazer estocagem de comida, enquanto em Hong Kong uma gangue roubou 600 rolos de papel higiênico. No Brasil, foi possível notar um aumento de preços de itens como máscara e álcool em gel.

Figura 4 – Resumo de conteúdo de *moment* divulgando primeira morte fora da Ásia, marcando o início de postagens mais focadas no Ocidente



Fonte: Moments Brasil do *Twitter* (@MomentsBrasil)⁴⁶

Há também postagens sobre ciência e no reforço a informações que são baseadas em fatos científicos. Ao longo do mês são feitas diversas postagens desmistificando *fake news* e trazendo informações sobre a doença, como estudos que foram para determinar o grupo de risco e informações sobre sintomas e prevenção, temas também constantes no perfil da OMS. No final do mês, um *moment* foi criado para falar sobre o sequenciamento genético do vírus feito por pesquisadores da USP e de Oxford em 48 horas, lembrando da importância da ciência brasileira.

⁴⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/i/events/1228623056026779648>>. Acesso em 8 de jun. 2021

2.3 Março

Nesse último mês analisado em nosso estudo, observamos uma diferenciação entre as narrativas da OMS e do Moments Brasil. A OMS deixa de focar na situação que já está controlada em Wuhan e passa a concentrar suas postagens num âmbito mais global, visto que é nesse período que é declarada pandemia, ou seja, uma epidemia global. Ao mesmo tempo, o Brasil começa a efetivamente ser afetado pelo novo coronavírus. Ações de prevenção são aplicadas, uma nova realidade, ou até um “novo normal”, surge nesse período e enquanto o brasileiro tenta se adaptar a essa nova realidade, o país ainda enfrenta controvérsias causadas pelo presidente Jair Bolsonaro por negar evidências científicas repetidas vezes.

O mês de março para a OMS se resume a ações de prevenção e evitar que aconteça a transmissão comunitária. A OMS acreditava que essa poderia ser a primeira pandemia controlada e que os países, que há décadas se preparam para uma situação como essa, precisam agir e tomar as atitudes para controle. Para isso, ela desenvolve diversos protocolos para serem seguidos: de prevenção, de pesquisa, de ações do governo, de ajuda aos países que precisam de auxílio financeiro (por parte do FMI), de guias para escolas e professores etc. A OMS tem uma missão clara: agir para evitar o pior. Teste em massa, localização das pessoas infectadas e rastreamento das pessoas com quem tiveram contato são a recomendação da OMS nesse momento. A contenção é a prioridade e é uma responsabilidade de todos os países. A OMS também reconhece a dificuldade em balancear a administração dessa crise com outros problemas econômicos e sociais que diversos países enfrentam e por isso está se esforçando para diminuir essas diferenças para que os países estejam mais prontos para enfrentar o vírus.

Figura 5 – Segmento de *thread* de transcrição de *live* diária da OMS com a imprensa



Fonte: Perfil oficial da OMS no *Twitter* (@WHO)⁴⁷

Enquanto isso, novas pesquisas continuam mostrando resultados e atualizações sobre a doença, que estão sendo comunicadas para o público. Nesse trabalho de comunicação se insere,

⁴⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/WHO/status/1239581568101945348?s=20>>. Acesso em 8 de jun. de 2021.

mais uma vez, as ações de combate às *fake news* e também a preocupação em não estigmatizar um povo pela doença, como as *fake news* que associam diretamente a doença à China ou oferecem curas milagrosas.

Se os brasileiros antes observavam a COVID-19 como um problema distante, em março o país se encontra bem no olho do furacão. Os números crescentes de casos fizeram com que o país logo iniciasse medidas de prevenção contra o novo coronavírus – ainda que de forma desconcertada em seus esforços nacional, estaduais e municipais. Embora de maneira diferenciada de acordo com a parte do país em que vivem e sua inserção social, os brasileiros passaram a conviver com medidas como cancelamento de aulas presenciais e eventos, isolamento social e *home office*. Muitos *moments* são criados com o intuito de mostrar como está sendo a vida em isolamento dos usuários da rede social, falando de como é a vida em quarentena, quais os planos para quando ela terminar, entre outros, e também levar informações sobre a saúde mental nesses momentos difíceis.

O Moments Brasil mostra também como a vida de muitos brasileiros foi afetada financeiramente devido a essas medidas. Há uma crescente preocupação com a economia ser prejudicada com as medidas de isolamento em diferentes partes do país e o Moments Brasil mostra uma dificuldade do governo federal em criar medidas que assegurassem que o trabalhador e o empresário teriam renda no período de isolamento. O perfil também mostra o que está sendo feito em outros países e expõe debates do que poderia ser feito no Brasil. Em alguns *moments*, o perfil ressalta que *home office* é um privilégio para poucos, expondo discussões sobre os brasileiros que são trabalhadores informais, como motoristas de aplicativo, entregadores e empregadas domésticas ou diaristas. O perfil traz relatos de pessoas que não podem fazer isolamento social pois precisam sair de casa para terem como alimentar a família.

Além disso, a pandemia se torna uma questão política no Brasil. Pelo perfil Moments Brasil, é possível ver como o presidente incentiva aglomerações em manifestações e aparece em uma manifestação com suspeita de COVID-19. Além de incentivar o uso de um medicamento em que não há comprovações científicas de sua eficácia e ignorar recomendações da OMS sobre isolamento social. O presidente também entra em conflito com governadores e até mesmo o ministro da saúde sobre medidas de prevenção e reação à pandemia. Todas essas ações e reações chegam ao ápice durante o pronunciamento de 24 de março de 2020, em que o presidente Jair Bolsonaro minimiza a gravidade da doença e diz que é apenas uma “gripezinha”.

Em meio a este cenário, diversas vezes o Moments Brasil cria e compartilha *moments* de outros perfis que apresentem informações embasadas na ciência. São vários *moments* sobre

os diferentes tipos de isolamento, sobre a eficácia do isolamento, de prevenção, de atualização sobre informações sobre o vírus, relatos de cientistas sobre essas atualizações e um constante trabalho de adicionar às falas do presidente e do governo as informações corretas baseadas em evidências científicas.

Figura 6 – Resumo de conteúdo de *moment* de checagem de fatos



Fonte: Moments Brasil do *Twitter* (@MomentsBrasil)⁴⁸

Considerações finais

As narrativas dos dois perfis analisados neste estudo, a saber World Health Organization (@WHO) e *Twitter* Moments Brasil (@MomentsBrasil), seguiram caminhos diferentes de suas propostas enquanto perfis de comunicação de instituições – OMS e *Twitter* Brasil – durante esse primeiro período da pandemia, muitas vezes ampliando o escopo de informações que o perfil se propunha a compartilhar. Apesar de manterem alguns temas constantes em suas postagens, como as atualizações de dados sobre casos e mortes, atualizações sobre a doença e o vírus e também sobre combate às *fake news*, as postagens mostram os caminhos que a pandemia tomou numa escala global e nacional.

A OMS iniciou suas publicações num contexto local, um surto de uma nova doença em uma cidade na China. Desde o início, entretanto, a organização alerta o mundo de uma possível pandemia e que é preciso que não se poupem esforços para que a situação seja controlada. Conforme o avanço da doença, o foco de atenção da OMS aumenta geograficamente: primeiro

⁴⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/i/events/1240287674772013057>>. Acesso em 8 de jun. 2021

apenas a China, depois a Ásia, a Europa e, por fim, o mundo todo, mas sem nunca esquecer os países mais frágeis. A OMS, como uma instituição de saúde e ciência, utiliza seus conhecimentos acumulados com o tempo para preparar o mundo sobre uma doença ainda completamente nova, enquanto incentiva que, não apenas os cientistas foquem seus esforços, mas que os governos estejam prontos para investir na ciência e evitar uma crise maior.

O perfil Moments Brasil é um recorte do que a sociedade brasileira, em especial a comunidade brasileira no *Twitter*, está discutindo sobre a COVID-19. Apesar da defasagem de informações, é possível notar que os *moments* do perfil fazem um caminho de aproximação da doença com o país, surgindo na distante China, se aproximando do Ocidente com casos na Europa e nos EUA e finalmente chegando no Brasil, causando profundas mudanças na sociedade brasileira, tanto sociais quanto econômicas e políticas.

Os diferentes conteúdos dos perfis selecionados mostram a complexidade do tema da pandemia de COVID-19, pensando em como se convergem e se distanciam, em temas da ciência e da divulgação científica e também da sociedade. Muitas vezes o perfil da OMS fala da sociedade e muitas vezes o perfil do Moments Brasil fala de ciência. Não é um sistema binário de ciência e sociedade, e é essencial pensar numa integração do tema de ciência com a sociedade para entender como um afeta o outro e vice-versa.

Referências

COSTA, A. From Ear Candling to Trump: Science Communication in the Post-Truth World. *Spokes*, v. 27, p. 1-12, 2017.

DUGUAY, S. Social media's breaking news: the logic of automation in Facebook Trending Topics and Twitter Moments. *Media International Australia*, v. 166, n. 1, p. 20-33, 2018.

GUHA, R.; MCCOOL, R.; MILLER, E. Semantic search. In: *Proceedings of the 12th international conference on World Wide Web*. 2003. p. 700-709.

LEMOS, L. O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter. *Jornada internacional de estudos do discurso*, v. 1, 2008.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes, 2012.

SU, Leona Yi-Fan et al. Information-sharing and community-building: Exploring the use of Twitter in science public relations. *Science Communication*, v. 39, n. 5, p. 569-597, 2017.

TWITTER. *Diretrizes e princípios dos Moments do Twitter*, 2021. Central de Ajuda. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-moments-guidelines-and-principles>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

UREN, V.; DADZIE, A. Public science communication on Twitter: A visual analytic approach. *Aslib Journal of Information Management*, v. 67, n. 3 p. 337–355. 2015.

NOTÍCIAS FALSAS COMO ARTIFÍCIO DE DIFAMAÇÃO: *FAKE NEWS* DE TEMAS SEXUAIS COMO ESTRATÉGIA CONSERVADORA NO CONTEXTO DAS GUERRAS CULTURAIS

Gustavo Bianchini⁴⁹ – Universidade de São Paulo

Resumo:

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que estuda a utilização de postagens falsas, em meios digitais, que objetivam associar grupos e pessoas a crimes e temas sexuais como artifício de difamação. A produção de desinformações faz parte de uma estratégia para criação de atmosfera de crise, ameaça e pânico moral, favorecendo populistas conservadores, que estão em ascensão ao redor do mundo. Embora esta tática não seja recente, ela vem se intensificando nos últimos anos com a expansão do acesso à internet e à grande penetração das redes sociais e dos aplicativos de mensagens. Vozes de pessoas comuns passaram a fazer frente às de instituições já estabelecidas, grupos antes praticamente ignorados passaram a ser ouvidos e o processo democrático vive uma transformação irreversível. Não é mais necessário um governo fascista ou uma grande organização para que esse artifício seja utilizado com êxito por conservadores. Através de revisão bibliográfica, análises textuais e de signos não linguísticos, este estudo visa compreender o histórico recente do uso desta cruzada de difamação, analisando a retórica adotada e os fluxos de produção e disseminação destas desinformações.

Palavras-chave: Desinformação. Mídias Digitais. Difamação. Guerras Culturais.

Abstract:

This research is part of a research project that study the usage fake news, in digital media, that has the objective of association between groups and people to crimes and sexual themes as an artifice of defamation. The production of disinformation is part of a strategy to create a crisis atmosphere, threat and moral panic, that favors conservative populists, on ascension around the world. Although this tactic is not new, it has been intensifying in recent years with the expansion of the access to the internet and the penetration of social networks and messaging apps. Voices of ordinary people came to stand against those of established institutions, groups that were practically ignored started to be heard and the democratic process is undergoing an irreversible transformation. It is no longer necessary a fascist government or a large organization to conservatives use this device successfully. Through bibliographic review, textual analysis and non-linguistic signs, this study aims to understand the recent history of the use of defamation crusade, analyzing the rhetoric adopted and the production and dissemination flows of this disinformation.

Keywords: Disinformation. Digital Medias. Defamation. Cultural Wars.

Introdução

O uso político de notícias falsas sobre estupro, pedofilia e a ofensiva de relacionar estes crimes a minorias, como negros, judeus, homossexuais e transexuais não é recente em nossa história. O desenvolvimento de um ambiente alarmista, onde medo e conflitos são produzidos

⁴⁹ Bacharel em Marketing pela Universidade de São Paulo, pós-graduado em Gestão pela Fundação Instituto Administração em Economia Comportamental pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Aluno especial do programa de pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. E-mail: gustavo@bianch.com.br

por teorias conspiratórias, é comum entre governos fundamentalistas, estando presente no contexto das guerras culturais (HUNTER, 1991) e sendo utilizada por grupos de direita e religiosos como forma de promover moralidade sexual (MORONE, 2004). Governos fascistas e grupos conservadores se utilizam desta forma de conspiração há anos, como a Alemanha Nazista que buscava relacionar estupros aos Judeus (STANLEY, 2018), ou os Estados Unidos onde a estratégia de acusar falsamente negros de estupro vem sendo utilizada por muitos anos, desde a Ku Klux Klan até os dias de hoje.

Este processo vem se intensificando nos últimos anos, através do advento da internet e dos recursos dela provenientes, os fluxos de comunicação e informação foram modificados, barreiras foram encurtadas e relações sociais sofreram significativas alterações. Um estado totalitário ou organizações conservadoras não são mais fundamentais para que esse expediente seja empregado com sucesso. É o caso de Jacob Blake, baleado sete vezes por policiais em agosto de 2020, que foi alvo de notícias falsas vinculando seu nome com um suposto mandado de prisão por pedofilia, em fóruns, sites ultrapartidários e redes sociais⁵⁰.

Já no Brasil, estratégia semelhante é usada por grupos conservadores contra críticos e adversários ideológicos nas guerras culturais, buscando difamá-los e, ainda que não convençam o público de que aquela notícia é verdadeira, conectam o nome de seu alvo com delitos sexuais (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018) ou outro comportamento que parte das pessoas julgue como negativo, mesmo que não seja correspondente a um crime.

As notícias falsas trazem um potencial de deterioração da esfera pública e são nocivas à democracia (MACHADO *et al*, 2020), no entanto, este fenômeno de reestruturação epistêmica não afeta os dois lados do debate da mesma forma. Seu uso para fins políticos não é um evento recente, conforme citado anteriormente políticos populistas já utilizam esta artimanha há muito tempo, mas a internet amplificou essa prática, retirou a exclusividade de líderes e a compartilhou com pessoas comuns. A divisão de dois grupos diferentes, antagonistas morais, onde o povo puro (cidadão de bem) deve combater a elite corrupta (MUDDE, 2004) é característica desta prática política e está presente em nosso contexto atual.

Nas eleições de 2018, o nome de Fernando Haddad foi associado ao “Kit Gay”⁵¹, “Bolsa Travesti” e o meme da “Mamadeira Erótica”, antes disso Olavo de Carvalho associou Caetano

50 FACT Check: Jacob Blake does not have an arrest warrant for having sex with a minor. *Reuters*. Londres, 2020. Disponível em <https://www.reuters.com/article/uk-factcheck-jacob-blake-sex-minor>. Acesso em: 18 out. 2020.

51 FIGUEIREDO, Patrícia. Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou ‘kit gay’. *EL PAÍS Brasil*. Brasil, out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html. Acesso em: 8 set. 2020.

Veloso à pedofilia e o Movimento Brasil Livre (MBL) conseguiu encerrar a exposição “Queermuseu”⁵² ao conectá-la com pedofilia e zoofilia, servindo inclusive como base para um projeto que visa impedir nudez em expressões artísticas e culturais. Já em 2020, o youtuber Felipe Neto, os movimentos feministas e LGBTQIA+⁵³ foram alvos de *fake news* sobre um plano de introdução à pedofilia através da ideologia de gênero, conspiração importada de fóruns norte-americanos e adaptada ao contexto brasileiro.

Exemplos destas artimanhas de desinformação são explorados em todo o mundo, principalmente em regimes com características totalitárias e conservadoras. Em Uganda, minorias sexuais são retratadas como figuras sem deus, não africanas e como parte de um projeto imperialista ocidental⁵⁴. Já em Mianmar, uma série de notícias falsas relacionadas a crimes sexuais foram propagadas no *WhatsApp*, para justificar a operação de limpeza étnica e repressão militar contra os muçulmanos rohingya⁵⁵.

É importante ressaltar que essas associações não são realizadas apenas com crimes, mas também com questões consideradas negativas por parte da sociedade. Notícias falsas relacionadas à ideologia de gênero, por exemplo, se tornaram frequentes nos últimos anos, com picos em períodos eleitorais e em fluxo crescente após as manifestações de 2013 (CORRÊA; KALIL, 2020a), partindo principalmente de sites religiosos e se difundindo em jornais de grande circulação e redes sociais.

Ataques sobre a vida sexual de mulheres são outra pauta recorrente, Patrícia Campos Mello foi vítima de um falso vídeo pornográfico após sua reportagem sobre a compra de envios de mensagens em massa, na campanha de Bolsonaro de 2018. Já em 2020, a youtuber Laura Sabino teve seu nome associado a outro vídeo pornográfico e foi alvo de ataques na internet por grupos conservadores, Laura possui um canal que fala sobre política e é defensora do socialismo⁵⁶.

52 FIDELIS, Gaudêncio. Queermuseu e o Enfrentamento do Fascismo [...]. *Revista Iluminuras*, v.19, n46. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/85261/49081>. Acesso em: 5 set. 2020.

53 MENEZES, Luiz Fernando. São Falsos tweets atribuídos a Felipe Neto [...]. *Aos Fatos*. Brasil, jul. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/sao-falsos-tweets-atribuidos-felipe-neto-com-apologia-pedofilia/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

54 STRAND, Cecilia; SVENSSON, Jakob. “Fake News” on Sexual Minorities is “Old News”: A Study of Digital Platforms as Spaces for Challenging Inaccurate Reporting on Ugandan Sexual Minorities. *AJS*, 2019.

55 STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política de “nós” e “eles”*. Porto Alegre. L&PM Editores, 2018.

56 BARDELLA, Ana. Youtuber tem nome associado a vídeo pornô e sofre ataques virtuais. *UOL*. São Paulo, set. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/13/youtuber-tem-nome-associado-a-video-porno-e-sofre-ataques-virtuais.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.

No atual contexto político-social, associado à difusão das mídias digitais e à capacidade de mobilização de grupos extremistas, esse artifício de difamação tem um grande potencial deletério em uma estratégia de desdemocratização, censura e silenciamento no Brasil, como já ocorrido nos Estados Unidos (CORRÊA; KALIL, 2020a).

1 Associação entre o projeto anti-homofobia e o termo Kit Gay

A eleição presidencial de 2018 foi marcada pela grande propagação de notícias falsas por meios digitais. Em um cenário de alta penetração de redes sociais e aplicativos de mensagens nenhuma *Fake News* circulou tanto como o “kit gay” e suas variações⁵⁷, em seus mais diversos formatos audiovisuais e textuais. O então candidato Jair Bolsonaro por exemplo chegou a afirmar em entrevista que Fernando Haddad “criou o Kit Gay”⁵⁸ e apresentou o livro *Aparelho Sexual e Cia.* no Jornal Nacional, afirmando que este havia sido distribuído em escolas do Brasil pelo seu então adversário a presidência⁵⁹. Outras figuras proeminentes do campo conservador como Olavo de Carvalho e Silas Malafaia também foram responsáveis pela propagação de desinformações relacionadas a este tema.

As notícias falsas relacionadas ao programa “Escola sem Homofobia”, no entanto, foram iniciadas em 2011, ano de desenvolvimento do projeto e, desde então já recebeu a alcunha pejorativa de “Kit Gay” por Jair Bolsonaro. Poucos meses após o anúncio do programa, o então Deputado Federal distribuiu em escolas no Rio de Janeiro panfletos que podem ser considerados o ponto inicial da construção e propagação de informações falsas sobre a iniciativa⁶⁰.

Esta ação do atual Presidente se iniciou dias após o STF reconhecer a união estável homoafetiva, tendo como alvo o projeto citado acima e personagens importantes do movimento LGBTQIA+. Neste material já era possível identificar as bases da estrutura desta desinformação que perduram até hoje.

57 LIBÓRIO, Bárbara; CUNHA, Ana Rita. Notícias falsas foram compartilhadas ao menos 3,84 milhões de vezes durante as eleições. *Aos Fatos*, out. de 2018. Disponível em <https://www.aosfatos.org/noticias/noticias-falsas-foram-compartilhadas-ao-menos-384-milhoes-vezes-durante-eleicoes/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

58 ‘O HADDAD criou o kit gay’, diz Jair Bolsonaro. *Jovem Pan*, out. de 2018. Disponível em <https://jovempan.com.br/eleicoes-2018/presidenciais/o-haddad-criou-o-kit-gay-diz-jair-bolsonaro.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

59 COLETTA, Ricardo. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’. *EL PAÍS*, ago. 2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 15 dez. 2020.

60 PANFLETO de Bolsonaro expõe fotos e ataca líderes gays. *ISTOÉ*, mai. 2011. Disponível em: https://istoe.com.br/136491_PANFLETO+DE+BOLSONARO+EXPOE+FOTOS+E+ATACA+LIDERES+GAY_S/. Acesso em: 14 nov. 2020.



Figuras 1 e 2: Frente e verso do folheto distribuído em 2011 pelo então Deputado Federal Jair Bolsonaro.

Na capa da cartilha distribuída, alguns pontos da tônica discursiva se destacam, aqui a linguagem tem como objetivo não apenas fornecer informações, mas evocar emoções. É possível verificar a inclusão do mapa do Brasil à frente do arco-íris que simboliza o movimento LGBTQIA+, a simbologia remete a uma dominação do país, com a mapa sendo “engolido” pelo arco-íris. Em seguida é destacada a frase: “Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual!”

A ideia por trás desta simbologia é clara: o país já foi dominado, o inimigo está vencendo esta batalha e agora estão em busca da transformação das crianças. A figura do outro, imoral e perigoso, objetiva a criação de um estado de pânico, onde homossexuais e transexuais estão ameaçando a sociedade e colocando em xeque o papel masculino tradicional (STANLEY, 2018). Este processo não é acidental, mas estratégia política de construção de identidade coletiva, de oposição do Eu com o Outro (LACLAU, 2005)

Em seguida, Bolsonaro direciona seu texto aos Chefes de Famílias, justamente o grupo cuja posição está ameaçada pelas mudanças sociais e que são convocados para restaurar a dignidade da família. Esta ansiedade sexual é comumente associada aos homens brancos que perderam parte de sua posição de privilégios, e cuja raiva com estas perdas são direcionadas por políticos e grupos conservadores para uma batalha contra a ameaça dos Outros (NAGLE, 2017.).

O texto segue com outros dados falsos que buscam atingir o mesmo objetivo, de criar um inimigo em comum, imoral e indecente. O encerramento é feito com o nome de Jair

Bolsonaro, funcionando como uma espécie de líder de um bastião conservador (nós) em uma batalha contra os outros, criando assim um mundo binário (CESARINO, 2019), cuja oposição objetiva a destruição da família (CORRÊA; KALIL, 2020b).

O verso do panfleto adiciona uma questão central na estratégia conservadora de difamação de adversários, a pedofilia. Em frases falsamente atribuídas ao intelectual Luiz Mott, um dos principais ativistas LGBTQIA+ do Brasil se destaca a declaração “Pedofilia já!”, afirmação que reverbera contra ele até hoje em páginas religiosas e conservadoras.

Esta ação, com distribuição de 50 mil panfletos, foi amplamente divulgada pela mídia, os principais veículos do país noticiaram o fato de modo declaratório, apenas como mais uma polêmica do controverso deputado, sem menções aos dados falsos e às acusações infundadas que foram expostas. O portal *G1* da Globo, por exemplo, destacou a ação apenas como uma crítica⁶¹, já o jornal *Extra* citou apenas que o material era uma oposição ao projeto Escola Sem Homofobia⁶². Estes veículos legitimaram a ação de Bolsonaro e amplificaram sua exposição.

Vale destacar que neste período ele foi figura frequente em programas na RedeTV!, Band e SBT, e em pelo menos 3 oportunidades sua participação esteve relacionada a pautas sobre o Kit Anti-homofobia. Este foi um marco importante na transformação de Bolsonaro em fenômeno midiático; entre 2010 e 2018 ele somou 33 participações em programas na TV aberta⁶³, passando a abordar diversos temas, como a “Lei da Palmada”, legalização da prostituição, diferença de renda entre homens e mulheres, Bolsa Família, entre outros.

Nas eleições de 2018, com a fractalização de sua campanha (CESARINO, 2020) os ataques ao seu opositor Fernando Haddad deixaram a esfera do “kit gay” e se desdobraram em outros conteúdos difamatórios. Olavo de Carvalho, por exemplo, fez uma postagem 2 dias antes das eleições dizendo que explicaria como o candidato do PT aderiria à “apologia do incesto”; já a agência *Aos Fatos* detectou que uma das mensagens mais compartilhadas no *WhatsApp* dizia que Haddad tornaria a pedofilia em um ato legal⁶⁴. O próprio Bolsonaro abordou novamente o

61 BOLSONARO manda distribuir panfletos 'antigay' no Rio. *Globo*, mai. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/bolsonaro-manda-distribuir-panfletos-antigay-no-rio.html>. Acesso em: 18 out. 2020.

62 JAIR Bolsonaro lança panfleto contra kits anti-homofobia que vão ser distribuídos pelo MEC. *Extra*, mai. 2011. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/jair-bolsonaro-lanca-panfleto-contra-kits-anti-homofobia-que-vaio-ser-distribuidos-pelo-mec-1786253.html>. Acesso em: 18 out. 2020.

63 PIAIA, Victor. NUNES, Raul. Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório. *IESP*, ago. 2018. Disponível em <http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

64 BARRAGÁN, Almudena. Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. *EL PAÍS*, out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em: 21 nov. 2020.

tema de forma incisiva em programas de TV e em suas redes sociais, sendo este um dos temas de maior compartilhamento em suas páginas⁶⁵.

2 Associação entre o Movimento LGBTQI+ e pedofilia

Criado em 2014 por jovens de São Paulo, o Movimento Brasil Livre obteve uma posição de destaque na política nacional durante as manifestações pelo impeachment de Dilma Roussef. Após o processo de impeachment, o MBL enfrentou dificuldades em pautar e participar de grandes discussões na esfera pública; as reverberações de temas relacionados ao neoliberalismo proposto pelo grupo não geraram engajamento e as pautas econômicas, centrais ao movimento, foram deixadas de lado dando lugar à exploração de temas morais.

“Uma exposição Queer, que busca não ditar ou prescrever regras, discute questões relativas à formação do cânone artístico e a constituição da diferença na arte”, foi assim que o Santander Cultural apresentou o Queermuseu em setembro de 2017 ao público. A exposição que reuniu obras de 85 artistas como Adriana Varejão, Candido Portinari e Ligia Clark⁶⁶ tinha como objetivo “inaugurar de maneira definitiva o debate sobre gênero e sexualidade no Brasil”⁶⁷ sendo financiada através de incentivos fiscais da Lei Rouanet.

Diante deste cenário, o MBL encontrou um terreno fértil para o seu renascimento, aqui a faceta da união entre o neoliberalismo e o conservadorismo (CESARINO, 2019) ficou evidente e, sob o pretexto de “fiscalizar o uso do dinheiro da Lei Rouanet”, o grupo buscou produzir uma associação da exposição com pedofilia. O impacto foi imediato, se antes as postagens em sua página de Facebook tinham em média 200 comentários, o primeiro *post* sobre o Queermuseu obteve 23 vezes mais engajamento, e continuou sendo explorado por meses, chegando a obter 16 mil comentários em apenas um vídeo.

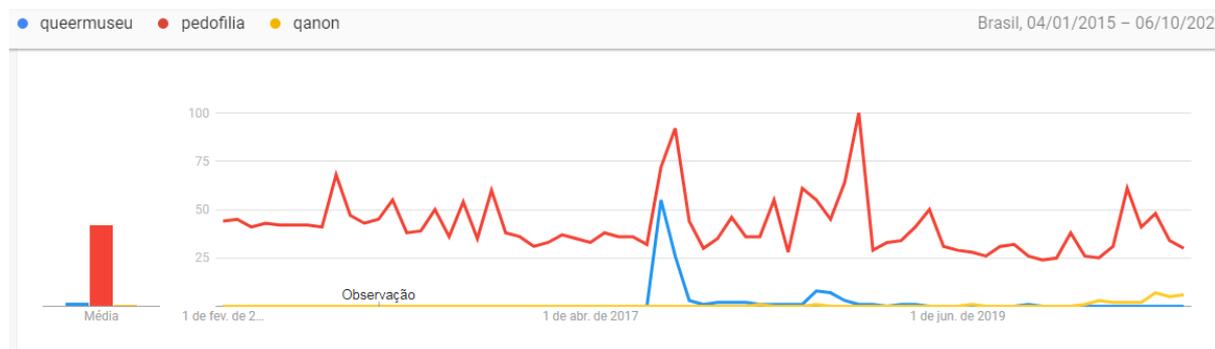
A cruzada do MBL teve impactos no mundo da arte, mas a associação da exposição com pedofilia foi precursora de uma nova frente de difamação contra LGBTQIA+ de enormes consequências. Em um dos *posts* a associação era clara, afirmando que “sob o pretexto de promover a igualdade e tolerância em prol do movimento LGBT, [o Santander Cultural] expôs pedofilia.”

65 FERREIRA, Inaiara. As fake news sobre “kit gay” no Facebook; UFPR, set. 2019. Disponível em: <http://www.cpop.ufpr.br/portal/as-fake-news-sobre-kit-gay-no-facebook/>. Acesso em 22 out. 2020.

66 BARROS, J. O. C. et al. Queermuseu: os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia. *Revista Cult*, São Paulo, 13 set. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2AyyQa7>. Acesso em: 14 dez. 2020.

67 FIDELIS, Gaudêncio. Queermuseu e o enfrentamento do fascismo e do Fundamentalismo no Brasil em defesa da livre produção de Conhecimento. UFRGS, out. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/85261/49081>. Acesso em 17 dez. 2020.

Este artifício difamatório ganhou novos ares em 2018, e pouco antes das eleições figuras do campo conservador intensificaram a produção de vídeos e postagens sobre pedofilia e o movimento LGBTQIA+. Em julho de 2018, um dos filhos de Jair Bolsonaro, o vereador Carlos Bolsonaro divulgou em suas redes sociais um cartaz falso que incluía a letra P na sigla LGBT, sendo esta relacionado a pedófilos, indicando falsamente que estes haviam sido considerados uma forma de orientação sexual e haviam sido incluídos no movimento LGBTQIA+. O *post*, mesmo comprovadamente falso, permanece ativo até hoje e foi amplamente compartilhado. O termo LGBTP atingiu seu recorde de interesse exatamente nesta época, um dia antes seu pai havia postado outra notícia falsa sobre o mesmo tema.



Figuras 3: Interesse de busca dos termos Queermuseu, pedofilia e Qanon.

Exatamente no mesmo dia, 13 de julho de 2018, o apresentador Danilo Gentili divulgou uma notícia do *The Daily Caller* (página de *fake news* da extrema direita estadunidense) com a informação de que os “pedófilos acreditavam que deveriam ser parte da comunidade LGBT”. Na mesma semana uma suposta bandeira (muito similar à bandeira trans) do “orgulho pedófilo”, “criada para participar de eventos LGBT”, foi compartilhada por Gentili, sendo difundida também por páginas como Terça Livre, Olavo de Carvalho e diversos perfis menores em diversas redes sociais, a notícia foi posteriormente checada pela agência Aos Fatos⁶⁸ e considerada falsa.

A fonte destas notícias falsas durante o período eleitoral de 2018 foram os fóruns anônimos. A estratégia é descrita em detalhes pelo usuário *GRsLo3Og*: em sua postagem um plano de 3 etapas é proposto, sempre buscando a associação da pedofilia com o movimento LGBTQIA+. Ele descreve como os membros devem agir, objetivando a polarização do sentimento público contra o movimento e em última instância destruir a sua imagem e

68 MOURA, Bernardo. Notícia falsa que relaciona pedófilos a LGBTs foi importada dos EUA. *Aos Fatos*, jul. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/noticia-falsa-que-relaciona-pedofilos-lgbts-foi-importada-dos-eua/>. Acesso em: 21 out. 2020.

enfraquecê-lo. Em seguida o plano é destrinchado e as técnicas são debatidas por outros frequentadores anônimos.

Considerações finais

Com base nas postagens analisadas e na bibliografia consultada, é necessário um monitoramento constante das atividades de perfis proeminentes no campo político da extrema-direita, uma vez que o movimento pode ser coordenado por atores influentes em meios digitais, em especial nos períodos eleitorais, quando picos de notícias falsas e conteúdos difamatórios são registrados.

Os movimentos recentes de plataformas de redes sociais, com a suspensão e o banimento de perfis que difundem discurso de ódio ou desinformação, ainda são incipientes e precisam de suporte e pressão da sociedade acadêmica e civil, com mais estudos, denúncias e projetos que visem à redução dos danos causados por estas práticas.

Referências

BENKLER, Yochai.; FARIS, Robert. e ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

CESARINO, Letícia. *Identidade e representação no bolsonarismo*. São Paulo: Revista da Antropologia, v. 62, p. 530-557, 2019.

_____. *Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil*. São Paulo: Revista Internet & Sociedade (InternetLab), 2020.

CORRÊA, Sonia.; KALIL, Isabela. *Políticas Antigênero em América Latina: Estudos de Caso SPW*, 2020a.

_____. *Propagação dos termos 'ideologia de gênero' e 'aborto' nas mídias escritas brasileiras*. SPW, 2020b.

HUNTER, James. D. *Culture Wars: The Struggle to Control the Family, Art, Education, Law, and Politics in America*. Nova Iorque: Basic Books, 1991.

LACLAU, Ernesto. *On Populist Reason*, Londres, Nova Iorque: Verso, 2005.

MACHADO, Caio C. V. et al. *Ciência Contaminada*. São Paulo: Parte 1 da série Democracia Infectada., 2020.

MORONE, James. *Hellfire nation: the politics of sin in American history*. New Haven: Yale, 2004.

MUDDE, Cas. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, pp. 541-562. 2004.

NAGLE, Angela. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump and The Alt-Right*. Washington: Zero Books, 2017.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política de “nós” e “eles”*. Porto Alegre. L&PM Editores, 2018.

DOS CONTEÚDOS DE GENÉTICA NA EDUCAÇÃO FORMAL: QUE DEMANDAS TRAZEM OS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO?

Vinícius Nunes Alves⁶⁹ - Universidade Estadual de Campinas

Marielly de Campos⁷⁰ - Universidade Estadual Paulista

Adriane Pinto Wasko⁷¹ - Universidade Estadual Paulista

Resumo:

No Brasil, o envolvimento de estudantes de Ensino Médio com a aprendizagem é um desafio, o que pode ser explicado por diversos fatores. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica no país aponta um cenário preocupante para todas as disciplinas, incluindo as Ciências da Natureza. A Genética é uma dessas ciências que têm maior crescimento no mundo, mas seus conteúdos básicos presentes no Ensino Médio são considerados complexos para compreensão. Nesse contexto, investigamos a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre conteúdos curriculares de Genética com maior dificuldade para aprendizagem. Durante 2019, foram realizados levantamentos com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas que fazem parte da Regional de Ensino da Cidade de Botucatu-SP, compreendendo 32 instituições. Perguntamos aos estudantes se já tinham tido contato com diferentes tópicos de Genética, se esse contato foi por aulas teóricas e/ou práticas, e se aprenderam ou não. Dos 220 questionários distribuídos, 128 estudantes de 30 escolas da regional devolveram preenchidos. Para estudantes do primeiro e segundo anos do Ensino Médio, predominaram tópicos que não foram ministrados em aulas, como alelos, interações gênicas, transcrição, tradução e PCR. Para os mesmos estudantes das duas séries, destacaram-se outros tópicos que tinham sido ministrados, como organização celular, diversidade genética e herança ligada ao sexo. Na terceira série do Ensino Médio, houve considerável aumento no número de tópicos já estudados, com a inclusão de conteúdos como genes, mitose e meiose. Em todas as séries do Ensino Médio, a maior parte das atividades foi realizada de forma teórica. Para estudantes das três séries do Ensino Médio e para todos os tópicos de Genética questionados, a maior frequência de aulas práticas se correlacionou com a maior compreensão dos estudantes. Concluimos que a apropriação efetiva dos conteúdos de Genética, incluindo alguns polêmicos, vai além dos conceitos na escola.

Palavras-chave: Citogenética. Divulgação Científica. Ensino-Aprendizagem.

Abstract:

In Brazil, involvement of high school students in learning is a challenge, which can be explained by several factors. The Basic Education Development Index in the country points out a worrying scenario for all subjects, including the Natural Sciences. Genetics is one of the fastest growing sciences in the world, but its basic contents present in high school are considered complex for understanding. We investigated the perception of high school students about curriculum content in Genetics with greater difficulty for learning. During 2019, surveys were conducted with high school students from public schools in Botucatu-SP and surrounding cities, comprising 32 institutions. We asked the students if they had already had contact with different topics of Genetics, if this contact was through theoretical and / or practical classes, and if they have learned or not. Of the 220 questionnaires distributed, 128 students from 30 schools in the regional returned it completed. For students in the first and second years of high school, topics that were not instructed in classes, such as alleles, gene interactions, transcription, translation and PCR, predominated. For the same students in both grades, other topics that had been

⁶⁹ Biólogo pela UNESP, mestre em ecologia pela UFU e especializando do programa de pós-graduação em Jornalismo Científico da UNICAMP, vinicius16na@gmail.com.

⁷⁰ Bióloga pela UNESP, mestranda em Genética no Instituto de Biociências de Botucatu – UNESP, marielly.campos@unesp.br.

⁷¹ Bióloga pela UFSCar, mestre e doutora em Genética e Evolução pela UFSCar e docente do Instituto de Biociências de Botucatu – UNESP, a.wasko@unesp.br.

taught were highlighted, such as cellular organization, genetic diversity and inheritance linked to sex. In the third grade of high school, there was a considerable increase of topics already studied, with the inclusion of content such as genes, mitosis and meiosis. In all grades of high school, most activities were carried out on a theoretical basis. For students in the three grades of high school and for all topics of genetics questioned, the higher frequency of practical classes correlated with the greater understanding of the students. We concluded that the effective appropriation of the Genetics contents, including some controversial ones, goes beyond concepts at school.

Keywords: Cytogenetics. Scientific Divulgation. Teaching-Learning.

1. Introdução

No Brasil, o envolvimento de estudantes de Ensino Médio com a aprendizagem é um desafio, o que pode ser explicado por diversos fatores, como ausência de atividades inovadoras em sala de aula, infraestrutura escolar inadequada, excessivo número de estudantes por turma e baixa qualificação de professores. A educação básica brasileira em ciências tem muito o que melhorar ainda, considerando os resultados do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês) de 2015, os quais apontam uma queda do país no ranking mundial, ficando na 63ª posição em ciências, num total de 70 países avaliados. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para todas as disciplinas até 2017 também aponta para um cenário preocupante no Brasil, em especial no que se refere ao Ensino Médio.

Dentre tais disciplinas, incluem-se as voltadas às Ciências da Natureza, cuja apropriação de conhecimentos básicos começa na escola e ajuda na cidadania dos jovens para que possam se posicionar criticamente diante de questões médico-sanitárias, de saúde individual e coletiva, agrícolas e de sustentabilidade ambiental (PALEARI, 2011). Atualmente, considera-se que, dentro de Ciências Naturais, a Genética é uma das áreas de maior crescimento, sendo seus conhecimentos dobrados a cada 2 anos (GRIFFITHS et al., 2016). Apesar de todo esse avanço, a comunicação com a sociedade ainda é distante. Isso pode ser observado pelos conteúdos de Genética, presentes nos currículos do Ensino Médio do Estado de São Paulo – embora esses sejam considerados pelos adolescentes como muito interessantes, são também muito complexos e de difícil entendimento (CAMPOS, 2019).

Além do ambiente escolar, em grande parte da sociedade há falta de compreensão de conhecimentos básicos sobre Genética, assim como a relação desses conhecimentos com produtos biotecnológicos, como alimentos transgênicos, terapias de células-tronco e biomarcadores (SANTOS et al., 2015). A compilação e discussão de informações sobre percepção de Genética subsidiam não somente atividades de popularização científica, como também consolidam a universidade como instituição de pesquisa e extensão, auxiliadora na resolução de problemas de educação básica.

Nesse contexto, investigamos a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre conteúdos curriculares de Genética que se mostram de maior dificuldade para aprendizagem e que geram maior curiosidade.

2. Metodologia

Durante 2019, foram realizados levantamentos com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas que fazem parte da Regional de Ensino da Cidade de Botucatu, SP, compreendendo 32 instituições. Levantamos os dados através de questionários aplicados com estudantes das três séries do Ensino Médio, seguindo as Normas do Sistema Plataforma Brasil, com supervisão do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) relacionado a pesquisas com seres humanos da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB) da UNESP. Adicionalmente, cada estudante participante (ou seu representante legal ou responsável) assinou um termo de consentimento livre e de esclarecimento (TCLE), de acordo com a resolução 466/2012. Perguntamos aos estudantes se já tinham tido contato com diferentes tópicos de Genética, se esse contato foi por aulas teóricas e/ou práticas, e se aprenderam ou não.

Dentre esses tópicos, presentes no Currículo do Estado de São Paulo, estão: organização celular, mitose, meiose, estrutura do DNA e RNA, Leis de Mendel, genótipo, fenótipo, tipos de alelos, sistemas sanguíneos, heranças, mutações, síndromes genéticas, alterações cromossômicas, diversidade genética, fases da síntese proteica, clonagem, transgênicos, células-tronco e PCR (Reação em Cadeia da Polimerase). Os questionários com todos os tópicos que fazem parte do conteúdo curricular do Ensino Médio foram distribuídos a 220 estudantes da rede estadual da região, durante atividades do Programa de Extensão Universitária “Difundindo e Popularizando a Ciência na UNESP: Interação entre Pós-Graduação e Ensino Básico”, realizadas no período de 28 de janeiro a 2 de fevereiro de 2019 (Figura 1).

O QUE VOCÊ REALMENTE SABE SOBRE GENÉTICA?

POR GENTILEZA, PREENCHA O QUESTIONÁRIO ABAIXO.

VOCÊ NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR (NINGUÉM VAI SABER SEU NOME!)

SEJA SUPER SINCERO EM SUAS RESPOSTAS - ESSAS INFORMAÇÕES SERVIRÃO PARA QUE POSSAMOS SABER O QUE VOCÊ APRENDE NA ESCOLA E PARA MELHORAR O ENSINO DE GENÉTICA EM NOSSOS CURSOS DE FÉRIAS DA UNESP

Nome da escola em que você estuda: _____

Ano em que você está na escola: 1º. ano do EM () 2º. ano do EM () 3º. ano do EM ()

Cidade em que você mora: _____

Sua idade: _____ Sexo: Feminino () Masculino ()

1. Assinale abaixo (faça um X) as alternativas que você considerar adequadas para nos mostrar o que você já estudou em sua escola, como foram suas aulas e o que você considera que realmente tenha aprendido. **VOCÊ PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA PARA CADA TEMA DE GENÉTICA.**

TEMA DE GENÉTICA	Ainda NÃO estudei esse tema na escola	SIM, já estudei esse tema na escola	Estudei esse tema por meio de aulas TEÓRICAS	Estudei esse tema por meio de aulas PRÁTICAS	Considero que eu NÃO APRENDI direito esse tema	Considero que eu APRENDI SIM esse tema
ORGANIZAÇÃO CELULAR						
MITOSE						
MEIOSE						
1ª. E 2ª. LEIS DE MENDEL						
FENÓTIPO						
GENÓTIPO						
DIVERSIDADE GENÉTICA						
GENE						
ALELOS						
ALELO DOMINANTE						
ALELO RECESSIVO						
ALELOS MÚLTIPLOS						
INTERAÇÕES ALÉLICAS						
INTERAÇÕES GÊNICAS						
SISTEMA SANGUÍNEO ABO						
SISTEMA SANGUÍNEO RH						
HERANÇA LIGADA AO SEXO						
MUTAÇÃO						
ALTERAÇÕES CROMOSSÔMICAS NUMÉRICAS						
ALTERAÇÕES CROMOSSÔMICAS ESTRUTURAIS						
SÍNDROMES GENÉTICAS						
ESTRUTURA DO DNA						
ESTRUTURA DO RNA						
DUPLICAÇÃO						
TRANSCRIÇÃO						
TRADUÇÃO						
PCR (REAÇÃO EM CADEIA DA POLIMERASE)						
MARCADORES MOLECULARES						
TESTE DE PATERNIDADE						
CLONAGEM						
TRANSGÊNICOS						
CÉLULAS-TRONCO						
EVOLUÇÃO HUMANA						

(continua na parte de trás da folha)

Figura 1: Questionário elaborado para levantamento de dados acerca do ensino-aprendizagem de temas da área de Genética no Ensino Médio.

Em seguida, realizamos estatísticas descritivas de acordo com cada categoria de resposta e geramos gráficos que demonstram os dados levantados em cada série. Foram gerados gráficos sobre temas estudados ou não, assim como gráficos sobre os temas estudados de forma teórica ou prática e em qual forma aprenderam mais.

3. Resultados e Discussão

Dos 220 questionários distribuídos nas séries do Ensino Médio, 128 estudantes de 30 escolas da regional devolveram preenchidos. Desses questionários respondidos, 35 foram do 1º ano, 45 do 2º ano e 48 do 3º ano. Para estudantes do primeiro e segundo anos do Ensino Médio, predominaram tópicos que não foram ministrados em aulas, como alelos, interações alélicas, interações gênicas, transcrição, tradução e PCR (Figuras 2 e 3). Para os mesmos estudantes das duas séries, destacaram-se outros tópicos que tinham sido ministrados, como organização celular, diversidade genética e herança ligada ao sexo (Figuras 2 e 3).

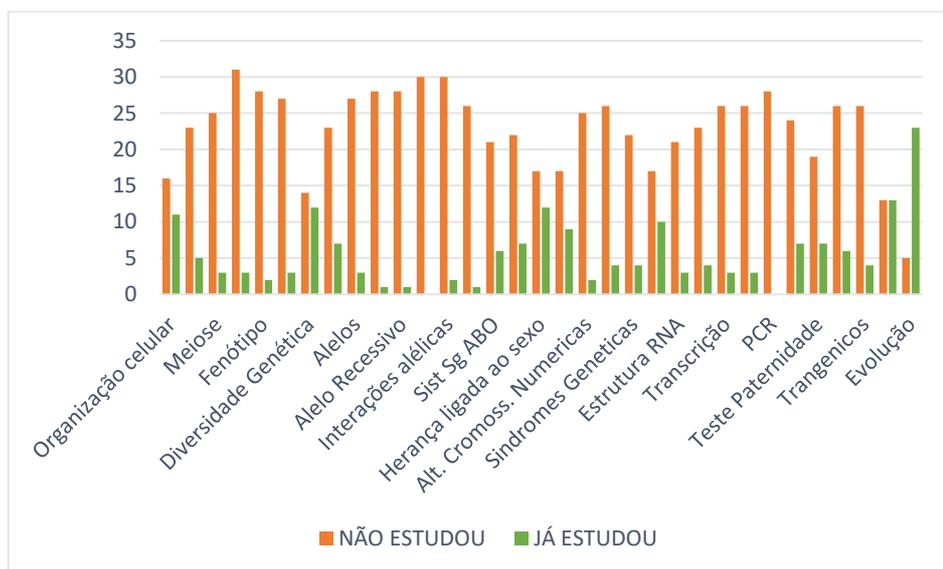


Figura 2: Número de alunos do 1º ano do Ensino Médio que já estudaram ou que ainda não estudaram temas específicos de Genética.

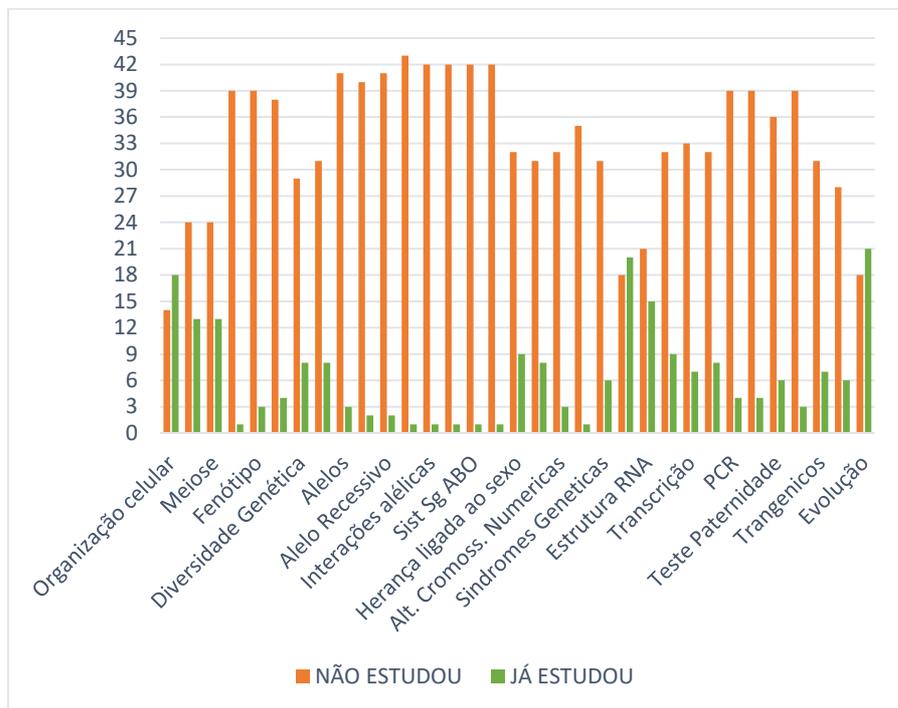


Figura 3: Número de alunos do 2º ano do Ensino Médio que já estudaram ou que ainda não estudaram temas específicos de Genética.

Na terceira série do Ensino Médio, observou-se um considerável aumento no número de tópicos já estudados, com a inclusão de conteúdos como genes, mitose e meiose. Entretanto, destacaram-se tópicos que permaneceram mal compreendidos até o fim do Ensino Médio, como alelos, interações alélicas, interações gênicas, cromossomos e suas alterações (Figura 4).

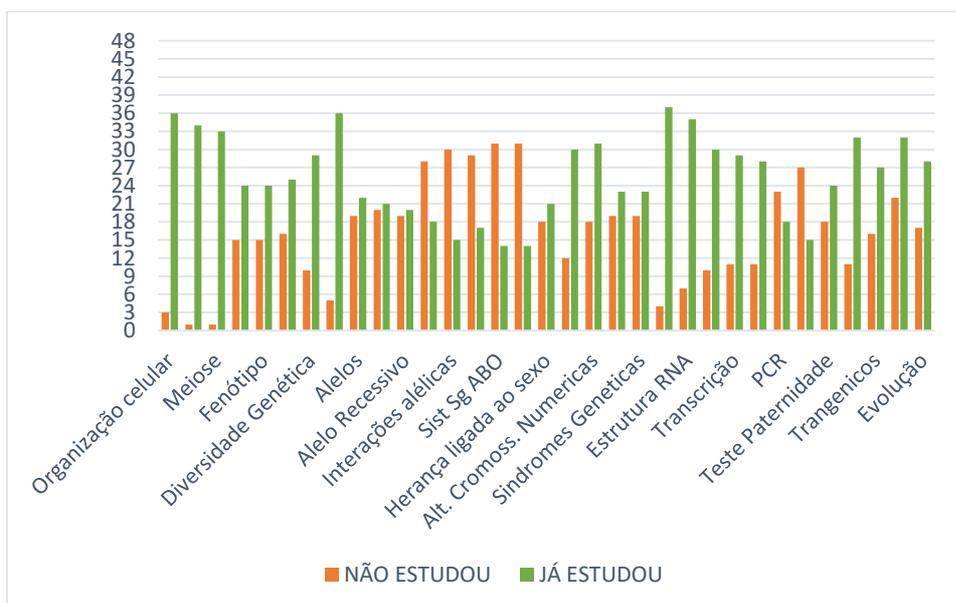


Figura 4: Número de alunos do 3º ano do Ensino Médio que já estudaram ou que ainda não estudaram temas específicos de Genética.

Quanto ao tipo de aula ministrada, verificou-se que, em todas as séries do Ensino Médio, a maior parte das atividades foi realizada de forma teórica. Aulas práticas apareceram de modo mais frequente apenas no terceiro ano, embora ainda sejam ministradas em frequência muito menor do que as aulas teóricas. Para estudantes das três séries do Ensino Médio e para todos os tópicos de Genética questionados, a maior frequência de aulas práticas se correlacionou com a maior compreensão dos estudantes (Figuras 5, 6 e 7).

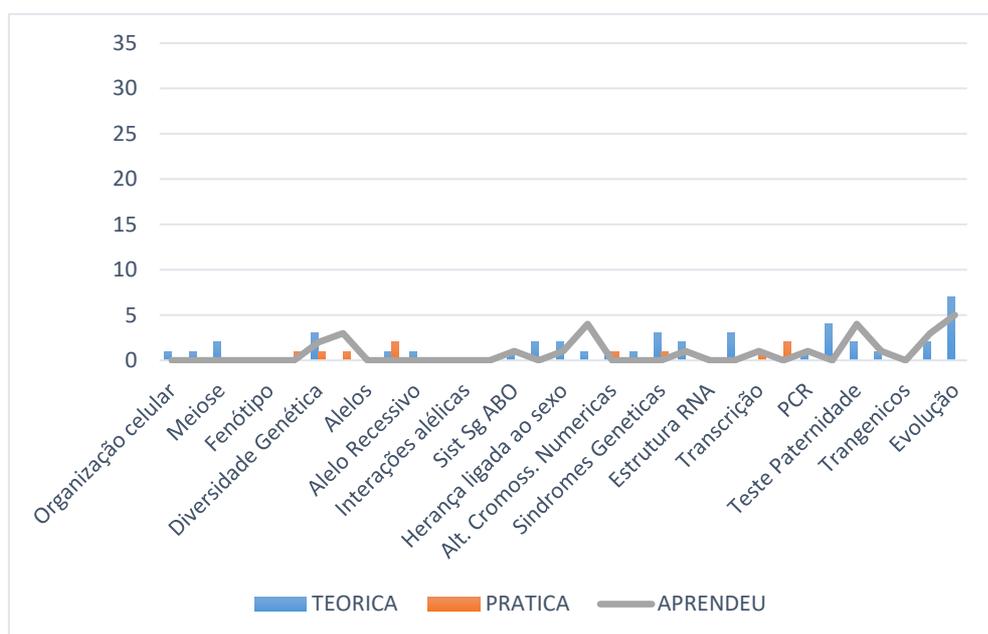


Figura 5: Quantidade de aulas teóricas e práticas ministradas a alunos do 1º ano do Ensino Médio em relação a temas específicos de Genética correlacionada com aprendizagem.

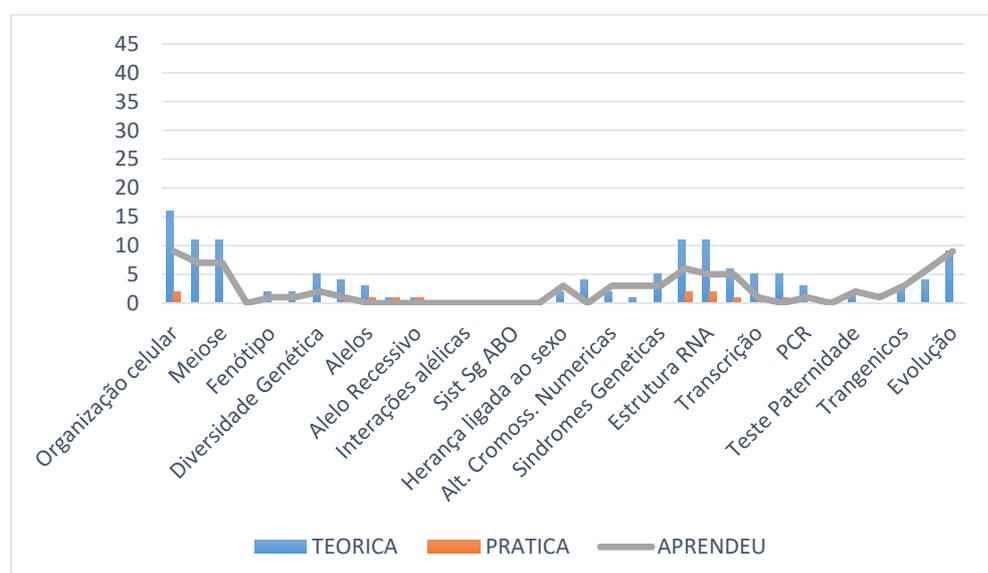


Figura 6: Quantidade de aulas teóricas e práticas ministradas a alunos do 2º ano do Ensino Médio em relação a temas específicos de Genética correlacionada com aprendizagem.

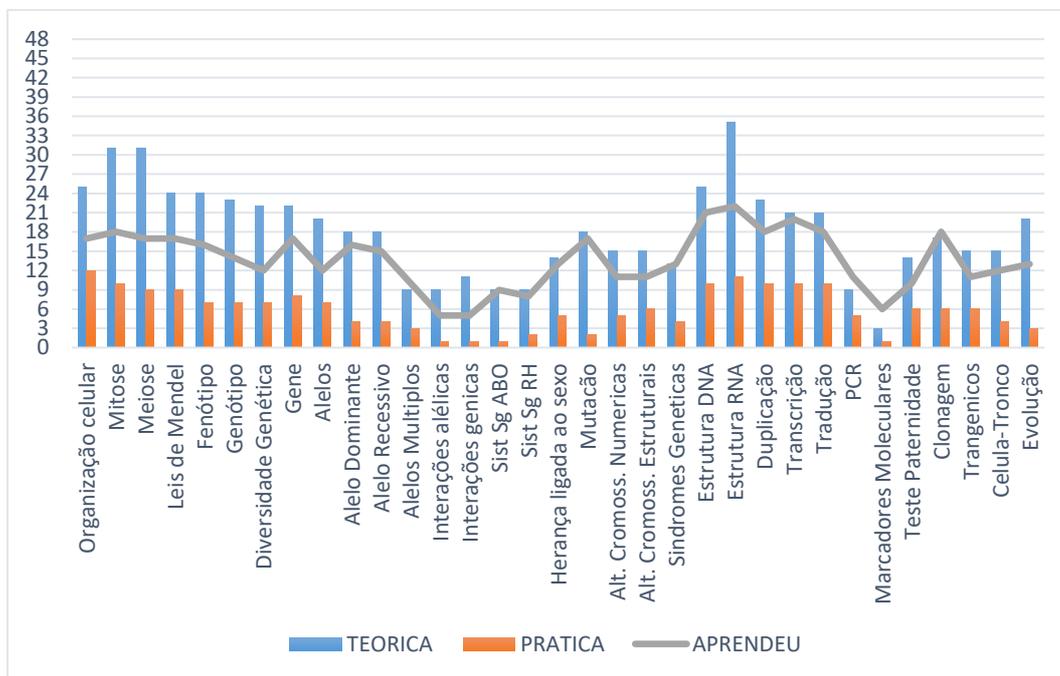


Figura 7: Quantidade de aulas teóricas e práticas ministradas a alunos do 3º ano do Ensino Médio em relação a temas específicos de Genética correlacionada com aprendizagem.

Ressalta-se que não é qualquer prática que favorece a aprendizagem dos estudantes. No caso da Genética, que demanda um alto nível de abstração (CATARINACHO, 2011), é importante que as atividades práticas sejam planejadas para motivar e auxiliar estudantes a abstraírem e interagirem com o que é proposto. Outro fator que compromete a compreensão de Genética no Ensino Médio é a apresentação das informações de forma desatualizada e descontextualizada (GOLDBACH et al., 2015), o que pode ocorrer em aulas teóricas e práticas.

Na escola, um tipo de aula prática geralmente efetivo é o que utiliza materiais interativos como método de ensino-aprendizagem que podem concretizar conceitos abstratos (CALADO et al., 2011). Um exemplo didático e interativo em Genética é o kit de cariótipos humanos (feminino e masculino) com o conjunto cromossômico normal e representações de alterações cromossômicas numéricas e estruturais, que foi desenvolvido por nosso grupo de pesquisa juntamente com estudantes de Ensino Médio (FAPESP, 2019). Esse kit foi aplicado em uma aula-piloto com professores de Biologia e alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio, o que possibilitou uma avaliação diversificada do material, com dúvidas e sugestões que contribuíram para o aperfeiçoamento do protótipo. Embora mais aulas sejam necessárias para testar o kit educativo, verificou-se que nessa turma o material educativo estimulou a curiosidade e a autonomia dos alunos na compreensão de questões relacionadas aos cromossomos.

A experimentação e a discussão do ensino-aprendizagem de Genética é uma constante entre escola e universidade, e a apropriação efetiva dos conteúdos de Genética, incluindo alguns polêmicos, vai além dos conceitos e da escola. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), concluímos que, dependendo de como um tema é trabalhado entre professores e estudantes, favorecemos ou não a compreensão e o subsequente desenvolvimento de habilidades associadas às Ciências da Natureza, como autoconhecimento e apoio para cidadania.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf (mec.gov.br)>. Acesso em: 7 out. 2020.

CALADO, N.V.; COSTA, M.R.B.; CARDOSO, A.M.; PAES, L.S.; MELLO, M.S.V.N. Jogo didático como sugestão metodológica no Ensino Médio. *Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, p. 92-101, 2011.

CAMPOS, M. *O que você realmente sabe sobre Genética? Uma percepção das demandas educacionais de estudantes do Ensino Médio*. Monografia de Conclusão de Curso. Instituto de Biociências de Botucatu, UNESP, 2019.

CATARINACHO, R.L. *O Ensino de Genética com Super-Heróis: Uma Abordagem Mutante na Sala de Aula*. Monografia, Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, 2011.

FAPESP. Unesp cria kit educativo para ajudar no ensino de genética nas escolas. Agência Fapesp, 2019. Disponível em: <<https://agencia.fapesp.br/unesp-cria-kit-educativo-para-ajudar-no-ensino-de-genetica-nas-escolas/30185/>>. Acesso em: 3 set. 2020.

GOLDBACH, T.; PEREIRA, F.D.; SARDINHA, R.; PAPOULA, N.; CARDONA, T. Para repensar o ensino de Genética: levantamento e análise da produção acadêmica da área do ensino de ciências e biologia no Brasil. In: *Enseñanza de las Ciencias. VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias*, Barcelona, 2015, p.1195-1202. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/download/294124/382652>>. Acesso em: 16 out. 2020.

GRIFFITHS, A.J.F.; MILLER, J.H.; SUZUKI, D.T.; LEWONTIN, R.C.; GELBART, W.M. *Introdução à Genética*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2016, 764 pp.

IDEB. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. 2019. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resultados_indice_desenvolvimento_educacao_basica_2019_resumo_tecnico.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

PALEARI, L. M. Introdução. In: PALEARI, L.M.; CAMPOS, R.S.P.; OTSUKA, H.; CARVALHO, M.B. (Org.) *Experimentando Ciência: teorias e práticas para o ensino da biologia*. São Paulo: UNESP, 2011, p. 11-21.

PISA. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico ou Econômico (OCDE). 2018. Disponível em: <pisa-2015-results-in-focus.pdf (oecd.org)>. Acesso em: 16 out. 2020.

SANTOS, G.V.; ANDRADE, A.; STRANSKY, B. *Genetics Timeline: desenvolvimento de um recurso educacional e divulgação científica em Biociências*. Anais da X Conferência Latino-Americana de Objetos e Tecnologias de Aprendizagem, 2015.

ações e reflexões de divulgação científica no departamento de endocrinologia do hospital das clínicas: as diferenças no desenvolvimento sexual

Ana Fukui⁷² – Universidade de São Paulo

Berenice Bilharinho de Mendonça⁷³ – Universidade de São Paulo

Resumo:

As diferenças no desenvolvimento sexual (DDS) são uma modificação nos genitais externos e internos que ocorre durante a gestação. Nesses casos, os bebês nascem com características anatômicas e fisiológicas que trazem uma “mistura” dos órgãos reprodutores masculinos e femininos. Estima-se que, no Brasil, nasçam de 700 a 1000 crianças com algum tipo de DDS. Diante disso, o objetivo inicial deste estudo exploratório em divulgação da ciência, realizado junto ao Departamento de Endocrinologia do Hospital das Clínicas de São Paulo, era a produção de material didático adequado para ser encaminhado aos pacientes e profissionais de saúde e usado como uma forma de apoio e esclarecimento nas interações entre todos os envolvidos: equipe multidisciplinar do hospital, pacientes e familiares. Entretanto, com o desdobramento das atividades iniciais, começou a se delinear uma nova pergunta de pesquisa sobre o processo de construção da divulgação científica em um espaço de trocas que envolve os pacientes, seus familiares e os médicos: como entrar nesse circuito sem invadir posições e, ao mesmo tempo, contribuir para a elaboração de um diálogo entre todos? Trata-se, assim, de um estudo que ocupa um espaço pouco usual de inserção da divulgação científica: o cuidado de pacientes e o cotidiano hospitalar. Para refletir sobre essa posição, buscou-se entender os princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto um projeto social e político, bem como a forma pela qual esses princípios se refletem nas suas diretrizes sobre comunicação. Para o levantamento de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes e médicos da área, além de uma extensa revisão bibliográfica. Como conclusão, pode-se afirmar que a inserção da divulgação científica junto a um grupo de pacientes do setor de endocrinologia permitiu uma abordagem prática com a produção de material informativo e concedeu espaço para investigar novas possibilidades de ação, reflexão e elaboração teórica.

Palavras-chave: Diferenças no desenvolvimento sexual. Comunicação no SUS.

Abstract:

Differences in sex development (DSD) are modifications in the external and internal genitals that occur during gestation. In these cases, babies are born with anatomical and physiological characteristics that bring a “mixture” of male and female reproductive organs. It is estimated that, in Brazil, about 700 to 1000 children are born with some kind of DSD. Thus, this exploratory study in science dissemination, carried out in partnership with the Endocrinology Department of São Paulo Clinics Hospital, initially set out to develop a suitable didactic material to be forwarded to patients and health professionals and used for support and clarification in all interactions: among multidisciplinary hospital team, patients and relatives. However, with the unfolding of initial activities, we began to outline a new research question regarding the process of scientific dissemination in an exchange environment that involves the patients, their relatives, and the doctors: how does one take part in that without overstepping and, at the same time, contribute to establishing a dialogue among all parts? It is, thus, a study that occupies an unusual position in terms of scientific dissemination: patient care and hospital routine. In order to reflect on that

⁷²Pós-doutoranda em divulgação da ciência no departamento de endocrinologia na FMUSP. anafukui@hotmail.com.

⁷³Professora titular da FMUSP. Coordenadora do Laboratório de Hormônios e Genética Molecular. (LIM-42). beremen@usp.br.

matter, we aimed to understand the fundamental principles of the Unified Health System (SUS) as a social and political project, as well as the way in which these principles reflect on its communication guidelines. For data gathering, semi-structured interviews were carried out with patients and doctors in the area, besides an extensive literature review. In conclusion, the scientific dissemination among a group of patients from the endocrinology department allowed for a practical approach to the production of informative material and provided space to investigate new possibilities of action, reflection, and theoretical elaboration.

Keywords: Differences in sex development. Communication in SUS.

1. Introdução

A diferença no desenvolvimento sexual (DDS) é uma síndrome que ocorre durante a gestação e se apresenta como uma modificação dos órgãos genitais internos e externos do feto, tanto em sua anatomia quanto em sua fisiologia. As causas mais comuns são a produção excessiva de hormônios pela glândula adrenal do feto durante a gravidez, chamada de hiperplasia adrenal congênita, e a insensibilidade parcial ou total aos androgênios devido a modificações genéticas. De forma geral, pode-se dizer que a DDS é uma “confusão” entre os órgãos masculinos e femininos, o que pode levantar dúvidas quanto ao sexo da criança ao nascer. Essa situação exige exames de imagem, de sangue e genéticos para identificar as causas e os tratamentos necessários e também definir o sexo do bebê.

Casos assim costumam ser bastante complexos e têm sido estudados e debatidos entre médicos e cientistas há bastante tempo, o que levou a comunidade de especialistas a construir um documento oficial sobre o tema, intitulado Consenso de Chicago (HUGHES *et al.*, 2006). Esse texto indica que “O nascimento de uma criança intersexual solicita uma estratégia de gerenciamento de longo prazo que envolve uma infinidade de profissionais que trabalham com a família”⁷⁴ (HUGHES *et al.*, 2006). Como é possível observar nessa asserção, um termo também usado para descrever as pessoas com DDS é “intersexual”, embora persista um questionamento na área sobre sua adequação.

Outro dado significativo acerca dos cuidados para com esses pacientes diz respeito à necessidade de um tratamento multidisciplinar durante a infância e a adolescência, que envolve médicos, cirurgiões, psicólogos e assistentes sociais. Além disso, são exigidas muitas decisões ao longo do tratamento, as quais envolvem o paciente, os familiares e os especialistas em saúde. Sobre isso, o Consenso de Chicago afirma que:

Deve ser explicado aos pais que o melhor curso de ação pode não ser inicialmente claro, mas a equipe de cuidados de saúde trabalhará com a família

⁷⁴ No original: “The birth of an intersex child prompts a long term management strategy that involves a myriad of professionals working with the family”.

para alcançar o melhor conjunto possível de decisões nas circunstâncias. A equipe de cuidados de saúde deve discutir com os pais quais informações compartilhar nas fases iniciais com familiares e amigos. Os pais precisam ser informados sobre o desenvolvimento sexual, e a informação baseada na web pode ser útil, desde que o conteúdo e o foco da informação sejam equilibrados (HUGHES *et al.*, 2006)⁷⁵.

Assim, um dos elementos importantes para que o prognóstico seja favorável às pessoas nascidas com alteração no desenvolvimento dos genitais é o acesso à informação adequada, que possibilite compreender como ocorre o desenvolvimento da criança nas várias etapas e como o tratamento vai intervir em cada momento. Esse conhecimento também permite que os familiares possam conversar com suas redes de apoio de maneira clara e assertiva, evitando situações constrangedoras e qualquer tipo de discriminação.

No Brasil, o tratamento das pessoas com DDS tem suas particularidades. A primeira delas consiste no atendimento a pacientes de diferentes idades nos hospitais de referência, onde muitos chegam para os primeiros cuidados em distintos estágios da infância e da adolescência, quando seus corpos começam a apresentar uma puberdade não usual. A segunda particularidade concerne ao número de atendimentos abaixo do esperado, uma vez que a estimativa é de 1% da população nasça com algum tipo de DDS segundo o Consenso de Chicago (HUGHES *et al.*, 2006), ou seja, em torno de 500 a 1000 nascimentos de indivíduos com DDS por ano no país. No entanto, o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, que atua como um dos hospitais de referência, contabiliza pacientes na ordem de centenas e não chegou ainda ao seu milésimo paciente, mesmo com 30 anos de pesquisas e atendimento na área. A terceira peculiaridade refere-se ao fato de que no Brasil, ao contrário de outros países, não há quase nenhuma informação escrita voltada para o público leigo, apenas manuais técnicos da faculdade de Medicina e artigos científicos, o que torna a compreensão acerca do que vem a ser a DDS muito mais difícil. Nesse sentido, Santos e Araújo (2008, p. 272) afirmam que “[...] ainda persiste a invisibilidade das pessoas que vivenciam tal condição em nossa sociedade”, já que, embora pesquisas acadêmicas sobre o assunto venham sendo realizadas em diversas áreas, seus resultados são pouco conhecidos fora do hospital. Dessa forma, o tema DDS costuma ser pouco conhecido pela mídia e pelo público em geral.

⁷⁵ No original: “It should be explained to the parents that the best course of action may not initially be clear, but the health care team will work with the family to reach the best possible set of decisions in the circumstances. The health care team should discuss with the parents what information to share in the early stages with family members and friends. Parents need to be informed about sexual development and web based information may be helpful, provided the content and focus of the information is balanced”.

Diante disso, esta pesquisa iniciou com a adaptação de uma cartilha estrangeira em formato de folhetos para a língua portuguesa, considerando a realidade do Hospital das Clínicas. Ao mesmo tempo, partiu-se para uma escuta dos pacientes tratados no ambulatório de endocrinologia desse hospital, buscando conhecer suas dificuldades em lidar com um assunto que é de seu convívio diário. Além disso, foi feito um levantamento bibliográfico que, ao ser analisado, evidenciou indícios de que havia poucos escritos sobre a vida dos pacientes e sobre como eles lidavam com todas as questões envolvidas na DDS.

Diante disso, o objetivo inicial deste estudo exploratório em divulgação da ciência, realizado junto ao Departamento de Endocrinologia do Hospital de Clínicas de São Paulo, era a produção de material didático adequado para ser encaminhado aos pacientes e profissionais de saúde e usado como uma forma de apoio e esclarecimento nas interações entre todos os envolvidos: equipe multidisciplinar do hospital, pacientes e familiares. Entretanto, com o desdobramento das atividades iniciais, começou a se delinear uma nova pergunta de pesquisa sobre o processo de construção da divulgação científica em um espaço de trocas que envolve os pacientes, seus familiares e os médicos: como entrar nesse circuito sem invadir posições e, ao mesmo tempo, contribuir para a elaboração de um diálogo entre todos.

2. Referencial teórico

Para compreender os desafios com que este trabalho pretende lidar, é preciso explicitar alguns aspectos do Sistema Único de Saúde (SUS), assim como o conceito de comunicação no qual ele se fundamenta. Nesse sentido, Araújo e Cardoso (2007, p. 61) propõem que,

No campo da saúde, a comunicação não se dissocia da noção de direito, é dirigida a “cidadãos”, objetiva o aperfeiçoamento de um sistema público de saúde em todas as suas dimensões e a participação efetiva das pessoas na construção dessa possibilidade. Em consequência, [...] o objetivo deve ser, minimamente, estabelecer um debate público sobre temas de interesse e garantir às pessoas informações suficientes para a ampliação de sua participação cidadã nas políticas de saúde.

Nesse sentido, os autores percebem a comunicação como uma noção fundamental da saúde, uma vez que o SUS prevê a colaboração de seus usuários para a melhoria dos serviços. Assim, uma das formas de exercício da cidadania é contribuir para o debate público sobre temas relevantes para determinada comunidade. Essa abordagem também se estende a considerações mais amplas envolvendo as influências e contribuições para a construção de um planejamento holístico de atendimento à população, que se traduz na administração da saúde.

Considera-se, então, a necessidade de “[...] as pessoas não serem apenas destinatários de uma comunicação, mas interlocutores, serem levadas em conta como quem tem o que dizer e quer ser escutado e considerado” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 62). Dessa maneira, no modelo proposto, valorizam-se, mais do que uma transferência de conhecimentos unilateral, a troca de informações e as interações. Espera-se, assim, que aconteça uma

[...] comunicação em rede, um tecido formado por muitos fios. Os fios das redes correspondem a vozes sociais e circulam em várias direções, conduzindo múltiplos discursos, ideias, propostas, opiniões, saberes, sentimentos... Essa rede é operada por interlocutores que produzem e fazem circular seus discursos, ao mesmo tempo em que se apropriam de outros discursos circulantes (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 63).

Portanto, dentro da organização estrutural do SUS, existe espaço para o diálogo entre os envolvidos em diversas instâncias, o que acrescenta à conversa muitos pontos de vista partilhados com todos que dela participam. É importante salientar, diante disso, que a comunicação em rede prevê o convívio múltiplo e simultâneo com muitos atores sociais, contribuindo para garantir que se cumpram os princípios no qual o SUS se fundamenta: universalidade, equidade e integralidade. Desse modo, é nesse arcabouço teórico que se insere a divulgação da ciência, com vistas a atuar como mais uma forma de cumprir os princípios de comunicação do SUS.

3. Metodologia

O desvelamento dos pressupostos teóricos e comunicacionais do SUS demanda que a prática de pesquisa siga os mesmos moldes, isto é, que seja dialógica e, de certa forma, estabeleça uma relação mais horizontal do que vertical entre o pesquisador e os pacientes. Essas condições de contorno precisam ser obedecidas em todo o processo, o que significou tomar uma direção incomum dentro dos paradigmas da divulgação científica: colocar-se inicialmente em uma posição de escuta. Tal procedimento é explicado por meio da ideia de narrativa:

Ao comunicar algo sobre um evento da vida – uma situação complicada, uma intenção, um sonho, uma doença, um estado de angústia – a comunicação geralmente assume a forma da narrativa, ou seja, apresenta-se uma estória contada de acordo com certas convenções [...] Apesar das narrativas tratarem de versões da realidade muito específicas à situação e ao sujeito, elas se utilizam de formas lingüísticas convencionais [...]. Assim sendo, a estória, seus interlocutores (aqueles que falam e os que ouvem) e a situação em que a própria estória é contada, tudo isso se relaciona a uma base histórico-cultural de produção (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 526-527).

Esse trecho evidencia algumas características dos relatos pessoais, tais como o formato, que segue certo padrão. As histórias têm personagens, uma trama, um evento e eventualmente

uma conclusão, estão inseridas em um contexto social, cultural e linguístico e são mediadas pela relação entre o narrador e o interlocutor. Além disso, muitas das informações não são explicitadas no momento da narrativa, mas, ainda assim, mostram-se fundamentais para construir um recorte único sobre a realidade.

Ao compreender que as histórias são essenciais para a cultura humana, pesquisadores da área de saúde desenvolveram maneiras de se aproximar desse universo como uma forma de investigação racional dos processos de adoecimento e cura. As abordagens são bastante diversas: abarcam a dimensão epistemológica de como encarar os dados de narrativas (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; CASTELLANOS, 2014), exploram as sutilezas de uma Medicina Narrativa (SOUZA, 2014), consideram a dimensão social e cultural da doença em estudos da Antropologia (CANESQUI, 2003) e analisam as narrativas de doentes crônicos que participam de um grupo de convivência a partir de entrevistas semiestruturadas (FAVORETO; CABRAL, 2009). Segundo estes autores, “A vivência das pessoas com formas crônicas de adoecer e de sofrer exige que o médico entenda o significado de todo o adoecimento e atue integrando o saber médico com o do paciente, produzindo uma síntese que o inclui como sujeito no processo clínico-terapêutico” (FAVORETO; CABRAL, 2009, p. 8). Assim, todos os trabalhos acadêmicos citados compartilham o pressuposto dessa dimensão interativa e da existência, mais do que uma doença ou um quadro clínico particular, de uma pessoa.

Ou seja, nesse modelo de pesquisa, considera-se que outras dimensões do sujeito influenciam significativamente no entendimento dos processos de adoecimento e cura, indo além de uma abordagem biomédica. Nesse sentido, há a percepção de que não é possível ser passivo e esperar que a equipe clínica resolva todos os problemas, pois também existe uma responsabilidade individual em transformar o tratamento em um evento eficaz de cura.

Assim, como metodologia de pesquisa, escolheu-se a realização de entrevistas semiestruturadas com os pacientes selecionados pela psicóloga do ambulatório de endocrinologia do Hospital das Clínicas de São Paulo. As entrevistas tinham o objetivo de reconstruir um percurso de cuidados em forma de história, com breves interrupções para esclarecimentos. Foram tomadas notas e elaborados relatos extensos logo após as conversas, a fim de evitar o uso de gravações de qualquer natureza. Ao todo, foram entrevistados 12 pacientes adultos que são acompanhados no Hospital de Clínicas há pelo menos dez anos e dois médicos aposentados do Departamento de Endocrinologia desse mesmo hospital.

Além disso, realizou-se um extenso levantamento bibliográfico em periódicos impressos e ainda não disponibilizados on-line. Foram encontrados 18 itens referentes à DDS entre os

anos de 1954 e 1970, incluindo relatos de caso, artigos científicos, editoriais de revista e trabalhos apresentados em congressos. Essa diversidade de escritos permitiu entender de que forma os primeiros casos de DDS foram abordados, bem como quais eram as preocupações do momento, evidenciando uma perspectiva local e possibilitando estabelecer um contraponto com as narrativas mais divulgadas acerca do que ocorreu em termos de diagnóstico e tratamentos internacionais. Também foram levantados artigos científicos, dissertações e teses produzidos no Brasil acerca do tema a partir de 2000, quando a DDS passou a ser discutida em diversas áreas além da Medicina, tais como Antropologia, Psicologia e Bioética.

Com base nesse levantamento, construiu-se uma reflexão sobre os dados obtidos, processo denominado de escuta ativa, que engloba a seleção e classificação das informações obtidas e a identificação das principais vozes. Igualmente, foi possível identificar os silenciamentos, isto é, a ausência de registros de quem deveria estar se manifestando sobre as questões relacionadas à DDS, principalmente os pacientes e seus familiares.

4. Resultados

Os resultados das entrevistas foram analisados segundo aportes da epistemologia da ciência, tal como pensados por Bachelard (1996). De forma resumida, constataram-se diferenças de entendimento dos processos de adoecimento e cuidado entre os pacientes que têm hiperplasia adrenal congênita e os pacientes que possuem insensibilidade parcial ou total aos androgênios (FUKUI; MENDONÇA, 2020). Tais dados indicam que é preciso pensar em maneiras distintas de dialogar com esses públicos e que é preciso combater a ideia do senso comum de que existe um só tipo de DDS. De fato, nessa classificação, são colocadas diversas síndromes diferentes com desdobramentos clínicos, psíquicos e sociais distintos. Portanto, qualquer ação de divulgação científica deve considerar essa condição de contorno como ponto de partida.

Como resultados iniciais práticos, foram confeccionados quatro folhetos⁷⁶ voltados para os pacientes e familiares de pacientes disponibilizados no site da disciplina de Endocrinologia da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Também foi feita uma tradução de um folheto internacional sobre DDS para a língua portuguesa como mais uma referência de material informativo para o público leigo.

O livro de divulgação científica começou a ser escrito, contando até o momento com a elaboração de um sumário e a produção de quatro capítulos entre os dez planejados. Os escritos

⁷⁶ Disponíveis em: <<https://www.atipiagenital.com/materiais-educativos>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

em andamento fazem uma mescla de informações científicas vindas de artigos acadêmicos e de relatos pessoais de pacientes, cientistas e médicos, de forma a tornar o texto acessível aos variados públicos e trazer um pouco da história da DDS no Hospital das Clínicas a partir dos anos de 1960.

Por fim, vale ressaltar que entrar no hospital para realizar uma pesquisa de divulgação científica foi algo bastante árido inicialmente, já que não havia nenhum papel definido da pesquisadora frente às demandas cotidianas da instituição. No entanto, o trabalho pôde ser desenvolvido graças ao apoio de todo o corpo técnico, que acolheu “um corpo estranho” em seu espaço sem duvidar das possibilidades de interação e de reflexão com outros saberes científicos para além da Medicina e Biologia. Isso evidencia que, às vezes, para fazer e pesquisar divulgação científica, é preciso ir além daquilo para que se foi treinado como um cientista e buscar novas esferas de inserção.

Esta pesquisa foi devidamente submetida ao Comitê de Ética. Processo CAAE: 135.16918.3.0000.0068

Agradecimentos

As autoras agradecem a colaboração e o apoio da psicóloga Marlene Inácio que selecionou os pacientes para as entrevistas.

Referências

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722003000300011&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CANESQUI, A. M. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.8, p. 109-124, 2003. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2003.v8n1/109-124/pt/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

CASTELLANOS, M. E. P. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1065-1076, 2014. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n4/1065-1076/pt./>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FAVORETO, C. A. O.; CABRAL, C. C. Narratives on the health-disease process: experiences in health education operational groups. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 7-18, jan./mar. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2009.v13n28/7-18/pt/>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FUKUI, A.; MENDONÇA, B. B. de M. Diferenças no desenvolvimento sexual: um estudo de divulgação da ciência em um hospital. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 22, e20206, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172020210139>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

HUGHES, I. A. *et al.* Consensus statement on management of intersex disorders. *Archives of Disease in Childhood*, v. 91, n. 7, p. 554-563, 2006. Disponível em: <<http://doi.org/10.1136/adc.2006.098319>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

SANTOS, M. de M. R.; ARAÚJO, T. C. C. F. de. Estudos e pesquisas sobre a intersexualidade: uma análise sistemática da literatura especializada. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 267-274, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 apr. 2018.

SOUZA, L. E. P. F. Difusão de conhecimentos e inovações em sistemas e serviços de atenção à saúde. In: CUNHA, F. J. A. P.; LÁZARO, C. P.; PEREIRA, H. B. de B. (Org.). *Conhecimento, inovação e comunicação em serviços de saúde*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. p. 187-219.

RISCOS, APRIMORAMENTO E INOVAÇÃO: ANÁLISE EM TORNO DA MODULAÇÃO HORMONAL EM UM GRUPO NO FACEBOOK

Camila Silveira Cavalheiro⁷⁷ – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo:

O presente estudo se insere dentro do projeto intitulado “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas”. Visa refletir sobre as transformações corporais em contextos onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física. Para tanto, considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. Almeja-se compreender: a) o campo da modulação hormonal, dos hormônios bioidênticos e da medicina *anti-aging* no Brasil; b) as disputas entorno do que seriam aspectos mais “naturais” ou “artificiais”, associado ao seu caráter de inovação; c) as consequências disto em termos de saúde, riscos e aprimoramento, e d) a circulação e divulgação do conhecimento referente aos recursos tecnocientíficos, em especial farmacológicos (hormonais), destinados ao aprimoramento corporal. Este trabalho tem como foco discursos sobre hormônios bioidênticos e modulação hormonal, estabelecidos e veiculados entre usuários/as reunidos/as em um grupo da temática, na rede social *Facebook*. A inserção no grupo se deu em outubro de 2019 e os dados foram coletados até maio de 2020. Após leitura de todas as publicações e comentários, chegou-se a um conjunto de categorias mobilizadas, à identificação dos principais atores e a diversos tópicos que, de forma recorrente, são debatidos pelos usuários/as. Concluiu-se que argumentos e valores associados às noções de “inovação”, “investimento” e “natural x artificial” são eixos centrais para compreender este campo. Em relação às formas de comunicação empregadas pelos/as produtores/as de conhecimento biomédico, foi possível observar uma presença expressiva de profissionais nas redes sociais, divulgando os tratamentos oferecidos através de vídeos, textos, fotos e dos grupos de pacientes.

Palavras-chave: Tecnologias biomédicas. Circulação do conhecimento. Medicina *anti-aging*. Aprimoramento de si.

Abstract:

This study is included within the project entitled "New forms of knowledge circulation and access to biomedical technologies: contemporary scenarios for bodily and subjective transformations". Aims to reflect on the body changes in settings where the demand for procedures is primarily a search for bodily improvement, emphasizing the body contours and physical performance. Therefore, it is considered essential to observe the interactions and production of public discourses around biomedical technologies considered innovative. Aims to comprise: a) the field of hormonal modulation of bioidentical hormones, and anti-aging medicine in Brazil; b) disputes over what would be more “natural” or “artificial” aspects, associated with its innovative character; c) the consequences in terms of health, risks and improvement, and d) the circulation and dissemination of knowledge regarding technoscientific resources, especially pharmacological (hormonal), intended for body improvement. This work focuses on speeches on bioidentical hormones and hormonal modulation, established and disseminated among Facebook users gathered in a group about the theme in the social network. The insertion in the group took place in October 2019 and the data were collected until May 2020. After reading all the publications and comments, a set of mobilized categories was reached, to the identification of the main actors and various topics that, on a recurring basis, are debated by users. The inferences are that arguments and values

⁷⁷Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Bacharelado. Técnica em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Caxias do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/UFRGS 2020-2021), integra o grupo de pesquisa “Ciências na vida: Produção de conhecimento e articulações heterogêneas”. camila.silcavalheiro@gmail.com.

associated with the notions of "innovation", "investment" and "natural x artificial" are central axis to understand this field. In relation to the forms of communication used by the producers of biomedical knowledge, it was possible to observe an expressive presence of professionals on social networks, disseminating the treatments offered through videos, texts, photos and groups of patients.

Keywords: Biomedical technologies. Circulation of knowledge. Anti-aging medicine. Self-improvement.

Introdução

*Quero dividir minha nova vida com vocês.
Estou pouco menos de quinze dias, do meu
tratamento, e sou uma nova mulher.
Exatamente,
nova mulher! Hoje não arrasto mais correntes, não
sinto dores, não estou exausta para brincar com
meus filhos, hoje o mundo não é cinza.
Amanda⁷⁸, novembro de 2015.*

Em 2012, o Conselho Federal de Medicina (CFM) publica a parecer nº 29/2012⁷⁹, em resposta a consulta realizada pelo Grupo Longevidade Saudável. A consulta buscava regulamentar as práticas da medicina *anti-aging* no Brasil. A partir do dossiê entregue pelo requerente, a Câmara Técnica de Geriatria conduziu uma avaliação e o resultado foi desfavorável às práticas *anti-aging*. No mesmo ano, é publicada a resolução nº 1.999/2012⁸⁰, que condena diversas práticas como o uso de hormônios e suplementos, por exemplo, quando estas visam retardar ou reverter os sinais do envelhecimento. Os dois documentos destacam a centralidade dos hormônios nas terapias *anti-aging*.

A discussão se insere dentro de um contexto no qual as biotecnologias exercem um papel na produção ou transformação corporal e subjetiva. O presente estudo integra o projeto intitulado “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas” (PIBIC/UFRGS), coordenado pela prof. Fabíola Rohden. O projeto visa refletir sobre as transformações corporais em situações onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo

⁷⁸ A fim de preservar a identidade dos participantes, todos os nomes foram alterados.

⁷⁹ CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. A falta de evidências científicas de benefícios e os riscos e malefícios que trazem à saúde não permitem o uso de terapias hormonais com o objetivo de retardar, modular ou prevenir o processo de envelhecimento. Processo-consulta CFM nº 4.690/11 – Parecer CFM nº 29/12, 13 de julho de 2012.

⁸⁰ CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. A falta de evidências científicas de benefícios e os riscos e malefícios que trazem à saúde não permitem o uso de terapias hormonais com o objetivo de retardar, modular ou prevenir o processo de envelhecimento. Resolução CFM nº 1999 de 27/09/2012. Publicada no D.O.U. 19 out. 2012, Seção 1, p. 139)

aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física (Rohden, 2017).

O impacto das novas tecnologias se estende para além do desenvolvimento de novos artefatos biomédicos, e está ligado às tecnologias de comunicação científica e às redes sociais, que passam a ser cada vez mais centrais na procura por informações e tratamentos. Considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. Pretende-se estudar as formas recentes de comunicação por parte dos/as produtores/as de conhecimento biomédico, assim como compreender como atuam as redes de interação e circulação de informação, especialmente via internet, entre profissionais e público/pacientes. Neste contexto, tratamentos hormonais e estéticos tornam-se casos exemplares.

Este trabalho tem como foco discursos sobre hormônios bioidênticos e modulação hormonal, estabelecidos e veiculados entre usuários/as reunidos/as em um grupo da temática, na rede social *Facebook*. O presente artigo é uma exposição inicial da pesquisa e um excerto do material, visando sobretudo compreender como se dá a circulação e divulgação do conhecimento referente aos recursos tecnocientíficos, em especial farmacológicos (hormonais), destinados ao aprimoramento corporal. O artigo é composto por quatro partes. Na primeira, busco introduzir de forma breve a medicina *anti-aging* e a modulação hormonal. Em seguida, apresento um panorama sobre o grupo e como se deu a inserção em campo. Na terceira parte, mobilizo os dados coletados, discutindo-os através dos conceitos de biomedicalização e aprimoramento de si. Por fim, apresento a disputa entre “natural” e “artificial”, seguido das considerações finais.

A medicina *anti-aging* e a modulação hormonal

*Agora podemos "enxergar o outro lado da Medicina,
que trata para devolver a SAÚDE!"
Saiba mais sobre Hormônios, Modulação
Hormonal Bioidêntica Nano e ganhe o que
você busca, Saúde e qualidade de vida.
Bianca, outubro de 2018.*

O trabalho de Fernanda Rougemont (2018) é interessante para compreendermos o campo da medicina *anti-aging* no Brasil. Em sua tese a autora visa apreender sobretudo onde a medicina *anti-aging* se diferencia da medicina “tradicional”; as principais divergências entre os dois modelos, buscando identificar os principais conflitos e problematizações que dizem

respeito ao processo de envelhecimento; e quais as motivações dos pacientes que buscam este tipo de tratamento.

Em uma definição preliminar, Rougemont (2018) introduz a medicina *anti-aging* como “um campo que apresenta críticas ao modelo de saúde e cuidado médico” (p. 31). Também organiza a discussão em torno de duas instituições nacionais, que representam posições antagônicas: o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Academia Brasileira de Medicina Antienvelhecimento (ABMAE). Por fim, ela realiza uma ampla discussão em torno da resolução CFM 1.999/2012, conforme o contexto apresentado na introdução do presente artigo. Rougemont aponta que um dos desdobramentos da resolução é o abandono do termo *anti-aging*, o que resulta na utilização de outras terminologias, como “medicina preventiva”, “medicina integrativa” e “medicina funcional”. Destaca, assim, que o abandono do termo não está necessariamente ligado ao abandono das práticas.

Os hormônios bioidênticos e a modulação hormonal compreendem um dos pilares da medicina *anti-aging*. Dentre as terapias utilizadas, é neste tópico que residem as maiores controvérsias, inclusive dentre os praticantes:

[...] há, entre as diferentes linhagens de estudos e práticas, discordância quanto ao tipo, quantidade e condições de uso dos diferentes hormônios e substância precursoras. As experiências clínicas dos médicos os levam a discordar de protocolos e de prescrições aprendidas (Rougemont, 2018, p. 188 - 189)

A premissa básica por trás da modulação é buscar o *equilíbrio* de hormônios e nutrientes necessários para manter o bom funcionamento do corpo, de forma *personalizada* e *individualizada*. Neste sentido, a modulação poderia ser realizada através da alimentação e da suplementação de vitaminas, por exemplo. Comumente, a modulação hormonal é descrita em oposição a reposição hormonal. De acordo com seus defensores, a modulação utiliza hormônios bioidênticos, que possuiriam estrutura química idêntica à produzida pelo corpo humano, o que seria melhor e mais eficiente do que os hormônios sintéticos utilizados na reposição hormonal. Além disso, na modulação, seriam utilizadas dosagens *específicas* e necessárias para cada paciente, o que se contrapõe as dosagens padronizadas pela indústria farmacêutica.

As redes sociais e a inserção

*Bom dia, feliz por fazer parte desse grupo,
me encontrei. Tenho certeza que aprenderei muito.*
José, janeiro de 2020

A partir da obra de Hine (2015) e Miller (2012), entende-se as redes sociais como integrantes da realidade cotidiana, peças essenciais que devem compor as análises propostas. O

uso das redes alterou de maneira significativa as formas de interação entre produtores/as de conhecimento e tecnologias biomédicas de intervenção. Destaca-se, nesse sentido, a importância crescente dos grupos de pacientes e usuáries/os nas redes sociais e as diversas formas de circulação do conhecimento biomédico nas redes.

Visando identificar possíveis inserções em campo, realizou-se uma pesquisa pelos termos “modulação hormonal” e “hormônios bioidênticos”, na rede social *Facebook*. A busca resultou em três grupos e, dentre estes, optou-se por trabalhar com o grupo *Modulação Hormonal (MH)*⁸¹. A inserção se deu em outubro de 2019 e os dados foram coletados até maio de 2020. Após leitura e acompanhamento de todas as publicações e comentários, chegou-se a um conjunto de categorias mobilizadas, à identificação dos principais atores e a diversos tópicos que, de forma recorrente, são debatidos pelos usuáries/as. A partir do grupo no *Facebook*, foi possível copilar um grande volume de material em outras plataformas, como *blogs* e *sites*, e em outras redes sociais, como o *Instagram* e o *Youtube*.

As postagens giram em torno das dúvidas de usuáries, busca por indicações de médicos, análise de resultados de exames, discussões sobre a aplicação dos medicamentos e doses adequadas. É comum os usuáries citarem médicos referência na modulação hormonal como uma forma de validar argumentos ou indicar material de estudo para outros usuáries. A partir de percepções iniciais, é possível descrever as características gerais dos participantes. Mulheres e homens parecem estar em igual número e postam com a mesma frequência. Entretanto, existem alguns tópicos mais explorados por mulheres, como a menopausa e o aumento de peso. A faixa etária aparenta variar entre 35 e 65 anos. No que diz respeito ao poder aquisitivo dos participantes, pode-se inferir que é relativamente alto, levando em conta comentários enfáticos sobre o custo elevado de todo o tratamento – desde consultas, exames e os próprios hormônios manipulados.

Biomedicalização e aprimoramento de si

No auge dos meus 44 anos nunca me senti tão bem como agora! Além dos ajustes nas vitaminas e dependendo do caso os hormônios, mudança de hábitos alimentares e uma rotina que inclua atividade física irá fazer toda diferença!
Juliana, dezembro de 2015

⁸¹ A fim de preservar a identidade dos usuáries, o nome do grupo foi alterado.

A biomedicalização, a partir da perspectiva apresentada por Clarke e colegas (2010), consiste em um processo complexo, multissituado e multidirecional, através do qual a medicalização é redefinida constantemente em função de inovações biomédicas. O uso do prefixo “bio” busca enfatizar transformações que só são possíveis por conta de invenções tecnocientíficas, promovidas por elementos humanos e não-humanos. No campo da medicina *anti-aging* e demais práticas associadas, o caráter de inovação se apresenta como um dos fatores centrais.

De maneira semelhante, Rose (2007) destaca que as tecnologias de otimização se associam à ideia do aprimoramento direcionado ao futuro, com a possibilidade de moldar a vida dos sujeitos através destas práticas. Para o autor, está em consolidação uma “ética somática”, através da qual os valores em torno da vida se concentram no corpo e nas intervenções efetuadas sobre ele. Isto pode ser observado através do uso recorrente de categorias como “bem-estar” e “qualidade de vida”.

A trajetória pessoal é um aspecto de grande relevância no grupo e os depoimentos são comuns nas postagens com maior número de interações e comentários. As transformações de si são descritas sobretudo através da mobilização de uma série de diferentes aspectos – corporal, metabólico, estético, psíquico, social, etc. – visando enfatizar o aprimoramento de si através da modulação hormonal. O trecho a seguir data de janeiro de 2020 e exemplifica essa questão. A usuária, ao ser questionada sobre as mudanças na sua saúde após iniciar a modulação hormonal, afirma:

Antes de iniciar o tratamento eu sofria muito com alergias e apresentava baixa resistência, quando iniciei em 2010, esse quadro melhorou significativamente, melhorando meu sistema imunológico. *Hoje em dia, muito raro eu gripar. Embora eu tenha começado a usar os hormônios antes da menopausa, até hoje nunca apresentei sintomas de climaterio...não sinto calor, pele seca ou baixa libido...não sei o que é isso, graças a Deus. Faço modulação hormonal há 4 anos. Vou narrar o que melhorou em mim: - Hoje durmo melhor. - Tenho mais estabilidade emocional. - A libido está ótima. - A disposição geral. - O bom humor voltou. - Acabou a secura vaginal. - Pele, cabelo e visão melhores. - Sumiram um monte de dores que estavam surgindo. Nas juntas todas. - Voltou a facilidade pra alcançar orgasmos. Só reclamei com meu Nutrólogo que estava com um ótimo apetite. Mas ele falou que apetite é sinal de saúde. Não gula é claro. Kkkk Mas como já disse, também suplemento.*

Uma das consequências do processo de biomedicalização, conforme argumentado por Clarke e colegas (2010), é a constituição de um novo “regime de verdade”, no qual a responsabilização individual ocupa a posição central. A saúde passa a ser responsabilidade de cada indivíduo, que deve se informar constantemente sobre novas possibilidades e estar disposto a consumir novas tecnologias. As autoras enfatizam o caráter moral desse regime de

verdade. Rose (2007) apresenta uma perspectiva semelhante, apontado que, a partir do processo de subjetivação, o sujeito, apresentado como “indivíduo somático”, passa a crer que o cuidado com a saúde é uma questão de responsabilidade individual, pessoal e autogerenciada.

A mobilização deste ideário é frequente nas postagens dos usuários, especialmente através da categoria “investimento”. Investimento *financeiro*, pelos altos custos de manutenção que o tratamento da modulação hormonal exige; e *pessoal*, com a necessidade de mudança de muitos aspectos da vida e rotina dos pacientes, como tempo e disposição para fazer dietas e exercícios, por exemplo.

É comum o tensionamento entre os valores altos e a noção de investimento em saúde e qualidade de vida. Cita-se os valores investidos em planos privados de saúde e tratamentos tradicionais quando se está doente, conforme a usuária Clara afirma: “Não gasto mais de 200 reais por mês, com meu nutrólogo, a Modulação Hormonal e a suplementação. *Olha prefiro gastar nisso que em plano de saúde*”. Aqui, é possível observar a mobilização de um dos aspectos centrais da medicina *anti-aging*, que propõe a atuação médica de forma integrada visando ‘a saúde’, não o tratamento de patologias já estabelecidas.

Os integrantes do grupo, especialmente os que já realizam tratamentos com hormônios bioidênticos, apontam para a existência de um “tripé” essencial para o bom funcionamento da modulação hormonal – dieta (ou alimentação balanceada), exercícios físicos e os hormônios bioidênticos. A não observação de um dos três elementos pode acarretar no não funcionamento do tratamento ou no ganho de peso. A inquietação com o aumento de peso parece ser mais intensa entre as mulheres e é associado a uma “quebra” no tripé, ou seja, à falta de dieta ou de exercícios durante o uso de hormônios bioidênticos. A preocupação em ter de se “submeter” a tratamentos com ginecologistas tradicionais, não adeptos aos hormônios bioidênticos, também é frequente.

Artificial vs. natural

Se você está pensando que, porque são produzidos em laboratório, os “hormônios bioidênticos” também podem ser prejudiciais, engana-se! O fato de uma substância ser produzida em laboratório não significa que ela é ruim assim como o fato de ser natural não significa que é boa. Veneno de cobra é natural e mata.
Lair Ribeiro, s.d.

Um dos campos de disputa mais expressivo gira em torno da oposição entre o que é tido como artificial e o que é natural. Isso reflete em diversos aspectos, criando uma série de pares

de oposição, que atuam através desse binarismo. Neste contexto, os hormônios podem ser sintéticos ou bioidênticos, de origem artificial ou natural. Sua aplicação pode ser oral ou tópica, com concentração padronizada ou personalizada, e sua estrutura pode ser semelhante a molécula endógena ou idêntica a molécula endógena, aquela que é produzida pelo organismo. A reposição hormonal com hormônios sintéticos é mais comum entre as mulheres, de forma que são mais frequentes em discussões sobre reposição durante o período da menopausa.

As farmácias de manipulação e, conseqüente, os insumos utilizados por elas na produção dos medicamentos são constantemente mobilizados pelos usuários, no contexto de discussão entre o “aspecto “natural” dos bioidênticos x “artificial/sintético” dos demais hormônios utilizados por terapias alopáticas⁸². Os medicamentos no geral são compostos por suas substâncias ativas (responsáveis pelo resultado terapêutico) e pelo excipiente, que varia de acordo com a forma farmacêutica de cada medicamento. A forma farmacêutica pode ser sólida, líquida ou semi-sólida, e é definida de acordo com a via de administração adequada, ou seja, de acordo com o “caminho” apropriado que determinado medicamento precisa fazer para entrar em contato com o organismo. Os medicamentos bioidênticos, utilizados na modulação hormonal, são comumente administrados na forma de pomadas e cremes. No trecho a seguir, a usuária Glória explicita a sua preocupação com o caráter ‘artificial’ dos medicamentos indicados por médicos que desconhecem os bioidênticos:

Acredito que temos alguns problemas: Poucas Farmácias de manipulação trabalhando com materia prima verdadeira... Médicos descrentes se desculpando por não conhecerem o que são Bioidênticos e acabam por privilegiar os laboratórios de sintéticos, e mais, os preços.... acho que devíamos nos empenhar para uma melhora nesse sentido aqui, para facilitar a vida de muitos que precisam! Falei demais?? rs

Considerações finais

Através da etnografia realizada no *Facebook*, foi possível captar nuances das redes de interação e circulação de informação entre profissionais e público/paciente. Em relação as formas de comunicação empregadas pelos/as produtores/as de conhecimento biomédico, no campo dos bioidênticos e da modulação hormonal, foi possível observar uma presença expressiva de profissionais nas redes sociais, divulgando o tratamento de forma eficiente através de vídeos, textos, fotos e dos grupos de pacientes.

⁸² Terapias alopáticas consistem no uso de medicamentos que produzam efeitos contrários aos sintomas causados por determinada doença, a fim de combatê-las. É o método utilizado pela medicina tradicional.

No que tange o campo da modulação hormonal, foi possível identificar uma série de categorias mobilizadas pelos atores, assim como as principais figuras no contexto brasileiro e internacional. Concluiu-se que argumentos e valores associados às noções de “inovação”, “investimento” e “natural x artificial” são eixos centrais para compreender este campo.

Referências

CLARKE, Adele E.; SHIM, Janet; MAMO, Laura; FOSKET, Jennifer; FISHMAN, Jennifer (eds.). *Biomedicalization: Technoscience and Transformations of Health and Illness in the U.S.* Durham: Duke University Press, 2010.

HINE, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday.* Huntingdon, Bloomsbury Publishing, 2015.

MILLER, Daniel. Social Networking Sites. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather. (eds.) *Digital Anthropology.* London, Berg, 2012, p. 146-161.

ROHDEN, Fabíola. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 23, p. 29-60, 2017.

ROSE, Nicolas. *The politics of life itself: biomedicine, power, subjectivity in the twenty-first century.* Princeton: Princeton University Press, 2007.

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. *Medicina Anti-aging no Brasil: uma análise antropológica das transformações na abordagem médica do envelhecimento.* Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2018.

BLOG CONSCIÊNCIA ANIMAL: DIVULGANDO COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR ANIMAL

Caroline Marques Maia⁸³ - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Resumo:

As pessoas parecem ter um fascínio natural por questões relacionadas à vida e aos seres vivos, algo que a mídia frequentemente explora ao divulgar matérias relacionadas a esses temas. Entretanto, geralmente, a biodiversidade em nosso planeta ainda é pouco compreendida pelas pessoas. O bem-estar animal é uma área da biodiversidade que ainda é recente, que envolve muitas linhas e conceitos diferentes e que ainda tem poucas iniciativas de divulgação científica. Nesse contexto, o blog ConsCIÊNCIA Animal foi criado em 2016 para divulgar conteúdos de comportamento e bem-estar animal visando melhorar a percepção popular e contribuir para a cultura científica da sociedade nessa área. O blog é composto por 10 seções que trazem publicações semanais com conceitos, fatos históricos, fotos e vídeos comentados, mensagens para reflexão, indicações comentadas de artigos científicos e livros, discussões, pontos de vista, comentários de cientistas ou de profissionais da área, além de indicações de matérias jornalísticas. As publicações atingiram 48.132 visualizações e 29.161 visitantes de 60 países em 2020, algo que veio evoluindo ao longo dos anos. Assim, de fato, o blog ConsCIÊNCIA Animal vem contribuindo significativamente para a divulgação científica sobre comportamento e bem-estar animal em nossa sociedade, o que é fundamental para que as pessoas possam ter uma melhor percepção de assuntos na área e tomar decisões relacionadas de forma mais consciente.

Palavras-chave: Animais. Etologia. Qualidade de vida. Divulgação científica.

Abstract:

Generally, people seem to have a natural fascination for issues related to life and living beings, which is often explored by the media by divulging news and reports related to these themes. However, in general, biodiversity is still poorly understood by people. Animal welfare is an area of biodiversity that is still relatively new, which involves many different scientific lines and concepts, and that still has few initiatives of scientific dissemination. In this context, the blog ConsCIÊNCIA Animal was created in 2016 to disseminate animal behavior and welfare contents to improve popular perception, thus collaborating for the scientific culture of society in this field. The blog consists of 10 sessions bringing up weekly publications about concepts, historical facts, commented photos and videos, messages for reflection, commented indications of papers and books, discussions, points of view, comments by scientists or professionals in the field, besides indications of journalistic articles. Such publications reached 48,132 views and 29,161 visitors from 60 countries in 2020, which has been growing over the years. Thus, in fact, the blog ConsCIÊNCIA Animal has significantly contributed to the scientific dissemination of animal behavior and welfare themes in our society, which is essential for people to have a better perception of issues in this field and make related decisions that are more reasoned.

Keywords: Animals. Ethology. Quality of Life. Scientific dissemination.

1. Introdução

Temas relacionados à Saúde e às Ciências Biológicas são frequentemente divulgados pela mídia, conforme aponta a Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI (MINAS

⁸³ Bióloga e doutora em Zoologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Especializanda do programa de pós-graduação em Jornalismo Científico da Universidade de Campinas (Unicamp), carolmm_luzi@hotmail.com.

GERAIS, 2009), o que reflete, ao menos parcialmente, a preocupação das pessoas com a saúde, além de um fascínio natural sobre questões relacionadas à vida e aos seres vivos (WILSON, 1986). Entretanto, a população brasileira ainda compreende pouco sobre a biodiversidade de nosso país, algo que ocorre, inclusive, no meio universitário (SCHERER; ESSI; PINHEIRO, 2015).

Assim, mesmo com uma aparente maior cobertura da mídia sobre aspectos científicos ligados às ciências da vida, é importante comunicar a ciência de forma que ajude a melhorar o conhecimento científico da população em geral nessas áreas, colaborando dessa forma para o engajamento das pessoas em relação a decisões relacionadas à biodiversidade baseadas em ciência. Desse modo, divulgação de qualidade nessa área deverá ampliar a cultura científica relacionada à biodiversidade na nossa sociedade, que basicamente representa o conjunto de fatores, eventos e ações humanas na sociedade com foco na produção, difusão, ensino e publicação do conhecimento científico (VOGT, 2011). Além disso, havendo interesse natural da população por fenômenos relacionados à vida, isso indica um cenário favorável, ou seja, mais receptivo, para iniciativas de divulgação científica nessas áreas.

Especificamente considerando o bem-estar animal nas Ciências Biológicas, esse é um campo relativamente recente, que evoluiu gradualmente a partir de meados da década de 1960 (DUNCAN, 2006). Isso ocorreu provavelmente como uma consequência da publicação do livro *Animal machines* (HARRISON, 1964), que denunciou uma série de práticas que ignoravam o sofrimento dos animais de produção. Desde então, diversos cientistas começaram a investigar questões de bem-estar animal, desenvolvendo conceitos e buscando indicadores da qualidade de vida dos animais. Entretanto, nem indicadores fisiológicos, nem comportamentais se mostraram inequívocos ao longo dos anos (VOLPATO *et al.*, 2009). De fato, o conceito de bem-estar animal tem se revelado como algo complexo, com diversas tentativas de conceitualização ao longo dos anos, que envolve muitos aspectos, inclusive o estado emocional dos animais.

Nesse contexto, mesmo as pessoas bem-intencionadas podem simplesmente não ter conhecimento sobre toda essa complexidade que envolve o conceito. Ademais, as pessoas podem acabar cometendo falhas ao tratar os animais de acordo com premissas humanas sobre o que esses precisam e gostariam, sem levar em conta o ponto de vista dos próprios animais (DAWKINS, 2006). Desse modo, considerando que a área de comportamento e bem-estar animal ainda carece de iniciativas de divulgação científica de qualidade, fica evidente a

importância de desenvolver novas estratégias para popularizar as informações científicas nessa área.

Nesse cenário, para ampliar a divulgação de ciência na área de comportamento e bem-estar animal, em março de 2016 o Blog ConsCIÊNCIA Animal foi criado. A ideia do blog é aumentar a percepção popular da importância e da significância de temas na área de comportamento e bem-estar animal, contribuindo assim para a cultura científica da sociedade nessa área.

2. Metodologia: construção do blog

O blog foi originalmente estruturado em cinco seções em um dos modelos disponíveis na versão gratuita da plataforma *WordPress*. Cada seção foi criada com a imagem de um animal ao lado de um pequeno texto, que define o que o leitor encontra nas postagens dessa seção. Ao clicar em uma seção, o leitor se depara com as postagens já publicadas, ordenadas numericamente.

Desde o lançamento do blog em 2016, as postagens são sempre periódicas, geralmente uma por semana, e trazem publicações sobre conceitos, fatos históricos, indicações comentadas de artigos científicos e livros, discussões, e pontos de vista na área. A periodicidade semanal foi originalmente estabelecida com a finalidade de manter a movimentação e a atualização constante do blog para estimular mais os leitores a se manterem como visitantes. A abertura (capa) do blog foi criada para apresentar logo no início a definição do que o *site* traz em termos de conteúdo, com destaque para o seu título *consCIÊNCIA animal* – enfatizando a palavra *ciência*, que indica que os conteúdos trazidos no blog buscam conscientizar as pessoas sobre comportamento e bem-estar animal a partir de uma clara fundamentação científica (Figura 1).

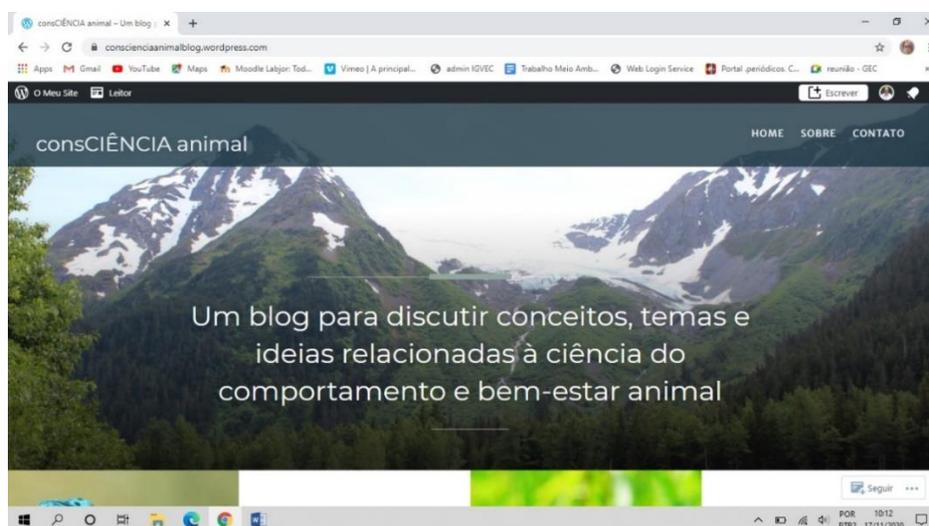


Figura 1: Imagem com recorte da abertura do blog ConsCIÊNCIA Animal

Ao longo dos anos, as cinco seções criadas inicialmente acabaram se mostrando insuficientes para contemplar outros conteúdos importantes na área. Com isso, mais cinco seções foram criadas no blog, no mesmo estilo das anteriores, que desde então vêm trazendo publicações sobre fotos e vídeos comentados, comentários de cientistas renomados na área, comentários de profissionais que trabalham na prática com o bem-estar animal, indicações comentadas de matérias jornalísticas da área e imagens com mensagens para reflexão a partir da iniciativa Consciência Animal (Figura 2).

Essa iniciativa oferece assessoria, consultoria e cursos na área de comportamento e bem-estar animal. Periodicamente, são publicadas imagens com mensagens curtas relacionadas a essa área na página da iniciativa, que posteriormente são agrupadas e divulgadas na seção “Iniciativa Consciência Animal” do blog (Figura 2).

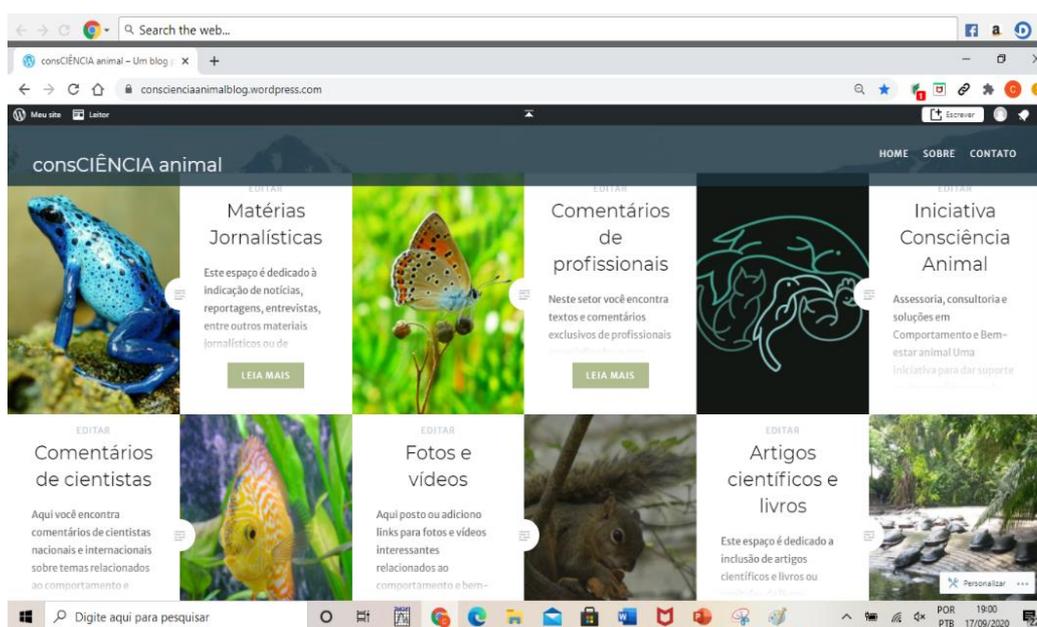


Figura 2: Imagem com um recorte de algumas das seções do blog Consciência Animal, incluindo as cinco seções mais recentemente criadas (apenas a seção “Artigos científicos e livros” é uma das seções mais antigas do blog).

O blog conta também com uma página “Sobre”, onde estão disponíveis informações sobre a criadora e mantenedora do blog, uma bióloga com mestrado e doutorado em Zoologia na área de comportamento e bem-estar animal e especialização em jornalismo científico, que é responsável pela maioria das publicações nesse veículo. Inclusive, as matérias jornalísticas indicadas no blog incluem os materiais de divulgação e jornalismo científico que ela vem produzindo e publicando desde o ano passado no curso de Especialização em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Há

também a preocupação de convidar cientistas renomados e profissionais qualificados para preparar materiais exclusivos que compõem as publicações nas seções sobre comentários de cientistas ou de profissionais da área. A seção sobre comentários de cientistas já conta, inclusive, com textos de cientistas internacionais (Figura 3).

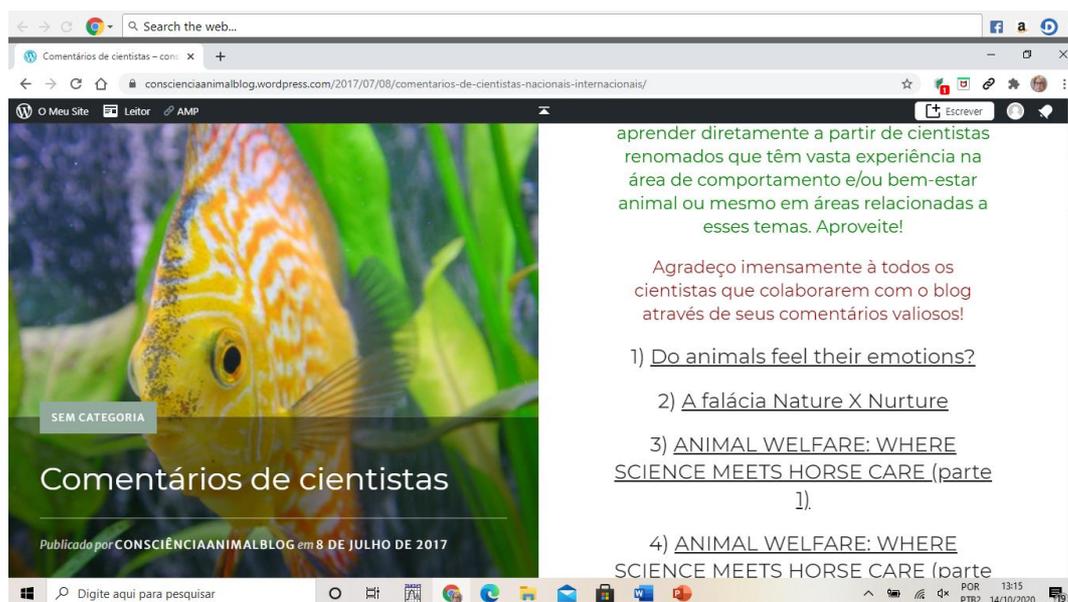


Figura 3: Imagem com recorte mostrando a seção “Comentários de cientistas” do blog Consciência Animal. O Item ‘1) Do animal feel their emotions?’ traz o texto da Dra. Victoria Braithwaite, renomada cientista internacional sobre questões relacionadas a individualidade e dor em peixes.

Além disso, vale mencionar que os visitantes do blog também podem enviar dúvidas, críticas ou sugestões sobre o blog através da página de “Contato”. Essa página traz a indicação de um e-mail que é checado diariamente e geralmente respondido em menos de 24 horas pela criadora do blog.

3. Resultados e Discussão

Atualmente, o dia da semana com maior número de visitantes é a terça-feira, sendo o horário com mais visitação às 18h. Isso indica o melhor dia e horário para realizar as postagens. Em 2016, ano de lançamento do blog, houve pouco mais de 300 visitantes e de 950 visualizações do conteúdo (Tabela 1). Tanto as visualizações quanto o número de visitantes vêm crescendo consideravelmente ao longo dos anos (Tabela 1), sendo, que até o momento, o blog atingiu a marca de 48.132 visualizações e 29.161 visitantes totais este ano.

Tabela 1: Métricas de visualização e visitação no blog ConsCIÊNCIA Animal ao longo dos anos.

	Anos concluídos desde o lançamento			
	2016	2017	2018	2019
Visitantes	326	3.320	7.125	9.583
Visualizações	970	4.770	12.207	16.734

Com relação aos países de origem dos visitantes do blog, ainda no próprio ano de seu lançamento (2016), o veículo contou com visitantes de quatro outros países além do Brasil (EUA, Portugal, Itália e Colômbia), um número que aumentou consideravelmente para 60 países até o momento. Conforme apresentado na tabela 2, vemos que esse crescimento na projeção internacional foi mais sutil no segundo ano do blog (2017) e, em seguida, foi mais intensa entre 2018 e 2019, representando um grande salto nesses anos. Mesmo considerando que os leitores dos países estrangeiros devem incluir brasileiros que moram no exterior significativamente, esse ainda é um dado relevante em termos de capacidade de alcance de público do blog.

Tabela 2: Visitas registradas no blog que correspondem a pessoas de outros países.

	Anos concluídos desde o lançamento			
	2016	2017	2018	2019
Outros países além do Brasil com visitantes que acessaram o blog	4	8	42	48

Ademais, vale destacar aqui o caso de um e-mail recebido de um estudante de uma universidade que fez diversos elogios ao blog. A pessoa em questão relatou não ter muito acesso às informações sobre comportamento e bem-estar animal em sua universidade e estar com dificuldade em encontrar conteúdo de boa qualidade na internet sobre esses temas. Nesse sentido, os elogios destacaram a qualidade das informações disponibilizadas no blog e a importância de sua existência para a divulgação científica na área de comportamento e bem-estar animal.

Com base nesses dados e considerando que a divulgação científica busca a democratização da ciência para instrumentalizar a ampliação do conhecimento e da compreensão da ciência pela sociedade (MENDES, 2006), o blog ConsCIÊNCIA Animal tem contribuído ao longo dos anos como um veículo de divulgação científica de qualidade sobre temas de comportamento e bem-estar animal. Como o direito ao conhecimento deve ser inalienável, uma clara razão para a promoção do acesso popular à produção científica (VOGT, 2006), o blog atua como um importante veículo, auxiliando na tarefa de cada vez mais sanar a defasagem que existe entre o meio científico e o não científico na área da biodiversidade.

Assim, é evidente que o blog vem atingindo um público crescente e dando suporte para a popularização de temas na área de comportamento e bem-estar animal em nosso país e mesmo internacionalmente. Com isso, esse veículo vem ajudando a aproximar as pessoas da ciência que vem sendo construída ao longo dos anos nessa área, o que deve contribuir não apenas para ampliar o conhecimento científico das pessoas sobre temas de comportamento e bem-estar animal, mas também a cultura científica dessa área na sociedade. De acordo com Vogt (2011), a cultura científica representa o conjunto de fatores, eventos e ações humanas na sociedade com foco na produção, difusão, ensino e publicação do conhecimento científico. Dessa forma, uma vez que o blog dá sustentação para ampliar a cultura científica na área de comportamento e bem-estar animal, isso poderá contribuir com um maior engajamento das pessoas nessa área, com tomadas de decisão mais conscientes em relação aos animais, o que deve gerar impactos diretos na própria prática do bem-estar animal na sociedade.

Referências

DAWKINS, M. S. Through animal eyes: what behaviour tell us. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 100, 2006. p. 4-10. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.applanim.2006.04.010>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

DUNCAN, I. J. H. The changing concept of animal sentience. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 100, 2006. p. 11-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.applanim.2006.04.011>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

HARRISON, R. *Animal Machines: The new factory farming industry*. Ed. Vincent Stuart Publishers: London, UK, 1964. 186 pp.

MENDES, M. F. A. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958)*. 2006. 240 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

MINAS GERAIS. Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP). Agência de Notícias dos Direitos da Infância. *Ciência, Tecnologia e Inovação na Mídia Brasileira*. 2009. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/publicacao/ciencia-tecnologia-inovacao-na-midia-brasileira>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SCHERER, H. J.; ESSI, L.; PINHEIRO, D. O. O conhecimento da Biodiversidade: um estudo de caso com estudantes de graduação de uma universidade brasileira. *Revista Monografias Ambientais*, v. 14, 2015. p. 49-58. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2236130818904>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VOGT, C. Introdução. In: VOGT, C. (ed.). *Cultura Científica – desafios*. Ed. Edusp/Fapesp: São Paulo, 2006.

VOGT, C. *The spiral of scientific culture and cultural well-being: Brazil and Ibero America*. *Public Understanding of Science*, v. 21, n. 1, 2011. p. 1-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F0963662511420410>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VOLPATO, G. L. *et al.* Animal welfare: from concepts to reality. *Oecologia Brasiliensis*, v. 13, 2009. p. 5-15.

WILSON, E. *Biophilia*. Ed. Harvard University Press: Cambridge, UK, 1986. 176 pp.

EXEMPLOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PELA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Luana Pires Vida Leal⁸⁴ – Universidade Estadual de Londrina

Rosana Figueiredo Salvi⁸⁵ – Universidade Estadual de Londrina

Resumo:

Partindo do pressuposto que a divulgação científica tem suas contribuições quanto à comunicar as intencionalidades na produção de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos e, compreendendo que tal processo acontece de forma que seja palpável ao público não-especializado, o presente trabalho tem como objetivo mostrar de que maneira ações de divulgação científica foram desenvolvidas no âmbito das redes sociais (Instagram e Spotify), reafirmando a ideia de que a atividade divulgativa não se resume a mera retextualização da atividade científica e pode ser repensada a partir do enfoque decolonial, a fim de visibilizar saberes ancestrais, latinos e afrodiáspóricos, epistemologias outras que não-eurocêntricas dentro de um processo educativo, democratizando o acesso à este amontoado de informações. Para se concretizar a exemplificação das iniciativas, baseado nas informações dispostas em ambas as plataformas digitais, utilizou-se o *corpus* latente da internet, metodologia que visa analisar as informações presentes na internet. Assim, os estudos da interação de ambas as redes sociais revelaram ampla difusão do conteúdo, mediante análise das métricas disponibilizadas pelos aplicativos, de mapeamento e compartilhamento. Os números revelaram que a temática ganhou visibilidade a partir da abordagem decolonial adotada, revelando a pertinência da utilização de redes sociais em contextos educativos no Ensino de Ciências, pois o caminho artístico também levanta, juntamente à produções acadêmicas, pautas de discussão referentes à dependência tecnológica, a desconstrução de ideários exóticos de cientista, problematiza, identifica e busca ressignificar relações de poder, caminhando lado a lado com pressupostos da efetivação da divulgação científica.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Decolonialidade. Redes Sociais.

Abstract:

Based on assumption that scientific divulgation has its contributions regarding to communicate intentionalities about scientific, social and technological knowledge production, and, understanding this process happens thinking about non-specialized public, this work shows how scientific divulgation was made on social media (Instagram and Spotify), reaffirming idea about divulgation activity is not limited to simple retextualization of scientific activity and can be replaced by decoloniality focus, in order to show ancestral, latin and afrodiásporic knowledge, epistemologies other than non-eurocentric at educational process, democratizing access to all these information. To show initiatives here described, based on both digital platforms information, latent *corpus* of internet was used, methodology that analyzes internet data. Interaction studies data of both social media revealed wide dissemination of content, through metrics provided by applications. The numbers revealed visibility gained concerned to decolonial approach, revealing relevance of social media uses in educational contexts in Science Education, as artistic way raises, along with academical studies, discussion guidelines regarding technological dependence, deconstruction of exotic scientists' ideas, problematizes, identifies and seeks to re-signify power relations, walking side-by-side with effective scientific dissemination ideas.

Keywords: Scientific divulgation. Decoloniality. Social media.

⁸⁴ Licenciada em Química (UTFPR), Mestre e Doutoranda em Ensino de Ciências, Universidade Estadual de Londrina, luanapvidaleal@gmail.com

⁸⁵ Licenciada e Bacharela em Geografia (UNESP), Mestre e Doutora em Geografia Humana (USP), Professora associada da Universidade Estadual de Londrina, ro06salvi@gmail.com

1. Introdução

Ao falarmos de Divulgação Científica (DC), nos deparamos com a multiplicidade de significados que o termo adquiriu dentro das discussões acadêmicas (vulgarização, difusão, disseminação, divulgação). No entanto, há o reconhecimento de que, a despeito da nomenclatura utilizada e suas especificidades, há a convergência de entender que o objetivo destas consiste em publicizar o conhecimento científico, que por tempos permaneceu apenas nos corredores dos centros de pesquisa, num movimento elitizador.

Esse processo elitizador é um resquício das ideias iluministas e positivistas que se propuseram a estabelecer uma diferença entre o sujeito e objeto, como mencionado por Pinheiro (2020, p. xviii):

É a premissa da pretensa impessoalidade e neutralidade axiológica. Em nome desse ideal positivo de ciência aprendemos a abrir mão da primeira pessoa. Essa academia fortemente pautada na colonialidade eurocêntrica herda esse discurso não apenas do positivismo comteano, mas fundamentalmente de suas bases racionais greco-romanas que estabeleceram que a menina dos olhos do ocidente (a filosofia ocidental) surge a partir do rompimento do mito com o logos. Esta é uma perspectiva dicotômica que pauta a produção de um conhecimento verdadeiro assentado unicamente na razão e no afastamento entre o sujeito e o objeto.

Com isso, tomou-se como uma “padronização” que os conhecimentos científicos estariam nas mãos de cientistas brancos, cisgêneros e heterossexuais, tornando-se assuntos inquestionáveis e impassíveis de erros (MESSEDER-NETO, 2019), estabelecendo relações de poder que resultou em silenciamento de saberes que não são eurocentrados, o que Aníbal Quijano (2010) chamou de colonialidade do poder e Santos e Meneses (2010) definem como epistemicídio.

As consequências destas relações de colonização e supressão de saberes abriram espaço para manifestações de racismo, outros preconceitos e atitudes discriminatórias, inclusive nos espaços acadêmicos, há a percepção de que os documentos educativos assumiram uma postura homogeneizadora e homogeneizante (BENITE, 2018), que por muitas vezes invisibiliza a diversidade étnico-racial brasileira (GOMES, 2020).

Este contexto, associado às relações de poder do capitalismo, impulsionaram um cenário de ampla divulgação de notícias falsas, as *fake news*, a polarização política, a perpetuação de preconceitos, o que urge um repensar nas estratégias de ensino que busquem a desconstrução destas grandes narrativas nos espaços educativos e estruturar atividades que passem a

problematizá-las e até mesmo ser combativa frente a preconceitos e visibilizar vozes que um dia foram silenciadas, apresentamos a perspectiva decolonial.

A decolonialidade possui, de acordo com Vergès (2020), a intencionalidade contínua e permanente de movimentar atitudes que combatam relações colonizadoras nas vivências. Pinheiro (2020) cita a decolonialidade como uma alternativa e postura combativa aos silenciamentos constantes decorrentes da colonização que impôs configurações de pensamentos, estética, culturas, dentre outras.

Assim, considerando que a atividade de Divulgação Científica tem responsabilidade social em conscientizar os indivíduos dos acontecimentos que os envolvem (MESSER-NETO, 2019), provocar discussões a respeito das intencionalidades dos conhecimentos socializados (PINHEIRO, 2020), buscamos elaborar ações que possam evocar a postura decolonial, a fim de visibilizar saberes ancestrais, latinos e afrodiaspóricos, epistemologias outras que não-eurocêntricas dentro de um processo educativo, democratizando o acesso à este amontoado de informações.

É interessante observar que, assim como a ciência é uma produção humana, também podemos considerar a DC neste aspecto e, partindo desse pressuposto, podemos estabelecer entrelaces entre o saber comum e o saber acadêmico, ensinar a questionar e problematizar conhecimentos, podemos adotar a postura de deselitizar os conhecimentos produzidos nos centros de pesquisa, buscando diminuir as barreiras das amplas desigualdades em território brasileiro.

Por essa razão, com o pensamento de que divulgar ciência seja uma obrigação aos pesquisadores, como uma maneira de devolver à sociedade contribuições que possam agregar ao cotidiano e exercitar o movimento de democratização do conhecimento, apresentamos aqui duas iniciativas elaboradas via redes sociais, o Instagram e o Spotify, unindo plataformas artísticas como veículo de DC.

Em face da pandemia de Covid-19, ou SARS-CoV-2, cuja mutação é originária de 2019, permaneceu em 2020 e apresenta-se ainda no ano de 2021, as atividades humanas foram reestruturadas, a fim de minimizar o contágio. Como retratado por Franco Berardi (2020, p. 18) em sua obra “Crônicas da Psicodeflação”:

A Terra atingiu um grau de extrema irritação, e o corpo coletivo da sociedade está num estado de estresse intolerável. A doença se manifesta neste momento, discretamente letal, mas social e psiquicamente devastadora, como uma reação de autodefesa da Terra e do corpo planetário. [...] O que causa pânico é que o vírus foge à nossa compreensão. A medicina não o conhece, tampouco o sistema imunológico o conhece. E o desconhecido de repente faz a máquina parar.

As atividades educativas também foram afetadas por esta readequação, embora a desigualdade social em muitos níveis tenha sido escancarada mais uma vez (COLEMARX, 2020; SANTOS, 2020) e, agora, as atividades passaram a ser estruturadas e assessoradas por programas intermediados pela rede.

Neste sentido, o momento impulsionou atividades de DC que já eram feitas anteriormente à pandemia, além de destituir unicamente a finalidade de entretenimento atrelada a estes espaços sociais.

O exercício de se constituir uma divulgadora científica consiste numa reflexão constante a respeito de como se deseja estabelecer a mensagem, o contato com a linguagem, quem se deseja alcançar e qual o efeito que esta deseja produzir.

Pensando em como executar os critérios acima estabelecidos, com a intencionalidade de democratizar os conhecimentos relacionados ao Ensino de Ciências e associar as vivências cotidianas, os saberes ancestrais aos conteúdos ensinados, buscamos utilizar as redes sociais, que, de acordo com os estudos de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2013), os atos educativos também são maneiras de assumir posições e atitudes políticas que não se constituem apenas dentro da escola, os visitantes da página passem a ter subsídios para serem produtores de suas percepções a respeito da realidade em que vivem e possam reconhecer os efeitos da colonização no âmbito epistemológico.

1.1 A decolonialidade na Divulgação Científica

A cosmovisão que regeu por muitos anos nossas instruções de convívio em sociedade esteve pautada numa narrativa da modernidade, que, de acordo com Martins (2019, p. iii):

[...] promoveu formas de conhecer e de viver sustentadas por ideias como progresso, racionalidade técnica, pensamento universal e superioridade eurocêntrica. Tal projeto materializou-se em um modelo de desenvolvimento econômico que se revelou, por vezes, predatório dos recursos naturais, promotor de expropriação de territórios e de populações, e destruidor de culturas.

Tais ações perpetuaram sucessivos comportamentos de pilhagem epistêmica (apropriação intelectual de ideias) e epistemicídio (silenciamento de saberes), além de subalternizações que precarizaram a qualidade de vida de muitos povos por muitos séculos. Neste sentido, entende-se que descolonizar é um movimento epistemológico que visa reconhecer as relações de poder imbricadas em diversos âmbitos: sociais, políticos,

econômicos, laborais, de gênero, sexuais, educativos, entre outras, relações essas advindas da colonização europeia e/ou do norte global em diversos territórios (BALLESTRIN, 2013).

Nas palavras de Dutra, Castro e Monteiro (2019, p. 7), pensar de maneira decolonial significa dar espaço de escuta aos conhecimentos que tornaram-se invisibilizados frente às supressões, com a intencionalidade de “provocar um posicionamento contínuo de transgressão e insurgência”.

Pensando nas contribuições da Divulgação Científica, que consiste no desenvolvimento de uma cultura que abranja a compreensão pública dos conhecimentos científicos, seus desenvolvimentos e questionamentos (NASCIMENTO FILHO, PINTO; CAMPOS, 2019), estruturamos neste trabalho iniciativas de DC dotadas de historicidades, questionamento de coletividades, em consonância com o pensamento decolonial.

2. Metodologia

A pesquisa aqui estruturada tem suas bases assentadas nas premissas da pesquisa qualitativa, que de acordo com Flick (2009), estuda as relações sociais e permite que sejam agregados ao desenvolvimento da pesquisa a subjetividade do pesquisador, dos sujeitos de pesquisa, tendo amplitude na escolha das abordagens para coleta e interpretação dos dados.

Como método de coleta de dados foram utilizadas as próprias métricas das redes sociais desde suas respectivas criações, bem como comentários e interações realizadas, disponibilizadas pelos próprios aplicativos.

Para análise das informações, tendo em vista as informações dispostas em ambas as plataformas digitais, reuniu-se o *corpus* latente da internet, metodologia que visa analisar as informações já presentes na internet, que não estão inicialmente dispostas para um contexto investigativo, a partir dos conteúdos ali demonstrados ou mediante a interação que foi feita nestes contextos, tornando-os passíveis de serem informações pertinentes à respostas de questões investigativas (Bartolomé Pina; Souza; Leão, 2013).

Esta metodologia permite que os dados sejam tipificados em dados numéricos e não-numéricos, permitindo a sua ampla utilização nos campos quantitativos e qualitativos, seguindo amplas categorizações dados os múltiplos sentidos e significados que as informações dispostas na internet podem vir a apresentar (SOUZA, 2014).

Bartolomé Pina, Souza e Leão (2013) compreendem que as informações à disposição na internet também podem ser estratificadas em estudos a respeito do conteúdo e da interação.

No tocante ao estudo relacionado ao conteúdo, a classificação abrange domínios públicos virtuais, como textos, músicas, artigos, entre outros.

Por sua vez, o estudo atribuído à interação reúne informações a partir de como se dá o diálogo, diretamente ou indiretamente: respostas em fóruns, trocas de mensagens, comentários em domínios públicos.

Neste sentido, buscamos avaliar qualitativamente a disseminação das atividades de divulgação científica de acordo com dados de acesso, interação, compartilhamentos públicos e inferir a respeito das contribuições e fragilidades de tais iniciativas, a partir da sistematização dos algoritmos disponibilizados pelas respectivas redes sociais, categorizando as informações a partir dos assuntos publicizados, quantidade de acesso, ascensão ou declínio do número de seguidores, abrangendo a pauta analítica do estudo atribuído à interação.

Para a compreensão dos contextos de DC aqui mencionados, serão explanadas brevemente especificidades a respeito das redes trabalhadas e a intencionalidade de sua criação.

O Spotify[®], lançado oficialmente em 2008, é um programa reprodutor de músicas e *podcasts* que permite ao usuário que reúna o som que aprecia em listas, que podem ser públicas, privadas ou colaborativas. As listas - que no aplicativo são chamadas de *playlists* - públicas e colaborativas permitem o acesso de outros usuários, permitindo que seja possível acompanhá-las a partir do botão de “Seguir”. A diferença entre a lista pública e a lista colaborativa está na possibilidade de acrescentar músicas em um contexto de colaboração, cuja funcionalidade em específico só é permitida aos usuários pagantes do aplicativo. No caso, ao usuário que não possui assinatura, só é permitida a escuta e o botão de “Seguir”, conforme Figura 1.

A playlist colaborativa intitulada “Descolonizando a escuta”, criada em 27 de julho de 2020 tem a intencionalidade de, ao permitir a intervenção de outros indivíduos que inserem produções latinoamericanas, afrodiaspóricas, estabeleça uma postura dialógica e abre espaços para novas partilhas, o que, descarta a influência de uma história única inclusive no âmbito cultural.

É interessante observar que, pensando na coletividade disposta nos saberes freireanos, na descrição da lista – único espaço destinado à uma possível interação com os seguidores neste programa – disponibilizou-se o e-mail e o número particular de contato da pesquisadora para que, um possível usuário que não for assinante da plataforma, possa enviar sugestão de contribuições para serem adicionadas.

A partir da criação da lista e o intercâmbio cultural com os seguidores, é possível averiguar quem adicionou, quantas pessoas estão seguindo a lista e, a partir destas informações

é possível esboçar delineamentos a respeito dos diversos públicos que partilham das intencionalidades da lista.

O Instagram[®], criado em outubro de 2010, por sua vez, é um espaço gratuito⁸⁶ interativo de troca de fotos e/ou vídeos que permitem mais interações diretas com o público que o acessa. Ao ingressar no aplicativo na modalidade de usuário, há a possibilidade da criação de uma conta que pode ser pública ou privada. O acesso também é garantido caso um indivíduo não queira se cadastrar na rede social apenas em contas cuja privacidade esteja definida como pública.

A conta @professoraluli⁸⁷ foi criada com a finalidade de entrelaçar a arte para divulgação científica, com o propósito de ensinar ciências combatendo notícias falsas, mostrando possibilidades de desvelar racismos e outros preconceitos que podem emergir durante processos de aprendizagem ou possibilitar reflexões.

Aos usuários, é possível conferir semanalmente números de visitas, público-alvo (idade, gênero, faixa etária), desde que a conta esteja configurada na modalidade “comercial”, melhor horário de interação com seguidores, localidade dos seguidores.

Não há um local em que as informações são sistematizadas sucessivamente, por essa razão, criou-se uma planilha em que houve transcrição fiel dos dados, para finalidade de acompanhamento e registro.

Desse modo, tais informações, que inicialmente não respondem à nenhuma questão de investigação em específico, passaram a subsidiar o percurso investigativo, por meio do *corpus* latente da internet para averiguar os efeitos das ações de DC com perspectiva decolonial nos meios digitais.

Resultados e Discussão

A realidade que vivemos atualmente compreende (com toda a abstração necessária) dimensionado um espaço em que o conhecimento científico tem quebrado fronteiras institucionais, adentrado modalidades não-formais e virtuais de ensino. Sendo assim, a acessibilidade à informação nestes espaços pode contribuir para fomentar debates, construir diálogos que modifiquem a maneira de ser e de estar no mundo.

A democratização da informação não significa que a disposição de conteúdos sejam efetivos aniquiladores de discursos preconceituosos que possam subalternizar a alteridade em qualquer esfera. Ainda se veem ações de xenofobia, LGBTQIA+fobia, intolerância religiosa,

⁸⁶ Não há assinaturas específicas para a permanência do usuário no aplicativo, mas para seu acesso é imprescindível a conexão de internet.

⁸⁷ www.instagram.com/professoraluli

marginalização de corpos, racismo, imposição de juízos morais dualistas e segregadores, advindos de uma cartilha branca, cisgênera e eurocentrada, como mencionado por Oliveira e Queiroz (2015).

Por essa razão, acredita-se no potencial da DC agregado ao referencial teórico da decolonialidade, pois, ao repensar as estruturas sociais, visibilizar vozes que um dia foram silenciadas, ofereça ao indivíduo que acessam tais conteúdos a possibilidade de refletir a respeito da própria construção do conhecimento e, possivelmente impulsionar a participação em movimentos sociais de luta por direitos (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2015).

Nos termos de um olhar freireano, iniciamos nossas análises reafirmando o compromisso de dirigir o indivíduo na busca pela curiosidade epistemológica, por caminhos que não sejam necessariamente os destinados aos espaços formais de ensino.

Os estudos da interação revelaram ampla difusão do conteúdo, mediante as métricas disponibilizadas pelos aplicativos. No que diz respeito ao Instagram[®], averiguou-se que de 18/05/2020 a 12/08/2020, considerando que houve 22 postagens nesse intervalo, referentes à postagens sobre a perspectiva decolonial, abordando temáticas como indicações de leitura, protestos sociais, abordagem interdisciplinares, divulgação de projetos brasileiros, decolonialidade, tratamentos alternativos ao coronavírus, problematizações sociais, com ascensão semanal do número de seguidores (779 inicial – 1006 final).

A planilha criada para armazenamento dos dados disponibilizados pelo aplicativo, revelou que o público-alvo constituinte é elaborado majoritariamente por 74% de mulheres, a faixa etária dos seguidores compõe 44% de pessoas entre 25 e 34 anos, residentes próximos à região da pesquisadora. No entanto, acreditamos que pela ampla repercussão que houve diante da postagem de 17 de junho de 2020, olhando para as informações de interação (148 curtidas, 9 comentários, 61 compartilhamentos públicos, 37 salvamentos, 915 contas alcançadas), aumentou-se a porcentagem de outras localidades visitando o perfil (São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, entre outros locais).

A postagem de 17 de junho de 2020 questionou os moldes eurocêtricos de representação da América Latina e a inserção da imagem de Joaquín Torres García⁸⁸, conhecida como “América Latina invertida” como promotora de outros questionamentos, como por exemplo a reflexão a respeito das origens a respeito das artes que consumimos.

⁸⁸ Joaquín Torres Garcia foi um artista uruguaio que buscou trazer ideias de pertencimento e valorização da América Latina em sua obra.

No Spotify, dado aproximadamente 1 mês da criação da lista, observou-se em média 50 pessoas seguindo a lista e grande parte contribuindo na adesão das músicas, pessoas estas provenientes de diferentes regionalidades do Brasil também. Atualmente, a lista conta com 136 seguidores, com a colaboração de 33 usuários, totalizando 455 músicas e contempla diversos gêneros musicais, em sua maioria cantados por artistas latino-americanos, negros, alguns relatando suas experiências religiosas, abrindo espaço para a diversidade de sons, descolonizando as influências do norte global.

É interessante ressaltar que o movimento de amplificar possibilidades de inserção na lista foi proveniente de um debate entre os apresentadores deste trabalho, que pontuaram um possível cenário de exclusão de indivíduos ou dificultar o acesso à escuta⁸⁹.

Esta iniciativa de DC reitera a subjetividade de cada ser humano que compartilhou alguma obra musical que remeta à movimentos de supressão de pressupostos colonizadores na constituição dos saberes culturais enquanto também vivenciam o contexto do isolamento social.

O movimento da criação desta lista e seus posteriores compartilhamentos, permite sinalizar um repensar para as referências intelectuais e artísticas do que consumimos, valorizando as produções latinoamericanas, afrocentradas, orientais, que desbinarizam a dicotomia que os referenciais modernos, brancos e eurocêntricos criaram ao longo da história.

A partir das informações apresentadas, ratificamos a pertinência da utilização de redes sociais em contextos educativos e, no tocante a atividades que adotam a perspectiva decolonial, acreditamos que se constituem em maneiras de se repensar o Ensino de Ciências a partir da desconstrução de visões que já permitiram subalternizar e violentar simbolicamente determinados saberes (MONTEIRO, 2019).

Utilizando o *corpus* latente da internet, foi possível inferir que o caminho artístico também levanta, juntamente à produções acadêmicas, pautas de discussão referentes à dependência tecnológica, a desconstrução de ideários exóticos de cientista, problematiza, identifica e busca ressignifica relações de poder, caminhando lado a lado com pressupostos da efetivação da divulgação científica (THÜRLER, 2011), contando com o movimento decolonial como suporte para visar novas práticas docentes para o Ensino de Ciências.

⁸⁹ Em virtude de um ataque virtual em 22 de junho de 2021, em que a lista teve suas músicas excluídas, a lista permanece temporariamente sem a possibilidade de adição colaborativa, mas, já houve tentativas de contato particular para que se faça a adição de músicas na lista. Portanto, restringir, não foi um impeditivo.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* n.11, p. 89-117, 2013.

BARTOLOMÉ PINA, Antonio Ramon; SOUZA, Francislê Neri; LEÃO, Marcelo Carneiro. Investigación educativa a partir de la información latente em internet. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 7, n.2, p. 301-316, 2013.

BENITE, Anna Maria Canavarro. Prefácio. In: PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. *Descolonizando saberes: a lei 10.639/2003 no Ensino de Ciências*. São Paulo: Livraria da Física, 2018, p. 13-14.

BERARDI, Franco. *Crônicas da psicodetração*. São Paulo: Ubu, 2020.

COLEMARX. *Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas*. E-book. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-vers%C3%A3o-final-b-1.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2020.

DUTRA, Débora Santos de Andrade; CASTRO, Dominique Jacob; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Educação em Ciências e decolonidade: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto; CASSIANI, Suzani; SÁNCHEZ, Celso; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Decolonialidades na Educação em Ciências*. p. 1-17. São Paulo: Livraria da Física, 2019.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. Editora Paz e Terra, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Prefácio. In: BENITE, Anna Maria Canavarro; CAMARGO, Marysson Jonas Rodrigues; AMAURO, Nicéa Quintino. *Trajetórias de descolonização da escola: o enfrentamento do racismo no Ensino de Ciências e Tecnologias*. Belo Horizonte: Nandyala, p.5-9, 2020.

MARTINS, Isabel. Prefácio. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto et al. *Decolonialidade na educação em Ciências*. São Paulo, Livraria da Física, 2019, p. xiii-xvi.

MESSEDER-NETO, Hélio da Silva. A divulgação científica em tempos de obscurantismo e de fake news: contribuições histórico-críticas. In: ROCHA, Marcelo Borges; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Divulgação Científica: textos e contextos*. São Paulo: Livraria da Física, 2019, p. 13-24.

NASCIMENTO FILHO, Carlos Alberto; PINTO, Sabrine Lino; CAMPOS, Carlos Roberto. A relação entre divulgação e cultura científicas: um ensaio sobre eventos de ciências. In: ROCHA, Marcelo Borges; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de. *Divulgação Científica: textos e contextos*. São Paulo : Livraria da Física, 2019, p. 25 – 35.

OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima; QUEIROZ, Glória Regina Pessôa Campello. *Olhares sobre a (in)diferença: formar-se professor a partir de uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *@Descolonizando_saberes*. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Francislê Neri. Tipologia e codificação de dados Corpus Latente na Internet. *Internet Latent Corpus Journal*, v. 4, n. 2, p. 2-10, 2014.

THÜRLER, Djalma. A ciência não é só dos cientistas. In: PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 225-232.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

MULHERES NEGRAS E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS

Aline Silva Dejosi Nery⁹⁰ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luciana Ferrari Espindola Cabral⁹¹ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Ana Lúcia Nunes de Sousa⁹² – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

Com a instauração das medidas de isolamento decorrente pela Covid-19, os espaços culturais e escolares precisaram fechar as suas portas, e o isolamento social repercutiu diretamente nas estratégias de divulgação científica. Com isso, o Projeto de extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" transferiu as suas ações presenciais para modo remoto. Este artigo apresenta o relato de experiência sobre as adaptações e ações realizadas no Projeto, através do uso de mídias e redes sociais, por meio de dados quantitativos e qualitativos. A principal mídia utilizada foi o *Instagram*, criada em junho de 2020. Nesta conta, o Projeto alcançou a marca dos 3.183 seguidores(as) em agosto de 2021, entre os quais a maioria são mulheres jovens. Os resultados do Projeto indicam que as redes e mídias *online* são estratégias de grande importância para a divulgação científica de pesquisas realizadas por pesquisadoras negras. Além disso, é importante citar como a popularidade alcançada gerou convites para *lives* e debates sobre o papel da mulher negra nas ciências e questões raciais, extrapolando, inclusive, os limites territoriais do estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Instagram. Mulheres. Ciência. Extensão.

Abstract:

With the introduction of the isolation measures resulting from Covid-19, cultural and school spaces had to close their doors, and social isolation had a direct impact on scientific dissemination strategies. With this, the extension project "Black Women Making Science" transferred its in-person actions to remote mode. This article presents an experience report on the adaptations and actions carried out in the Project, through the use of media and social networks, through Quantitative and qualitative data. The main media used was Instagram, created in June 2020. In this account, the Project reached the mark of 3,183 followers in August 2021, among which the majority are young women. Project indicate that online networks and media are objectives of great importance for the scientific dissemination of research carried out by black researchers. In addition, it is important to mention how the popularity achieved generated invitations to lives and debates on the role of black women in science and racial issues, extrapolating, including the territorial limits of the state of Rio de Janeiro.

Keywords: Instagram. Women. Science. Extension.

⁹⁰ Doutoranda e Mestra em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Laboratório de Vídeo Educativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora de Comunicação Social do Museu de Ciências Espaço Ciência Viva. alinesnery@gmail.com

⁹¹ Professora EBTT do CEFET/RJ, onde realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão. Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). luciana.cabral@cefet-rj.br

⁹² Professora e pesquisadora no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde e no Laboratório de Vídeo Educativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). analucia@nutes.ufrj.br

1. Introdução

O Projeto de Extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" (MNFC) foi criado em 2019, numa parceria entre estudantes e profissionais negras do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele foi fruto de duas constatações: a invisibilidade de pesquisadoras negras no cenário acadêmico nacional e a posição subalterna a que meninas negras acabam relegadas quando se trata do incentivo ao envolvimento com a ciência.

Desta forma, uma das principais ações do MNFC é a formação de estudantes negras, de ensino médio e de graduação, para a divulgação científica de pesquisas e ações culturais realizadas especificamente por mulheres negras. Em 2019, as alunas, acompanhadas das professoras responsáveis pelo projeto, realizaram três palestras, uma oficina e produziram um vídeo. Nessas ações foram apresentadas a trajetória e pesquisas realizadas por cientistas negras do Rio de Janeiro, além do debate sobre a baixa representatividade destas pesquisadoras.

Em 2020, a emergência sanitária instaurada no país em face da pandemia do vírus SARS-CoV-2 estabeleceu a suspensão de eventos e condutas de isolamento social. Tal fato repercutiu diretamente na comunidade científica, que precisou modificar as suas estratégias de ensino e formas de interagir com a sociedade. Obviamente, com o MNFC não foi diferente. O Projeto de Extensão, assim como a maior parte das atividades acadêmicas, passou a funcionar de forma remota, utilizando-se da internet e suas possibilidades de interação social, criação e divulgação de conteúdos para dar continuidade aos trabalhos.

É neste cenário que as mídias e redes sociais *online* (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015) passaram a ter cada vez mais protagonismo, apoiadas na construção do laço social e no compartilhamento de saberes (LÉVY, 2010) possibilitados pelas redes virtuais. Em junho de 2020, foi criada, no *Instagram*, a conta @mulheresnegrasfazendociencia, a fim de continuar a divulgação científica realizada pelo Projeto e considerando a necessidade de isolamento social decretada pelos poderes públicos.

Na atualidade, entre várias mídias e redes sociais, o *Instagram* tem conseguido se destacar por seu forte vínculo com a imagem. Criada em 2010, esta rede social tem se modernizado na forma de divulgação de conteúdo ao longo dos anos, ao possibilitar o armazenamento, exposição e apresentações ao vivo para o público. Atualmente, no Brasil, ocupa o segundo lugar entre os *apps* mais populares entre os internautas brasileiros, segundo o Mobile Time e Opinion Box (2020), estando atrás apenas do WhatsApp.

Este artigo relata as estratégias e adaptações realizadas pelo Projeto para a continuidade das atividades de divulgação científica, em face do contexto mencionado. O relato de experiência apresenta um breve referencial teórico, a metodologia utilizada na coleta dos dados apresentados, os resultados da coleta de dados no *Instagram* e as considerações finais.

2. Referencial teórico

Nas universidades e institutos científicos brasileiros, o número de pesquisadoras negras ainda é ínfimo, quando não inexistente em algumas áreas do conhecimento. Em um contexto social marcado pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) e pela interseccionalidade na discriminação por gênero, raça e classe (CRENSHAW, 2004), as mulheres negras enfrentam situações que lhes colocam em desvantagens educacionais e profissionais. Algumas delas têm trabalhado para denunciar tais condições desiguais através de sua produção de conhecimento, tanto nos movimentos sociais quanto nos espaços acadêmicos (SANTOS, 2017). A autora aponta ainda que é fundamental que possamos discutir a desvalorização e invisibilidade da produção intelectual deste grupo e enfatiza que:

As mulheres negras lidam histórica e cotidianamente com uma realidade onde se veem forçadas a criar estratégias que assegurem a visibilidade e sustentabilidade de seu trabalho intelectual, seja no movimento social, seja na academia, pois são confrontadas com discursos e práticas que as deslegitimam e desautorizam, pondo em dúvida a validade, originalidade e relevância de suas produções (p.109).

Desta forma, apresentar mulheres negras na condição de produtoras de conhecimento, como é realizado neste Projeto, é fundamental. Ao utilizarmos as redes de mídias sociais para apresentá-las a partir de um outro lugar, diferente da imagem estereotipada e presente no inconsciente coletivo no qual a mulher negra é automaticamente associada à serviços braçais e desqualificados (FANON, 2008; ALMEIDA, 2020), atuamos na redução dos efeitos deletérios dessa representação.

Representar mulheres negras nas ciências contribui com a promoção da cidadania (BUENO, 2010), tarefa fundamental na popularização da ciência. Para Germano (2011), a divulgação científica (DC) é compreendida como a ação de tornar conhecido; propalar, difundir, publicar ou fazer-se popular questões vinculadas ao conhecimento científico. O objetivo da DC é construir pontes e diálogos entre ciência, saúde, cultura, sociedade e afins. A DC desenvolve e promove ações de ensino, pesquisa e divulgação em ciências, incentivando e motivando o prazer pela experimentação, descoberta, criatividade e pelo diálogo pela ciência.

Acredita-se, assim, que a divulgação científica, pode ser uma importante ferramenta antirracista quando utilizada para corrigir preconceitos arraigados, como a impossibilidade da mulher negra ser cientista (HOOKS, 1995). No caso específico deste Projeto de Extensão, espera-se que divulgar mulheres negras, atuantes nas ciências possa motivar e estimular o interesse deste público na área científica. Atualmente, estima-se que apenas 25% a 30% das matrículas nas áreas de ciências, tecnologia e matemáticas sejam de mulheres (CASEIRA; MAGALHÃES, 2019). Assim, é urgente incentivar o ingresso feminino na área.

Neste sentido, a utilização de redes e mídias sociais online, cada vez mais acessíveis à população, pode ser uma oportunidade para ampliar o diálogo com meninas e mulheres negras. Na atualidade, em tempos de isolamento social e informação cada vez mais veloz, as redes de mídia social *online*, principalmente as facilitadas por *apps*, facilitaram o acesso à informação e à divulgação científica.

As redes são "constituídas pelas relações entre os indivíduos e servem como a estrutura fundamental da sociedade" (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Falar de redes sociais é expor, portanto, de como as pessoas se conectam através de grupos. Já os *sites* de redes sociais são as contas na Internet, cujo objetivo é criar e manter as comunidades virtuais. Nos últimos anos, estes *sites* passaram a se centrar, cada vez mais, nos meios de comunicação e informação e nas potencialidades do conteúdo gerado pelo usuário, por isso passaram também a ser considerados mídias sociais (FUCHS, 2014).

Os meios sociais/*social media* "manifestam uma convergência entre a comunicação pessoal (para ser compartilhada um-para-um) e meios públicos (para ser compartilhado para qualquer pessoa)" (MEIKLE, 2014, p. 68). Esta possibilidade de, através de um só aplicativo, poder se comunicar pessoal e publicamente é um dos maiores atrativos de *apps* de redes sociais como o *Instagram*. São meios que estão imbricados entre a comunicação e a informação e, claro, podem ser utilizados para a divulgação científica, como no caso que apresentamos neste trabalho.

3. Metodologia

Inicialmente, o MNFC tinha as suas ações baseadas em discutir a baixa representação de mulheres negras como cientistas em palestras interativas em ambientes de educação formal e não-formal. Portanto, não atuávamos nas redes e mídias sociais. Diante da nova realidade, foram realizadas adaptações estratégicas para a continuidade das atividades de divulgação científica. O Projeto passou, então, a utilizar contas nas mídias e redes sociais, onde são

apresentadas cientistas negras que atuam nas áreas das ciências. A divulgação científica passou a ser realizada no formato de fotos, figuras, vídeos e *stories*⁹³.

Este trabalho é um relato de experiência, no qual serão descritos sinteticamente as principais atividades realizadas pelo projeto em 2020 e 2021. Além disso, apresentamos os dados quantitativos, obtidos através das métricas disponibilizadas pelas informações gerais da conta no *Instagram* do Projeto de Extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" (@mulheresnegrasfazendociencia), coletados no mês de agosto de 2021.

4. Resultados

Criada em junho de 2020, a conta do *Instagram* possuía, em agosto de 2021, 3.183 seguidores. Em relação ao gênero, a maioria das pessoas que acompanhavam as publicações da conta, se cadastraram como mulheres (85,7%). Já a faixa etária se dividia em três principais grupos: o primeiro se encontra entre 25-34 anos (38,7%); o segundo, 18 e 24 anos (26,5%); e o terceiro, 35 e 44 anos (23,2%).

A conta tem seguidores distribuídos por algumas das capitais estaduais mais populosas e importantes do ponto de vista econômico e político, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba. Na categoria por países, 97,4% dos seguidores pertencem ao Brasil. Já a diferença da margem se distribui em países como Estados Unidos e Canadá, principalmente. Estes dados confirmam uma das características da Internet, sua propagabilidade e a possibilidade das mídias sociais serem compartilhadas para qualquer pessoa, como sugere Meikle (2014). Também corrobora Germano (2011), que preconiza a necessidade de que o conhecimento científico seja difundido e popularizado, alcançando um público amplo.

É importante destacar que a maioria das seguidoras são mulheres e encontram-se na cidade do Rio de Janeiro. Consideramos que isso se deve à manipulação e distribuição realizada pelo algoritmo do *app*, que privilegia a formação de bolhas digitais; além, claro, da localização da conta. Neste sentido, as pessoas tendem a perseguir o que naturalmente as atrai, destacando-se, portanto, a proximidade da localidade onde é realizada a postagem. Outro fator que, com certeza, influencia o maior número de seguidoras é a temática abordada na conta. Ela centra suas discussões nas dificuldades encontradas por mulheres cientistas, principalmente as mulheres negras (SANTOS, 2017), no racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) e na interseccionalidade na discriminação por raça, classe e gênero (CRENSHAW, 2004).

⁹³ São publicações de vídeos ou fotos rápidas acessíveis até 24h, a partir do horário em que foi divulgado.

Até o fechamento deste artigo, 254 textos haviam sido publicados no *Instagram* do MNFC entre textos autorais e republicação de textos de outras contas, principalmente as protagonizadas por meninas e mulheres negras que atuam em áreas científicas e culturais. Nos *stories* são divulgados eventos sobre as temáticas: meninas e mulheres na ciência e negritude. Através da produção de conteúdo nesta mídia social, o Projeto ganhou maior visibilidade, o que gerou novos convites para entrevistas, palestras e mesas redondas, além das *lives*⁹⁴ em canais na própria rede social, que abordam ciências, educação, sociedade e a inserção de mulheres no meio científico, ajudando a corrigir os preconceitos sobre a intelectualidade negra, conforme apontado por hooks (1995).

A ferramenta Link.tree é utilizada como um suporte que compila os *links* das *lives* e das outras mídias sociais, e é disponibilizada na biografia (*bio*) informativa da conta no *Instagram*. Recentemente, também foi criado o canal no *Youtube*, com o intuito de arquivar e organizar a memória das várias *lives* para o qual o MNFC foi convidado nos últimos meses. Assim, um público mais amplo e diversificado pode assistir em qualquer momento as atividades realizadas. Além disso, a Extensão também possui uma página no *Facebook*.

Em relação às *lives*, o público assistente varia entre 27 a 1400 visualizações por evento. Até o momento, o grupo extensionista participou de dezessete (17) delas. Estes eventos, assim como outros conteúdos publicados na conta do *Instagram*, são frequentemente recomendados por outras contas que possuem a mesma temática e estudantes com interesse na temática.

Pelo *Youtube* foram transmitidas por outros canais, ao vivo, a mesa redonda “Repensando o mundo no encontro com Cientistas⁹⁵”, no canal do Espaço Virtual Fábio Scarano (NUPEM-UFRJ); e a inauguração do quadro "O Ciência Feminina Entrevista"⁹⁶, no canal Ciência Feminina. Pelo *Instagram*, o grupo foi entrevistado pela @dra.glorimarrosa.nutri e pelo @caiofaiad; participou da *live* intitulada "Quem somos?" O papel da física no mundo da cultura e na tradição intelectual", realizada pelo Centro Acadêmico José Leite Lopes (CAFis-UERJ).

Além disso, o grupo participou, também de outras duas atividades realizadas através do *GoogleMeet*: a Semana Antirracista do Pré-vestibular Edu Leocádio, da cidade do Rio de Janeiro; e a mesa “Discutindo o racismo na ciência pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

⁹⁴ Transmissões de áudio e vídeo realizadas em tempo real na *Internet*.

⁹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TT-LBTFPS5k&t=4s>

⁹⁶ Disponível em <https://youtu.be/kQDJV4hIM28>

5. Considerações finais

A migração das nossas atividades para o "modo remoto", fazendo uso extensivo de redes de mídias sociais e aplicativos de videoconferências permitiu a continuidade de nossas ações de extensão. Podemos afirmar, inclusive, que houve expansão das atividades. Além disso, todas as integrantes do grupo puderam continuar seus trabalhos de forma segura, em face da situação de emergência sanitária.

Destaca-se a interação entre as próprias cientistas que são apresentadas na conta, que servem como inspiração para outras mulheres que se interessem em atuar na área científica, portanto, as plataformas digitais podem ser utilizadas como uma estratégia de suma importância para a divulgação científica de pesquisas e pesquisadoras negras.

Os dados coletados informam que a maior parte das seguidoras são mulheres jovens. Além disso, outro dado interessante é ter ganhado "visibilidade" nas redes e mídias sociais, chegando a aumentar a participação em atividades nos anos de 2020 e 2021, se comparada ao ano anterior (que foi curto, pois o grupo iniciou as suas atividades em agosto de 2019). Passar para o *Instagram* - e também devido ao momento político atual - fez com que conseguíssemos debater os temas por mais de um ano inteiro e não somente nas datas comemorativas. Isso é, com certeza, um avanço para a luta antirracista. Acreditamos que popularizar a ciência e a atuação da mulher negra como profissional em tempos de isolamento é um modo de resistir e de persistir diante da conjuntura que descredibiliza e sucateia cada vez mais o conhecimento científico.

Referências

- ALMEIDA, S. L. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020. 220p.
- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, v.15, n.1, p.1-12, 2010.
- CASEIRA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Meninas e jovens nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação: Raça-etnia, Gênero e Ciência em alguns artefatos. *Revista Diversidade e Educação*. v.7, n. especial, p. 259-275, 2019.
- CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, Unifem. 2004.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008. 194p.

FUCHS, C. *OccupyMedia!: The occupy movement and social media in crisis capitalism*. John Hunt Publishing, 2014.

GERMANO, M. G. *Uma nova ciência para um novo senso comum [online]*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 400 p.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MEIKLE, G. 27 Social Media, Visibility, and Activism: The Kony 2012 Campaign. *DIY citizenship: Critical making and social media*, v. 373, 2014.

MOBILE TIME; OPINION BOX. *Panorama – Uso de Apps no Brasil, 2020*. Disponível em: <https://panoramamobiletime.com.br/uso-de-apps-no-brasil-dezembro-de-2020/>. Acesso em: 09 jan. 2021.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para mídia social*. Editora Sulina, 2015.

SANTOS, S. B. Interseccionalidade e Desigualdades Raciais e de Gênero na Produção de Conhecimento entre as Mulheres Negras. *Vozes, Pretérito & Devir*. Ano IV, v. VII, n. I, 2017.

INTERVENÇÃO AFROFUTURISTA: EXPERIÊNCIAS EM UM CURSINHO POPULAR NA CIDADE DE ITAQUAQUECETUBA

Alisson Felipe Moraes Neves⁹⁷- Universidade de São Paulo

Luís Paulo de Carvalho Piassi⁹⁸- Universidade de São Paulo

Resumo:

A presente pesquisa visa relatar uma experiência educacional em que se utilizou o movimento de ficção científica Afrofuturismo como um instrumento de reflexão crítica sobre as preconceções impostas pela estrutura social racista e eurocêntrica (ALMEIDA, 2019; SOUZA; PAIM, 2019), bem como seus reflexos na presença de negros e negras nos âmbitos científicos, acadêmicos e tecnológicos. Com tal prerrogativa, o escopo das intervenções utilizou a temática sob a ótica do escritor brasileiro Fábio Kabral (2018, 2019). Assim, foram realizadas duas intervenções na Associação “Vestibulandos da Cidadania”, um cursinho popular pré-vestibular na cidade de Itaquaquecetuba. Aplicando a metodologia de roda de conversa (MELO; CRUZ, 2014), que emprega o diálogo e as interações como meios para incitar o debate e o pensamento crítico, aproximando os jovens das questões sociais a partir de artefatos culturais e midiáticos (PIASSI *et al*, 2018). Sendo mais presente, nesse caso, a ficção científica, pois possibilita uma melhor absorção de conceitos (PIASSI, 2015). Considerou-se interessante promover intervenções no contexto do cursinho popular por conta de seu caráter crítico, uma vez que trabalha a problemática das desigualdades no acesso ao ensino superior (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010). Ao final da pesquisa, os estudantes se demonstraram interessados na proposta e interagiram com questionamentos e dúvidas, debatendo sobre as problemáticas trazidas pelos impactos do eurocentrismo e do racismo estrutural.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Cursinho Popular; Racismo Estrutural; Eurocentrismo.

Abstract:

This research aims to report an educational experience in which the science fiction movement, Afrofuturism, was used as an instrument for critical reflection on the preconceptions imposed by the Eurocentric and racist social structure (ALMEIDA, 2019; SOUZA; PAIM, 2019), as well its reflexes in the presence of black men and women in scientific, academic and technological fields. With this prerogative, the scope of the interventions used the theme, under the perspective of the Brazilian writer Fábio Kabral (2018, 2019). Thus, two interventions were made at the “Vestibulandos da Cidadania” Association, a free pre-college prep course in the city of Itaquaquecetuba. Applying a methodology of conversation circle (MELO; CRUZ, 2014), that uses dialogue and social interactions ways to incite debate and critical thinking, bringing young people closer to social issues based on cultural and media artifacts (PIASSI *et al*, 2018). Being more present, in this case, science fiction, because it allows a better absorption of concepts (PIASSI, 2015). It was considered interesting to promote interventions in the context of free pre-college course due to its critical character, since it fights the issue of inequalities in access to higher education (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010). At the end, the students showed interest in the proposal and interacted with questions and doubts, debating on the problems brought about by the impacts of Eurocentrism and structural racism.

⁹⁷ Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Participa do grupo de pesquisa INTERFACES - Interfaces e Núcleos Temáticos de Estudos e Recursos da Fantasia nas Artes, Ciências, Educação e Sociedade. E-mail: alissonmoraes@usp.br.

⁹⁸ Professor Titular da EACH/USP. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Livre-Docente em Artes, Cultura e Lazer pela EACH/USP (2012). É líder do grupo de pesquisa INTERFACES - Interfaces e Núcleos Temáticos de Estudos e Recursos da Fantasia nas Artes, Ciências, Educação e Sociedade e do projeto Banca da Ciência. E-mail: lppiassi@usp.br.

Keywords: Afrofuturism; Free Pre-College Course; Structural Racism; Eurocentrism.

1. Introdução

Este escrito objetiva descrever o projeto “Intervenção Afrofuturista”, iniciativa originada de pesquisadores da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), também conhecida como USP Leste. O supracitado relata experiências educacionais aplicadas na cidade de Itaquaquecetuba, em um cursinho que atende pré-vestibulandos em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que detém uma significativa quantidade de discentes negros. Partiu-se da metodologia de roda de conversa (MELO; CRUZ, 2014), em que o diálogo e as interações são usufruídos para incitar o debate e o pensamento crítico, somado a artefatos culturais e midiáticos, para aproximar os jovens das questões sociais (PIASSI, 2015). Com tal prerrogativa, utilizou-se o fenômeno de ficção científica afrofuturismo para ponderar sobre o eurocentrismo presente na sociedade e suas reflexões na presença e/ou exclusão de pessoas negras nos mais diversos âmbitos.

De maneira notória, a ausência de representações da negritude em âmbitos acadêmicos é sintomática de uma estrutura social marcada por uma série de entraves históricos, ou seja, tem sua origem engendrada no chamado racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), o qual molda toda a sociedade a partir de um sustentáculo que utiliza a exclusão para preservar o grupo hegemônico. Este sistema, segundo Garcia, Silva e Pinheiro (2019), impôs empecilhos à população negra, dificultando seu acesso e restringindo muitos lugares apenas às pessoas brancas. Em seu trabalho, os pesquisadores denunciam que a ciência, orientada por seus pressupostos eurocêntricos, apagou os conhecimentos ancestrais de povos africanos, os quais foram escravizados e tiveram que deixar seu passado para sobreviverem.

Dessa forma, tendo em vista que os entendimentos sobre as descobertas científicas foram alinhados somente a um ideal colonialista, hoje, os pensamentos acerca de África envolvem muitos estereótipos ligados a uma interpretação de mundo unicamente pautada na perspectiva europeia, pensando que o continente africano é um antônimo de progresso e que as noções de desenvolvimento foram originadas tão somente na Europa. Porém, indo na contramão dessas concepções, Garcia, Silva e Pinheiro (2019) expõem uma miríade de descobertas trazidas por civilizações africanas, sendo tais feitos negligenciados por conta do que os autores chamam de “noção unilateral dos padrões de colonialidade europeia”, um raciocínio que estabelece que os parâmetros de saber são apenas de matriz europeia (SOUZA; PAIM, 2019).

Com isto posto, e considerando que o objetivo primário dos cursinhos é promover um ensino que possibilite os estudantes a ingressarem em universidades, percebe-se que há um

caráter crítico, visto que estão indo contra a lógica preponderante de exclusão, a qual mantém o ingresso no ensino superior brasileiro ainda muito elitizado. Assim as organizações que visam promover a democratização do ensino passam não só a lecionar as disciplinas que os vestibulares cobram, mas também incentivam a reflexão através de uma tônica crítica, em que os seus discentes e colaboradores trabalham a problemática das desigualdades. Realizando, portanto, um “duplo movimento”, pois além de prepararem para concursos e vestibulares, também estudam questões estruturais (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2010).

Seguindo os ideais dos cursinhos expostos por Pereira, Raizer e Meirelles (2010), e frente a entidade selecionada possuir uma quantidade significativa de discentes negros e negras, encontra-se no movimento de ficção científica afrofuturismo um caminho para discutir um assunto tão importante e que também diz respeito a realidade estudantil, o apagamento de populações negras na mídia, na universidade e na ciência. Desta forma, as intervenções foram realizadas a partir de princípios investigativos, compartilhando os conhecimentos afrofuturistas e abrindo espaço para o debate, de modo a averiguar se os adolescentes revelam inquietações acerca da subalternidade.

A atuação permitiu impactos específicos, como a conscientização sobre a temática, o estímulo do engajamento juvenil em assuntos afrocentrados e a elucidação da existência da USP Leste e de seus cursos. Concernente ao apresentado, optou-se por levar o projeto até o cursinho pré-vestibular da Associação Vestibulandos da Cidadania, que se localiza a aproximados 20 km da EACH/USP. Nota-se que há um fácil acesso à unidade, uma vez que a instituição está localizada próxima à Estação Itaquaquecetuba, da Linha 12 Safira da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), correspondente a mesma Linha que contempla a Estação USP Leste. Além disso, o ensejo possibilitou a divulgação dos cursos da unidade, incentivando os estudantes a prestarem o vestibular para a unidade, sobretudo aos cursos ligados à ciência e tecnologia.

2. Afrofuturismo

Embora a sua essência tenha sido apresentada em meados da década de 1920, por conta de dúvidas sobre a possibilidade de um horizonte promissor para as comunidades afro-diaspóricas (SOUZA; ASSIS, 2019), o termo foi patenteado somente em 1990 a partir de indagações do escritor, fenotipicamente branco, Mark Dery. Assim, o afrofuturismo teve sua gênese orquestrada por questionamentos acerca da carência de autores negros e negras no universo da ficção científica estadunidense.

No entanto, acordante Freitas e Messias (2018), na atualidade, o ideal afrofuturista deixou muitos de seus pressupostos originais, dentre eles, destaca-se a noção que as produções eram limitadas a negritude estadunidense. Agora, percebe-se que o conceito foi expandido, abrangendo as temáticas da ancestralidade africana e todos aqueles que são afro-diaspóricos, ou seja, independentemente de onde estão localizados.

Em vista do exposto, com todas as mudanças que o movimento expressou, este trabalho considera o conceito profetizado pelo principal expoente brasileiro, o escritor Fábio Kabral, o mais adequado, haja vista que representa as dimensões envolvidas no escopo das intervenções que aqui serão relatadas. Sendo assim, Kabral (2018) afirma que o afrofuturismo é “[...] todo o movimento de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da nossa própria ótica.” (p. 31). Ainda, complementando sua explanação, Kabral (2019) destaca que o movimento simboliza a “[...] mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com o necessário protagonismo de personagens e autores negras e negros.” (p. 106). Em síntese, as características da temática são: protagonismo de personagens negros; histórias especulativas; afrocentrismo, contando com elementos culturais, históricos e espirituais; e a exclusiva autoria de pessoas negras.

Com isto posto, observa-se que as produções afrofuturistas revelam atributos importantes para discutir questões referentes à presença de grupos étnico-raciais em esferas como o cinema, a mídia, os espaços de tomada de decisão e o próprio futuro. Complementando esta noção, Piassi (2015) enfatiza que a ficção científica possui aspectos que incitam a motivação juvenil, estimulam reflexões críticas e permitem uma melhor absorção dos conceitos abordados.

Portanto, objetiva-se trazer o afrofuturismo como uma ferramenta de discussão à juventude, especialmente àqueles que estão enfrentando as opressões sociais para realizarem suas escolhas profissionais e acadêmicas. Dessa forma, o movimento afrofuturista é visto como um mecanismo para incitar discussões acerca de imposições eurocêntricas e sobre a falta de diversidade de grupos étnico-raciais em diferentes espaços. Sendo a discussão necessária para estimular a consciência coletiva da existência do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), seus impactos e o quão urgente é combatê-los.

Somado ao exposto, é necessário refletir sobre a seguinte pergunta: “onde estão os personagens negros e negras nas obras futuristas (séries, filmes, desenhos, livros, etc)?”. Percebe-se a carência deste grupo e quando existem, tais papéis são atribuídos a funções meramente secundárias nas obras. Expandido este questionamento para outros setores, mais

especificamente aos científicos e academicistas, há uma ausência evidente. Neste ínterim, quando se é realizada uma análise de outros espaços e tais produções, objetivando averiguar o perfil racial, de gênero, orientação sexual e de classe, os resultados serão padronizados. Diante disso, Pinheiro e Rosa (2018 apud GARCIA; SILVA; PINHEIRO, 2019) afirmam que a ciência é classificada como um complexo social hegemônico, ou seja, é composta e orientada pelos arquétipos socialmente determinados, referindo-se aos eurocêntricos como dominantes.

Observando o contexto em que a ciência é estruturada, verifica-se que um trabalho orientado por ficções afrofuturistas é um instrumento empoderador para os adolescentes, lógica reiterada a partir do seguinte excerto:

Acreditamos que a abordagem Afrofuturista soma esforços em meio a essas vias formais para uma necessária e, talvez, possível desconstrução dos determinismos raciais que impedem a efetiva integração entre diferentes grupos étnicos. (RANGEL, 2006, p. 146)

Para alcançar tal objetivo, a primeira etapa do projeto consistiu em compreender o tema e suas manifestações. Com este propósito, a apreciação da mostra “Aprofuturismo: ficção e imaginário negro” no SESC Santana, mediada pelos principais expoentes do movimento no Brasil, Fábio Kabral⁹⁹ e Karolina Desireé¹⁰⁰, foi fulcral para compreensão do conteúdo. Assim, a facilitação permitiu conhecer as mais variadas vertentes do fenômeno, além de ter permitido compreender os livros *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* e *O Caçador Cibernético da Rua 13*, que foram os artefatos culturais sorteados aos alunos.

Levando em consideração as concepções sobre o afrofuturismo, entende-se que o movimento vai à contramão de ideias eurocêntricas, demonstrando ser possível ressignificar os arquétipos preestabelecidos e que há possibilidades prósperas para negros e negras. Reforçado pelo seguinte entendimento:

Concluimos que a ficção científica empregada por artistas e pensadores que adotam a abordagem do Afrofuturismo busca não apenas produzir mundos meramente imaginados, mas também mundos possíveis frente à impossibilidade, para um grande número de pessoas negras, de viver o mundo verídico moderno. (RANGEL, 2006, p. 146)

Neste ínterim, o objetivo de embasar as aplicações na perspectiva afrofuturista é averiguar se é possível engajar os estudantes em temáticas afrocentradas, com o intuito de estimulá-los a questionarem a subalternidade negra nos mais diversos âmbitos.

⁹⁹ Autor das obras afrofuturistas *O Caçador Cibernético da Rua 13* e *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* e principal expoente no Brasil.

¹⁰⁰ Produtora Cultural da Rede Afrofuturismo Brasil.

3. Associação Vestibulandos da Cidadania

Como apontado anteriormente, as intervenções foram aplicadas com discentes da Associação Vestibulandos da Cidadania, uma organização que foi criada em 2014 por egressos da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP). Tendo a localização de seu espaço físico, até o ano de 2019¹⁰¹, no endereço da Av. Uberaba, 254, Itaquaquecetuba. Percebe-se que a facilidade de deslocamento por transporte público é nítida, visto que se situava a 5 minutos da Estação Itaquaquecetuba, da Linha 12 Safira da CPTM, a mesma que contempla o trecho da Estação USP Leste, que ficam aproximados 20 km ou 30 minutos de trem. No que diz respeito ao seu corpo estudantil, eram ofertadas 60 vagas anualmente para estudantes de faixa etária entre 16 a 19.

Salienta-se que todo trabalho é movido por voluntários, que fomentam uma estrutura totalmente gratuita, de modo a democratizar a educação dos munícipes a partir de um ensino crítico que possibilite o ingresso em universidades públicas e privadas com bolsas de estudos.

Concernente ao *website* do cursinho, observam-se os seguintes princípios:

- 1) Ensinar a tolerância e o repúdio ao ódio de todas as formas, buscando demonstrar que a inteligência e o conhecimento podem oferecer muito mais do que a revolta e a violência primárias diante das injustiças;
- 2) Manter o foco nas provas e na aprovação da Turma;
- 3) Proporcionar uma convivência fraterna, amigável entre todos nós e solidária para com os que nos cercam;
- 4) Expandir o repertório cultural (incluindo noções de Direito e Economia), bem como inspirar o amor pela Ciência;
- 5) Incentivar o protagonismo estudantil crítico, responsável e aberto ao diálogo, reforçando o potencial do "diálogo construtivo" para a resolução de problemas. (ASSOCIAÇÃO VESTIBULANDOS DA CIDADANIA, 2019)

Portanto, pode-se aferir que as ambições da associação estão alinhadas com os ideais do presente projeto educacional, principalmente os dois últimos objetivos, em razão do intuito de propor reflexões críticas acerca de arquétipos colonialistas.

4. Intervenções

O processo de aplicação deu-se em dois passos, sendo eles: o reconhecimento, que consiste em uma imersão prévia sobre o assunto a ser abordado e a intervenção afrofuturista, que retrata a realização das atividades desejadas. Recorreu-se a metodologia de roda de conversa (MELO; CRUZ, 2014) para estabelecer uma atmosfera informal entre os participantes,

¹⁰¹ As informações expostas dizem respeito ao ano de 2019, em que as atividades foram aplicadas. Dados atualizados podem ser encontrados no seguinte *website*: <<https://www.vestibulandosdacidadania.org/>>. Acesso em 9 out. 2019.

permitindo então uma maior troca de informações por poderem expressar seus pensamentos livremente. Dessa forma, observa-se que as dinâmicas do projeto foram dispostas em duas visitas à Associação Vestibulandos da Cidadania, localizada na cidade de Itaquaquecetuba, nos dias 28 de setembro e 19 de outubro de 2019.

4.1 Reconhecimento

Indubitavelmente, o primeiro contato com os estudantes tinha como premissa conhecê-los, entender suas demandas e questioná-los se possuíam interesse no escopo dos debates. Este processo de reconhecimento ocorreu através de uma conversa informal com um conjunto de 6 *slides*, em cerca de 20 minutos, de modo a sintetizar uma apresentação sobre o *campus* EACH/USP e a introdução ao assunto a ser abordado. As explicações foram assistidas por cerca de 30 pré-vestibulandos, os quais já revelaram curiosidade na temática, além de apresentarem dúvidas sobre os cursos oferecidos na unidade.

Constata-se que o primeiro evento revelou informações essenciais para orientar os estudos até o dia da aplicação. Após a explicação prévia sobre o conceito de afrofuturismo, foi solicitado aos alunos que citassem exemplos de obras (filmes, músicas, desenhos, novelas, livros, etc.) que indicassem perspectivas de vivência em um mundo futuro para as pessoas negras. Rapidamente, muitos estudantes mencionaram o filme *Pantera Negra* (2018), da Marvel, uma obra que, de fato, detém características afrofuturistas.

Assim, verificou-se um expressivo engajamento na temática quando os alunos foram questionados sobre os fatores que qualificam o filme mencionado no movimento afrofuturista. As principais razões levantadas foram: traços de espiritualidade, cultura, tecnologia, ciência, desenvolvimento e protagonismo negro em um universo fantástico. No entanto, embora a obra contemple questões que dialogam intimamente com o movimento, esta ainda não é qualificada, pelo menos inteiramente, quanto uma produção afrofuturista, haja vista que a criação da personagem foi feita por homens brancos¹⁰². Apesar disso, Kabral reitera em seu *website* pessoal que a própria concepção de afrofuturismo foi criada pela branquitude e que a população negra deve se reapropriar desse espaço¹⁰³.

Portanto, pôde-se realizar a integração com os alunos e os pesquisadores, além de prepará-los para a futura aplicação. Ademais, era um consenso entre os pré-vestibulandos a

¹⁰² O personagem foi criado pelo escritor-editor Stan Lee e pelo escritor-artista Jack Kirby. Fonte: <<https://www.britannica.com/topic/Black-Panther-comic-book-character>>. Acesso em: 13 out. 2019.

¹⁰³ Fonte: <<https://fabiokabral.wordpress.com/>> Acesso em: 15 ago. 2020.

continuação da discussão, uma vez que demonstraram interesse a partir de seus questionamentos sobre a abordagem afrofuturista.

4.2 *Intervenção afrofuturista*

Com uma maior duração, a segunda visita pautou-se no aprofundamento sobre o afrofuturismo, de modo a elucidar os atributos mais marcantes que o movimento detém. Diferentemente do reconhecimento, esta aplicação durou cerca de 1h, ostentando um público de mais de 50 pessoas, em que os pré-vestibulandos, colaboradores da associação e os pesquisadores se articularam entorno da discussão.

Somando-se as teorias, o evento possibilitou divulgar outros atores que contribuem com o afrofuturismo, e problematizar a falta de representatividade negra nos mais diversos âmbitos. Além disso, foram estabelecidos desenhos e longas-metragens com teor futurista ou fantástico para o debate, de modo a averiguar se os pré-vestibulandos refletem acerca de tópicos referentes à exclusão, desprezo e até mesmo racismo institucionalizado. Tendo como premissa, a tentativa de indagá-los acerca dos padrões eurocêntricos.

A princípio, a introdução da aplicação veio justamente com a tentativa de problematizar os arquétipos sociais referentes ao continente africano. Como explicado ao início, a estrutura social brasileira detém influências significativas de padrões colonialistas (ALMEIDA, 2019; GARCIA; SILVA; PINHEIRO, 2019). Como consequência, tais forças moldam a visão de mundo da sociedade a partir de princípios europeus, dificultando o ingresso da população negra em diversos âmbitos e atrelando o conhecimento unicamente como propriedade de povos brancos. Primeiramente, seguindo estes entendimentos, foi questionada a imagem da África para os alunos, a fim de conhecer suas percepções. Assim, enquanto alguns tinham uma visão positiva do continente, descrevendo as riquezas, as culturas e suas descobertas; outros respondiam fome, escravização e viam o continente com estranheza. Deu-se então a crítica ao processo colonialista e suas influências sociais, especialmente o racismo estrutural.

Por conseguinte, questionou-se a subalternidade de atores e personagens negros em obras literárias e cinematográficas, como na série de livros e filmes da saga de *Harry Potter* e na animação *Os Jetsons*. Mesmo considerando as nacionalidades das obras discutidas, considera-se que existe exclusão e aqueles que são negros estão em categorias secundárias. Dessa maneira, foram discutidas as problemáticas do desenho, em que a única personagem com traços negros, devido as suas ancas largas e o seu cabelo, é a Rosie, uma robô serviçal. Portanto, problematizou-se que as produções consagradas no cinema e na televisão que retratam

ambientes utópicos e/ou futurísticos partem de princípios de exclusão da população negra ou de secundarização.

Após as críticas foram apresentados os maiores expoentes do movimento afrofuturista brasileiro e mundial, dando enfoque ao expoente Fábio Kabral e sua importância na construção e disseminação desse movimento. Antes de liberar para o debate e as conclusões das dinâmicas, o curta-metragem *Robots of Brixton*¹⁰⁴ foi apresentado, com o intuito de exemplificar como o afrofuturismo se aplica em outras esferas e toda a tônica crítica que o fenômeno incita. Houve um número razoável de perguntas, em que os pré-vestibulandos trouxeram outras obras para a discussão, tentando compreender se eram caracterizadas na estética afrofuturista. Além de relatarmos diversas produções que exibem o protagonismo de pessoas negras, os estudantes expandiram o debate para pautas de gênero e classe. Quanto às questões teóricas, muitos tiveram dúvidas sobre a definição do movimento e seus reflexos em âmbito nacional e mundial. Por fim, como lembrança das atividades e incentivo do consumo de ficção afrofuturista, foi realizado sorteio de dois livros, sendo eles: *A Cientista Guerreira do Facão Furioso* e *O Caçador Cibernético da Rua 13*, ambos da autoria de Fábio Kabral.

5. Considerações finais

De maneira notória, naquele período, as intervenções significaram um momento de reflexão para os jovens. Sendo assim, o movimento de ficção científica afrofuturismo foi utilizado como uma tentativa de discutir questões referentes às imposições eurocêntricas sistêmicas e suas reflexões na estrutura social. Nota-se que todas as intervenções foram embasadas nos conceitos e obras trabalhadas durante a mostra “Africanfuturism: fiction and black imagination” no SESC Santana, sendo tais aprendizados essenciais para ilustrar a abordagem desejada. Levando isto em consideração, pode-se concluir que as atividades afrofuturistas permitiram debater os objetivos propostos pelos pesquisadores.

Outrossim, em virtude dos fatos apresentados, os pré-vestibulandos da Associação Vestibulandos da Cidadania se demonstraram interessados na discussão, trouxeram exemplos para além do debate e acrescentaram dúvidas pertinentes ao projeto, seus conceitos e suas características. Neste sentido, um ensino que aborde as questões étnico-raciais e os arquétipos sociais faz-se imprescindível por poder romper com a lógica racista preponderante.

¹⁰⁴ O curta-metragem apresenta uma comunidade afro-caribenha em Londres que é acometida pelo racismo e opressão policial britânica. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=GVLjqanqqVU>> Acesso em: 19 out. 2019.

De certo, todo o cursinho demonstrou um expressivo apoio no processo de formação do pensamento crítico das dinâmicas. Embora muitos estudantes ainda possuam concepções eurocêntricas – porque é um problema estrutural, as atividades estabelecidas exibiram um engajamento relevante dos estudantes em temas afro-centrados. Inclusive, as influências do trabalho levaram três alunos a optarem por cursos ligados à tecnologia na EACH/USP, demonstrando atributos agradáveis para estimular pré-vestibulandos negros a ingressarem na tecnologia e na ciência.

Referências

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ASSOCIAÇÃO VESTIBULANDOS DA CIDADANIA. Os tigres: *Quem Somos*. Itaquaquecetuba, 2019. Disponível em: <<https://www.vestibulandosdacidadania.org/quem-somos/>>. Acesso em: 9 out. 2019.

FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo-as distopias do presente. *Imagofagia*, n. 17, p. 402-424, 2018.

GARCIA, F. N. S. V.; SILVA, E. B. S.; PINHEIRO, B. C. S. Representações de cientistas da educação básica: racismo e sexismo em questão. In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), 2019, Natal. *Pesquisa em Educação em Ciências: diferença, justiça social e democracia*, 2019.

KABRAL, F. Afrofuturismo: Ensaio sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo. LIMA, E. F.; SANTOS, F. F. dos; NAKASHIMA, H. A. Y.; TEDESCHI, L. A. (org.) *Ensaio sobre racismo: pensamento de fronteira*. São Paulo: Balão Editorial, 2019. p. 104-115.

KABRAL, F. Afrofuturismo. *Revista Blooks*, maio de 2018.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. *Imagens da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

PEREIRA, T. I.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 86-96, 2010.

PIASSI, L. P.. A ficção científica como elemento de problematização na educação em ciências. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 21, n. 3, p. 783-798, 2015.

PIASSI, L. P.; SANTOS, E. I.; VIEIRA, R. M. B.; KIMURA, R. K.; VIZACHRI, T. R.; ARAUJO, P. T. A Banca da Ciência na comunicação crítica da ciência para o público escolar. *Comunicação Pública*, v.13, n.24, p.1-20, 2018.

RANGEL, E. Afrofuturismo e questões do negro na ficção científica. *Revista do Audiovisual* 206, Vitória, n. 5, p. 129-148, Jan./Jul. 2016

SOUZA, E. O.; ASSIS, K. R. O Afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, v. 6, p. 64-74, 2019.

SOUZA, O.; PAIM, E. Problematizando o eurocentrismo e desconstruindo o racismo por meio de práticas pedagógicas decoloniais e interculturais. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 34, p. 41-60, 18 dez. 2019.

A PRODUÇÃO DA VACINA DA COVID-19: UM OLHAR PARA O DISCURSO DE ANSIEDADE VEICULADO PELAS NOTÍCIAS DE JORNAL

Alberto Lopo Montalvão Neto¹⁰⁵ – Universidade Estadual de Campinas

Flávia Novaes Moraes¹⁰⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Wanderson Rodrigues Morais¹⁰⁷ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O objetivo desse artigo é refletir sobre as notícias que circularam a respeito da produção da vacina para o enfrentamento da Covid-19, dado o contexto pandêmico atual, de modo a compreender os discursos e as redes de sentidos às quais essas materialidades se filiam. Partimos da consideração de que, na atualidade, uma das questões (socio)científicas em alta é aquela que diz respeito à pandemia ocasionada pela Sars-CoV-2, gerando um fluxo contínuo de notícias veiculadas na mídia sobre seus diferentes aspectos e influenciando na formação de identidades e nos processos de subjetivação dos sujeitos. Nos apoiamos em aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso de vertente franco-brasileira, mais precisamente em Michel Pêcheux e seus colaboradores e em Eni Orlandi. Também refletimos sobre o agenciamento do “medo do medo” enunciada por Courtine (2016), a qual compreendemos enquanto um discurso de ansiedade presente em discursos jornalísticos. Por meio da análise de três recortes de notícias da Folha de São Paulo, observamos que os mecanismos de linguagem utilizados pelo jornal geram efeitos discursivos que se relacionam aos discursos de ansiedade, de modo que as reportagens jornalísticas são escritas para descrever um cenário que dá ênfase às expectativas de uma possível cura, remetendo-se ainda a um discurso bélico de “combate” ao vírus, em que esses aspectos por vezes imperam mais do que a própria busca por informar à população sobre as questões (socio)científicas que se relacionam à pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Discurso de ansiedade. Mídia. Jornalismo. Pandemia da Covid-19.

Abstract:

The objective of this article is to reflect on the news that circulated about the production of the vaccine to fight COVID-19, given the current pandemic context, in order to understand the discourses and meaning networks to which these materialities are affiliated. We start from the consideration that, currently, one of the (socio)scientific issues on the rise is that which concerns the pandemic caused by Sars-CoV-2, generating a continuous flow of news published in the media about the different aspects and influencing training of identities and in the subjectivation processes of the subjects. We rely on theoretical-methodological contributions from french-brazilian Discourse Analysis, more precisely on Michel Pêcheux and his collaborators and on Eni Orlandi. We also reflect on the arrangement of the “fear of fear” enunciated by Courtine (2016), which we understand as a discourse of anxiety present in journalistic discourses. Through the analysis of three new clippings from Folha de São Paulo, we observed that the language mechanisms used by the newspaper generate discursive effects that are related to anxiety speeches, so that journalistic reports are written for a scenary that calls for expectations of a possible cure, also referring to a warlike discourse of “fighting” the virus, in which these aspects sometimes prevail more than the own search to inform the population about the (socio)scientific issues related to the pandemic of COVID-19.

¹⁰⁵Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: montalvaualberto@gmail.com.

¹⁰⁶Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: flaviamoraes@yahoo.com.

¹⁰⁷Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: w.rmorais13@gmail.com.

Keywords: Anxiety Discourse. Media. Journalism. COVID-19 Pandemic.

Introdução

Diferentes discursos circulam pelos meios midiáticos. Entre eles estão as reportagens jornalísticas, responsáveis por veicular informações e, a partir das quais, segundo Gregolin (2007), os sujeitos produzem diferentes (efeitos de) sentidos. Ademais, Gregolin (2007) aponta que essas informações também influenciam, de certo modo, na formação de identidades, regulando saberes e formas de subjetivação dos sujeitos.

Vale destacar que o jornal é o meio mais antigo de veiculação de informações, de forma sistematizada, estando presente “[...] na própria construção da sociedade ocidental atual, desde o projeto de Modernidade”, veiculando informações de diferentes tipos sobre a vida cotidiana “[...] e incluindo a população em uma dinâmica cultural e de pertencimento” (BRUGGEMANN *et al.*, 2011, p. 68). Nesse sentido, consideramos que este tipo de materialidade pode nos fornecer uma série de indícios, a respeito de questões sócio-históricas, por meio das representações sociais e científicas por ele expostas.

Entre as questões sociocientíficas que estão em alta na atualidade podemos destacar aquilo que concerne à pandemia da Covid-19. Recentemente, muitas foram as notícias veiculadas pelas mídias sobre diferentes aspectos da pandemia e entre essas mídias destaca-se a jornalística. Sendo a Sars-CoV-2 uma doença causada por um novo tipo de coronavírus que atingiu mais de 185 países (SOUTO, 2020), a pandemia em questão não se trata apenas de uma crise sanitária, como também de uma crise socioeconômica e político-ideológica. Isso porque, nesse cenário, se acentuaram as discrepâncias existentes entre as diferentes camadas sociais, além de se tornarem ainda mais evidentes as disputas entre os diferentes sujeitos que presidem/integram as instituições, principalmente as governamentais.

Com base nos aspectos mencionados, no presente trabalho temos como objetivo refletir sobre as notícias que circularam a respeito da produção da vacina para o enfrentamento da Covid-19, de modo a compreender os discursos e as redes de sentidos às quais essas materialidades se filiam. Partimos do pressuposto de que os jornais, ao representarem questões que incidem sobre a/na vida cotidiana dos sujeitos, tal como as várias implicações pandêmicas, apontam para um acontecimento discursivo que (ir)rompe com o historicamente constituído e que leva à reformulação de práticas discursivas.

Nesse contexto, nos interessam as notícias veiculadas a respeito do processo de desenvolvimento de uma vacina para o “combate” ao novo coronavírus, visto que essas matérias

jornalísticas estampam um discurso com potencial para a elaboração de gestos de leitura característicos. Esse olhar torna-se ainda mais importante mediante a expansão e mediação das informações pela web 2.0, sendo este um meio de (re)produção de pensamentos, argumentações e identidades (ROCHA; MONTALVÃO NETO, 2020).

Aspectos teórico-metodológicos e delimitação do corpus de análise

As análises aqui apresentadas voltam-se às matérias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, a respeito da vacina produzida mediante a necessidade de enfrentamento da pandemia da Covid-19. Estabeleceu-se o recorte de pesquisa por meio de uma busca por notícias veiculadas pelo jornal em questão a partir de fevereiro de 2020, visto que foi nesse período que se iniciou a circulação de reportagens sobre a dispersão do novo coronavírus.

Após pesquisas na web, a escolha pela Folha de São Paulo se deu por identificarmos que este é o jornal de maior abrangência na atualidade, estando à frente de outros jornais em termos de assinaturas e, conseqüentemente, de circulação¹⁰⁸. Ademais, alguns dados apontam para um crescimento considerável da circulação da versão digital do jornal durante a pandemia¹⁰⁹. Assim, partindo do princípio de que este é um importante veículo de informação, formador de opiniões, dado o seu alcance de circulação nacional, julgamos interessante um olhar para os discursos por ele veiculados. Nesse sentido, selecionamos fragmentos de três notícias da Folha sobre a vacina, a fim de compreender a forma como esses conteúdos são apresentados e as possíveis relações de sentido estabelecidas por meio de suas representações sobre o tema.

Realizamos as análises com base em aportes teórico-metodológicos da Análise de Discurso de vertente franco-brasileira, que teve em Michel Pêcheux um de seus principais precursores na França, e em Eni Orlandi uma de suas principais expoentes no Brasil.

Notadamente, nos voltamos a refletir sobre uma tipologia discursiva, enunciada por Courtine (2016) como o “medo do medo”, que, a nosso ver, aponta para o que podemos chamar de discurso de ansiedade, tema sobre o qual já realizamos algumas reflexões a respeito (MACHADO; MONTALVÃO NETO; MORAES, 2020).

¹⁰⁸Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), em pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2019, o referido jornal teve o maior número de assinaturas digitais, sendo este um fator preponderante para o seu crescimento no atual contexto digital. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/versao-digital-de-jornais-cresce-e-impresso-segue-em-queda/>. Acesso em: 03 jan. 2020.

¹⁰⁹Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolidou-crescimento-digital.shtml#:~:text=A%20Folha%20C3%A9%20o%20jornal%20de%20maior%20circula%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil>. Acesso em: 03 jan. 2021.

Referindo-se ao discurso do medo como o reflexo de uma série de questões históricas, que remontam à distintas formas de violência sobre as quais se construiu e assentou-se a sociedade contemporânea, Corbin, Courtine e Vigarello (2020) ressaltam que diversas crises, econômicas, colonizadoras e ocasionadas pelas grandes guerras, configuram-se como acontecimentos históricos que levaram à insurgência do medo de um medo. Ou seja, sem uma materialidade específica ou um objeto que lhe é de direito, o medo poderá não ter outra forma de se materializar que não a linguagem. Daí que a linguagem também se coloca como um meio privilegiado para a materialização de (um discurso de) ansiedade, manifestado de forma individual e/ou coletiva. Assim, Courtine (2016) nos diz que, apresentando-se de forma instável, difusa e incerta, a ansiedade dissemina-se e torna-se presente até mesmo diante da ausência, ou seja, mesmo quando não se pode identificar qualquer perigo concreto que seja eminente e imediato. Desse modo, para Courtine (2016), Corbin, Courtine e Vigarello (2020), vivemos, portanto, numa era da ansiedade.

Além das questões supramencionadas, mobilizamos algumas outras noções da AD para auxiliar na compreensão dos mecanismos discursivos que perpassam o âmagô jornalístico. Destarte, tomando aqui o discurso como efeito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 2003), sucintamente, explicamos algumas dessas noções.

A respeito do mecanismo de antecipação, Orlandi (2003) aponta que este relaciona-se à imagem que um sujeito, ao enunciar, faz de seu interlocutor, o que o leva a colocar-se em seu lugar e, conseqüentemente, a dizer de uma determinada forma, de acordo com aquilo que esse sujeito pensa produzir no outro. Em outras palavras, há uma busca pela estabilização/controlado dos efeitos de sentido que o seu interlocutor possa vir a produzir, ainda que isso não seja possível. Isso relaciona-se às relações de força, visto que, no discurso, compreende-se que os sujeitos ocupam posições ideologicamente demarcadas, que regulam os possíveis (efeitos de) sentidos produzidos, a partir da posição assumida. De igual modo, os dizeres são historicamente constituídos, de tal forma que um discurso aponta para outros, passados e/ou futuros, e de maneira que se reconhece que um texto (ou enunciado) se relaciona a outros, o que podemos chamar de relações de sentido (ORLANDI, 2003).

Ademais, interessa-nos não apenas o dito, como também o “não-dito”, os silêncios. Não sendo diretamente observável, é possível pensar sobre o silêncio a partir de seus efeitos e processos de significação, sendo a sua compreensão possibilitada pela história (ORLANDI, 2007). De acordo com Orlandi (2012), isso pode ser feito a partir da compreensão da (in)completude do sentido, abrindo possibilidades de reformulação do discurso em seus

aspectos de ambiguidade, ausências e pelo rompimento com a linearidade do discurso, em meio ao acontecimento discursivo (HAROCHE, 1992), possibilitando outros sentidos por entre o real da língua e o real da história. Trata-se, portanto, de se trabalhar a partir da relação entre diferentes textos para observar e compreender um enunciado, em sua materialidade histórica e assim compreender o acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 1990). Nessa relação, forma e conteúdo são indissociáveis.

Trabalhando num batimento entre descrição e interpretação, para as análises construímos um mecanismo de leitura, a partir de um dispositivo teórico e analítico (ORLANDI, 2003), que corresponde à mobilização de noções e princípios da AD e de conceitos relacionados ao campo teórico-disciplinar dos pesquisadores envolvidos no processo¹¹⁰.

Medo, ansiedade e as inflexões de autoridade dos discursos sobre a vacina da Covid-19

Publicada em 20 de julho de 2020, a primeira notícia analisada intitula-se “*Vacina chinesa contra Covid-19 chega ao Brasil e testes começam na terça-feira*”¹¹¹, e se reporta à chegada ao Brasil da vacina para o enfrentamento da pandemia da Covid-19. Escrita por Mônica Bergamo, jornalista da Folha, a reportagem narra a chegada do imunizante produzido numa parceria entre Brasil e China, a qual, no presente momento em que está sendo finalizada a escrita deste texto (janeiro de 2021), configura-se como a principal aposta brasileira para lidar com a pandemia. Trata-se da vacina produzida em parceria, de modo colaborativo, pelo laboratório Sinovac Biotech e o Instituto Butantan. O fragmento da reportagem exposto a seguir ilustra a questão:

A vacina chinesa contra o coronavírus produzida pelo laboratório Sinovac Biotech que será testada no Brasil em Parceria com o Instituto Butantan desembarcou na madrugada desta segunda (20) no Brasil. Elas chegaram em um voo da Lufthansa que saiu no domingo (19) de Frankfurt e chegou às 4h12 no aeroporto de Guarulhos, em SP. [...] Os cientistas do Instituto Butantan estão otimistas. A vacina chinesa é uma das que está em fase mais adiantada de testes (grifos nossos).

Nota-se que, nesse enunciado, há o uso de diferentes recursos para demonstrar a preocupação com a vacina. Primeiramente, cabe destacar a relação de oposição colocada entre a vacina e o coronavírus, que abre margens para uma forma de situá-la num dado lugar discursivo: no trecho, observa-se a personificação da vacina, atribuindo a um objeto inanimado

¹¹⁰Compreendemos que o lugar a partir do qual se fala e as histórias de vida e de leitura influenciam nos gestos de interpretação. Assim, no presente trabalho levamos em conta que a formação inicial de seus autores, que se remete ao campo das Ciências Biológicas, bem como o fato desses sujeitos vincularem-se à programas de pós-graduação, em pesquisas de doutorado relativas ao ensino de Ciências, que envolvem aspectos da linguagem, influenciam nessas formas de compreender/analisar a questão de estudo de interesse.

¹¹¹Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/vacina-chinesa-chega-ao-brasil-e-testes-comecam-na-terca.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2020.

uma identidade própria. Assim, logo na manchete da notícia observa-se que a jornalista atribui à vacina uma nacionalidade, como se esta fosse uma pessoa. Além disso, a palavra “contra” marca uma série de outros aspectos, comumente veiculados desde o início da pandemia, e que se apresentam atravessados por um discurso bélico, ou seja, marcado pelo anseio de combate ao novo coronavírus, colocando-o numa posição discursiva que abre margens para um caráter de temor, demarcada pela necessidade de “derrotá-lo”. Nessa relação, compreende-se que, ao conferir “vida” à vacina, apagam-se outras questões que podem estar relacionadas à emergência de uma pandemia, tais como as relações capitalistas e a ação humana no meio ambiente. Há, portanto, um silêncio, próprio à constituição da linguagem (ORLANDI, 2007), mas que, a nosso ver, interdita outros sentidos que poderiam ser interessantes para uma possível apropriação de questões sociocientíficas pela população.

Nota-se que, se por um lado há uma riqueza de detalhes sobre a chegada da vacina, com descrições pormenorizadas sobre o seu desembarque em terras brasileiras, por outro, os gestos de silêncio se demarcam a partir de processos que estabilizam sentidos e que apagam as condições de produção da vacina, em seu sentido estrito/imediato (ORLANDI, 2003), e que se referem à Ciência e ao cientista. Isso porque essas descrições se pautam no acontecimento discursivo relativo à elaboração de uma vacina para o enfrentamento histórico de uma pandemia, porém, não se remetem ao processo que levou a essa produção, o que nos leva a crer que, nessa relação, são ressaltados aspectos de neutralidade/objetividade científica.

Há, então, relações de força e de sentido que conferem importância à vacina, sendo esta validada por instituições, pública e privada (Instituto Butantan e laboratório Sinovac Biotech), e pela posição-cientista. No entanto, não é enunciado quem são esses cientistas, e o que se percebe, por meio dessa descrição pormenorizada, relativa ao traslado continental da vacina, é a produção de efeitos de verdade e de ansiedade, marcados por uma era em que esses efeitos discursivos já eram comuns, mediante os conflitos históricos que serviram de molde para a construção da sociedade tal como a conhecemos (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020), e que se acentuaram em meio ao acontecimento pandêmico. A chegada da vacina, portanto, está num entremeio que conflui com: a) uma busca otimista pela cura; b) o caráter de autoridade que lhe é conferido por meio do discurso científico; c) o discurso de medo/ansiedade, que atravessa o acontecimento discursivo em questão.

No mesmo dia da publicação da matéria de Mônica Bergamo na web-página da Folha, a jornalista faz uma postagem em seu Twitter. Em um banner, com a chamada “*Covid-19: a chegada da vacina, com Dimas Covas, presidente do Instituto Butantan*”, faz-se alusão

propagandística a um programa de TV, promovido pelo canal Band News, chamado “Ponto a Ponto”. Na descrição do twitter, Mônica coloca a seguinte chamada: *“Eu acredito piamente que uma vacina contra o coronavirus virá, diz Dimas Covas, do Instituto Butantan, à frente das pesquisas com a China”*¹¹². Assim, analogamente ao que foi anteriormente descrito, nota-se que há toda a construção de um cenário que serve como pano de fundo para gerar expectativas sobre o acontecimento em questão, e para tal utiliza-se uma notória figura que representa a Ciência e a voz do cientista, caracterizada pela posição ocupada por Dimas Covas, presidente do instituto brasileiro que está envolvido na produção da vacina. Porém, se por um lado há a exaltação de um sujeito, a partir de seu lugar de autoridade, por outro, são silenciados tantos outros sujeitos envolvidos na questão, bem como o próprio processo de produção da vacina.

Em outra notícia, publicada em um período próximo à notícia anterior, mais precisamente em 25 de junho de 2020, momento este em que se intensificavam às reportagens midiáticas a respeito da vacina para o novo coronavírus, a matéria veiculada se pauta em um pedido de calma à população, por parte de uma especialista, Soraya Smaili, reitora da Unifesp, uma das principais universidades federais localizadas em território paulista. A manchete traz o enunciado *“É preciso calma, diz reitora da Unifesp sobre estudos da vacina de Oxford”*¹¹³ e, assim como observado em outras notícias, a matéria relata diferentes estudos sobre o desenvolvimento da vacina. O trecho a seguir destaca a abordagem utilizada para tal:

Em meio à pandemia, a possibilidade de se ter uma vacina eficaz contra o vírus que já matou mais de 480 mil pessoas no mundo gera uma expectativa alta. Porém, o momento requer calma, diz Soraya Smaili. Reitora da Unifesp, universidade que comanda os estudos clínicos da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford, ela diz sentir que “a população deseja uma solução para suas vidas”, mas que a pesquisa científica não pode ser apressada e os estudos podem durar até um ano. “Os estudiosos dizem que, se juntarem números positivos suficientes, pode ser que o resultado saia antes, mas isso é algo que será determinado por Oxford e a exigência dos protocolos para o desenvolvimento de uma vacina é alto”, explica Smaili. “É preciso que tenhamos o pé no chão para não criar falsas expectativas, pois não adianta correr e o resultado ser inconclusivo.” Entre os estudos de mais de 140 vacinas para o coronavírus, a de Oxford está em um dos estágios mais avançados e se saiu bem em fases anteriores. Por isso, há expectativa de que seu resultado seja de sucesso.

Apesar de nomear uma reitora e uma universidade como sujeito/instituição autorizado(a) a dizer, novamente vemos alguns mecanismos que silenciam sujeitos e sentidos. Passagens como *“a população deseja uma solução para suas vidas”* e *“os estudiosos dizem que”*, ou mesmo a

¹¹²Disponível em: <https://twitter.com/monicabergamo/status/1288659421451759616>. Acesso em: 04 jan. 2020.

¹¹³Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/e-preciso-calma-diz-reitora-da-unifesp-sobre-estudos-da-vacina-de-oxford.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2021.

menção às instituições de pesquisa, como a Unifesp e a Universidade de Oxford, não evidenciam os sujeitos os quais a matéria jornalística se refere. Há um apagamento que visa homogeneizar cientistas e toda uma população, esquecendo-se, inclusive, que grande parte da população está alheia a diversas informações relativas à pandemia da Covid-19, ao passo que, ao mesmo tempo, recebem um bombardeio de notícias que pouco lhes trazem esclarecimentos, por filiarem-se ora a descrições generalistas, ora a termos/conceitos científicos dos quais a população não partilha de sua rede de sentidos, ou melhor, de sua formação discursiva (MORAES; MONTALVÃO NETO; MORAIS, 2020). No entanto, além de não estar em contato de igual modo com as notícias sobre a pandemia, essa mesma população também não sofre de forma igualitária as suas consequências, visto que, dadas as desigualdades socioeconômicas existentes no Brasil, a pandemia não é vivenciada da mesma forma por todos. Em outras palavras, muitas pessoas não vivem sob condições adequadas, que lhes possibilite o isolamento e/ou distanciamento social¹¹⁴ para evitar a disseminação do vírus.

Em muitas reportagens, tal como a apontada, não se explica como é produzida a vacina, porém, ressalta-se seus vieses de complexidade, silenciando as motivações para tal ponderação e colocando a “*expectativa de que seu resultado seja de sucesso*”. Especificamente sobre essa reportagem, encontramos em alguns trechos uma tentativa de explicar alguns dos efeitos imunológicos da vacina. O trecho a seguir ilustra a questão.

A velocidade do processo em diferentes países supera tudo o que já foi visto até hoje na área de desenvolvimento de vacinas, normalmente um processo demorado e trabalhoso que envolve várias rodadas de testes em animais e avaliações de toxicidade antes das três fases obrigatórias de testes clínicos com pessoas. Diante da emergência mundial representada pelo vírus Sars-CoV-2, esses controles mais estritos foram relaxados. Nada disso, porém, é garantia de sucesso, já que calibrar os efeitos de uma vacina sobre o sistema imunológico (de defesa do organismo), para que o fármaco seja capaz de proteger o corpo de forma robusta contra um invasor sem grandes efeitos colaterais, é um processo que sempre envolve muita tentativa e erro. Também vai ser necessário otimizar os processos industriais indispensáveis à produção e à distribuição de uma vacina em larga escala. Tais processos variam muito de acordo com o tipo de vacina e vão afetar a maneira como as doses chegarão às pessoas que necessitam delas mundo afora.

O trecho acima aponta para o fato de que são vários fatores envolvidos no processo de produção da vacina, sendo que esses fatores não são apenas científicos, mas que se remetem também a questões como, por exemplo, a produção industrial e a distribuição da vacina, em

¹¹⁴Desigualdades nas condições de moradia e saneamento básico são apontados como alguns dos fatores que acentuam este cenário, o que se torna ainda mais desigual a depender de questões como classe, raça, gênero e condições de saúde dos diferentes grupos sociais. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 04 jan. 2021.

larga escala. Outro fator interessante a ser apontado é a relativização da verdade científica, a partir do momento em que se assume que esta é realizada por meio de “tentativas e erros”. Nesse recorte também se demarca o discurso da ansiedade que pode ser observado quando se retrata a insuficiência de testes com as vacinas, que estão sendo realizados com processos de “controle relaxado”, promovendo, deste modo, a insurgência do medo e estimulando posições negacionistas em relação ao processo de vacinação.

Com a manchete “*Mesmo com vacina, pandemia de coronavírus deve seguir por boa parte de 2021*”¹¹⁵, a notícia traz, entre outros aspectos, as incertezas referentes ao início da vacinação no Brasil. Sendo aplicadas vacinas para a Covid-19 em alguns países desde o final de dezembro de 2020, no Brasil esse impasse permanece vívido em meados de janeiro de 2021, sem prazo para terminar. Assim, numa relação de sentidos que estabelece diálogo com notícias de processos de imunização realizados por outras nações, e por meio de mecanismos que fazem com que o jornal se antecipe ao leitor, colocando em destaque aquilo que o autor acredita ser o posicionamento da população a respeito das políticas governamentais para a questão, cria-se um discurso que reproduz/dissemina a ansiedade. Tal cenário se reafirma pela instabilidade de sentidos, instaurada pelo sobressalto de apontamentos que mesclam ao mesmo tempo a necessidade de ações urgentes e de cautela, trazendo à tona o medo e a insegurança e configurando o acontecimento discursivo em questão: a pandemia da Covid-19.

Considerações finais

A partir das reflexões suscitadas apontamos que os mecanismos de linguagem utilizados pelo jornal para abordar questões relativas às vacinas na pandemia da Covid-19 geram efeitos discursivos que se relacionam aos discursos de ansiedade. Ademais, destacamos que as reportagens jornalísticas são escritas de forma a descrever um cenário que dá ênfase às expectativas de uma possível cura, remetendo-se ainda a um discurso bélico de “combate” ao vírus. Também observamos um discurso pautado em uma necessidade de urgência de ações para o desenvolvimento de vacinas em oposição à insuficiência de testes que estão sendo realizados, o que gera ansiedade, medo e dúvida.

Nesse sentido, compreendemos que esses aspectos por vezes imperam mais do que a própria busca por informar à população sobre as questões (sócio)científicas que se relacionam à pandemia da Covid-19. Assim, a partir de algumas reflexões, reconhecemos a necessidade de

¹¹⁵Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/mesmo-com-vacina-pandemia-de-coronavirus-deve-seguir-por-boa-parte-de-2021.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2020.

se (re)pensar sobre a divulgação e popularização da ciência, inclusive nos meios midiáticos, de tal modo que, mais do que criar-se expectativas a partir de notícias que disseminam medo, ansiedade e/ou aspectos de neutralidade/autoridade da Ciência, seja possível compreender o (processo de produção do) conhecimento científico, de modo a possibilitar a tomada de decisões pela população.

Referências

- BRUGGEMANN, A. L. *et al.* Folha de São Paulo: Um jornal a serviço (da Copa) do Brasil. In: PIRES, G de L. (Org.). *O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011, pp. 67-115.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. v. 1, Editora Vozes: Petrópolis, 2020.
- COURTINE, J. J. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURSINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EduFSCar, 2016. pp. 15-29.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo, 1992.
- MACHADO, R.; MONTALVÃO NETO, A. L.; MORAES, F. N. Controvérsias sobre as tecnologias do DNA no Youtube: que discursos pautam os canais de divulgação científica?. *Revista do Edicc*, v. 6, p. 136-146, 2020.
- MORAES, F. N.; MONTALVÃO NETO, A. L.; MORAIS, W. R. A Biotecnologia no ensino: o não-lugar, silenciamentos e a escassez de materialidade histórica. In: BONFIM, D. A. *et al.* (Orgs.). *Diálogos Plurais em Educação*. 1 ed. Cruz Alta: Ed. Ilustração, v. 1, pp. 35-52, 2020.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. bras. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- ROCHA, G. G. S.; MONTALVÃO NETO, A. L. Argumentação nas redes sociais: reflexões a partir de uma thread viral do twitter. In: Encontro Virtual de Documentação em Software

Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 14., 2020, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, p. 1-8, 2020.

SOUTO, X. M. COVID-19: aspectos gerais e implicações globais. *Recital: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara*, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 12-36, jun. 2020.

O VANGUARDISMO DA *ILUSTRADA* NA COBERTURA DA VANGUARDA PAULISTA COMO ELEMENTO DE LEITURA

Luciana Martins de Souza¹¹⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Este trabalho propõe compreender o papel de vanguarda na cobertura do Caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo*, sobre o movimento artístico da Vanguarda Paulista com o objetivo de identificar a estética vanguardista como elemento de leitura na narrativa jornalística. Este estudo também pretende apresentar a vanguarda artística do início do século XX e suas influências analisando duas peças jornalísticas: a primeira de 1980 e a segunda de 1984, reportagens em imagens de arquivo da *Ilustrada* avaliando a linguagem utilizada e os recursos visuais e gráficos. O teórico para fundamentar esta análise é Zigmunt Bauman (1998 e 2012), que na era pós-moderna identifica a falta de espaço da vanguarda artística frente à fragmentação da cultura e das artes. No entanto, não é o que se percebe na *Ilustrada* e na arte contemporânea. Ao avaliar brevemente o conteúdo da *Ilustrada* identificamos a pluralidade de temas e de colaboradores, da linguagem estética e da diversidade gráfica e editorial. Assim como, a nova estética musical da Vanguarda Paulista, uma efervescência artística e cultural, que ocorreu entre 1979 e 1985. Este estudo aponta a transversalidade dos Estudos Culturais (HALL, 2003) que engloba a globalização, a fragmentação e a mídia na padronização da cultura (HALL, 2006). A metodologia é baseada na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), de forma qualitativa.

Palavras-chave: Cultura. Vanguarda artística. Jornalismo Cultural. *Ilustrada*. Vanguarda Paulista.

Abstract:

This work proposes to understand the avant-garde role in the coverage of Caderno *Ilustrada*, of the newspaper *Folha de S. Paulo*, about the artistic movement of Vanguarda Paulista with the aim of identifying the avant-garde aesthetic as an element of reading in the journalistic narrative. This study also intends to present the artistic avant-garde of the beginning of the 20th century and its influences by analyzing two journalistic pieces: the first one from 1980 and the second one from 1984, reports in *Ilustrada's* archive images evaluating the language used and the visual and graphic resources. The theorist to support this analysis is Zigmunt Bauman (1998 and 2012), who in the postmodern era identifies the lack of space of the artistic vanguard in face of the fragmentation of culture and the arts. However, this is not what is perceived in the *Illustrated* and contemporary art. By briefly evaluating the content of *Ilustrada*, we identified the plurality of themes and collaborators, aesthetic language and graphic and editorial diversity. As well as, the new musical aesthetics of Vanguarda Paulista, an artistic and cultural effervescence, which occurred between 1979 and 1985. This study points to the transversality of Cultural Studies (HALL, 2003) that encompasses globalization, fragmentation and the media in the standardization of culture (HALL, 2006). The methodology is based on Content Analysis (BARDIN, 1977), in a qualitative way.

Keywords: Culture. Art vanguard. Cultural Journalism. *Ilustrada*. Vanguarda Paulista.

Imagens

Figura 1: <i>Ilustrada</i> - página 26 de 23 de junho de 1980	07
Figura 2: <i>Ilustrada</i> - página 36 de 17 de maio de 1984	08

¹¹⁶ Pesquisadora do curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório em Estudos Avançados em Jornalismo - Labjor, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Experiência em: AI, edição de texto e imagem; jornalismo digital, livro-reportagem e revista. E-mail: lucianamartins02@yahoo.com.br.

Introdução

Pesquisar e escrever sobre vanguarda artística sempre provoca questionamentos porque o objeto, geralmente, se encontra em eventos datados desde as primeiras décadas do século XX até períodos próximos de seu fim. Entre os estudos, uma das obras mais conhecidas sobre arte de vanguarda é *As Vanguardas Artísticas*, do italiano Mario De Micheli (2004), escrita originalmente em 1966. Para a edição de 1988, o autor reforça que é importante entender os motivos das vanguardas por sua relevância histórica e legado. É o que se pretende demonstrar com este trabalho, os diversos elementos estéticos e jornalísticos na cobertura do caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S. Paulo*, sobre o movimento cultural Vanguarda Paulista. Outra finalidade da pesquisa é identificar também como a *Ilustrada* se colocou na vanguarda do jornalismo, ao passar pela implantação do Projeto Folha, tornando-se um elemento de leitura e de narrativa jornalística.

Zigmunt Bauman (1925-2017) é um dos autores que fundamenta a questão da vanguarda artística para este estudo (1998). O filósofo destaca que os modernistas nos anos de 1930 consideravam o modelo da ‘avant-garde’ do exército, onde a vanguarda se colocava em um espaço e tempo ordenados, e que o movimento para frente e para trás tratava as duas ordens juntas. E que por isso, não se pode falar de vanguarda no mundo pós-moderno por ser uma época de mobilidade, “os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada” (BAUMAN, 1998, p 123). Se o artista alcançou uma liberdade em que pode falar sobre tudo, após a modernidade acredita que não teria rótulos, mas não é o que vimos, porque sempre está em busca do passado. Como diria Giorgio Agamben, o ser contemporâneo é aquele que procura entender o passado com sua bagagem do presente, “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p.59).

Seguindo a liberdade adquirida e incorporando elementos de vanguarda do passado, o Movimento Vanguarda Paulista foi uma efervescência artística e cultural que ocorreu de 1979 a 1985, na cidade de São Paulo, protagonizando uma época de transição da modernidade para a pós-modernidade. Enquanto a Vanguarda Paulista apresentava nova estética musical, a *Folha de S. Paulo* ajustava a empresa com a implantação do Projeto Folha, uma mudança editorial e gráfica realizada entre 1984 e 1987. O objetivo era introduzir um jornalismo crítico, pluralista, democrático e apartidário. Por isso, este trabalho apresenta duas peças jornalísticas para demonstrar o vanguardismo da *Folha* (o termo *Folha* é o nome informal e conhecido do grande público para se referir ao jornal).

O método utilizado foi a Análise de Conteúdo (BARDIN,1977), de forma qualitativa, sobre as reportagens, em imagens de arquivo, da *Ilustrada* para contribuir com a interpretação das peças jornalísticas em seus aspectos estéticos e jornalísticos. Este estudo se enquadra na categoria de Estudos Culturais (HALL, 2003) à medida que a transversalidade se baseia nas Ciências Sociais Aplicadas voltada para a área cultural. Temas como comunicação, mídia e cultura foram incorporados aos Estudos Culturais, desenvolvidos no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham (Inglaterra), a partir de 1964, tendo Stuart Hall ampliado o conceito à globalização, pluralidade e fragmentação (HALL, 2006). Na contemporaneidade, Bauman (2012) revisita a noção de cultura dos Estudos Culturais de Hall apontando que a desconstrução do conceito de cultura veio com a propagação das Ciências Sociais. Além da existência de um possível reencantamento pelo mundo pós-moderno para responder as preocupações e ansiedades do indivíduo.

1. Vanguarda

Para ajudar na avaliação sobre a estética e a pluralidade na *Folha* é importante considerar as artes de vanguarda da década de 1920 – construtivismo russo, surrealismo, expressionismo alemão e modernismo brasileiro – que tinham como principais características: a ruptura e a liberdade. Ainda na segunda metade do século XIX, a arte deixou de ter a função de interação social e de caráter religioso e passou a desenvolver o desejo e a crítica dos artistas, a mistura de linguagens e se aproximou do mercado de arte. A cultura e a civilização, no início do século XX, estavam em um processo de enquadramento do homem por meio do ordenamento e de regras, fazendo com que o prazer e a liberdade fossem trocados pela segurança e estabilidade, levando os artistas a uma ‘revolução’. As vanguardas modernistas consolidaram-se com o conceito de ruptura do pensamento e estética vigentes, apresentando questionamentos individuais ou coletivos, de maior relevância artística do que política.

“O termo ‘vanguarda’ parece ter sido empregado pela primeira vez – inclusive pelos próprios protagonistas – para designar os agrupamentos estéticos que procuravam se distinguir dos artistas e dos estilos mais ortodoxos” (COTTINGTON, 1999, p. 15). Na reflexão de Bauman (1998), a liberdade prevaleceu sobre os demais valores. Outro traço marcante moderno que se mantém na contemporaneidade: a esperança de melhorar as coisas. “Só a sociedade moderna pensou em si mesma como uma atividade da cultura ou da civilização” (BAUMAN, 1998, p. 101). A vanguarda ganhou forma e se estabilizou, não pela ousadia, mas por uma “arte de vanguarda absorvida e assimilada não pelos que (sob sua influência nobilitadora) se voltaram

para o credo que ela ensinava, mas por aquelas pessoas que desejavam aquecer-se na glória refletida do recôndito, exclusivo e elitista” (BAUMAN, 1998, p. 126).

2. Vanguardas Artísticas

O futurismo é considerado a primeira arte de vanguarda após o lançamento do *Manifesto Futurista*, publicado no jornal francês *Le Figaro*, em 20 de fevereiro de 1909 e escrito por Filippo Marinetti (1876-1944). O documento pregava ruptura com o conservadorismo na arte, na cultura, na política e incentivava a identificação do homem com a máquina e a velocidade (DE MICHELI, 2004). A partir disso, a Rússia lançou o construtivismo na linguagem, no teatro, no cinema e nas artes plásticas. Na Alemanha, os cineastas destacavam cenários conforme a situação emocional das personagens e formas deliberadamente deformadas, sombras e múltiplas exposições. Os movimentos do cubismo e do dadaísmo, anteriores, ao surrealismo, preparam o terreno para grandes mudanças. Para De Micheli (2004) “a pintura queria subverter as relações das coisas e levar a crise de consciência, objetivo do surrealismo, a criação de um mundo tentando atingir a liberdade” (DE MICHELI, 2004, p. 160), enquanto na literatura o autor informa que o poeta André Breton (1896-1966) lançava o *Manifesto Surrealista*, em 15 de outubro de 1924, como prefácio do livro *Peixe solúvel*, em conjunto com Philippe Soupault (1897-1990).

Em um retorno ao Brasil no início do século XX, Oswald de Andrade (1890-1954) volta da Europa, em 1912, trazendo ideias do futurismo, o conceito de poesia com temas e formas da automação (ALAMBERT, 2004). Em 1913, Lasar Segall (1889-1957) realiza uma exposição expressionista. A exposição de Anita Malfatti (1889-1964), em 1917, com obras expressionistas, causou estranhamento e crítica negativa na cidade, marcando o trabalho da pintora por algum tempo. O descaso com as novas possibilidades artísticas fez com que intelectuais amadurecessem a realização da Semana de Arte Moderna em 1922. Diversas modalidades se destacaram no evento como a música, escultura, pintura e literatura. Segundo Alambert (2004), o primeiro trabalho pós Semana de 22 foi o livro de Mário de Andrade (1893-1945): *Paulicéia Desvairada* (1922) – poesia que retratava a vida urbana, elementos abstratos, concretos, fragmentados e cotidianos. Também é destaque o *Prefácio Interessantíssimo*, um ensaio-manifesto sobre a nova estética da linguagem, publicado no livro de Andrade (ALAMBERT, 2004).

Os artistas pós-modernos não possuem a mesma obrigação com a questão social que

os do modernismo, trabalham mais a estética, a experimentação, a não-representação, características de um evento e até alguns comportamentos resgatados da modernidade. “Afinal, só se pode acreditar no futuro dotando o passado da autoridade que o presente é obrigado a obedecer” (GOMES, 2002, p. 137).

3. Vanguarda Paulista

A primeira música de vanguarda surge com a composição serial do dodecafonismo, uma sequência de doze notas sem repetições, na década de 1920 e mais forte nos anos 1950. É um trabalho musical de qualidade, mas que causa estranheza no público. As influências no Brasil voltaram a aparecer nas décadas de 1960 e 1970, no Tropicalismo e na Vanguarda Paulista e os compositores brasileiros que mais se destacam são Cláudio Santoro (1919-1989) e Arrigo Barnabé (1951) (BATISTA, 2019). Como já foi observado, o Movimento Vanguarda Paulista foi uma efervescência artística e cultural que ocorreu de 1979 a 1985, na cidade de São Paulo. Apresentou nova estética musical na composição da série dodecafônica, arranjos sofisticados, a desconstrução e a construção do canto, performances teatrais nos shows, se apresentavam em circuitos universitários e além de não fazer parte do circuito comercial, os artistas trabalhavam a margem das grandes gravadoras criando o próprio selo: Lira Paulistana. O Movimento recebeu muito destaque na *Ilustrada* como veremos a seguir.

“O legado da era da vanguarda (...) dos tempos dos movimentos modernistas é a imagem das artes e dos artistas como as tropas de assalto da história que se faz avançar. A vanguarda artística vivia seus trabalhos como uma atividade revolucionária” (BAUMAN, 1998, p. 128). Segundo o autor, o sentimento revolucionário no início do século XX foi bem registrado nos documentos históricos e volta a se repetir com obras que podem levar a reflexão ou a romper com algo imposto. Como ocorreu com a musicalidade na Vanguarda Paulista. Entre os principais nomes estão: Arrigo Barnabé – acompanhado da banda Sabor de Veneno, Itamar Assumpção acompanhado da banda Isca de Polícia – destaque para as cantoras Suzana Salles e Vânia Bastos, Luiz Tatit e Ná Ozetti na banda Rumo, Tetê Espíndola, as bandas Língua de Trapo e Premeditando o Breque.

A Vanguarda Paulista deixou um legado musical em artistas contemporâneos como Tulipa Ruiz, Karina Buhr, Céu, a banda O Terno, Vanguard e a filha de Itamar Assumpção, Anelis Assumpção. Atualmente, em torno da Vanguarda Paulista existe uma produção de documentários, livros e pesquisas acadêmicas revisitando o Movimento. Outra característica da

Vanguarda Paulista foi tratar sobre diversas temáticas urbanas, assim como o jornal *Folha de S. Paulo* que buscava colocar a situação política, social e cultural nas páginas do jornal.

4. *Folha de S. Paulo*

No ápice do jornalismo cultural e da popularidade nos anos 1980, a *Ilustrada* abraçou a Vanguarda Paulista. Também implantou o *Projeto Folha* (SILVA, 2005), de 1984 a 1987, com forte influência do *Projeto Ruth Clark* – integrando redação, marketing e publicidade (REY, 2007), uma renovação gráfica e editorial que colocou a *Folha* na vanguarda do jornalismo. O jornal queria apresentar características modernas e experimentais, mesmo mantendo na forma aspectos conservadores, afinal era uma empresa de comunicação implantando um novo projeto industrial. Ao mesmo tempo, se manteve pós-moderno pela fluidez, com ações mais livres e sem restrições a temas preconceituosos. A busca pela experimentação se coloca para o periódico e para a Vanguarda Paulista, mesmo no período pós-moderno trazendo a referência de vanguarda modernista: transgressora e inovadora. “Em alguns momentos, a *Folha* esteve inclusive na vanguarda da produção cultural brasileira...” (SUZUKI, 2003, p. 138).

A proposta do jornal era fazer um jornalismo crítico, pluralista, democrático e apartidário. Em uma entrevista, o ex-editor da *Ilustrada*, Matinas Suzuki Jr., fala sobre o momento de experimentação do jornal.

A *Ilustrada* dos anos 1980 foi produto de um momento único na história do país, momento de muita esperança, e da confluência de um conjunto de jornalistas excepcionais que atuaram no caderno naquele período (...) na música havia a chamada vanguarda paulista com o Arrigo Barnabé e companhia, tinha o teatro Lira Paulistana... (REBINSKI, 2016).

E a Vanguarda Paulista tinha seu espaço na *Ilustrada*, no exemplo a seguir pode-se ver a matéria publicada de forma tradicional no ano de 1980. A diagramação ainda convencional ocupava um canto de página, mais modesto, mas o texto já possuía análise crítica e conhecimento do assunto, como deve ser o jornalismo cultural. Em trecho sobre o trabalho de Arrigo Barnabé, o repórter Dirceu Soares avalia que “pela inovação que ele traz, em suas composições aparentemente malucas, mas bem arquitetadas” (SOARES, 1980). Geralmente narra uma história utilizando-se muito mais dos sons do que das palavras.” A notícia ainda traz a informação sobre o show e a produção de um disco independente devido ao músico não fazer parte do circuito comercial.

Acontece na semana

Shows Arrigo, independente, e a sina de Walter Franco

Duvidas de uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Tua outra cambada que lauro... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Cinema Promessas com Truffaut e o retorno de Sherlock

OLIVANDO L. PASSONI... Os filmes de Luis Buñuel, "Bate... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Teatro Plinio Marcos agita a cena

CLAUDIO RUCCI... A semana tem "Barrida" de Plinio Marcos... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Teatro Plinio Marcos agita a cena

CLAUDIO RUCCI... A semana tem "Barrida" de Plinio Marcos... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Teatro Plinio Marcos agita a cena

CLAUDIO RUCCI... A semana tem "Barrida" de Plinio Marcos... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Teatro Plinio Marcos agita a cena

CLAUDIO RUCCI... A semana tem "Barrida" de Plinio Marcos... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

CLAUDIO RUCCI... A semana tem "Barrida" de Plinio Marcos... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Musica A saida é ouvir a Sinfônica

JOÃO SOARES... A música tem estado a ver com problemas... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Artes Plásticas Colagens, no Sesc, a novidade

IVO ZAMINI... A arte que continua, do surpresa... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Artes Plásticas Colagens, no Sesc, a novidade

IVO ZAMINI... A arte que continua, do surpresa... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Artes Plásticas Colagens, no Sesc, a novidade

IVO ZAMINI... A arte que continua, do surpresa... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Televisão Xênia parte-para outra e Pelé vira especial

DENISE NATALIA... Xênia não vai mais no humor... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

DENISE NATALIA... Xênia não vai mais no humor... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Filmes na TV

JOÃO SOARES... A lista de filmes para a televisão... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Verdadeiro, original, Fuller será a atração

JOÃO SOARES... A lista de filmes para a televisão... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Verdadeiro, original, Fuller será a atração

JOÃO SOARES... A lista de filmes para a televisão... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Verdadeiro, original, Fuller será a atração

JOÃO SOARES... A lista de filmes para a televisão... Devido a uma musica que nasce educada, Rio Paulo tem a...

Considerações finais

A interpretação destas duas peças jornalísticas apresentadas neste estudo sobre o tema da Vanguarda Paulista consegue demonstrar que a *Folha de S. Paulo* se colocou no vanguardismo do jornalismo como elemento de leitura ao inovar e romper com o modo tradicional de publicar notícias. A análise feita nas reportagens das imagens de arquivo da *Ilustrada* denota a linguagem estética e os recursos visuais e gráficos utilizados. Como vimos, a *Ilustrada* foi ousada ao publicar matérias sobre vanguarda artística, especificamente sobre a Vanguarda Paulista, com as principais características da vanguarda modernista: a liberdade e a ruptura.

Apesar das mudanças ocorridas com a consolidação da web, o jornalismo mais sucinto, o declínio do jornalismo cultural e a queda de qualidade da *Folha* (GADINI, 2003), o jornal continua bem conceituado junto ao público e conseguiu transferir essa credibilidade para o meio virtual, mantendo o primeiro lugar de assinantes na internet desde 2015 (SACCHITIELLO, 2019). Como o tema pede maior investigação, deverá ficar para outro momento.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo? In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22 – a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Editora Scipione, 2004.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.
- BATISTA, Juliana Wendpap. *Vanguarda Paulista: retratos de uma geração musical nos anos 1980*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- COTTINGTON, David. *Cubismo*. Tradução: Luiz Antonio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.
- DE MICHELI, Mario. *As Vanguardas Artísticas*. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Pontes, 2004.

GADINI, Sérgio Luiz. *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

GOMES, Helder. *Arte, Experimentação e Vanguarda no Pensamento de Jean-François Lyotard*. Revista Filosófica de Coimbra, número 21, 2002. p. 129-161.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: L. SOVIK. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

_____. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

REBINSKI, Luiz. Entrevista com Matinas Suzuki Jr. *O editor que estava lá, publicado em Revista Cândido – Jornal da Biblioteca Pública do Estado do Paraná*, nº 56, março de 2016, p. 4-9. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Matinas-Suzuki-Jr>>. Acesso em: 11 set. 2019.

REY, Luiz Roberto Saviani. *Jornal Impresso e Pós-Modernidade O Projeto Ruth Clark e a Espetacularização da Notícia*. In: VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo e Editoração da Intercom. Santos, 2007.

SACCHITIELLO, Bárbara. *Circulação digital dos grandes jornais cresce no Brasil*. Meio & Mensagem, 30 de janeiro 2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.html>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Mil Dias: Seis Mil Dias Depois*. São Paulo: Publifolha, 2005.

SOARES, Dirceu. Arrigo, independente, e a sina de Walter Franco. *Folha de S. Paulo*, 23 de junho de 1980. Caderno Ilustrada, p. 26.

SUZUKI, Matinas Jr. O grande editor. In: *Um país aberto - Reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2003.

O JORNALISMO DE CLARICE LISPECTOR: A ALIMENTAÇÃO COMO FORMA DE TRANSGRESSÃO AO JUDAÍSMO

Thiago Cavalcante Jeronimo¹¹⁸ - Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Resumo:

Para *corpus* deste estudo, consideram-se textos da produção jornalística de Clarice Lispector (1920-1977) em que há evidente transgressão da autora para com os postulados judaicos, sobretudo no que se configura às regras alimentares. As análises, dentre outros textos da obra da escritora, focalizarão o conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, publicado por Clarice, em 1975, na revista paulista *Mais*; e a crônica “Preguiça”, veiculada na coluna sabatina de Lispector, em 1972, no *Jornal do Brasil*. O referencial teórico fundamenta-se em textos abalizados da fortuna crítica de Lispector e da crítica literária.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Jornalismo. Literatura. Judaísmo.

Abstract:

For the *corpus* of this study, texts from the journalistic production of Clarice Lispector (1920-1977) are considered, in which there is an evident transgression of the author in relation to the jewish postulates, especially in terms of dietary rules. The analyzes, among other texts of the author's work, will focus on the short story “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, published by Clarice, in 1975, in the magazine *Mais*; and the chronicle “Preguiça”, published in Lispector's Sabbath column, in 1972, in *Jornal do Brasil*. The theoretical reference is based on texts by Lispector's critical fortune and literary criticism.

Keywords: Clarice Lispector. Journalism. Literature. Judaism.

1. Introdução

Antes da publicação de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943), Clarice Lispector (1920-1977) publicou textos na imprensa brasileira. “Triunfo”, conto veiculado na revista *Pan* em 1940, até o presente momento é considerado o primeiro texto publicado da autora. Narrativa que estabelecerá diálogo com a obra clariciana: personagens fortes, insatisfeitas, à procura de uma possível renovação de ser e estar no mundo.

Se considerar a data de publicação de “Triunfo” com a data de publicação de *Perto do coração selvagem*, a obra jornalística de Clarice Lispector é mais extensa quase em três anos do que a sua ficção. Contudo, a participação efetiva de Clarice no jornalismo finda-se no mesmo ano que se encerra sua produção ficcional. Isto porque, no ano de sua morte, 1977, Clarice tem entrevistas e crônicas publicadas em periódicos e lança a novela *A hora da estrela*.

¹¹⁸ Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Autor do livro *Clarice Lispector apesar de: romance de formação e recursos discursivos* (2020) thiagocavalcante@live.com

A longa contribuição de Clarice Lispector na imprensa nacional, quer como repórter, colunista feminina, cronista, entrevistadora – além de publicações de textos ficcionais – alcança o seguinte resultado:

[a Clarice jornalista] escreveu cerca de 450 colunas na imprensa feminina, o que equivale a aproximadamente 5 mil textos, distribuídos em fragmentos de ficção, crônicas, noticiário de moda, conselhos de beleza, receitas de feminilidade, dicas de culinária, educação de filhos e comportamento. Como entrevistadora, foram cerca de 100 textos. E, somente para o *Jornal do Brasil*, publicou mais de 300 crônicas (NUNES, 2012, p. 18).

Dentro dessa produção jornalística, para *corpus* deste estudo, consideram-se duas publicações de Clarice em que há uma transgressão da autora para com os postulados judaicos, sobretudo no que se configura às regras alimentares. Constatam-se em crônicas e contos da autora – publicados em periódicos – uma consciente violação aos preceitos do judaísmo no que tange à ingestão de alimentos censurados. Ocorrência que valida a insubordinação da jornalista Clarice Lispector para com as normas propagadas nessa expressão religiosa.

O *corpus* desta investigação considera momentos díspares da produção da escritora na imprensa, tendo como eixo de análises o conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”, publicado por Lispector na revista paulista *Mais*, em 1975, e a crônica “Preguiça”, publicada na coluna de Clarice, no *Jornal do Brasil*, em 1972.

O referencial teórico fundamenta-se em textos relevantes da fortuna crítica de Lispector, julgando, sobretudo, as investigações de Aparecida Maria Nunes. Considerando a insubordinação comum à escrituração de Clarice Lispector, os textos analisados neste estudo, conto e crônica, violam um diálogo exclusivo da autora para com os postulados judaicos – cultuados por sua família, e por ela desconsiderados –, carregando sua produção com o sincretismo religioso, comum ao local de fala de Clarice: Brasil¹¹⁹.

2. A censura alimentar no judaísmo

Antes de analisar os dois textos – conto e crônica – publicados por Clarice Lispector na imprensa brasileira, marca-se a presença dos animais considerados puros e impuros, de acordo com o livro de Levítico, do Antigo Testamento, na tessitura clariciana. Antecipa-se, contudo, que as menções aos animais proibitivos bíblicos, bem como a ingestão da carne e/ou sangue

¹¹⁹ Sublinhe-se a entrevista que Clarice Lispector concedeu ao jornalista Edilberto Coutinho, em 1976, como exemplo transgressor da autora para com as temáticas judaicas, ao mesmo tempo que acentua o pertencimento da ficcionista ao Brasil: “Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto” (LISPECTOR *apud* COUTINHO, 1980, p. 165-170).

desses animais, diferentemente das regras atinentes ao judaísmo, assinalam-se na obra de Lispector a questionar e a desconstruir normas e imposições estabelecidas nessa vertente religiosa.

Os adeptos da religião judaica não podem se alimentar de animais considerados inaptos à alimentação, a exemplo do porco, do camelo, do cavalo, dentre outros mamíferos. No domínio marítimo, o camarão, a lagosta, os crustáceos, o caranguejo e todos os mamíferos aquáticos são desaprovados ao consumo.

Além dos textos que serão analisados, dentro da produção de Clarice Lispector há personagens que quebram a censura religiosa. Embora não sejam o foco desta investigação, marcam-se, suscintamente, algumas produções da autora em que essa refração é sinalizada.

A personagem Miss Algrave, do conto homônimo (*A via crucis do corpo*), filha de pastor protestante, portanto, submetida a regras cristãs que destoam das impostas no judaísmo, se materializa no texto de Clarice comendo camarão: “Depois rezou. Depois saiu para tomar ar [...] Depois foi almoçar e permitiu-se comer camarão: estava tão bom que até parecia pecado” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Os personagens que ditam a perspectiva do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lóri e Ulisses, comem galinha ao molho pardo, alimento que contém, entre os seus ingredientes, uma dosagem significativa do sangue do animal abatido: “era galinha ao molho pardo. Os dois comeram e beberam em silêncio, sem pressa. Estava bom” (LISPECTOR, 1969, p. 115). Por sua vez, ao relatar sua paixão, seu sofrimento existencial, G. H., a protagonista do romance *A paixão segundo G. H.*, põe em declínio a ordenança bíblica do livro de Levítico – “todo o inseto que voa, que anda sobre quatro patas, será para vós outros abominação” (11:20). Isto porque a personagem, ao narrar a sua experiência desestabilizadora, marca que não só tocou no animal impuro, como dele se alimentou: “Eu estivera o tempo todo sem querer pensar no que já realmente pensara: que a barata é comível como uma lagosta, a barata era um crustáceo (LISPECTOR, 2014, p. 120); “comer a massa da barata é o antipecado, pecado seria a minha pureza fácil” (LISPECTOR, 2014, p. 174).

Assim posto, passa-se às análises do conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” e da crônica “Preguiça”.

3. Revista paulista *Mais* e “A mosca no mel”

Ao referir-se às produções de Lispector veiculadas na revista *Mais*, Aparecida Maria Nunes indica que ao menos dois contos da autora foram veiculados nesse periódico: “[Na revista *Mais*,

Clarice] inclui histórias inéditas, como ‘A mosca no mel (ou a inveja de si)’, em 1975, e ‘Desespero e desenlace às três da tarde’, em 1977” (NUNES, 2013, p. 27).

Diferentemente dos textos que Clarice Lispector assinou sob os pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, nas páginas femininas “Entre mulheres” (1952), “Correio feminino” (1959) e “Só para mulheres” (1960), respectivamente, os textos veiculados em *Mais* corporificaram a assinatura efetiva da autora: Clarice Lispector.

As análises subsequentes consideram fragmentos do conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” para compreender de que forma a contista transgride os postulados judaicos, sobretudo no âmbito da alimentação. Compete, pois, a transcrição do parágrafo que abre a narrativa:

Nada lhe faltava. Claudia Morinelli Martins tinha tudo o que sonhara para a sua vida. Estava com 27 anos e Francisco em pleno vigor dos 30. Ela era uma bela judia italiana mas ele era descendente de espanhóis e portugueses. Ele era guapo. E Claudia era um belo cavalinho alto e vibrátil. Estavam casados há três anos – unidos por mútua paixão. Eles mal acreditavam no tão bom da vida de ambos. Filhos, teriam mais tarde. Quando ela tivesse 30 anos. Porque desejavam ardentemente viver a sós, em plenitude (LISPECTOR, 2006, p. 140).

Acentua-se a designação ao lugar de origem de Cláudia, isto é, atinente à Itália, unida à informação, se não totalmente religiosa, ao menos cultural, de que a personagem que definirá a perspectiva deste texto é judia. Registre-se, entretanto, que Claudia Morinelli Martins, dentro de toda a produção conhecida de Clarice Lispector, é a única personagem feminina que se individualiza com essa nomeação judaica, “bela judia italiana”.¹²⁰

Claudia é jovem, bela, amada, mas é materializada no conto em descompasso com a aparência perfeita de sua vida. O medo de ser castigada por tamanha felicidade a inquieta a ponto de a personagem deixar, de forma brusca, sua casa, seu esposo e se enclausurar na Ordem das Clarissas:

Então ela pensou: ou me mato ou me desquito, porque chegamos ao ápice da vida. Não se matou nem se desquitou. Mas fez uma coisa pior. Avisou [Francisco, seu esposo] serenamente, mas com os lábios rubros, ligeiramente trêmulos, que ia entrar no convento das clarissas de pés descalços. Nunca mais o veria e, quando ele a visitasse, só ouviria a sua voz. Francisco quase morreu de horror (LISPECTOR, 2006, p. 141).

O leitor menos familiarizado com a obra de Clarice Lispector poderia achar, ao menos, curiosa a entrada de temas católicos consoante a protagonista judia dessa narrativa se não fosse

¹²⁰ Benjamin Moser e Berta Waldman reconhecem como judia apenas a personagem masculina de Clarice Lispector materializada no conto “Onde estivestes de noite”. Ao que parece, o biógrafo e a ensaísta desconhecem a personagem feminina judia de Lispector, corporificada no conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)”. Para maiores informações, remete-se o leitor à tese *Judaísmo e cristianismo em Elisa Lispector e em Clarice Lispector: testemunho e vestígio*, de Thiago Cavalcante Jeronimo (2020).

usual à tessitura da escritora a menção aos diversos credos e experiências religiosas, questionando-os – e em muitas vezes refutando-os – em seus respectivos postulados. O texto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” é exemplo concreto da aguda criticidade da contista alusivo às religiões registradas: a judaica e a cristã.

No âmbito alimentar, foco desta investigação, registre-se que enquanto vive com Francisco, Claudia prepara para o café da manhã, “um faustoso desjejum de *ovos com bacon e morangos com cremes*” (LISPECTOR, 2006, p. 140, grifos nossos). Nesse veio, a violação de dois preceitos da religião judaica é sinalizada nos grifos acima: 1. O consumo de carne de porco; 2. A ingestão de carne com leite.

Para além da transgressão alimentar, a personagem, como registrado anteriormente, ampara-se em um convento católico para purgar a culpa que a extrema felicidade lhe incute. Nesse direcionamento, a sinalização judaica, ao mesmo tempo que é evidenciada no primeiro parágrafo da narrativa – a bela judia italiana – é rebaixada pelo posicionamento transgressor para com o judaísmo acionado pela personagem, conforme exemplificado: os alimentos ingeridos no café da manhã violam as regras alimentares do judaísmo e a filiação de Claudia à ordem das clarissas invalida a normatividade constitutiva do judaísmo e direciona à instituição católica, atrelada a Santa Clara, o regimento de sua existência.

4. *Jornal do Brasil* e “Preguiça”

No período de agosto de 1967 a dezembro de 1973, Clarice Lispector assinou uma coluna como cronista no *Jornal do Brasil*. Somente neste veículo midiático, na coluna “Caderno de Sábado”, a autora publicou mais de 300 crônicas. Os textos produzidos por Clarice nesse periódico foram compilados no volume *A descoberta do mundo*, lançado em 1984, sete anos após a morte da autora de *A hora da estrela*. Em 2018, a editora Rocco, detentora do catálogo de livros de Lispector, lança o compêndio *Todas as crônicas*, abarcando quase a totalidade cronística de Clarice. Neste volume, foram materializadas, além da produção da escritora no *Jornal do Brasil*, mais de 120 crônicas inéditas, contudo, infelizmente, o texto “Mineirinho”, um dos mais relevantes da escritora, não ganhou materialidade no compêndio.

A crônica selecionada neste estudo para evidenciar a transgressão judaica assinada por Clarice Lispector no tocante à alimentação é uma crônica memorialística e recebeu o nome “Preguiça”. O texto foi publicado pela autora em 21 de outubro de 1972. Alguns dos elementos que constituem esse texto jornalístico – refração ao que é tido como sagrado, crítica direta ao judaísmo e às normas da religião – são encontrados, também, nos contos que compõem o

volume *Onde estivestes de noite* (1974). Livro da autora em que, em seu conto homônimo, materializa, conforme supracitado, sua única personagem masculina nomeadamente judia, que justamente com as demais personagens (padre, mãe-de-santo, escritora...), consente e experimenta os prazeres orgíacos da noite de sábado. Fato que corrobora a religiosidade da personagem masculina judia em descompasso com seus atos: “Eu não como porco! Sigo a Torah! mas dai-me alívio, Jeová, que se parece demais comigo!” (LISPECTOR, 1999a, p. 51).

Pondo a atenção à crônica “Preguiça”, foco de análises, Clarice, ao lembrar de sua estadia numa granja em Friburgo, Rio de Janeiro, acentua na sua narrativa, sem embaraço ou objeção, a seguinte marcação transgressora para com os postulados da religião judaica:

Fui à rodoviária onde comprei o *Jornal do Brasil* e li Drummond. Comi *steak au poivre* feito em casa. Só que em vez de *steak* era pernil de porco. Isso no sábado que é o meu dia. [...]. De sexta para sábado sonhei tão verdadeiro que me levantei e me vesti e me pintei. Quando descobri que era sonho voltei para a cama, antes comendo porque estava com fome brava [...]. De manhã comi ovos com *bacon*. Friburgo me fascina (LISPECTOR, 1999b, p. 430).

Sublinhe-se no excerto acima alocado duas transgressões da autora para com os preceitos judaicos. A primeira se corporifica no entendimento de que, na cultura e religião judaicas, o porco, como mencionado nas análises subsequentes, é considerado um animal impuro, incidente que inabilita para a alimentação a carne suína. Conforme ordenança bíblica registrada no livro de Levítico, livro integrante do Pentateuco: "O porco, que tem a unha fendida e o pé dividido, mas não ruma; e o tereis por impuro. Não comereis da sua carne e não tocareis nos seus cadáveres: vós os tereis por impuros" (LEVÍTICO, 11:7-8). A segunda violação se materializa porque o sábado, em contexto judaico, é o dia santo, de descanso, respeitado como dia consagrado ao Deus que legitima a orientação do judaísmo. De igual forma, o mandamento bíblico referenciado no livro do Êxodo, também configurado no Pentateuco, normatiza ao judaísmo a santificação do sétimo dia da semana:

Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou (EXÔDO, 20:8-11).

Contudo, materializado na crônica memorialística de Lispector, o dia semanal não é direcionado ao Deus que normatiza o *sabbath*¹²¹, mas alocado nas experimentações reais da cronista, “o sábado que é o meu dia” (LISPECTOR, 1999b, p. 430). Nesse sentido, a crônica “Preguiça”, além de transgredir os preceitos alimentares da religião judaica, rasura, também, a ordenança do Deus judaico no tocante à guarda do sétimo dia da semana.

5. Considerações finais

Uma frase emblemática de Clarice Lispector para o entendimento final deste artigo marca-se com a seguinte formulação: “Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida” (LISPECTOR *apud* BORELLI, 1981, p. 85, grifo nosso). Nesse veio, a voz crítica e irônica da escritora considera como “invenção” o texto que é reconhecido como fonte de inspiração divina para o crédulo judeu.

Essa refração ao que é imposto religiosamente percorre toda a produção de Clarice Lispector, nesse estudo sinalizada por meio dos textos “Miss Algrave”; *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, A paixão segundo G. H.*, “Onde estivestes de noite”, e ampliada em análises no conto “A mosca no mel ou a inveja de si”, e na crônica “Preguiça”. Produções em que, ao invés de exemplificaram comunhão para com os preceitos judaicos, os questionam e os transgridem. Nesse enquadramento, marca-se a consideração de Bernadete Grob-Lima, para a qual: “Clarice Lispector é uma escritora contracorrentes. Sua escritura nada tem de dogmática; ela é, antes de tudo, questionadora” (GROB-LIMA, 2009, p. 51).

Tendo em vista a insubordinação comum à escrituração de Clarice Lispector, os textos analisados neste estudo – conto e crônica – caracterizam-se, dentre outros aspectos, como processos questionadores e transgressores no tocante à religião judaica. O cotejo entre as duas produções evidencia, seja na esfera ficcional como na jornalística, uma rasura da autora para com as regras atinentes à esfera religiosa.

Embora a família Lispector descenda da crença e cultura judaica, percebe-se que Clarice “desleu”¹²² essa tradição familiar. Sua diversificada produção, marcada por transgressões aos gêneros textuais, evidencia, também, uma rasura da autora no aspecto religioso aqui focalizado.

¹²¹ Uma das regras estipuladas no judaísmo é a guarda do *Sabbath*, período que se estende do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado. A observância do *Sabaht*, no judaísmo, implica abster-se de atividades laborais, santificando o sábado como dia de descanso, como sinalizado em Gênesis 2: 2:3.

¹²² O crítico Harold Bloom considera que toda grande obra conflui a uma “desleitura” da tradição. Segundo Evando Nascimento, “o que define uma autora forte como Clarice, capaz de “desler” a tradição, pondo-a pelo avesso, é tanto a imanência dos conteúdos e formas que agenciou quanto o horizonte aberto de sua recepção” (NASCIMENTO, 2012, p. 213).

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- COUTINHO, E. Uma mulher chamada Clarice Lispector. *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 abr. 1976; republicado em *Criaturas de Papel*. Rio de Janeiro/Brasília, Civilização Brasileira/INL, 1980, p. 165-170.
- GROB-LIMA, B. *O percurso das personagens de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- JERONIMO, T. C. *Judaísmo e cristianismo em Elisa Lispector e em Clarice Lispector: testemunho e vestígio*. Tese de doutorado. 2020. 249 p. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1969.
- _____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.
- _____. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.
- _____. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- NASCIMENTO, E. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.
- NUNES, A. M. *In: Clarice na cabeceira: jornalismo*. Organização e apresentação de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- NUNES, A. M. A ficção de Clarice Lispector na revista paulista *Mais*. *In: Anais do I Congresso Nacional de Literatura e Gênero*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2013. v. 1. p. 18-21.

PRESIDENTAS LATINO-AMERICANAS CRISTINA KIRCHNER, DILMA ROUSSEFF, LAURA CHINCHILLA E MICHELLE BACHELET SÃO NOTÍCIA EM 173 CAPAS DE JORNAIS

Adriana Silvestrini Santos¹²³ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O artigo apresenta a análise quantitativa das capas impressas dos jornais diários Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brasil), La Nación (Costa Rica) e El Mercurio (Chile) que trazem notícias sobre as Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet. O resultado apresentado compõe parte da pesquisa *Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais* que tem como objetivo investigar e analisar as narrativas dos fatos – textos e imagens – que envolveram as quatro governantes. O recorte temporal da investigação abrange os meses de março, abril e maio do ano de 2014 – quando as quatro Presidentas latino-americanas governaram, simultaneamente, suas respectivas nações – e as capas publicadas no dia da posse de cada Presidenta. O corpus definitivo da pesquisa é de 173 capas dos quatro jornais no período elegido. Torna-se relevante estudar as Presidentas na mídia impressa porque a partir da primeira década do século XXI elas passaram a ter maior presença no cenário político na América Latina e, conseqüentemente, no mundo. Michelle Bachelet foi eleita Presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura Chinchilla tornou-se Presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014. Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, a América Latina sempre teve mulheres governando ao menos um país na região.

Palavras-chave: Presidentas. Gênero. Mídia. Política. América Latina.

Abstract:

The article presents the quantitative analysis of the printed covers of the daily newspapers Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brazil), La Nación (Costa Rica) and El Mercurio (Chile) that bring news about the latin american female Presidents Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla and Michelle Bachelet. The result presented is part of the research *Latin American President Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla and Michelle Bachelet: gender and politics on the covers of newspapers* that investigate and analyze the narratives of the facts – texts and images – that involved the four rulers. The research investigates the months of march, april and may of the year 2014 – when the four latin american female Presidents simultaneously governed their respective nations – and the the covers published on the day of the tenure of them as women Presidents. The final corpus of the research is 173 covers of the four newspapers in the chosen period. It becomes relevant to study female presidents in the print media because from the first decade of the 21st century they started to have a greater presence in the political scene in Latin America and, consequently, in the world. Michelle Bachelet was elected president of Chile in 2006 and then re-elected in 2014. Cristina Kirchner won the elections in Argentina in 2007 and again in 2011. Laura Chinchilla became President of Costa Rica in 2010, her only tenure. And Dilma Rousseff won at the brazilian elections in 2010 and 2014. In a total of 12 years, from 2006 to 2018, Latin America has always had women governing at least one country in the region.

Keywords: Women presidents. Genre. Media. Policy. Latin America.

¹²³Bolsista Capes no Mestrado de Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/IEL/Unicamp). Pós-graduada em Comunicação Corporativa pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), licenciada em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul e bacharel em Comunicação Social (habilitações em Jornalismo e Rádio e TV) pela Universidade São Judas Tadeu. E-mail: dri.silvestrini@gmail.com

A partir da primeira década do século XXI, quatro mulheres passaram a ter presença relevante no cenário político na América Latina: Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet. Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, a região sempre teve Presidentas¹²⁴ governando países. Porém, antes deste acontecimento significativo – que colocou as mulheres latino-americanas em destaque no mapa mundial da política – outras mulheres, em um passado não muito distante, precisaram provar o óbvio: que eram humanas, agentes históricas e dignas de obtenção de direitos civis e políticos.

No mundo, a participação das mulheres em espaços de tomada de decisões políticas é bem recente. Em 1893, a Nova Zelândia¹²⁵ foi o primeiro país que permitiu a mulher ir às urnas enquanto que, na Grécia Antiga, os homens já desfrutavam o direito de eleger seus governantes porque eles eram considerados cidadãos na pólis. Elas não tinham essa consideração.

Nas últimas décadas do século XIX, as europeias e as estadunidenses encabeçaram a luta pela igualdade na participação política por meio do movimento sufragista. Diante de uma supremacia masculina, elas enfrentaram dificuldades para que o voto feminino se tornasse realidade. Na América Latina a situação era ainda mais complicada, tanto que somente em 1967 o Paraguai permitiu o voto feminino, sendo o último país da América Latina a reconhecer a paridade política. Ou seja, uma conquista que tem apenas 54 anos. O primeiro país da região a incluir as mulheres no eleitorado foi o Equador (1929). Na sequência: Brasil (1932), Argentina (1947), Chile (1949) e Costa Rica (1949). O caso mais tardio em todo o mundo até esse momento são os Emirados Árabes, onde apenas em 2006 as mulheres conquistaram esse direito¹²⁶.

Só votar não bastava mais. As mulheres queriam também ser votadas, inclusive para ocupar aquele lugar de poder que nunca foi pensado para elas: chefe de Estado ou de governo. Somente na era contemporânea que as mulheres – ainda que o número representativo seja muito menor em relação aos homens – também passam a ter o direito de disputar cargos políticos. Em 1940, a russa Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka, educadora e militante pelo Partido Revolucionário do Povo, foi a primeira mulher eleita Presidenta de um país no mundo. Ela

¹²⁴ Na pesquisa e, conseqüentemente, neste artigo, utiliza-se o termo Presidenta. O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis informa que: Presidenta é o feminino de presidente; mulher que é chefe de governo de um país de regime presidencialista; mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição; mulher que preside algo. As nomenclaturas Presidenta, Presidentas ou Presidente sempre serão grafadas em letra maiúscula como sugere a relevância do cargo.

¹²⁵ Cf. Wanderley Guilherme dos Santos (2002, p. 297-303).

¹²⁶ Cf. Wanderley Guilherme dos Santos (2002, p. 297-303). De todos os países latino-americanos, optei por colocar somente o primeiro e último no qual as mulheres conquistaram o direito ao voto. E os países escolhidos para essa pesquisa.

governou Tuva – atualmente é uma república da Federação Russa – de 1940 a 1944¹²⁷. Isso significa que há apenas 81 anos uma mulher tornou-se governante de uma nação a nível global.

Trinta e quatro anos depois de uma lacuna considerável, novamente uma mulher chega à presidência. Desta vez a América Latina, mais precisamente na Argentina, ganha pela primeira vez destaque no cenário mundial político. María Estela Martínez de Perón, mais conhecida como Isabelita Perón, se torna a primeira governante de um país latino-americano. Ela era vice na chapa de seu marido, Juan Domingo Perón, eleito presidente. Com a morte dele, Isabelita assumiu o governo argentino de 1974 a 1976.

Nesta época e nos anos posteriores, os países latino-americanos – com destaque para os da América do Sul – estiveram sob o comando de regimes autoritários. Mesmo vivendo sob ditaduras e um sistema de patriarcado¹²⁸ estruturado, muitas mulheres se engajaram nos movimentos feministas que surgiram na região Sul Global. Por meio do ativismo, elas passaram a conquistar direitos civis, sociais e políticos e participaram, concomitantemente, no longo processo de democratização ocorrido em países da região nas décadas seguintes.

Isabelita Perón foi a primeira de 11 Presidentas na América Latina. De todos os países do bloco, 10 foram governados por mulheres eleitas e também interinas. A Argentina está no topo da lista com duas Presidentas. Os outros nove países latino-americanos com mulheres chefes de Estado foram: Bolívia, Haiti, Nicarágua, Equador, Guiana, Panamá, Chile, Costa Rica e Brasil¹²⁹.

Após essa resumida introdução, que situa as condições das mulheres no espaço público e de debate, o artigo retoma sua atenção nas quatro Presidentas latino-americanas para apresentar parte dos resultados obtidos da pesquisa *Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais*.

Latino-americanas no mapa mundial político

Michelle Bachelet foi eleita Presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura

¹²⁷ Cf. Amy C. Alexander, Catherine Bolzendahl e Farida Jalalzai (p. 1-25, 2018).

¹²⁸ “Patriarcado, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (LERNER, p. 290, 2019)

¹²⁹ Países estão citados na ordem, depois da Argentina, em que as mulheres se tornam Presidentas.

Chinchilla tornou-se Presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014.

Especificamente nos meses de março, abril e maio do ano de 2014 as quatro Presidentas latino-americanas, simultaneamente, governaram suas respectivas nações. Nesta data, Dilma Rousseff estava no último ano do seu primeiro mandato como Presidenta no Brasil e já se preparava para concorrer à reeleição, que foi concretizada no resultado das urnas em outubro de 2014. Michelle Bachelet retornava ao Palácio de La Moneda onde começava o seu segundo mandato como Presidenta do Chile. No penúltimo ano de seu segundo governo, Cristina Kirchner comandava a Argentina e Laura Chinchilla se despedia como Presidenta da Costa Rica.

Dados do estudo *Women in Politics*, realizado pelo IPU (Inter-Parliamentary Union, 2014) juntamente com a ONU Women, mostram que, em 1º de janeiro de 2014, dos 152 chefes de Estado no mundo, nove eram mulheres, sendo quatro delas latino-americanas. As outras cinco pertenciam aos países da Libéria (África Ocidental), Lituânia (Europa), Malawi (África Ocidental), República da Coreia (Ásia) e San Marino (Europa). Isso significa que a América Latina, nesta data, foi a região no mundo onde havia mais mulheres ocupando o posto mais alto da hierarquia de governo.

O diagnóstico e balanço da participação política das mulheres na região neste período é mais positivo do que em qualquer outra época passada, sendo superior à média mundial em vários indicadores. É o que aponta o *Guía Estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe (2014-2017)*, realizado com apoio da ONU Mujeres.

De que maneira as capas dos jornais noticiaram essas quatro Presidentas, que governaram simultaneamente suas nações durante alguns meses de 2014, foi o principal questionamento que levou ao desenvolvimento desta pesquisa. Descrever quem são elas e como jornalistas contaram sobre elas nas capas dos periódicos são os objetivos principais. O trabalho, com recorte temporal definido, apresenta e analisa os registros midiáticos sobre as chefes de Estado que protagonizaram um momento histórico. Elas não devem e não podem ser negligenciadas como aconteceu com todas as mulheres desde a antiguidade até o século XIX. “A falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas” (LERNER, p. 277, 2019).

Fontes impressas

O jornal é considerado o veículo de comunicação mais antigo do mundo, mas só a partir da década de 1970 que ele se tornou objeto da pesquisa histórica (DE LUCA, pág. 118, 2008). Na obra *Fontes Históricas* (2008), Tânia Regina de Luca apresenta histórico da concepção historiográfica acerca dos periódicos como fonte, presentemente valorizados pela História imediata e o retorno da História política. “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (DE LUCA, p. 128, 2008).

A historiadora observa também a profissionalização dos jornais e revistas e o poder que eles conquistaram no conjunto das mídias. Sobre o conteúdo, ela comenta:

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tão pouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir. (DE LUCA, p. 19, 2008)

As capas dos jornais diários Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brasil), El Mercurio (Chile) e La Nación (Costa Rica) são as fontes impressas da pesquisa. O resultado da análise quantitativa, que abrange os números de cada período escolhido e total de capas nas quais as Presidentas são noticiadas, será apresentado detalhadamente na sequência deste tópico. A análise qualitativa tem por finalidade revelar quais são os discursos utilizados referentes às quatro mulheres, na condição de chefes de Estado. Essa segunda etapa da pesquisa segue em andamento.

Ao estudar a cobertura da imprensa sobre as Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Michelle Bachelet e Laura Chinchilla pretende-se identificar: se elas ficaram invisíveis ou marcadas por estereótipos noticiados pela imprensa; se mesmo ocupando o cargo político mais alto em um país elas ainda foram consideradas “seres do segundo sexo¹³⁰”; se as equipes jornalísticas designaram o espaço nobre do periódico para elas e muitas outras questões que a pesquisa almeja responder por meio de análise das notícias.

Para iniciar a análise da produção discursiva é preciso esmiuçar o enunciado porque a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída (FOUCAULT, 1996). O sociólogo francês Pierre Bourdieu também chama atenção para o que é relatado.

¹³⁰ “Segundo sexo” é o termo cunhado pela filósofa francesa Simone de Beauvoir. O vocábulo ganhou popularidade por revelar a fundo a condição submissa da mulher em todos os espaços ocupados por ela e também por ser o título de sua obra mais conhecida *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949 na França.

Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular. (BOURDIEU, p.25, 1997)

Barbie Zelizer¹³¹, estudiosa e defensora da importância do jornalismo na sociedade, também aponta que na prática os jornalistas se encontram atualmente sob assédio de todos os lados.

Vivem num ambiente em que os imperativos econômicos e as pressões orçamentárias obrigam os noticiários a funcionar como empresa com fins lucrativos e por isso os jornalistas se diversificam, assumindo um caráter multifarefas que as gerações anteriores não reconheceriam. Politicamente, estão sob ataque da esquerda e da direita, que defendem diferentes definições da assim chamada prática jornalística, ao lado de um ambiente político que deprecia a capacidade do jornalista e atuar ao modo antigo. Eles também são, como os brasileiros bem sabem, pegos em vários tipos de envolvimento com o governo, com os interesses locais geralmente corruptos e com os militares. Como resultado, os jornalistas seguem, nem sempre refletidamente, vários modelos de prática, nenhum dos quais é totalmente adequado às complexidades do ambiente político de hoje. Tecnicamente, os jornalistas enfrentam novos desafios da blogosfera e de outras esferas, o que enfraquece a própria realização do trabalho jornalístico. (ZELIZER, Pag. 16, 2014)

Os jornalistas que elegem as chamadas das notícias – as imagens e os textos – nas capas dos jornais, aqueles que as redigem e os que as diagramam são profissionais importantes em todo processo que resulta na capa do jornal. Seria interessante analisar nesta pesquisa, por exemplo, quantas jornalistas mulheres escreveram as manchetes das capas das Presidentas. Assim como apurar as opiniões das leitoras que leram as manchetes na primeira página. Porém, apesar de instigantes, esses aspectos terão que ser estudados em uma outra oportunidade, porque a pesquisa não tem como foco a descrição da equipe jornalística e nem os receptores das mensagens jornalísticas. A observação é unicamente das notícias textual e visual contidas na capa.

Análise quantitativa: Presidentas em 173 capas de jornais

A escolha dos periódicos em cada um dos quatro países se deu por meio do critério de maior tiragem nacional. Os jornais diários escolhidos são: Clarín (Argentina) com 345 mil exemplares diários, Folha de São Paulo (Brasil) com 328 mil, El Mercurio (Chile) com 175 mil e La Nación (Costa Rica) com 91 mil.

¹³¹ Jornalista, professora da Universidade da Pennsylvania (EUA) e diretora do Center for Media at Risk, da Annenberg School for Communication, da mesma universidade.

Com vasto material para estudo, houve um recorte para investigação: 1) as capas dos jornais nos meses de março, abril e maio do ano de 2014, quando as quatro mulheres atuaram ao mesmo tempo como governantes em suas respectivas nações; 2) as capas publicadas no dia da posse de cada Presidenta.

De acordo com a configuração estabelecida, houve uma busca nos sites oficiais dos periódicos Clarín, Folha de São Paulo, El Mercurio e La Nación para realizar o levantamento das capas. Ao todo foram pesquisadas 375 capas que correspondem ao número de publicações nos dias que compõem as datas escolhidas. Desse total de capas, foram selecionadas somente as que citam em texto e/ou mostram em fotos e/ou ilustrações a Presidenta de cada país. Os critérios elegidos para as citações são: nome completo, primeiro nome ou sobrenome de cada Presidenta.

Também foram selecionadas as capas que grafam as palavras “Presidenta/Presidente”. Dos quatro periódicos estudados, somente o jornal brasileiro Folha de S. Paulo utiliza o termo Presidente, mesmo quando Dilma Rousseff, no primeiro dia de seus dois mandatos, esclareceu que desejaria ser chamada por Presidenta. Com base nesses critérios chegou-se ao número de 173 capas, conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Capas - Clarín, Folha de S. Paulo, La Nación e El Mercurio				
Presidentas	Cristina Kirchner	Dilma Rousseff	Laura Chinchilla	Michelle Bachelet
Março de 2014	13 capas	20 capas	1 capa	22 capas
Abril de 2014	11 capas	21 capas	1 capa	18 capas
Maio de 2014	18 capas	23 capas	1 capa	17 capas
Cobertura jornalística da cerimônia de posse	2 capas	2 capas	1 capa	2 capas
Total de capas	44 capas - Clarín	66 capas - Folha de S. Paulo	4 capas - La Nación	59 capas - El Mercurio



Figura 1 – Capa do dia 2 de janeiro de 2011, dia da posse do primeiro mandato de Dilma Rousseff



Figura 2 – Capa do dia 11 de dezembro de 2007, dia da posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner

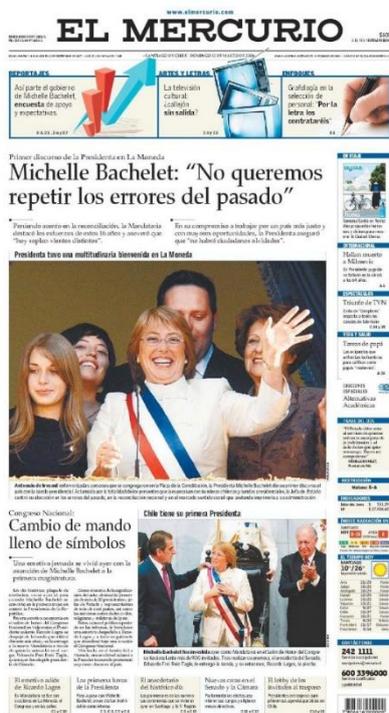


Figura 3 – Capa do dia 12 de março de 2006, dia da posse do primeiro mandato de Michelle Bachelet



Figura 4 – Capa do dia 9 de maio de 2010, dia da posse do primeiro e único mandato de Laura Chinchilla

Considerações finais

A tríade gênero-política-mídia não é um tema original. E ainda bem que não é, porque trata-se de um assunto que necessita sempre de visibilidade, pesquisa e debate. Neste campo de conhecimentos há uma pulsão de trabalhos que já foram realizados e outros, como esse, que estão em desenvolvimento.

A busca por estudos feitos com as Presidentas resultou em algumas dissertações de mestrado e doutorado – no Brasil e em outros países na América Latina – que investigaram e discutiram sobre as Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet (LOPES, 2018). Alguns estudos contemplaram Cristina e Dilma (FREITAS, 2018). Outros, Dilma e Michelle (MOREIRA, 2016). A cientista política Farida Jalalzai incluiu Laura Chinchilla ao trio em um estudo sobre as quatro Presidentas latino-americanas, que resultou no livro *Women Presidents of Latin America: Beyond Family Ties?* (2015). Farida Jalalzai e o pesquisador brasileiro Pedro A. G. dos Santos lançaram a obra *Women's Empowerment and Disempowerment in Brazil: The Rise and Fall of President Dilma Rousseff* (2021), na qual constataram que o machismo teve papel principal no processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Analisar as narrativas e os discursos referentes às quatro Presidentas latino-americanas nas capas dos principais jornais de seus países, em um período no qual poucas mulheres desempenharam a função de chefe de Estado no mundo, indica ser um caminho significativo para essa pesquisa e continuidade do debate.

O resultado da análise quantitativa das capas dos jornais chama atenção em alguns aspectos. Nas 375 edições publicadas no período elegido para investigação, as Presidentas aparecem em 173 delas. Isso significa menos da metade do total de capas. A brasileira Dilma Rousseff é quem mais estampa as manchetes, em 66 capas, seguida de Michelle Bachelet com 59, Cristina Kirchner com 44 e Laura Chinchilla com apenas 4 capas. A imprensa costarriquenha noticiou de maneira ínfima sobre sua Presidenta na comparação com as demais. O que os jornalistas mostraram nessas 173 capas está em processo de investigação na segunda etapa da pesquisa.

Referências

ALEXANDER Amy.C., BOLZENDAHL Catherine., JALALZAI Farida. Introduction to Measuring Women's Political Empowerment Across the Globe: Strategies, Challenges, and Future Research. In: Alexander A., Bolzendahl C., Jalalzai F. (eds) *Measuring Women's*

Political Empowerment across the Globe. Gender and Politics. Palgrave Macmillan, Cham. 2018, p.p 1-25.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 [1949].

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução: Maria Lúcia Machado.

DE LUCA, Tânia Regina. História Dos, Nos E Por Meio Dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, Thamara Luciana Borges. *Apresentação do discurso das ex-presidentas Dilma e Cristina: uma análise descritiva em corpus jornalístico paralelo bidirecional português e espanhol.* Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia em 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,* pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 3ª edição.

JALALZAI, Farida. *Women Presidents in Latin America: Beyond Family Ties?* New York: Routledge, 2015. 1ª edição.

_____; SANTOS A. G. Pedro. *Women's Empowerment and Disempowerment in Brazil: The Rise and Fall of President Dilma Rousseff.* Philadelphia, PA: Temple University Press, 2021.

IPU. *Women in Politics.* Inter-Parliamentary Union, 2014, 2021.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado – História da Opressão das Mulheres pelo Homens.* Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOPES, Paula Cunha. *Mídia, poder e gênero: a crítica feminista latino-americana a partir das representações das presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet.* Dissertação de mestrado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2018.

MOREIRA, Adriana Monserrat Cedillo Morales. *Os editoriais de El Mercurio e O Estado de S. Paulo sobre Bachelet e Rousseff na eleição a Presidente do Chile em 2013 e do Brasil em 2014: um comparativo a partir da análise crítica do discurso.* Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná em 2016.

ONU MUJERES. *Guía estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe (2014-2017).*

ZELIZER, Barbie. *O que fazer com o jornalismo?* Brazilian Journalism Research, v. 11, n.2, 2014. p. 12-27.

PASSARINHO, QUE SOM É ESSE? DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E MÚSICA EM UM PRODUTO CULTURAL

Tiago Leite Trujillano¹³² – Instituto Federal de São Paulo

Dayana Aparecida Brito dos Santos¹³³ – Instituto Federal de São Paulo

Emerson Ferreira Gomes³ - Instituto Federal de São Paulo

Resumo:

Muitos estudos relacionando cultura e ciência tem surgido nas últimas décadas. A proposta de utilizar a cultura de mídias como recurso didático está presente neste trabalho, através da análise do discurso, no quadro “Passarinho, que som é esse?” da série “Castelo Rá-Tim-Bum” da TV Cultura. A série faz parte da experiência pessoal do telespectador, que o pedagogo George Snyders, chama de “cultura primeira”, papel fundamental para a satisfação cultural – cultura elaborada. Utilizamos os conceitos de dialogismo de Bakhtin em três momentos: a caracterização da série, composição dos quadros como instrumentos musicais executados e a ciência envolvida na execução dos instrumentos musicais. Após a análise, verificamos que o desenvolvimento da série se baseou nas teorias construtivistas de educação onde Hélio Ziskind, responsável pela parte musical da série, fala sobre a identificação de diferentes timbres e de forma visível; foram usados vinte e oito instrumentos musicais; os instrumentos são executados de várias formas, com diferentes sons emitidos, possibilitando o debate sobre a ciência envolvida como energia, vibração e timbre em cada instrumento. Após as análises, chegamos à conclusão de que é possível explorar o quadro como estímulo à curiosidade do público, contemplando o ensino de ciências através da cultura de mídias e da música.

Palavras-chave: Música; Televisão; Cultura; Ciência.

Abstract:

Many studies relating culture and science have emerged in recent decades. The proposal to use media culture as a didactic resource is present in this work, through the discourse analysis, in the table “Passarinho, que som é esse?” from TV Cultura “Castelo Rá-Tim-Bum” series. The series is part of the viewer's personal experience, which pedagogue George Snyders calls “first culture”, a fundamental role for cultural satisfaction - elaborate culture. We used Bakhtin's concepts of dialogism in three moments: the characterization of the series, composition of the pictures as musical instruments performed and the science involved in the execution of musical instruments. After the analysis, we verified that the development of the series was based on constructivist theories of education where Hélio Ziskind, responsible for the musical part of the series, talks about the identification of different timbres and in a visible way; twenty-eight musical instruments were used; the instruments are executed in different ways, with different sounds emitted, enabling the debate about the science involved as energy, vibration and timbre in each instrument. The conclusion we reached, after the analyzes, is the possibility of exploring the painting as a stimulus to the public's curiosity, contemplating science teaching through media culture and music.

Keywords: Music; Television, Culture; Science.

¹³² Mestrando no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática, IFSP. Campus São Paulo. E-mail: tiago.trujillano@aluno.ifsp.edu.br.

¹³³ Mestranda no programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática, IFSP. Campus São Paulo. E-mail: dayana.brito@aluno.ifsp.edu.br.

³ Professor Doutor no Instituto Federal de São Paulo - Campus Boituva. E-mail: emersonfg@ifsp.edu.br

Introdução

A busca por recursos pedagógicos que se aproximem da vivência diária dos educandos, através de séries de televisão, programas infantis, filmes, revistas de entretenimento e mídia no geral, tem crescido concomitantemente com as pesquisas em educação relacionadas a tais contextos.

A tese de doutorado de João Zanetic (1989), intitulada *Física também é cultura*, fez críticas ao ensino de Física até a década de 1980, que se resumia à resolução de problemas através de algoritmos empobrecidos, apontando lacunas e observações discrepantes relacionados à cultura científica. Ao observar isso, Zanetic (1989) busca trazer atividades e cursos como supressão destas insuficiências através da história, da filosofia e do diálogo da Física com as artes. Em uma reflexão ocorrida 20 anos após a publicação de sua tese, o pesquisador acredita que essas inquietações ainda correspondem a uma “nuvem imaginária de utopia” (ZANETIC, 2009, p. 295), apesar de muitos pesquisadores e educadores buscarem esse olhar para o ensino de ciências.

No decorrer de nossa pesquisa temos observado artigos publicados em periódicos que relacionam arte e ciência. Um exemplo disso é o artigo “(En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira” (MOREIRA; MASSARINI, 2006), publicado na revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, da Casa de Oswaldo Cruz (Fundação Oswaldo Cruz). O artigo explora os impactos da ciência e tecnologia nas letras de canções da música popular brasileira, com destaques do contexto científico em algumas delas, possibilitando inferir os temas como uso didático. Outro exemplo é o artigo “Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de encontrar erros em filmes” (PIASSI; PIETROCOLA, 2009), da *Educação e Pesquisa* (Revista da Faculdade de Educação da USP), que analisa as obras de ficção científica e a relação com a ciência e o conhecimento científico através da semiótica e elementos literários.

Ainda, a tese de doutorado *Astros do rock: uma perspectiva sociocultural no uso da canção na educação em ciências* (GOMES, 2016) estuda diversas canções do gênero *rock n’ roll* e identifica elementos textuais que traduzem reflexões sobre a exploração do espaço dentro do contexto sociopolítico, epistemológico e conceitual a partir de canções do período de 1960 a 1970 – período em que ocorria a corrida espacial.

Tendo em vista o crescimento de publicações sobre a cultura de massa no contexto educativo, concentramos nossos estudos da ciência no âmbito cultural, em que referenciais importantes para a compreensão e protagonismo de uma alfabetização crítica da mídia (KELLNER, 2001) formam pilares para compreendermos na cultura de mídias, oriunda da dos

estudos da indústria cultural (ADORNO, 2002), como ferramentas pedagógicas para a educação. Este artigo é um recorte de uma pesquisa de pós-graduação em ensino de ciências, que busca na cultura de mídias aspectos relevantes para divulgação científica no ensino de ciências – mais especificamente em um clube de ciências escolar. O artigo faz a análise dialógica que o quadro *Passarinho, que som é esse?*, da série Castelo Rá-Tim-Bum da TV Cultura, faz com a ciência dos instrumentos musicais. Para isto, nos valem da pedagogia sociocultural de Georges Snyders (1988), que reflete sobre a presença de elementos da cultura primeira na escola e dos referenciais dos estudos discursivos de Mikhail Bakhtin (2003, 2008).

1. Cultura de mídias e a satisfação cultural

Quando pensamos sobre o surgimento da mídia e os meios de comunicação, a imprensa de Gutemberg (1397-1468) se torna um ponto importante na história. Assim como a criação desta, oriunda do período renascentista, entendemos que a invenção do papel, que antecede a origem da imprensa, caracteriza-se como um avanço tecnológico, articulando, a nosso ver, a tecnologia, a comunicação e a arte.

Atualmente, considerando o aspecto cultural e industrial de alguns exemplos de mídia, entendemos, a partir de Adorno (2002, p. 5), que o rádio, a revista e o cinema são coerentes individualmente em seus meios, mas que se constituem como um conjunto só. Ainda para o autor, a comunicação através do cinema e da rádio, meios aos quais tece uma crítica forte, não necessita se apresentar como arte, visto que se insere em negócios e indústrias.

Kellner e Share (2008) exploram, a partir de diferentes abordagens, a base teórica da educação dentro de uma leitura crítica da mídia. Isso é um ponto importante de ressaltar, pois:

[...] Se, por um lado, os avanços tecnológicos criaram novas possibilidades para o livre fluxo de informações, o uso de redes sociais e o ativismo global, por outro lado, há também o potencial que as empresas e governos exercem de ampliar seu controle sobre os meios de comunicação, restringir o fluxo de informações e apropriar-se dessas novas ferramentas para o seu próprio lucro e controle, à custa da livre expressão e da democracia (KELLNER; SHARE, 2008, p. 688)

Logo, podemos observar que a abordagem da mídia com olhar crítico no âmbito educacional é, de fato, incluir um debate sobre o que se observa e como se interpreta. Assim, segundo os autores:

A educação midiática deve ser relacionada à educação para a democracia, na qual se estimula os alunos a serem participantes informados e letrados midiáticos em suas sociedades. Além disso, a alfabetização midiática deve ser relacionada à alfabetização pela informação, à alfabetização tecnológica, às artes e às ciências sociais. A alfabetização crítica da mídia deve ser um fio

comum que passe por todas as áreas curriculares, uma vez que se refere à comunicação e à sociedade (KELLNER; SHARE, 2008, p. 709).

A tarefa de incluir comunicação, mídia e cultura popular à pedagogia crítica, segundo o autor, demonstra coerência com os aspectos pedagógicos da *Satisfação Cultural* do pedagogo francês George Snyders (1917-2011).

O trabalho de Snyders nos dá suporte teórico ao associarmos cultura com educação. O conceito de satisfação cultural, com a sua obra *A Alegria na Escola* (SNYDERS, 1988) traz aspectos de uma educação construtivista. Snyders chama de *Cultura Primeira* a experiência pessoal vivida pelo estudante, sendo ela experiências pessoais de vida, cultura de massa e seus aspectos socioculturais. A Cultura Primeira deve ser incorporada na educação escolar através das experiências pessoais do aluno, como espécie de conhecimentos prévios, os quais passam por um processo de sofisticação quando relacionados aos conhecimentos científicos adquiridos na escola com o protagonismo do professor – *Cultura Elaborada*.

Em suma, os momentos descontínuos das alegrias simples e imediatas vão logo ambicionar atingir a duração, a fidelidade e a consistência e encontrarão desde então todas as interrogações que o tempo coloca. Em nome de seu movimento próprio tornam-se complexas - e lançam apelos à cultura elaborada; nesse movimento de ultrapassagem, cessam pouco a pouco de serem simples e tornam-se cada vez mais satisfações (SNYDERS, 1988, p. 25).

Neste ponto, observa-se que as experiências pessoais do aluno, que incluem a sua vivência cotidiana, também contêm elementos da cultura de massa. O consumo da mídia como cinema, rádio, televisão e revistas contemplam uma parcela da Cultura Primeira, de acordo com o autor, pois:

Há muitas alegrias que não tem necessidade do sistemático - Há Formas de cultura que são adquiridas fora da escola, fora de toda autoformação metódica e teorizada, que não são o fruto do trabalho, do esforço, nem de nenhum plano: nascem da experiência direta da vida, nós a absorvemos sem perceber; vamos em direção a elas seguindo a inclinação da curiosidade e dos desejos; eis o que chamarei de cultura primeira (SNYDERS, 1988, p. 23).

O autor, na mesma obra, revela que as alegrias da cultura de massa da vida cotidiana são insuficientes como promessas, mas que se contemplam na Cultura Elaborada. Isto enfatiza ainda mais o papel do educador, da indústria cultural e da leitura crítica enquanto partes fundamentais da estrutura educacional no âmbito formal e não formal.

2. Metodologia

A leitura crítica que fazemos neste artigo, em relação aos quadros *Passarinho, que som é esse?* da série *Castelo Rá-Tim-Bum* da TV Cultura, será a partir do conceito de *dialogismo* (BAKHTIN, 2008), da identificação das “vozes” no discurso.

A língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins. (BAKHTIN, 2008, p. 207)

Para Bakhtin (2008), o diálogo não é a conversa entre duas ou mais pessoas e nem solução de conflito. Existem contextos ideológicos e questões de enunciados, réplicas de diálogos, oriundos de outros enunciados em que se refutam, confirmam, pressupõem, etc. Uma questão importante a ressaltar sobre a análise do discurso que faremos dos quadros da série é que, diferentemente do dialogismo, a *polifonia* fala da coexistência das vozes sem dominação de uma voz sobre a outra, sendo equipolentes. Para a nossa análise, partimos do pressuposto da disciplina de Física como uma das vozes identificadas; neste caso, a leitura sobre questões biológicas, sociológicas etc. será colocada em segundo plano, portanto não há equipolência sobre as outras áreas das ciências. Contudo, isto não torna a análise do discurso imutável, mas propõe uma análise pragmática a partir da leitura crítica e da necessidade do leitor.

Estas análises serão feitas em três pontos de vista:

- A partir da idealização da série de TV e suas descrições – período em que surgiu, sinopse do enredo, atores, compositores e colaboradores das cenas específicas;
- A composição das cenas – instrumentos musicais utilizados, a forma como eram representados os instrumentos nas falas dos personagens, as características dos instrumentos utilizados, a forma como são tocados;
- A ciência envolvida na produção dos sons pelos instrumentos musicais tocados nas cenas.

3. Resultados e discussão

Com base na pesquisa desenvolvida, verificamos que a série foi produzida pela TV Cultura de 1994 a 1997. Seu enredo incluía a vivência de um aprendiz de feiticeiro que morava com seu tio e sua tia, ambos feiticeiros, em um castelo localizado no centro da cidade de São Paulo. Com vários personagens e alguns protagonistas, a série traz diversos quadros que não dialogavam de forma direta com o enredo dos personagens principais. Estes quadros trazem

temáticas sociais, científicas e artísticas num âmbito educativo. Como destaque, do nosso objeto de análise dialógico, temos o quadro relacionado aos personagens do *João de Barro*, que tocava um instrumento musical diferente a cada aparição na série, em forma de *jingles*, e as *Patativas* (Dilma Souza Campos e Ciça Meirelles), que cantavam “Passarinho, que som é esse?” através de um *playback* (vozes das patativas: Maria Aparecida de Souza, Rita Kfourri, Sueli Gondim e Tania Lenke).

Nesse quadro foram apresentados 28 instrumentos musicais tocados por diferentes músicos caracterizados como o mesmo personagem, João de Barro. O músico Hélio Ziskind foi o responsável por boa parte do enredo musical da série e pelo arranjo musical do quadro dos passarinhos. Segundo Hélio, em entrevista via *live streaming* para o jornal Folha de São Paulo, a questão musical que iria compor a série iniciou-se com a ideia de mostrar de forma individual o timbre dos instrumentos que se agrupavam formando uma única camada. Essa ideia deu origem ao quadro do “passarinho”, que utiliza os instrumentos musicais, e do “pentagrama”, que trabalha com a questão dos sons. Contudo, a série tem uma boa bagagem pedagógica, sendo direcionada para o público da faixa etária do pré-escolar aos 10 anos de idade (CARNEIRO, 1999). Segundo a coordenadora de produção pedagógica do programa Bia Rosenberg¹³⁴, o programa foi desenvolvido através dos aspectos das Teorias Construtivistas de Educação.

O quadro “Passarinho, que som é esse?” começa com João de Barro tocando um determinado instrumento musical; no mesmo compasso, as Patativas cantam, na mesma melodia, questionando o som do instrumento. Este momento dialoga, posteriormente, com o solfejo das personagens que mimetizam sonoramente o instrumento seguido de sua identificação – este fato corrobora com a questão da vivência do telespectador infantil que tem a liberdade de mimetizar o timbre do instrumento igual às patativas. Para cada instrumento tocado, identificamos a necessidade do ar em movimento, através do sopro do músico para produzir o som, da perturbação de cordas e peles para vibração nos instrumentos de corda e percussivos, dos movimentos mecânicos, no caso da sanfona, da eletricidade, na guitarra e baixo elétrico.

A forma dos instrumentos musicais também induz, quantitativamente, à questão da intensidade do som emitido por ele. Instrumentos de sopro, como a “Tuba”, por exemplo, utilizam o deslocamento de ar para emitir som sem utilizar recursos periféricos, diferentemente da guitarra elétrica, que utiliza amplificadores elétricos para emitir seu som. Nestes instrumentos de sopro, o músico utiliza o próprio ar dos pulmões que, ao passar pelas palhetas,

¹³⁴ Disponível em <https://youtu.be/u7Xu_8euXKQ>. Acesso em: 23 mar. 2020.

componente responsável pela emissão do som nestes instrumentos, vibram emitindo as notas musicais do mesmo, alterando suas notas através das ondas estacionárias em tubo aberto e/ou fechado e variando a sua intensidade sonora através da pressão do sopro. Já os instrumentos percussivos utilizam a interação da força de contato, como as baquetas para bateria ou as mãos para a tubadora, por exemplo, e a pele do instrumento, componente responsável pela emissão do som. Estes são usados, geralmente, como componentes rítmicos responsáveis pelo tempo de andamento da música.

Os instrumentos de corda, como a guitarra elétrica ou o violão, por exemplo, utilizam o princípio de vibração das cordas para emitir o som. Nestes instrumentos temos uma pequena divisão entre acústicos e elétricos. Os acústicos possuem uma caixa de ressonância para intensificar o som emitido, já os elétricos convertem as vibrações das cordas em eletricidade que é transmitida através de fios condutores até os amplificadores, responsáveis por intensificar o som. Alguns instrumentos musicais são utilizados como exemplos lúdicos no estudo de ondas em diversos livros didáticos.

Nesse sentido, o quadro “Passarinho, que som é esse?”, ao apresentar os instrumentos musicais supracitados, possibilitam que o telespectador reconheça sons e timbres de seu cotidiano e, ao mesmo tempo, permite conhecer e aproximar – mesmo de forma inicial – de instrumentos ainda não conhecidos. Esse é um espaço no programa que dialoga com a cultura primeira da criança, pois incentiva o reconhecimento do campo musical que faz parte da experiência de quem assiste, ampliando as possibilidades de primeiro contato com os mais variados instrumentos. Ainda, a recepção desse produto da cultura de massa como um todo faz parte da experiência direta da vida desse telespectador, consolidando-se como cultura primeira e possibilitando ser incorporada no processo educacional, em especial para a divulgação científica, para promover a satisfação do educando (SNYDERS, 1988).

Portanto, consideramos o programa como educativo ao compreender as potencialidades do enredo e o conteúdo pedagógico. O cognitivo e o emocional do telespectador interagem quando “usa-se a emoção para estimular conhecimentos propriamente ditos. Simultaneamente, usa-se o cognitivo para aprender sobre emoções” (CARNEIRO, 1999, p. 208). Não somente pela narrativa construída sobre o personagem Nino, consideramos que a apresentação dos elementos e instrumentos musicais no quadro “Passarinho, que som é esse?” permite à criança telespectadora reconhecer o gosto musical de forma afetiva sobre o instrumento a ser descoberto, relacionando com suas experiências e “alegrias simples” (SNYDERS, 1988), bem

como busca compreender e investigar pelas dicas e apresentação dos sons, tons e vibrações o instrumento a ser demonstrado no quadro.

Por fim, como apresentado por Carneiro (1999), o quadro pedagógico do programa foi desenvolvido por elementos lúdicos que possibilitam a aproximação do telespectador com a cena do produto cultural, sendo os objetos mágicos aqueles possíveis de gerar o envolvimento da criança pelas dimensões estéticas dos elementos, explorando “conceitos, formas geométricas e informações variadas sobre ritmos, sons, instrumentos musicais, coreografias, artes plásticas, estilos, épocas” (p. 209). Nesse sentido, os instrumentos musicais que abrangem os ritmos e sons a serem descobertos possibilitam a interação e o envolvimento da criança e, ao nosso ver, como elementos potencializadores para discussão do campo das Ciências Naturais, em especial a Física, a partir da mediação dos aspectos do campo científico citados anteriormente.

4. Conclusão

Esta análise mostra que, ao nos aprofundarmos neste quadro da série em específico, identificamos diversas vozes relacionadas aos conceitos científicos e à cultura primeira como experiência pessoal de vida, bem como diversos conceitos relacionados à física dos instrumentos musicais e características pré-definidas – como o adjetivo “elétrico” demonstrando característica de determinado instrumento musical. O diálogo que os instrumentos musicais realizam com os conceitos físicos demonstram a possibilidade de o telespectador crítico explorar tanto a variedade dos instrumentos, no que diz respeito ao formato e à forma de tocá-los, quanto a questão dos diferentes timbres, dialogando entre si. Evidenciamos as potencialidades educativas da série, principalmente no que concerne ao campo dos conhecimentos científicos da Física. Essas podem ser base para contribuições pedagógicas no fomento do desenvolvimento cognitivo e afetivo do educando a partir do recorte desse produto da cultura de mídias.

Referências

ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. Trad. Jorge Miranda de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARNEIRO, V. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. Hélio Ziskind, compositor de "Castelo Rá-Tim-Bum" e "Glub Glub" participa de live da Folha, *Youtube*, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HONtmkyPG_4&t=2378s&ab_channel=TVFOLHA>. Acesso em: 20 out. 2020.

GOMES, E. *Astros no rock: uma perspectiva sociocultural no uso da canção na educação em ciências*. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KELLNER, D. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001

KELLNER, D.; SHARE, J. *Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação*. *Educação & Sociedade*, v. 29, p. 687-715, 2008.

MOREIRA, I.; MASSARANI, L. (En) canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 13, p. 291-307, 2006.

PIASSI, L.; PIETROCOLA, M. Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de 'encontrar erros em filmes'. *Educação e pesquisa*, v. 35, n. 3, p. 525-540, 2009.

SNYDERS, G. *A Alegria na Escola*. São Paulo: Ed. Manole, 1988.

ZANETIC, J. *Física também é cultura*. 1989. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZANETIC, J. et al. Física ainda é cultura! In: MARTINS, A. *Física ainda é cultura?* p. 281-300. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

CRIANÇA, IMAGEM E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO YOUTUBE: COMPARANDO PRODUÇÕES NA REDE SOCIAL

Shaila Regina Herculano Almeida Maximo¹³⁵ - Universidade de São Paulo

Emerson Santos Izidoro¹³⁶ - Universidade Federal de São Paulo

Resumo:

Os conteúdos relativos à ciência estão cada vez mais diversificados, estando disponíveis em diferentes formatos e elaborados pelos mais diversos tipos de grupos sociais, dentre eles o público infantil. O objetivo dessa pesquisa foi verificar como as crianças têm se apropriado dos conteúdos científicos em redes sociais e quais são seus objetivos ao apresentarem esse tipo de conteúdo, analisando como são utilizadas suas imagens nas produções e como a ciência é abordada por elas. Para esse fim, foram avaliados dois vídeos com temas científicos apresentados por crianças no Youtube. Verificou-se que os apresentadores mirins tinham como objetivo não só a divulgação científica, mas também a exposição de suas imagens para o público-alvo. Foi possível concluir, baseando-se nesse recorte, que as crianças têm se engajado cada vez mais na produção cultural de nossa sociedade, principalmente com as facilidades que a internet proporciona. Além disso, plataformas como o Youtube são eficientes na divulgação de conteúdos científicos protagonizados por crianças, porém nem sempre esses conteúdos estão apenas a favor da ciência.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Criança. Youtube.

Abstract:

The contents related to science are increasingly diverse, available in different formats and prepared by the most diverse types of social groups, among them children. The objective of this research was to verify how children have appropriated scientific content on social networks and what their objectives are when presenting this type of content, analyzing how their images are used in productions and how science is approached by them. To that end, they were two videos with scientific themes responsible for children on Youtube. It was found that the child presenters had as objective not only the scientific dissemination but also the dissemination of their images to the target audience. It was possible to conclude that children have been increasingly engaged in the cultural production of our society, mainly with the facilities that an internet offers. In addition, platforms like YouTube are efficient in disseminating scientific content, but these contents are not always just in favor of science.

Keywords: Scientific Divulcation. Children. Youtube.

Introdução

Atualmente, as possibilidades de disseminação de informações científicas estão cada vez mais diversificadas e possibilitam formas criativas e atrativas para esse fim, sendo disponibilizadas para diferentes públicos (BUENO, 2010).

As redes sociais têm se consolidado como ferramentas que cooperam para que pessoas de todas as idades possam não somente acessar conteúdos e informações novas sobre a ciência,

¹³⁵ Mestranda no programa de Estudos Culturais da EACH/USP, e-mail: shaila.almeida@hotmail.com.

¹³⁶ Professor titular do curso de Pedagogia da EFLCH/UNIFESP. Orientador no programa de Estudos Culturais da EACH/USP, e-mail: emerson.izidoro@unifesp.br.

mas também participar de forma ativa do desenvolvimento de produções que remetam a esse assunto (JENKINS, 2009).

As crianças, que também são produtoras ativas de conteúdos da internet, inclusive científicos, têm se valido de plataformas como o *Youtube* para divulgar suas produções e suas imagens para um público cada vez maior e mais abrangente. Dessa forma, elas atingem, muitas vezes, grupos de pessoas que podem ou não fazer parte de sua faixa etária, com informações científicas que, apesar de complexas, têm sua abordagem facilitada por pessoas dispostas a se apresentarem a um público virtual amplo. Ainda, pela vasta gama de tecnologias digitais atuais, essa divulgação é favorecida pela facilidade de manuseio desses novos instrumentos (DIAS, 1999; MONTEIRO, 2018).

Nesse momento de isolamento social, as crianças estão ainda mais expostas a esse novo formato de produção de conteúdo por meio da internet e das redes sociais, visto que seu cotidiano tem se limitado a atividades dentro de casa, sem contato com outras pessoas de forma presencial (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Com o aumento exponencial desse tipo de produção em plataformas de fácil acesso ao público em geral, surge a necessidade de se analisar a participação das crianças na produção de conteúdos virtuais que se propõem a apresentar a ciência – seja para outras crianças, seja para outros grupos etários.

2. Divulgação da ciência e exposição da imagem entre as crianças na internet

As crianças têm se mostrado cada vez mais participativas em novos formatos de produções culturais de nossa sociedade, especialmente naqueles que dizem respeito à cultura cibernética (JENKINS, 2009; MONTEIRO, 2018).

Com as facilidades que a internet proporciona, por meio de ferramentas e *softwares* de fácil manuseio e com alta conectividade, as crianças podem se aventurar na produção de diversos conteúdos e em diferentes plataformas, como nas redes sociais. O conceito de *Do It Yourself* (DIY), ou “Faça você mesmo”, pode ser agora incorporado inclusive à cultura infantil no mundo da internet. Plataformas como o *Youtube*, utilizadas para o compartilhamento de vídeos, incentivam essa produção em larga escala (BURGESS; GREEN, 2009).

Os vídeos mais procurados, porém, são aqueles que atendem a determinados padrões ditados pela sociedade, e que são dirigidos para públicos-alvo bem identificados por produtores amadores ou profissionais – esses, especializados em nichos específicos de espectadores (BURGESS; GREEN, 2009).

Dentre os conteúdos desenvolvidos ou apresentados por crianças, destacam-se aqueles nos quais são mostradas atividades, brincadeiras e experiências, além de seu cotidiano, estilo de vida e pontos de vista sobre os mais variados assuntos (MARÔPO et al., 2017). Os temas científicos têm sido bastante abordados, principalmente nesses ambientes não-formais de aprendizagem, já que instigam a curiosidade e a imaginação (CARVALHO, 1998).

No entanto, para que essas produções sejam validadas realmente como científicas, especialmente no conteúdo elaborado visando à criança, é preciso que alguns requisitos sejam atendidos. Carvalho (1998) detalha esses requisitos da seguinte forma: é preciso se criar condições para o “fazer” científico, ou seja, para reproduzir os fenômenos da natureza a serem observados; depois, se faz necessário buscar “como” se deu a resolução do problema e o “porquê” de o fenômeno ter se concretizado.

Em boa parte dos vídeos com títulos ou temas científicos, a ciência é utilizada apenas como pano de fundo para outros fins, tornando-se espetacularizada e ficando vulnerável aos descréditos que a sociedade atribui a ela (RAMOS; MARQUES; DUARTE, 2015).

No caso dos vídeos do *Youtube*, muitas vezes, o objetivo maior dos apresentadores é a fama e o enriquecimento (BURGESS; GREEN, 2009). Redes sociais como o *Youtube* criam em seus usuários a falsa impressão de que qualquer pessoa pode se tornar uma celebridade com suas produções na plataforma, principalmente com a ideia da fama a partir do *reality show*, ou seja, da apresentação do cotidiano de pessoas normais a um público espalhado pelo mundo todo. A construção das celebridades, no entanto, se mantém como sempre foi: feita para poucos e para aqueles que atendem aos estereótipos sociais (SIBILIA, 2008).

Com as crianças, não é diferente. Elas também são alvos da ideia da exposição da imagem para a obtenção de fama e dinheiro ao se tornarem *youtubers*, ou seja, pessoas que produzem conteúdo assiduamente para a plataforma de vídeo em questão. O público infantil consome esse tipo de conteúdo por muitas horas (MONTEIRO, 2018) e se sente parte desse mundo virtual ao demonstrar suas preferências por meio dos *likes*, comentários, inscrições em canais, etc, sendo, por consequência, constantemente influenciado por aquele ideal de celebridade (BURGESS; GREEN, 2009).

Redes sociais como o *Youtube* se mostram como canais de comunicação e de apresentação de imagem, ideias e assuntos, inclusive científicos, muito eficientes, porém suas facilidades e sua atratividade possuem fins principalmente lucrativos. Essa idealização dos famosos, antes desconhecidos, bem como a monetização, são algumas das estratégias dessas redes para atrair mais usuários, inclusive o público infantil. Tais grupos se tornam potenciais

clientes de diferentes empresas e marcas que pagam para ter suas propagandas em diversas partes do site e dos vídeos, modificando, assim, o que poderia ser o objetivo inicial dessas produções, de entreter ou de ensinar os espectadores (BURGESS; GREEN, 2009; MONTEIRO, 2018).

3. Metodologia

A partir de uma comparação, por meio de estudo de caso, entre dois vídeos apresentados por crianças com conteúdos que remetem a temas científicos, este trabalho se propôs a fazer uma análise qualitativa dos conteúdos. A seleção se deu com a busca das palavras “criança + experiência” e “criança ensina ciência”. A partir daí, foram escolhidos, dentre os 10 vídeos com maior visualização no ano de 2019, aqueles que preenchiam os requisitos mencionados acima.

Buscando verificar se estes vídeos contribuem para a divulgação da ciência em relação ao fazer científico, foi utilizado o trabalho de Carvalho (1998) como material de base para a análise. Também houve o objetivo de se analisar como as crianças têm se apropriado de plataformas e redes sociais como o Youtube para divulgar suas produções culturais e suas imagens a partir de tais vídeos que empregam temas científico em seus títulos e descrições, tendo como base o trabalho de Sibilia (2008) sobre a divulgação da imagem.

4. Resultados e discussão

Verificou-se que, no caso dos dois vídeos analisados, as crianças envolvidas tiveram condições de apresentar seus resultados a um grande público na internet, empregando neles recursos tecnológicos, tais como ferramentas e equipamentos para a produção e edição de vídeos, que não estão disponíveis a uma grande parcela da sociedade.

Esse público, no entanto, tem aumentado cada vez mais e aparece, ora como espectador, ora como participante dos conteúdos cibernéticos, tendo uma participação importante na produção deles e nas conseqüentes publicidades de produtos oferecidos a nichos específicos, sendo essas pessoas peças fundamentais da cultura participativa (JENKINS, 2009).

Nos tempos de pandemia, esse fenômeno parece estar cada vez mais evidente, principalmente entre as crianças, com a utilização demasiada de computadores, celulares, tablets, etc., com acesso à internet, para fins educativos e de entretenimento. A constante exposição ao mundo virtual, que já era natural para a infância atual, passou a ser agora necessária, dado que, com o isolamento social, boa parte de sua rotina, antes presencial, passou

a ser desenvolvida com ferramentas e facilidades proporcionadas pela internet para dar continuidade às atividades próprias do cotidiano infantil (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Dessa forma, atividades como a criação de vídeos e outros conteúdos na internet por crianças passou a ser ainda mais frequente nos últimos meses.

Os vídeos analisados, mesmo sendo anteriores aos tempos do isolamento social gerado pela pandemia da COVID-19, já davam exemplos da variedade de produção infantil na internet com temas científicos.

Os resultados da presente pesquisa, baseada nesses vídeos, diferiram de acordo com as condições sociais dos dois meninos que os protagonizavam e com a interferência ou não de adultos no conteúdo.

O primeiro vídeo, *PAULINHO CIENTISTA e o Mentos com Coca Cola - Experiência para Crianças*¹³⁷, é apresentado por Paulinho, com a participação frequente de seu pai, que intervém tanto nas falas quanto nas ações do menino. No vídeo é realizada uma “experiência” que consiste em colocar balas da marca Mentos® em diferentes embalagens do refrigerante Coca-Cola®. O objetivo inicial deles é verificar o que acontece com o refrigerante quando entra em contato com a bala.

A produção se inicia com uma amostra dos resultados conseguidos por Paulinho e seu pai ao colocar as balas nos refrigerantes, seguida de um efeito de imagem de explosão. A brincadeira então começa com Paulinho e seu pai no quintal de sua casa, ao lado da piscina, dando uma amostra da atividade que desenvolverão com a bala sendo colocada na garrafa de refrigerante – que logo em seguida é derramado no chão do quintal. Em uma próxima cena, Paulinho vai comprar os materiais para o experimento junto com seu pai na garupa da bicicleta, passando por ruas arborizadas e bem asfaltadas, com casas grandes e bem decoradas no caminho. Chegando ao mercado, dirigem-se para uma geladeira que só contém produtos da marca Coca-Cola®, pegam as embalagens que vão usar e, em seguida, se dirigem para uma estante com vários tipos de bala da marca Mentos®. Depois de retornarem para casa, começam a atividade, que consiste em colocar a bala de menta em diferentes embalagens do refrigerante. O resultado da inserção da bala nos líquidos é filmado pelo pai e, naqueles com maior erupção, repete-se a cena em câmera lenta. Ao final, eles depositam o que sobrou dos refrigerantes na garrafa maior, inserem várias balas dentro dela e jogam-na para verificar se a erupção acontecerá novamente, mas ela não se repete.

¹³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1fpaR47CKLo>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Percebe-se que são utilizados materiais de marcas conhecidas e amplamente consumidas pelo público em geral no “experimento”, sendo as embalagens insistentemente focadas ao longo do vídeo.

As atividades apresentadas por Paulinho, mais parecidas com brincadeiras, se dão em um espaço amplo e com características que demonstram que eles estão em uma casa de classe social privilegiada. Nessa produção, há elementos de um estilo de vida desejado por muitas pessoas, especialmente pelas crianças espectadoras, porém alcançado por poucas delas.

O vídeo de Paulinho é de fácil compreensão, mesmo no desenvolvimento do experimento que, na realidade, não tem características do fazer científico, já que ele começa com a observação do fenômeno, que é o primeiro passo para a investigação de um processo científico (CARVALHO, 1998), mas não dá os próximos passos que são a investigação do “como” e do “porquê” aquele fenômeno aconteceu.

O comportamento de Paulinho, orientado por seu pai, é o de um cientista mirim de jaleco branco, que é curioso e destemido. Esses elementos atrelados à apresentação de uma vida de classe média alta desejosa por muitas crianças, é possivelmente o que faz o menino ganhar uma popularidade alta, comprovada pelas 34.942.999 visualizações e 185.000 “likes” recebidos por esse vídeo de seu canal até a data de 17/11/2019.

O segundo vídeo, *Como compreender a quarta dimensão*¹³⁸, se difere do primeiro em vários quesitos. Este é apresentado por Vinícius que, mesmo não estando vestido como um cientista, como faz Paulinho, simula um ambiente preparado para a apresentação de uma aula de ciências. Ele explica o conceito de quarta dimensão utilizando uma pequena lousa verde pendurada em um armário e giz branco para fazer o desenho de um hipercubo e escrever algumas palavras-chave relativas ao assunto. Não há participação de outras pessoas, nem mesmo de adultos e, quando precisa de auxílio em sua explicação, parece recorrer a uma anotação atrás da câmera para a qual ele olha. Nesse e em outros vídeos, ele pede para que seus espectadores deem um “like”, se inscrevam em seu canal e ativem o sinal de notificações para não perderem os novos conteúdos.

Percebe-se que o ambiente, um quarto pequeno e com poucos objetos, não é bem iluminado e não está preparado para uma produção audiovisual mais elaborada, como se apresenta o vídeo de Paulinho.

¹³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RbjFDS4f0iM>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Vinicius se utiliza de uma linguagem complexa para explicar o assunto da quarta dimensão, mais voltada para o público adulto, e com certos conhecimentos de física. Os recursos materiais e audiovisuais (citados acima) que utiliza para essa explicação são simples e sem efeitos especiais.

Se for avaliado como material de divulgação científica, ele atende a algumas condições das quais Carvalho (1998) fala em relação ao processo de investigação do conceito científico, quando apresenta o fenômeno a ser observado e explica como ele ocorreu. No entanto, falha no último passo, ao não conseguir explicar com informações compreensíveis o motivo pelo qual ele aconteceu. Vinicius, em sua explicação, usa afirmações que competem, e apresenta uma justificativa para o fenômeno, mas não consegue ir além na explicação do desenvolvimento dele, talvez devido à complexidade do assunto.

No caso de Vinicius, também houve um grande interesse em seus vídeos, verificado pelas 59.873 visualizações e 8.400 “likes” até a data de 17/11/2019. No entanto, acredita-se que o público de Vinicius é composto por um nicho muito específico de pessoas com certo grau de conhecimentos científicos. A linguagem, a dificuldade do tema, a falta de efeitos que chamem a atenção de um público mais amplo e a apresentação simples, sem elementos desejosos do ponto de vista econômico, talvez tenham feito com que Vinicius ganhasse menor visibilidade na rede social.

Na internet, há uma ilusão de que todos que se arriscam a publicar conteúdos em redes sociais como o Youtube podem se tornar famosos. No entanto, isso de fato não acontece, já que poucos são os que alcançam visibilidade (SIBILIA, 2008). Foi possível perceber que os dois meninos conseguiram muita visibilidade, já que as duas produções chegam aos milhares ou mais, mas há uma diferença grande de visualização entre os dois vídeos.

Essa busca pela fama ou pelos conteúdos muito visualizados possivelmente é o que faz com que cada vez mais pessoas procurem participar de redes sociais como o *Youtube* e isso é o que traz a lucratividade para a plataforma (SIBILIA, 2008; BURGESS; GREEN, 2009).

5. Considerações finais

Títulos que remetem a atividades ou assuntos relacionados à ciência, ainda que de forma indireta, podem trazer aos produtores mirins de conteúdo do *Youtube*, especificamente nos casos analisados, uma popularidade considerável, desejada por muitas crianças e adultos.

As crianças têm se mostrado, nessas e em outras produções cibernéticas, cada vez mais ativas na cultura digital, em produções que chamam a atenção do público infantil e também do adulto.

Vídeos com temas relacionados à ciência renderam muitas visualizações e uma interação considerável com o público, principalmente quando o conteúdo não se aproximava da metodologia científica e sim de brincadeiras que poderiam servir para saciar a curiosidade infantil. Por sua vez, quando foram abordados temas científicos com uma linguagem mais complexa e aproximada da ciência, o público infantil não pareceu ser o principal público-alvo e a popularidade das produções diminuiu.

Plataformas como o *Youtube* podem ser canais muito relevantes para a divulgação científica, mas, por terem como objetivo o lucro e o entretenimento, oferecem ao público cibernético todo o tipo de informação. Assim, as produções relativas à ciência no *Youtube*, como as que foram analisadas, devem ser vistas com cautela quanto à sua finalidade educacional, à qualidade de divulgação de informações científicas, considerando que não se pode garantir a apresentação de um conteúdo com qualidade ou compromisso com o fazer científico.

Referências

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. et al. *Ciências no Ensino Fundamental: O Conhecimento Físico*. 1 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

COMO compreender a quarta dimensão (S.I.: s. n.), 2019. 1 vídeo (2 min 47 s). Publicado pelo canal Vinicius Canal da Ciência. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RbjFDS4f0iM>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2479-2486, 2020.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. *Ciência da informação*, v. 28, n. 3, 1999.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARÔPO, Lídia Soraya Barreto et al. *Youtuber mirins: negociações identitárias na rede*. XXVI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2017.

MONTEIRO, Maria Clara Sidou. *Apropriação por crianças da publicidade em canais de youtubers brasileiros: a promoção do consumo no YouTube através da Publicidade de Experiência*. Porto Alegre: UFRS, 2018.

PAULINHO cientista e o Mentos com Coca Cola - Experiencia para Crianças. (S.I.: s. n.) 2017. Publicado pelo canal Paulinho e Toquinho. Disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?v=1fpaR47CKLo>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RAMOS, Rui Lima; MARQUES, Aldina; DUARTE, Isabel Margarida. Hiperestrutura em textos mediáticos de divulgação científica para crianças. In: M. A. Marques e X. M. Sánchez Rei (Eds.). *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*. A Corunha: Universidade da Corunha, 2015.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2008.

CURTA CIÊNCIA: PONTES DE SABERES EM WEBSÉRIES

Eveline Stella de Araujo – Universidade Federal do Paraná¹³⁹

Guilherme de Paula Pires – Universidade Federal do Paraná¹⁴⁰

Valquíria Michela John – Universidade Federal do Paraná¹⁴¹

Resumo:

Popularizar o conhecimento científico aproxima a sociedade dos resultados das pesquisas, construindo a presença da ciência no cotidiano das pessoas. O artigo discute a produção da websérie *Curta Ciência* UFPR frente aos modelos de comunicação pública da ciência e da prática de divulgação científica no cenário digital, apresentando os critérios de produção, as premissas norteadoras e os resultados alcançados. O período de observação participante foi de agosto a dezembro de 2019, integrando equipe formada por alunos de pós-graduação, professores e profissionais do audiovisual da UFPR TV. Os vídeos dessa websérie divulgam teses e dissertações indicados pelos Programas de Pós-Graduação ao Prêmio Curta Ciência UFPR. São divulgados no canal do YouTube UFPR TV, compondo uma das muitas *playlists* ofertadas. Até o momento dessa escrita, possui 15 episódios, sendo que durante a pandemia houve uma reformulação dos processos de trabalho. O episódio inaugural é o mais acessado, com mais de quatro mil visualizações, e aborda sobre o mel de abelhas sem ferrão. Seguido do episódio dois sobre os efeitos do pimentão no câncer de mama, com mais de 500 visualizações, os demais têm em média 280 visualizações, o que indica a necessidade de melhorar os mecanismos algorítmicos de SEO e Web semânticos para ampliar a circulação dos conteúdos. A websérie *Curta Ciência* é um dos produtos comunicacionais da UFPR, somado a outros, como os da Agência Escola UFPR, produção de *lives* e *podcasts*. Todas essas ações visam aproximar a ciência do cotidiano das pessoas estimulando conversações sociais presenciais e online.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Curta-metragem. Audiovisual. Convergência Digital.

Abstract:

Scientific communication brings research results closer to society, building the presence of science in people's daily lives. This article aims discuss the audiovisual production Curta Ciência UFPR web series [Amazing Science UFPR] against the models of public communication of science and the practice of scientific dissemination in cyberculture's age, showing production's criteria, premises and results achieved. Participant observation was carried out from August to December 2019, integrating staff formed by graduate students, professors, and audiovisual professionals from UFPR TV. The videos in this web series publish theses and dissertations nominated by the Postgraduate Programs for the Curta Ciência UFPR Award [Amazing Science Award]. The videos are published on the YouTube channel UFPR TV, being one of the many playlists offered. As of this writing, it has fifteen episodes, and because of the coronavirus pandemic there was a reformulation of the work processes. The inaugural episode is the most accessed, with more than four thousand views, about stingless bee honey. Followed by the second episode on the effects of peppers on breast cancer, with more than five hundred views, the others show an average of 280 views, which indicates the need to improve algorithmic and web semantic mechanisms to expand the circulation of these contents. The web series Curta Ciência [Amazing Science] is one of UFPR's communicational products, in addition to others, such as the UFPR School

¹³⁹ Dr^a em Saúde Pública (USP) e Doutoranda em Comunicação (PPGCOM-UFPR), bolsista Capes-DS entre ago./dez-2019, integrante do GRAVI-USP, CERNe-USP e NEFICS-UFPR, email: evearaujo@hotmail.com

¹⁴⁰ Mestre em Jornalismo (UFPR) e Doutorando em Comunicação (PPGCOM-UFPR), email: guilhermedepaulapires@gmail.com

¹⁴¹ Dr^a em Comunicação Social (UFGRS), Professora permanente do PPGCOM-UFPR e do DECOM-UFPR, atua na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR, email: vmichela@gmail.com

Agency, production of lives and podcasts. All these actions aim to bring science closer to people's daily lives, stimulating social conversations in person and online.

Keywords: Scicomm. Short-Film. Audiovisual. Digital Convergence.

1. Introdução

No momento em que discursos oficiais pedem o fim das universidades públicas e ocorrem disputas narrativas entre conhecimento científico, negacionismo e *fake news* (MASSARANI et. al., 2021; MASSUCHIN et. al., no prelo), divulgar o conhecimento produzido por instituições públicas de ensino superior possibilita à sociedade o acesso aos resultados de diversas pesquisas e permite a discussão dos impactos e aplicações possíveis, construindo a presença da ciência no cotidiano das pessoas. Este artigo expõe a experiência de alunos de pós-graduação em Comunicação e profissionais do setor audiovisual da Universidade Federal do Paraná (UFPR) na produção do programa *Curta Ciência*, uma websérie com episódios de curta duração, entre três e cinco minutos, sobre teses e dissertações indicadas ao Prêmio Curta Ciência de Teses e Dissertações da UFPR. O formato é semelhante ao modelo internacional *Three Minutes Thesis*¹⁴². A narrativa aqui apresentada transita entre um relato de experiência e a reflexão científica sobre comunicação pública da ciência. O objetivo é aproximar os pesquisadores dos formatos atuais de comunicação tornando as produções da universidade mais conhecidas e a ciência mais acessível para a sociedade em geral.

As bases da observação partem da proeminência do olhar na sociedade contemporânea, do captar o mundo através da visão. Pais (2010) considera que a visão é o sentido imediato da reciprocidade e chama a sociedade atual de “ocularcêntrica”, propondo que exista uma reflexividade contagiante e dialética, com função epistêmica e simbólica. Dentre as redes sociais digitais que buscam pela primazia do olhar, o *YouTube* é a mais antiga, criada em 2005, sendo a mais acessada¹⁴³. Autores como Wolton (2012), Castells (2013) e Scolari (2015) tratam de modo crítico e reflexivo a formação de comunidades virtuais e redes sociais digitais, a partir de pontos de interesse temáticos e fornecem pistas para compreender o ciberespaço, no qual os vídeos são disponibilizados. Jenkins (2009) trata do planejamento, circulação e engajamento dos produtos comunicacionais, necessários para tornar-se motivo de conversações cotidianas. São aspectos complexos para a compreensão da modificação das relações de consumo de

¹⁴² História da premiação 3MT: <https://threeminutethesis.uq.edu.au/about>. Acesso em: 4 ago. 2021.

¹⁴³ Segundo informações da própria plataforma, são 500 horas de conteúdo enviado por minuto e um bilhão de hora assistidos todos os dias. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/estatisticas-do-youtube/>, acesso em 20 ago. 2021.

produtos audiovisuais ao longo do tempo e acentuada na Era Digital, com os *prosumers* (TOFFLER, 1980; LANG *et al.* 2020), consumidores que também produzem conteúdo.

A partir da premissa *ocularcêntrica* e do contexto da cultura digital, o desenvolvimento do programa *Curta Ciência* divulga teses e dissertações produzidas no âmbito da Pós-Graduação pela UFPR, no formato de vídeos curtos, de três a cinco minutos, capazes de gerar curiosidade e interesse, com uma estética ligada ao cinema e às artes. Essa proposta acompanha a crescente importância da ciência e da tecnologia na vida cotidiana para pensar formas, ou criar canais de integração, despertando o interesse da opinião pública em geral pelos assuntos da ciência (BRANDÃO, 2007), tornando-se fundamental para o exercício pleno da cidadania (CALDAS, 2003).

2. Modelos de Divulgação científica

O fenômeno da comunicação científica, conforme Lewenstein (2010), recebe diversas denominações: vulgarização, literacia, difusão, divulgação, alfabetização, cultura científica e comunicação pública da ciência aparecem constantemente nos discursos da comunidade científica e em setores especializados da sociedade civil interessados na popularização da ciência. E, por mais que esses termos ou conceitos estejam de alguma maneira demarcados na literatura¹⁴⁴, é importante uma utilização atenta, pois não são escolhas meramente retóricas, mas sim conceituais e com propostas e ações.

Por muito tempo, a comunicação científica foi pensada a partir da lógica do especialista, ou seja, do *expert* no tema para o público leigo ou não especializado na área, no que ficou denominado como “modelo de déficit cognitivo”, apoiado em uma abordagem unidirecional, de cima para baixo, muitas vezes com o objetivo de persuasão. Esse tipo de comunicação considera “que a transmissão do conhecimento eliminaria, de maneira automática a defasagem entre especialistas e leigos” (RESENDE; ROTHBERG, 2011, p.52). O modelo é criticado por criar *experts* do conhecimento que passam a orientar o cotidiano da sociedade, dividida entre especialistas e leigos (BAUGMARTEN, 2012). É nesse cenário que a figura mítica da torre do marfim foi criada. Ou, numa alegoria grega, o titã Prometeu¹⁴⁵.

Um segundo modelo de comunicação pública da ciência é chamado de “contextual”. O processo de comunicação ainda se dá em uma única via, porém são valorizados os

¹⁴⁴ É possível dizer que dentre todos esses conceitos o de Comunicação Pública da Ciência ainda é o mais aberto a discussões.

¹⁴⁵ Segundo a mitologia grega, Prometeu roubou o fogo de dentro de um gigantesco caule de funcho e entregou para humanidade. Desta forma, ele daria para nós o poder de pensar e raciocinar.

conhecimentos prévios, as experiências culturais e o contexto dos cidadãos quanto a informação científica e tecnológica (FARES *et. al.*, 2007). O terceiro modelo é o de “experiência leiga”, considerado mais democrático quando comparado aos outros dois, por ser dialógico e valorizar os conhecimentos locais, considerando-os tão importantes quanto o conhecimento científico. É um modelo que questiona a “superioridade do saber científico e tende a eliminar a ideia de déficit, pois admite que o conhecimento seja formado tanto pelas informações especializadas quanto por aquelas adquiridas pela experiência” (RESENDE; ROTHBERG, 2011, p. 54).



Diagrama 1 - Modelo de comunicação de participação pública da ciência / Fonte: Mazocco (2009)

Por fim, o quarto modelo de Comunicação Pública da Ciência é o de “perspectiva dialógica” (CUEVAS, 2008; MAZOCCO, 2009). Conforme ilustrado no Diagrama 1, a participação pública tem como objetivo valorizar o diálogo entre cientista e não cientista na construção de espaços democráticos de debates em torno das decisões sobre ciência e tecnologia, visando à formação de consensos razoáveis. Essa perspectiva de comunicação possibilita à sociedade uma compreensão crítica dos processos de produção da ciência. Nesse modelo “a participação do público em assuntos de C&T e na formulação de políticas científicas e tecnológicas se dá nas mesmas condições que para os cientistas” (FARES *et. al.*, 2007, p.02-03), o que viabiliza um caminho para a reestruturação da cultura científica no país (CHRISTÓVÃO e BRAGA, 1997).

Observando esses modelos, a websérie *Curta Ciência UFPR* objetiva, dentro do possível, praticar uma comunicação pública da ciência que permita maior participação e diálogo público. Segue desse posicionamento a adesão ao protagonismo para os recém-doutores e recém-mestres, incentivando a narrativa dos conteúdos pelos próprios pesquisadores com a criação de conexões com o cotidiano social, bem como a adesão de uma estética artística e cinematográfica, que permita uma interface dialógica atrativa. A possibilidade interativa com a

abertura para comentários nas postagens do YouTube e replicação nas redes sociais, ainda não é o formato ideal de participação pública na ciência, mas é uma aproximação.

3. Divulgação científica no formato audiovisual

Cientistas e/ou divulgadores de ciências utilizarem o audiovisual para difundir informações, linguagens, hábitos e ideias e isso não é um fenômeno novo (SIQUEIRA, 2008). Segundo IBGE¹⁴⁶ (2018), 96,4% dos domicílios possuíam um aparelho de TV e 79,1% com internet. No entanto, com a crescente divulgação de ciência em plataformas digitais e redes sociais, ocorreram algumas modificações. Uma delas é a diferença de experiência entre um telespectador e um usuário, que altera a representação binária dos papéis de produtor e consumidor para uma ampliação dos *prosumers* (TOFFLER, 1980; LANG *et al.* 2020), ou seja, consumidores que também são produtores de conteúdo. Com a internet e as redes sociais digitais tudo muda, o usuário torna-se um agente ativo que seleciona o que vê, interage, compartilha e discute os assuntos que consome, bem como torna-se produtor de conteúdo e, em alguns casos, *influencer*, aquele que possui uma grande quantidade de seguidores para suas postagens autorais independente da qualidade do que comunica (ECO, 2016). Com isso, ocorre o desenvolvimento de curadorias de conteúdo e do controle da qualidade da informação para gerar impacto positivo na comunicação da ciência.

Nesse novo cenário, cada vez mais audiovisual, tem chamado a atenção a modalidade de artigos audiovisuais. Diversas plataformas de artigos audiovisuais como o *Journal of Visualized Experiments* (Jove); *Scivee TV*; revistas especializadas como *Nature*, *The Lancet*; e canais do YouTube de universidades públicas, como a UFPR TV, por meio do programa *Curta Ciência*, têm apostado nessa iniciativa. Embora um artigo audiovisual seja fruto de uma produção acadêmica, ele carrega algumas singularidades próprias da divulgação científica: “o artigo proporciona a possibilidade de acessar o conhecimento desenvolvido por outra pessoa, de modo a disseminar aquelas informações às comunidades acadêmicas e, também, ao público leigo” (MENDES, 2017, p. 162). Para um artigo audiovisual ser desenvolvido com uma boa qualidade é preciso levar em conta as características da produção cinematográfica, tais como roteiro, filmagem, grafismos, edição e pós-produção de imagem e som.

Com esse propósito, o processo de filmagem do *Curta Ciência UFPR* é planejado e roteirizado, isso auxilia na composição narrativa com o realismo necessário para que as cenas geradas possam refletir a veracidade do ato filmado (BAZIN, 1991). Constata-se assim que

¹⁴⁶ Link curto para acesso às análises do IBGE 2018: <https://url.gratis/bfIgjL>. Acesso em: 26 maio 2021.

produzir um artigo audiovisual não é uma tarefa simples, mas é cada vez mais necessário em um cenário de cobrança das agências de fomento e da sociedade para que se divulgue a produção científica de modo acessível e inteligível, conectada a um cenário de intenso consumo de audiovisual.

4. Resultados e discussão: *Curta Ciência UFPR* no YouTube

A *Websérie Curta Ciência UFPR*¹⁴⁷ atende a alguns critérios importantes para possibilitar o diálogo social e a formação de redes: 1) utiliza linguagem simples, com ilustração dos temas com grafismos, propondo aproximações com o cotidiano social e favorecendo o protagonismo do aluno-pesquisador; 2) favorece reapropriações educativas dos episódios, disponibilizados em *Creative Commons*, para atividades escolares e serve como material ilustrativo para veículos de comunicação. Pelo seu caráter público, por sua facilidade de *upload* e sincronização permite ainda uma infinidade de interconexões com outras redes sociais.

O programa *Curta Ciência UFPR* pode ser acessado pelo canal da UFPR TV¹⁴⁸ no YouTube e até agosto de 2021 conta com 15 episódios. A produção teve início em agosto de 2019, quando as gravações eram feitas pela equipe, nos locais de realização das pesquisas e/ou ambientes relacionados ao tema da investigação. Porém, em 2020, para atender às restrições sanitárias durante a pandemia, com a necessidade do distanciamento social, foi ofertado um treinamento e um tutorial¹⁴⁹ para os recém-mestres e doutores, como orientação para que eles próprios gravassem suas falas em vídeos e gravações feitas de forma remota, com montagem feita pela equipe do *Curta Ciência*, utilizando acervos de imagens do pesquisador ou banco de imagens externos para dinamizar a narrativa.

O debate sobre os episódios ocorreu desde a etapa de produção até a pós-produção com as equipes, no total de três duplas e mais um finalizador, o que permitiu o aperfeiçoamento dos processos de trabalho e do compartilhamento dos aspectos éticos e estéticos. Entretanto, ao serem submetidos a instâncias superiores da universidade, ainda sofreram alguma adaptação principalmente referente às capas dos episódios e o próprio logotipo, sobre os quais a equipe de

¹⁴⁷ O *Curta Ciência UFPR* é uma iniciativa da Coordenação de Programas de Pós-graduação em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e a UFPR/TV e é produzido por mestrandos e doutorandos do PPGCOM/UFPR com a supervisão de uma docente do PPGCOM e de um profissional da UFPR/TV.

¹⁴⁸ Link direto para acesso da playlist do *Curta Ciência*:

<https://www.YouTube.com/playlist?list=PLL0F8St54WmRmdFdXGKv8ntN4awFK7y7U>. Acesso em: 25 ago. 2021.

¹⁴⁹ Vídeo tutorial do *Curta Ciência*, gravado por Rene Lopes dando dicas para captação:

<https://www.youtube.com/watch?v=8J9Qve6a4s0>. Acesso em: 25 ago. 2021.

produção de base não teve acesso ao debate, o que gerou algum desconforto quanto à identidade pensada para a websérie. Esse foi um dos reflexos da falta de um profissional especializado em grafismo e arte final na equipe de base.



Figura 1: Episódio 7: Rotinas visuais da guerra na Colômbia: territórios e corpos na fotografia documental

O trabalho de montagem é a parte mais desafiadora para tornar o conteúdo interessante e atraente para o grande público. Na produção do episódio sete, sobre Guerra Civil da Colômbia (fig. 1) a fala da pesquisadora foi gravada em outro país e encaminhada para a produção, fato esse que dificulta o tratamento do material caso não haja um bom diálogo entre produtores e pesquisadores, já que estes últimos muitas vezes não têm familiaridade com a linguagem audiovisual.



Figura 2: Fotograma de Ensaio sobre a Cegueira, de Fernando Meirelles, 2008

O episódio oito sobre Sistema de Cores para pessoas com deficiência visual teve como desafio a busca por imagens de acervos com o cotidiano de pessoas cegas. Depois de várias tentativas junto aos institutos de cegos, optou-se por utilizar imagens do trailer do filme Ensaio sobre a Cegueira (fig. 2), de Fernando Meirelles, que foi contactado e liberou a utilização.



Figura 3: Paulo Homem de Góes, recém-doutor, fala sobre formas de territorialidade indígena

Os temas abordados variaram desde pesquisas sobre morfologia de terras indígenas, episódio quatro (fig. 3), tese defendida no Departamento de Antropologia, até inovação tecnológica (episódio oito), tese defendida por Sandra Marchi, no Departamento de Engenharia Mecânica. A cuidadosa produção sonora, tanto na captação direta quanto na pós-produção foram quesitos trabalhados em todos os episódios para produzir o efeito de familiarização e aproximação com o ambiente de pesquisa. Todos esses aspectos demonstram que as técnicas do cinema como roteiro, produção, montagem e pós-produção podem surtir efeito positivo na divulgação científica ou na comunicação pública da ciência.

O episódio um, abordou os benefícios do mel de abelhas sem ferrão (fig. 4), é o mais acessado com 4.944 visualizações¹⁵⁰. Filmado no bosque do Centro Politécnico da UFPR, a edição contou com a utilização de grafismos e enquadramento das imagens que visaram auxiliar na compreensão do tema.



Figura 4 - Interface do YouTube com o grafismo e a interface da *playlist* na barra lateral (27/01/2021)

¹⁵⁰ Número de visualizações aferido em agosto de 2021.

Mesmo a figura 4 demonstrando um exemplo de grafismo utilizado nos vídeos para facilitar a compreensão de conteúdo, ao lado na *playlist* percebe-se as capas¹⁵¹ dos vídeos monocromáticas e escuras, pouco atraentes para despertar no usuário o interesse pelo conteúdo. Deste modo, ainda que os demais vídeos tenham uma qualidade artística, a capa não colabora.

Todos os outros demais episódios da websérie não ultrapassaram a marca de 600 visualizações. A motivação do número de visualizações do episódio um foi a exibição no evento de lançamento do Prêmio Curta Ciência¹⁵², em dezembro de 2019. Ainda que a dinâmica de produção e edição de todos os episódios sigam a mesma lógica, na descrição dos vídeos foram incluídas hashtags, a partir de 25 de fevereiro de 2021, para otimizar a localização dos conteúdos nos sistemas de busca. Esta é apenas uma entre muitas técnicas utilizadas em Search Engine Optimization (SEO) e em Web Semântica (NUNES et. al. 2020), na tentativa de melhorar a distribuição dos materiais. Assim, esse dado nos leva a questionar o papel da plataforma nas produções dos vídeos exibidos. Se entendermos o YouTube como um artefato sociotécnico que traz em sua formação propriedades técnicas e socioculturais indissociáveis (GELL, 2016), talvez a plataforma seja mais do que apenas um espaço de armazenamento e compartilhamento de vídeos¹⁵³.

4. Conclusão

A formação de cientistas e comunicadores da ciência para os modelos de comunicação pública da ciência de experiência leiga e o de participação pública está associada à um processo de preparação para mídias digitais, como elaboração de roteiro e a busca por estética das cenas e grafismos que sejam atraentes e de fácil compreensão, com sonorização apropriada que estimule a atenção. A Web Semântica e as técnicas de SEO são fundamentais para gerar maior alcance na distribuição de conteúdo, incluindo a plataforma YouTube. Entretanto, é fundamental investir em um design mais atrativo para as capas dos vídeos, pois o fator de impacto visual determina outras ações em relação ao engajamento no conteúdo. Seguido de um processo eficiente de divulgação do material junto aos meios de comunicação e postagem em páginas estratégicas da web que facilitaríamos a utilização desses materiais de forma mais

¹⁵¹ O assunto é tratado no paper: Thinking science in social media in Brazil, apresentado no III Multidisciplinary International Symposium on Disinformation in Open Online Media (Universidade de Oxford): <https://www.oii.ox.ac.uk/misdoom-2021/>, apresentado pela primeira autora e a colega Arielly Casagrande. Acesso em 26 ago. 2021.

¹⁵² Os episódios um e oito foram exibidos durante a cerimônia de aniversário da UFPR, no teatro da reitoria, em dezembro de 2019, com a premiação das teses e dissertações indicadas ao prêmio Curta Ciência.

¹⁵³ O doutorando deste artigo desenvolve sua tese em torno deste tema.

ampliada. O engajamento na comunicação traz um desafio maior que é o de retroalimentar e ampliar a participação do público nos comentários ou o compartilhamento dos conteúdos produzidos, reverberando em conversações cotidianas sobre os temas.

Referências

- BAUGMARTEN, M. O debate público de ciência e tecnologia: divulgação, difusão e popularização. In: KERBAUY, M. T. M. Et al. (Org.). *Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.
- BAZIN, A. *O Cinema*, Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1991.
- BRANDÃO, E. P. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, J. (Org.). *Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo: Atlas, 2007.
- CALDAS, G. Comunicação, educação e cidadania: o papel do jornalismo científico. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento*. Parte I, p. 73-80, Campinas: Pontes Editores, 2003.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHRISTÓVÃO, H. T.; BRAGA, G. M. Ciência da Informação e Sociologia do Conhecimento científico. *Transinformação*, Campinas, v. 9, n. 3, p. 33-45, set./dez. 1997.
- CUEVAS, A. Conocimiento científico, ciudadanía y democracia. *Revista Iberoamericana de CT&S*, n. 10, v. 4, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistacts.net/wp-content/uploads/2020/01/vol4-nro10-doss02.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ECO, U. *6 ideias memoráveis do escritor Umberto Eco sobre redes sociais e tecnologia*. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.htm>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- FARES, D. C.; NAVAS, A. M.; MARANDINO, M. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. In: Reunião da Rede Popularização da C & T na América Latina e Caribe, 10., 2007. San José, Costa Rica. *Anais...* São José, Costa Rica, 2007. Disponível em: <<https://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-DjanaFares.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.
- GELL, A. *Arte y agencia: una teoría antropológica*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2016.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- LANG, B.; DOLAN, R.; KEMPER, J.; NORTHEY, G. Prosumers in times of crisis: definition, archetypes and implications. *Emerald-online*, 25 June 2020. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JOSM-05-2020-0155/full/html>>. Acesso em: 10 out. 2020.

LEWENSTEIN, B.V. Modelos de comprensión pública: la política de la participación pública. *Revista Artefactos*, vol. 3, n.1, dezembro de 2010, 13-29. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277265138_Modelos_de_compreension_publica_la_politica_de_la_participacion_publica>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MASSARANI, L. M.; LEAL, T.; WALTZ, I.; MEDEIROS, A. Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. *Liinc em Revista*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5689, 2021. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5689>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MASSUCHIN, M., CHAGAS, V., TABARES, C., MITOZO, I. *Scientific institutions and the journalistic model when appropriate: the argumentative structure about discrediting science on WhatsApp during the COVID-19 pandemic*. No prelo.

MAZOCCO, F. J. *A midiaticização das patentes sob o olhar CT&S*. São Carlos, 2009. 154 p. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1040/2511.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 out. 2020.

MENDES, M. L. Câmera e a ação de produzir videoartigos no novo cenário da comunicação científica. In: FAGUNDES, V.; SILVA, M. G. (Orgs). *Divulgação científica: novos horizontes. Reflexões e experiências jornalístico acadêmicas desenvolvidas no projeto Minas Faz Ciência*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2017.

NUNES, Flávia. R. E.; MACULAN, Benides C. dos S., ALMEIDA, M. B. Os fundamentos da Web Semântica como ferramenta de auxílio para as demandas da Sociedade da Informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 224-249, set/dez. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245263.224-249>.

PAIS, J. M. *Lufa-lufa Quotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: ICS, 2010.

RESENDE, L.P.; ROTHBERG, D. Estudos de CTS, comunicação e democracia digital. In: HOFFMANN, W. A. (Org.). *Ciência, Tecnologia e Sociedade: desafios para a construção do conhecimento*. São Carlos: EDUFSCar, 2011.

SCOLARI, C. A. Narrativas Transmídias: consumidores implícitos, mundos narrativos e branding na produção da mídia contemporânea. *Parágrafo*, v. 1, nº 3, jan./jun. 2015, pp. 7-19. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/291>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SIQUEIRA, D. *Comunicação e ciência: estudo de representações e outros pensamentos sobre mídia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

TOFFLER, A. *The Third Wave*. New York: William Morrow and Company, 1980.

WOLTON, D. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CIÊNCIA AO PÉ DO OUVIDO: COMO A UFU SE COMUNICA COM A SOCIEDADE POR MEIO DE *PODCAST*

Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva Crepaldi¹⁵⁴ – Universidade de Uberaba

Diélen dos Reis Borges Almeida¹⁵⁵ – Universidade Federal de Uberlândia

Jhonatan Dias Gonzaga¹⁵⁶ – Universidade Federal de Uberlândia

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar e relatar a experiência da produção do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido”, pela Divisão de Divulgação Científica, vinculada à Diretoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia (Dirco/UFU). O programa, lançado em fevereiro de 2020, é um projeto de comunicação pública que propõe falar sobre cotidiano e ciência em um único assunto. Como o próprio nome sugere, o *podcast* tem por propósito aproximar a comunidade externa dos temas relacionados aos conhecimentos científicos. Este trabalho se ancora em autores que são referência em comunicação pública e divulgação científica, como Margarida Kunsch (2013), Jorge Duarte (2011), Graça Caldas (2004), Luisa Massarani (1998) e Wilson Costa Bueno (1985, 2014). Por meio deste relato, percebe-se as potencialidades da produção de *podcasts* de ciência para a materialização da difusão dos saberes, na medida em que compartilha a divulgação científica feita no “Ciência ao Pé do Ouvido”. Ademais, compreende-se que as mídias de áudio possibilitam a democratização dos conhecimentos que são orientadores das políticas públicas, para a construção de uma sociedade mais bem informada, ciente da vital importância do investimento e da valorização da ciência brasileira.

Palavras-chave: Divulgação científica. Podcast. Ciência ao Pé do Ouvido. Comunicação pública da ciência.

Abstract:

This article aims to present and report the experience of producing the podcast “Ciência ao Pé do Ouvido”, by the Scientific Dissemination Section, linked to the Social Communication Department of Federal University of Uberlândia (Dirco/UFU). The podcast, released in February 2020, is a public communication project that proposes to talk about everyday life and science as a single subject. As its name suggests, the podcast aims to bring the external community closer to topics related to scientific knowledge. This paper is anchored in authors who are reference in public communication and scientific dissemination, such as Margarida Kunsch (2013), Jorge Duarte (2011), Graça Caldas (2004), Luisa Massarani (1998) and Wilson Costa Bueno (1985, 2014). Through this report, the potential of producing science podcasts for the materialization of the dissemination of knowledge is perceived, because it shares the scientific dissemination made in “Ciência ao Pé do Ouvido”. In addition, audio media enable the democratization of knowledge that guides public policies, for the construction of a well-informed society, aware of the vital importance of investment and valorization of Brazilian science.

Keywords: Science Dissemination. Podcast. Ciência ao Pé do Ouvido. Public Communication of Science.

¹⁵⁴Biólogo pela Universidade Federal de Uberlândia (2013) e pela Universidade de Coimbra (2015), cursou Jornalismo na mesma instituição (2015-2020) e é pós-graduando na Universidade de Uberaba. Atualmente tem interesse pelas áreas da educação, divulgação científica e jornalismo científico. E-mail: jornalismothiagocrepaldi@gmail.com.

¹⁵⁵Jornalista da Divisão de Divulgação Científica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e integrante da Rede Mineira de Comunicação Científica; graduada em Letras (2006) e em Comunicação Social: Jornalismo (2012), mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação (2015) e doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFU. E-mail: dielen@ufu.br.

¹⁵⁶ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), estagiário de Divulgação Científica da UFU. E-mail: jhonatandias.jor@gmail.com.

1. A comunicação e a divulgação científica na UFU

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), autorizada a funcionar em 1969 e federalizada em 1978, tem atualmente sete campi – quatro em Uberlândia (MG), um em Ituiutaba (MG), um em Monte Carmelo (MG) e um em Patos de Minas (MG). Sua comunidade acadêmica é formada por 3.001 servidores técnicos administrativos, 2.083 servidores docentes, 1.363 profissionais terceirizados, 24.201 estudantes de graduação, 4.099 estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, 1.669 estudantes de especialização, 363 residentes (médica e multiprofissional), 882 estudantes de educação básica e 349 estudantes de educação profissional (ANUÁRIO, 2019).

A Diretoria de Comunicação Social (Dirco) da UFU é o setor responsável pela assessoria de imprensa da universidade e pela produção de conteúdos noticiosos institucionais, publicados nos canais de comunicação oficiais. O portal UFU (www.ufu.br) é o site institucional, que integra as páginas de todos os seus setores e apresenta os conteúdos factuais publicados cotidianamente pela Dirco nos portais www.comunica.ufu.br e www.eventos.ufu.br. As páginas e os perfis oficiais nas mídias sociais – *Facebook* (facebook.com/ComunicacaoUfu), *Twitter* (@UFU_Oficial), *Instagram* (instagram.com/ufu_oficial) e *Youtube* (youtube.com/c/CanaldaUFU) – também são administrados pela Dirco. De acordo com a Política Editorial do setor:

As pautas para divulgação podem ser sugeridas por toda a comunidade universitária, porém, cabe à equipe da Dirco avaliar cada pauta sugerida para que se proceda ou não sua produção e divulgação e qual é o local mais adequado para a possível publicação, de acordo com o tema, a abordagem e o público-alvo. Para que seja divulgado, o assunto deve ter relação direta com algum setor ou integrante da comunidade acadêmica: estudante, gestor ou servidor da UFU, no exercício de sua função discente, administrativa, docente ou técnica. Todas as sugestões de pauta devem ser enviadas via formulário eletrônico (DIRETORIA..., 2021).

As pautas de jornalismo científico (JC) sempre apareceram nos meios de comunicação institucionais da UFU, porém, não havia uma editoria e equipe específica para essa especialidade jornalística, o que por vezes dificultava o trabalho dos profissionais e estagiários que precisavam dar conta também das pautas factuais de uma universidade multicampi. Também houve, historicamente, iniciativas diversas de divulgação científica (DC) promovidas por técnicos, professores e estudantes da UFU, como projetos de extensão, produtos de comunicação e outras ações desenvolvidas nas diferentes unidades acadêmicas.

Em agosto de 2016, a Dirco/UFU integrou-se à Rede Mineira de Comunicação Científica (RMCC), que reúne as estruturas de comunicação pública da ciência e de divulgação

científica das instituições públicas e privadas de ciência, tecnologia e inovação de Minas Gerais. A partir dessa integração, que possibilitou trocas de conhecimentos e experiências entre os integrantes da rede, a Dirco/UFU estruturou o projeto de criação de uma Divisão de Divulgação Científica e o apresentou à Gestão Superior da universidade. O projeto foi aprovado e a divisão começou a funcionar em 26 de junho de 2018, para atuar como setor estratégico na divulgação da ciência por meio do jornalismo científico, eventos e outras ações que propiciem o diálogo entre comunidade acadêmica e a sociedade. O setor consta na atual estrutura organizacional, consolidada pela Resolução 01/2012 do Conselho Universitário¹⁵⁷, atualizada e divulgada conforme a Portaria REITO 693/2020¹⁵⁸ e seu respectivo Anexo¹⁵⁹.

O setor conta com dois servidores técnicos. A princípio, eram uma jornalista e uma da área administrativa. Em 2020, a servidora administrativa deixou o setor para atuar em sua área de formação em outra instituição e um segundo jornalista passou a integrar a divisão, que permanece, então, com dois servidores. Todos já eram servidores da Dirco e somente foram remanejados de suas funções, ou seja, nunca houve contratação de novos profissionais para atuação na Divisão de Divulgação Científica. Também integram a equipe três estagiários de Jornalismo e um de Design. A princípio, quando o setor foi criado, foram apenas duas vagas de estagiários, mas conseguiu-se ampliar o número em 2020.

Autores que são referência em comunicação pública e divulgação científica, como Margarida Kunsch (2013), Jorge Duarte (2011) e Graça Caldas (2004), afirmam que o verdadeiro sentido da comunicação pública deve ser o interesse público e, para isso, são necessárias pesquisas, planejamento e políticas. Caldas (2004, p. 46) diz que "é preciso recuperar a utopia da comunicação pública em realidade para uma ação transformadora e coletiva", o que seria uma tarefa de cooperação entre formadores de opinião: educadores, cientistas e jornalistas. Sobre a comunicação pública da ciência, Caldas (2004, p. 26) indica a

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5S3GZn8ctcQMzmsFU21WXkYQr3MsMKcXzoMqPxCQDxSTqZ9N5SjSFKbE5x-PSnePgI0GDW5bVzt8orvHHmiF2Hy>. Acesso em: 14 jan. 2021.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5Q71KvhDR0K7luYHTKeZS1eYeMkn29pIcR5F3LT3yUUF178U62HHYtMooJY1ZROF_UigiK2M1RDbRMyxYRh9mv>. Acesso em: 14 jan. 2021.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?9LibXMqGnN7gSpLFOOgUQFziRouBJ5VnVL5b7-UrE5SpkfZ9kLFmv2xoEjoNdkuY9EIdgU6Bz8xul8D4esXRgBQ0PEeFQGP9ydVeoLszSRg5pK0kggCa0ncuS0LZx01O>. Acesso em: 14 jan. 2021.

necessidade de “garantir a polifonia das vozes” e defender uma construção coletiva do conhecimento no processo de divulgação científica.

Desse modo, a criação da Divisão de Divulgação Científica demonstra o interesse da instituição em prestar contas à sociedade sobre o que se tem feito com o dinheiro público, além de democratizar os saberes e tornar mais acessível o conhecimento. A atuação da divisão tem sido baseada em duas frentes de trabalho. A primeira é na função de agência de notícias de ciência que produz conteúdos para alimentar os veículos de comunicação institucionais, e a segunda na promoção de ações de DC, como eventos e atividades de formação.

Uma dessas experiências da Divisão de Divulgação Científica da UFU é apresentada neste artigo: a produção do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido”. Além das referências em DC já mencionadas, ancora-se em autores como Luisa Massarani (1998) e Wilson Costa Bueno (2014). Além disso, busca-se aproximar de pesquisadores que se debruçam sobre a mídia *podcast*, por exemplo, Marcelo Kischinhevsky (2017), Lênio Mendes (2019) e Luana Viana (2020). Esse último conjunto de autores é otimista quanto à inserção de pautas científicas em *podcasts*, que se caracterizam por assumir uma linguagem acessível, bem como pela facilidade que os ouvintes têm de acessar os arquivos pelo computador pessoal e *smartphones* onde e quando quiserem.

Nesse cenário, este trabalho se justifica por se juntar ao esforço científico para a compreensão das potencialidades da produção de *podcasts* de ciência para a materialização da difusão dos conhecimentos, na medida em que se propõe a compartilhar a DC feita no “Ciência ao Pé do Ouvido”. Para tanto, esta exposição é de natureza qualitativa, pois, como afirma Gil (1999), busca-se compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de um fenômeno; e é de caráter descritivo, visto que se “pretende descrever com exatidão os fatos” dessa realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 110).

2. Na onda do *podcast*: “Ciência ao Pé do Ouvido”

Em fevereiro de 2020, com o apoio da Fundação Rádio e Televisão Educativa de Uberlândia (RTU), a Divisão de Divulgação Científica da UFU lançou o *podcast*¹⁶⁰ “Ciência ao Pé do Ouvido”¹⁶¹. A proposta, com programas mensais e temáticos, tem por objetivo

¹⁶⁰ O termo *podcast* faz referência aos conteúdos em áudio disponibilizados pela internet por meio de feed RSS – um sistema que permite acompanhar ou fazer o *download* dos programas automaticamente conforme eles são lançados. Eles podem ser ouvidos em computadores pessoais e *smartphones* quando e onde o ouvinte quiser.

¹⁶¹ O planejamento para a criação do *podcast* aconteceu em 2019 e o programa foi lançado no dia 11 de fevereiro de 2020.

aproximar a comunidade não científica dos temas relacionados aos conhecimentos e acontecimentos científicos. Para isso, utiliza-se uma linguagem acessível para não especialistas, na perspectiva da Comunicação Pública da Ciência¹⁶², bem como do JC e da DC. O Jornalismo Científico é uma especialidade do Jornalismo e um dos promotores da divulgação das ciências, o qual, segundo Bueno (1985), submete os conhecimentos científicos às rotinas produtivas das organizações noticiosas para a veiculação destas informações científicas ao público não especializado. Bueno (2007) esclarece que o JC está dentro da DC, mas que, apesar disso, são distintos um do outro:

O Jornalismo Científico é um caso particular de Divulgação Científica: é uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística. Mas nem toda a divulgação científica se confunde com Jornalismo Científico. Os fascículos são um exemplo, as palestras para popularizar a ciência são outro e os livros didáticos mais um ainda (BUENO, 2007, s/p).

No caso do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido” não é diferente. Os temas que orientam os programas são definidos na primeira reunião de pauta de cada mês, da qual participam todos os membros da Divisão de Divulgação Científica da UFU. Depois de estabelecer qual será o assunto do próximo programa, a equipe discute as propostas de angulações e recortes, bem como indicações de fontes internas (pesquisadores vinculados à UFU) e externas (especialistas de fora da UFU) para participarem do episódio. A proposta do *podcast* é conversar com, ao menos, dois/duas cientistas que tenham propriedade para versar a respeito da temática. Uma jornalista, da Divisão, faz a mediação do bate-papo informal, que ao mesmo tempo deve ser informativo, esclarecedor e descontraído. Além das entrevistas, o *podcast* tem dois quadros fixos: “Diz Aí” e “Anexos”.

O primeiro é uma espécie de “povo fala”¹⁶³, nome comumente conhecido pelos profissionais da Comunicação, no qual pessoas externas à Universidade – público-alvo do programa – fazem perguntas ou opinam sobre o assunto da vez; um(a) especialista responde e comenta cada contribuição recebida, no formato de pingue-pongue, possível pelo trabalho de edição. Para a produção do “Diz aí”, a equipe se empenha em produzir de forma conjunta, pois é por meio dele que se torna possível aproximar a comunidade externa dos(as) cientistas. Além disso, com a participação das pessoas é potencializada a popularização do *podcast*, bem como

¹⁶² Em linhas gerais, o princípio norteador da Comunicação Pública é a busca da transparência e a construção da cidadania. E é neste sentido que Santos, Almeida e Crepaldi (2020) destacam que a Comunicação Pública da Ciência acontece, atendendo ao interesse público por meio dos conhecimentos científicos.

¹⁶³ Povo fala ou fala povo é o conjunto de entrevistas gravado com pessoas escolhidas aleatoriamente, em geral na rua, para ouvir qual a percepção delas em relação a determinado assunto. No caso do *podcast* aqui apresentado, a proposta do povo fala é ouvir as dúvidas e as opiniões de não especialistas.

a redução da distância que existe entre a produção científica e o dia a dia da população. Acredita-se que a curiosidade que as pessoas têm de se ouvirem ao longo do programa pode contribuir para que o conteúdo seja compartilhado com outras pessoas. E, dessa forma, pretende-se alcançar cada vez mais pessoas, estabelecendo uma relação dialógica com a comunidade externa à Universidade.

O segundo quadro fixo, “Anexos”, é um espaço dedicado a dicas que, em alguma medida, estejam relacionadas à discussão de cada episódio. Dentre as sugestões estão: músicas, livros, filmes, canais de cientistas, de divulgadores(as) de ciências, entre outros. Um membro da Divisão de Divulgação Científica fica responsável por produzir e gravar esse quadro. Dessa forma se deu o processo de construção dos programas da primeira temporada¹⁶⁴, os quais são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Episódios da primeira temporada do “Ciência ao Pé do Ouvido”

Episódios	Síntese
#00 Coronavírus	O episódio piloto do <i>podcast</i> tratou sobre o surgimento do novo coronavírus. Participaram do bate-papo os pesquisadores Paulo Vitor Marques Simas (Unicamp), Igor Andrade Santos (UFU) e a ex-presidenta da Comissão Téc. Nacional de Biossegurança, Leila dos Santos Macedo (Fiocruz).
#01 Mulheres na Ciência	Programa abordou a participação das mulheres na ciência. As convidadas foram: Geisa Zuffi, doutoranda em Engenharia Mecânica pela UFU; Jaqueline Goes de Jesus e Ingra Morales Claro, ambas pesquisadoras do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (IMT/USP) e integrantes da equipe brasileira que sequenciou o genoma do coronavírus em tempo recorde.
#02 Ciência brasileira contra o Coronavírus	O episódio tratou sobre a necessidade de um forte incentivo à ciência para colocar fim na pandemia. Os entrevistados foram: repórter de ciência da Folha de São Paulo, Reinaldo Lopes; o psicólogo clínico na UFU, Pablo Martins; e o especialista no SUS, Nilton Pereira. Participaram também Aline da Rocha Matos, pesquisadora do Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo da Fiocruz, e pessoas que enviaram dúvidas para serem respondidas pelos especialistas.
#03 Como superamos crises?	Nesse programa os entrevistados Samuel do Carmo Lima, geógrafo e pós-doutor em Ciências da Saúde e Luciano Senna Peres Barbosa, cientista social e doutor em Antropologia, ambos da UFU, conversaram sobre a superação de crises passadas, as lições aprendidas e possíveis perspectivas do futuro pós-pandemia.
#04 Comemos bem?	Os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais em torno do que comemos nortearam esse episódio. Convidados: Erika Tassi, doutora em Alimentos e Nutrição; Mônica Abdala, doutora em Sociologia; Marcus Vinicius Sampaio, doutor em Agronomia (UFU); Cristiane Betanho, doutora em Eng. de Produção

¹⁶⁴ Todos os episódios do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido” podem ser encontrados nas Referências, em Ingrid (2020).

	(UFU); José Rubens, agricultor familiar; e a nutricionista Bárbara Virginia Caixeta Crepaldi, doutoranda em Ciências da Saúde (UFU).
#05 Inteligência Artificial	Em pauta os limites e possibilidades da Inteligência Artificial. Participaram do bate-papo: José Luiz de Moura Faleiros Júnior, especialista em Direito Digital e Compliance; Alessandra Aparecida Paulino, doutora em Ciência da Computação pela Universidade de Michigan (EUA); Demi Getschko, diretor-presidente do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR.
#06 Arte para viver	Episódio discutiu os entrelaçamentos possíveis da arte com a vida e a ciência. A jornalista Josielle Ingrid, da Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia (Dirco/UFU), conversou com artistas e pesquisadores da universidade sobre essa temática.
#07 Que História comemoramos?	Para discutir, que História comemoramos, a jornalista Josielle Ingrid, da Dirco/UFU, bateu um papo com o historiador e professor da UFU, Giliard Prado; e com a professora da Escola de Educação Básica (Eseba/UFU), Roberta Paula Gomes Silva.
#08 Economia: que tenho a ver?	Sem medo dos termos técnicos e noticiários econômicos que mais confundem do que esclarecem, essa edição do <i>podcast</i> as jornalistas Josielle Ingrid e Diélen Borges, ambas da Dirco/UFU, juntamente com Fábio Terra, pós-doutor em Economia e professor da Universidade Federal do ABC e da UFU, Alanna Oliveira, doutora em Economia e pesquisadora no Centro de Pesquisas Econômico-Sociais da UFU, discutem como a Economia se relaciona com a vida.
#09 Por que os homens vivem menos?	A saúde dos homens foi tema desse episódio. Os convidados responderam sobre câncer de próstata, saúde mental, saúde sexual, masculinidades e muito mais. Convidados: o médico urologista Theo de Sousa do Hospital de Clínicas (HC/UFU), o pesquisador Lucas Guzzo (Letras/UFU) e o enfermeiro Marcelo Firmino (HC/UFU).
#10 Então, é Natal: e o que a ciência fez?	No episódio de encerramento da temporada de estreia do <i>podcast</i> trouxe reflexões sobre os feitos e desafios da ciência brasileira e da divulgação científica feita no país. A convidada para essa conversa foi a jornalista Natália Flores, pós-doutoranda em Comunicação da Ciência e editora da Agência Bori.

Fonte: Elaborada pelos autores, com base nas descrições dos episódios.

Percebe-se que o *podcast* pauta temas de áreas diversificadas do conhecimento. Isso corrobora a definição e a crítica do jornalista Wilson Costa Bueno (1985, 2014) no que diz respeito ao conceito de JC, o qual deve considerar as ciências na sua pluralidade, incorporando todas as áreas e subáreas do conhecimento¹⁶⁵. Segundo Bueno (1985, p. 1423), “os limites do jornalismo científico estão na especificidade do processo de comunicação jornalística”.

¹⁶⁵ Segundo Crepaldi e Santos (2020), a equipe da Divisão de Divulgação Científica da UFU busca levar em consideração no seu processo produtivo de Jornalismo Científico e de Divulgação Científica todas as áreas e subáreas do conhecimento, como as Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes. Isso se revela nos assuntos apresentados nos episódios da primeira temporada do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido”.

Os programas têm duração média de uma hora e são disponibilizados nos principais agregadores de *podcast*, entre eles o *Anchor*, *Google Podcasts* e *Spotify*. Fazem parte da equipe de produção: jornalistas da Dirco/UFU, estagiários e voluntários do projeto. Essa equipe conta com os estúdios da Rádio Universitária, da RTU, para as gravações. Mas, no contexto da pandemia, para a segurança da equipe e dos(as) entrevistados(as), a partir do terceiro episódio a produção passou a ser realizada de forma remota, respeitando o distanciamento social importante para a redução da propagação da Covid-19.

3. Resultados e discussão

Ressalta-se que a plataforma *Anchor* possibilita a distribuição do *podcast* nas plataformas digitais. Trata-se de uma ferramenta simples, intuitiva e facilitadora do processo de captação, edição e divulgação dos programas. Dessa forma, ela é vista como uma solução prática para os cientistas e/ou comunicadores que ensinam começar um programa para divulgar a ciência.

Até janeiro de 2021, o Ciência ao Pé do Ouvido registrou 5238 reproduções de ouvintes no relatório de dados disponibilizado pelo *Anchor*. Os episódios mais escutados da primeira temporada foram: #08 Economia: o que tenho a ver? (2303 *plays*), #07 Que história comemoramos? (1242 *plays*) e #06 Arte para viver (145 *plays*). Os episódios mais famosos coincidiram com a anexação do *podcast* à página inicial do portal Comunica UFU, onde as notícias e reportagens da Universidade são postadas, o que passou a gerar bastante engajamento e cliques, a partir de setembro de 2020. Por esse motivo, as reproduções do episódio #06 e #07 foram maiores que os episódios restantes. Esse fato corrobora a importância do apoio institucional às ações de Divulgação Científica para que as produções tenham mais visibilidade.

A forma como as pessoas ouvem *podcast* também é um ponto que deve ter atenção. 86% dos *plays* foram feitos em dispositivos móveis e 14% pela internet em computadores ou notebooks. Esse dado é interessante, pois ele reforça a lógica de consumo do *podcast* como algo móvel, podendo ser escutado enquanto o ouvinte aguarda no trânsito, realiza tarefas domésticas e outras atividades facilitadas pelo celular. Assim, recomenda-se que a produção de *podcast* leve em consideração as potencialidades dos dispositivos móveis.

Em relação ao gênero dos ouvintes, 50% são mulheres, 46% homens, 3% sem identificação e 1% não-binário, segundo dados do *Anchor*. A faixa etária prevalente é a de 18 a 22 anos com 34% dos ouvintes, seguida por pessoas de 23 a 27 anos (26%), 28 a 34 anos (16%), 35 a 44 anos (12%) e 45 a 59 anos (8%). As pessoas com mais de 60 anos de idade correspondem

a 2% dos ouvintes. Ainda apresentando dados sobre a faixa etária, o público infantil e adolescente foi o menos representativo, menos de 1% dos ouvintes. No que diz respeito à distribuição geográfica, a maioria da audiência está no estado de Minas Gerais (60%), seguido de São Paulo (15%) e Pernambuco (8%).

Posto isso, percebe-se que o *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido” soma forças a diversas ações promovidas pela Dirco/UFU e corrobora o compromisso da Universidade em valorizar e democratizar o acesso da sociedade aos conhecimentos científicos. Isso se intensifica na medida em que os conteúdos apresentados adentram nos bastidores da produção científica, pois contribui para a redução do distanciamento que ainda há entre cientistas e não cientistas.

4. Considerações finais

Diante do exposto, reforçam-se as percepções apresentadas por Elyson Gums et. al. (2019) quanto ao modo como a mídia *podcast* tem se tornado uma ferramenta interessante na ampliação dos públicos da Divulgação Científica. Além disso, permite o resgate da credibilidade da e na ciência, principalmente em um cenário marcado por movimentos anticientíficos, que disseminam informações falsas e colocam em descrédito a seriedade da produção científica.

Nesta direção, a comunicação pública da ciência realizada pela Divisão de Divulgação Científica da UFU por meio do *podcast* “Ciência ao Pé do Ouvido”, enquanto uma prática de mediação, assume papel de aproximar especialistas e não especialistas, sociedade e instituições de pesquisa. Assim, no cenário nacional, colabora-se para a democratização dos conhecimentos que são orientadores das políticas públicas, para a construção de uma sociedade mais bem informada, ciente da vital importância do investimento e valorização da ciência brasileira. Diante disso, esses produtos se mostram potentes ferramentas para a DC e comunicação pública da ciência. Mas a mensuração desse grande potencial ainda é incipiente no Brasil, sendo interessante para trabalhos futuros.

Referências

ANUÁRIO UFU 2019. *Versão analítica*. Uberlândia: Gráfica da UFU, 2019. 150 p. Disponível em: <<http://www.proplad.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/2020/09/anuario-2019>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BUENO, Wilson da Costa. A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. *Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 7, p. 1-15, 2014. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/viewFile/36340/22901>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

_____. Jornalismo científico. (Editorial). *Portal do Jornalismo Científico*. 2007. Disponível em: <<http://twixar.me/1xsn>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

_____. Jornalismo científico: conceito e funções. *Rev. Ciência e cultura*. São Paulo, SBPC, v.37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

CALDAS, Graça. Comunicação pública e ciência cidadã. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). *Comunicação pública*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004. p. 29-47.

CREPALDI, Thiago Augusto A. T. S.; SANTOS, Adriana Cristina Omena. Jornalismo científico: um estudo das interações pelo viés etnográfico. *Journal of Science Communication - América Latina*, v. 3, p. 1-18, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.22323/3.03010201>>. Disponível em: <https://jcomal.sissa.it/es/03/01/JCOMAL_0301_2020_A01>. Acesso em: 7 jan. 2021.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Institucional*. Disponível em <<http://www.comunica.ufu.br/conheca-a-dirco>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

DUARTE, Jorge. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). *Comunicação pública, sociedade e cidadania*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 121-134.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUMS, Elyson Richard; IOSCOTE, Fabia; SPENASSATO, Gabriel; JOHN, Valquíria. Pesquisa exploratória de podcasts brasileiros voltados à Divulgação Científica. IN: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2019, Porto Alegre. *Anais*. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1708-1.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

INGRID, Josielle. (2020). *Ciência ao pé do ouvido*. [Áudio podcast]. Disponível em: <<https://anchor.fm/cienciaaopedouvido>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, *Anais*, Universidade de São Paulo, p. 1-15, nov. 2017. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/598/399>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. In: MATOS, Heloiza (Org.). *Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas*. São Paulo: ECA/USP, 2013. p. 3-13.

MASSARANI, Luisa. *A Divulgação Científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação (Mestrado). IBICT e Escola de Comunicação, Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<https://cutt.ly/jjjPgIL>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MENDES, Lênio Bronzeado. *Contribuições da linguagem radiofônica em podcast de divulgação científica: o caso do programa Oxigênio*. 2019. 149 p. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335591>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SANTOS, Adriana Cristina Omena; ALMEIDA, Diélen R. B.; CREPALDI, Thiago A. A. T. S.. Comunicação pública e divulgação científica em tempos de Covid-19: ações desenvolvidas na Universidade Federal de Uberlândia - Brasil. *Revista Española de Comunicación en Salud*, v. 1, p. 279-292, 2020. DOI: <<https://doi.org/10.20318/recs.2020.5436>>. Disponível em: <<https://e-revistas.uc3m.es/index.php/RECS/article/view/5436>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto, N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 3, p. 1-16. dez/2020-mar/2021. DOI: <<https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.43248>>. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/43248/0>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

COLAGENS, PALAVRAS E SILÊNCIO: REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM @RELIQUIA.RUM

Bianca Martins Peter¹⁶⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O tema deste trabalho é a página de Instagram @reliquia.rum, um projeto realizado pela antropóloga Debora Diniz e pelo artista plástico Ramon Navarro, com a intenção de homenagear mulheres que morreram de COVID-19. O projeto consistiu na publicação diária de uma colagem e de um texto-legenda homenageando uma mulher vitimada pela pandemia, o que se realizou entre 23 de março (morte da primeira mulher vítima no Rio de Janeiro) e 2 de novembro (Dia de Finados). As colagens de Navarro foram confeccionadas a partir da imagem de uma mulher com trajes antigos, em montagens surrealistas, ao passo que os textos de Diniz convocam a humanização das estatísticas. Entretanto, as postagens mantêm o anonimato das vítimas, o que gerou questionamentos dos usuários. A partir dessas questões, este trabalho teve como objetivo refletir sobre a representação da mulher em @reliquia.rum e sobre o silenciamento que atravessou essas postagens, por meio do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso e do trabalho de Eni Orlandi (2007a) sobre o silêncio. Foram analisados os textos de Debora Diniz e algumas interações realizadas nos comentários, de maneira a observar a política do silêncio (ORLANDI, 2007a) tornada explícita pelas publicações. Como resultado, foi possível interpretar um empenho de @reliquia.rum em relacionar a morte na pandemia e a condição feminina de subalternidade, e o faz por meio do silenciamento, da ocultação dos nomes e das imagens “reais”. Como efeito dessa abordagem, os comentários das postagens expressaram questionamentos e reflexões, próprios do sentido deslizante (ORLANDI, 2007a) do silêncio.

Palavras-chave: Debora Diniz. Análise de Discurso. Silêncio. Feminismo.

Abstract:

The theme of this work is the Instagram page @reliquia.rum, a project carried out by anthropologist Debora Diniz and artist Ramon Navarro, with the intention of honoring women who died of COVID-19. The project consisted of the daily publication of a collage and a caption text honoring a woman victimized by the pandemic, which took place between March 23 (death of the first victim in Rio de Janeiro) and November 2 (Day of the Dead). Navarro's collages were made from the image of a woman in ancient costumes, in surrealistic montages, while Diniz's texts call for the humanization of statistics. However, the postings maintain the victims' anonymity, which generated questions from users. Based on these questions, this work aimed to reflect on the representation of women in @reliquia.rum and on the silencing that went through these posts, through the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis and the work of Eni Orlandi (2007) about silence. Debora Diniz's texts and some interactions carried out in the comments were analyzed, in order to observe the politics of silence (ORLANDI, 2007) made explicit by the publications. As a result, it was possible to interpret @reliquia.rum's commitment to relate death in the pandemic and the female condition of subordination, and it does so by silencing, hiding names and “real” images. As an effect of this approach, the comments of the posts expressed questions and reflections, typical of the sliding sense (ORLANDI, 2007) of silence.

Keywords: Debora Diniz. Discourse Analysis. Silence. Feminism.

¹⁶⁶Licenciada em Letras (Português e Inglês) pela Universidade de Taubaté e em Pedagogia pela mesma instituição. Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp). Colabora com o site sobre cultura NotaTerapia. E-mail: biancamapeter@gmail.com.

Introdução

O trabalho que aqui se apresenta pretende discutir as representações da mulher na página do Instagram @reliquia.rum, idealizada pela antropóloga e ativista dos Direitos Humanos Debora Diniz. Trata-se de uma iniciativa que surgiu logo no início da pandemia no Brasil, e que se dispôs a, diariamente, homenagear mulheres que morreram em decorrência da COVID-19 no país, e que foi desenvolvida até 2 de novembro 2020, Dia de Finados.

De forma regular, as imagens de Navarro são composições feitas a partir de fotografias, gravuras ou pinturas de mulheres, majoritariamente trajadas à moda europeia dos séculos passados – salvos os casos de mulheres indígenas ou negras, que contavam com trajes e adornos étnicos. Como colagens, essas imagens são complementadas com elementos surrealistas, em animais e objetos que se transformam em símbolos, e proporcionam uma representação outra à mulher homenageada – seja idosa, adulta, adolescente ou criança. Como legenda das imagens, um texto de Debora Diniz descreve as condições da mulher retratada, apontando dados biográficos e preservando o anonimato das vítimas. Esse gesto proporcionou discussões nos comentários sobre o porquê de se manter o anonimato e ocultar a imagem real das vítimas. Por isso, a interpretação aqui é guiada por essas questões: Por que mulheres? Por que colagens? Por que o silenciamento – interrogado pelos textos e, ao mesmo tempo, preservado por eles?

Para realizar o empreendimento de pensar essas representações, baseio-me no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (doravante AD) de filiação francesa, mais especificamente nos estudos de Eni Orlandi (2001, 2007a, 2007b) sobre o discurso, na esteira da teoria pecheutiana.

A partir dessas bases, o empreendimento dessa pesquisa é descrever de que maneira as postagens de @reliquia.rum produzem sentidos, e não apontar os seus conteúdos. Isso é ainda mais relevante de se pontuar à medida que os textos de Debora Diniz e as colagens de Ramon Navarro possuem como regularidade a questão do silêncio (ou, ainda, silenciamento): a mulher tornada anônima, destituída de história, pelas estatísticas da pandemia, pela enumeração de comorbidades nas notícias e obituários.

Levando em consideração, pois, a postulação de Orlandi (2007a, p. 15) de que [...] não estamos nas palavras para falar delas, ou de seus ‘conteúdos’, mas para falar com elas”, esse trabalho tem como objetivos: 1) geral: tecer reflexões sobre as representações do sujeito mulher no projeto @reliquia.rum; 2) específico: apontar os efeitos de sentido do silêncio que é interpelado pelas postagens. Assim, serão descritos os sentidos gerais que a página evoca,

seguido da delimitação do dispositivo de interpretação, e da análise mais direta de algumas postagens e comentários.

1. A proposta de @reliquia.rum

Como mencionado, @reliquia.rum é uma página do Instagram, uma rede social de compartilhamento de imagens, e é gerida pela antropóloga, pesquisadora de bioética, professora universitária, documentarista e ativista dos direitos humanos Debora Diniz, que estampa a imagem de perfil e o nome da página.

O nome de usuário @reliquia.rum é o coletivo, em latim, da palavra relíquia (*reliquiarum*). Relíquias são, tradicionalmente, restos (*reliquiae* em latim) de corpos santificados e que se tornam objetos de veneração. Na biografia da página, lê-se: “Relicários são memórias, aquilo que guardamos. Aqui são relicários de uma epidemia no Brasil”. Na liturgia católica, os relicários são os objetos que guardam as relíquias, e portanto são sagrados. Apesar dessa tradição sacra, o sentido de relicário se atribui já a colares relicários, objetos pessoais que guardam imagens de pessoas queridas.

As colagens de @reliquia.rum fazem remissão a um tempo passado em muitos de seus detalhes: as mulheres, quando não estão trajadas com vestes de ofícios específicos – freiras, enfermeiras –, ou com adereços étnicos, usam vestidos longos, na moda dos séculos XIX e XX, usam acessórios e penteados que não fazem mais parte do cotidiano da maioria das mulheres. Além disso, é possível perceber que algumas imagens estão em preto e branco e foram colorizadas digitalmente, dentre outros gestos da colagem. O próprio colar relicário se popularizou no Reino Unido durante a era vitoriana. De uma maneira geral, o “álbum de memórias” que se forma a partir da ordenação dessas várias colagens num perfil de Instagram, localiza as mulheres das colagens num século anterior, ao mesmo tempo em que ilustra as mulheres que, no século XXI, foram mortas devido à pandemia da COVID-19.

Na segunda publicação do perfil (a primeira já é uma homenagem, aos moldes da maioria das postagens), feita no dia 23 de março, Diniz apresenta a proposta da página. No texto-legenda é dito:

O luto é uma experiência íntima, mas também pública. Por isso, o luto é sempre político.

Seremos muitos a morrer nesta epidemia. Ramon e eu queremos que cada pessoa morta seja mais do que um número. Queremos que a tragédia da perda seja parte de nossa memória coletiva.

Ouviremos histórias e delas seguiremos o fio das palavras e imagens para a memória. Tentaremos publicar uma história por dia. Não será um obituário,

pois não conhecemos as pessoas. Seguiremos os anônimos mortos pela epidemia.

Queremos deixar rastros de lembranças pelo que a morte deixou nas notícias. Falaremos de gente comum. Os famosos terão seus obituários estampados nos jornais.

Começaremos hoje com a primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro. (RELIQUIA.RUM, n. p., 2020).

A mencionada primeira mulher que morreu no Rio de Janeiro (devido à COVID-19) dá corpo à primeira publicação de @reliquia.rum, datada também de 23 de março de 2020, em homenagem à primeira mulher morta pelo coronavírus no Rio de Janeiro. À época, o nome da mulher não tinha sido revelado pelos meios de comunicação, apenas as informações que concerniam à doença: era uma empregada doméstica de 63 anos, que contraiu o vírus de sua patroa, residente do Alto Leblon – esta havia acabado de voltar da Itália, o país que registrava o maior número de mortos pela COVID-19. Veio a óbito no dia 17 de março. A vítima apresentava comorbidades como diabetes, hipertensão e obesidade, e não teve sua identidade revelada para evitar retaliações (MELO, 2020). A publicação de @reliquia.rum foi esta:

Figura 1 – Publicação de 23 de março de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-GACxAB0EY/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

Como visto na postagem acima, e que é uma constante nas demais, as colagens e os textos de Navarro e Diniz tornam explícitos os abismos sociais que atravessam as mortes dessas mulheres. O acontecimento da morte da empregada doméstica em 17 de março, mais tarde identificada como Cleonice Gonçalves, não se deu em circunstâncias específicas e isoladas, mas em condições próprias de um país em que o serviço doméstico é realizado de forma irregular e por mulheres mais pobres, em sua maioria negras. A pandemia de COVID-19 vem

escancarando as determinantes sociais, econômicas, raciais e de gênero da contaminação do vírus Sars-CoV-2.

Dessa forma, a proposta de Diniz de conceber o luto como uma experiência “íntima” e “pública”, e por isso política, intenta aproximar os sentidos do individual e do coletivo; uma vez que a morte da “primeira mulher” do Rio de Janeiro é simbólica num país com memória colonial como o Brasil. A afirmativa de que “A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome”, quando se fala de uma mulher, negra, e empregada doméstica, recorre a um tempo em que ter um “nome” estava reservado ao corpo branco não-escravizado. Devido a isso, o silenciamento do nome de Cleonice Gonçalves, mesmo que ocorrido para evitar retaliações aos familiares, no texto de Diniz aponta para um silenciamento localizado e histórico. Nas últimas colocações, Diniz opõe aquilo que é individual (“Deixou filhos”) e o que é coletivo (“Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país”), sentidos que atravessam a condição da mulher negra e, ainda, a condição do sujeito diante de um vírus altamente transmissível.

2. Descrição do dispositivo analítico-interpretativo

Tendo como orientação a análise de discurso de filiação francesa (pecheutiana), é necessário pontuar que o discurso, objeto de estudo da Análise de Discurso (doravante AD), não é a língua em si, compreendida como um sistema fechado, mas os efeitos de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 2014a [1969]). Uma vez que se leva em conta que a língua não é transparente, os efeitos de sentido de um texto são dispersos e significam de acordo com a formação ideológica dos interlocutores, e não numa relação de literalidade entre a palavra e o seu significado (PÊCHEUX, 2014b [1975]).

Assim, o sujeito pela Análise de Discurso constitui-se nas forças da ideologia e do inconsciente, sendo um sujeito descentrado, e o enunciado, portanto, não possui um significado imanente, uma “mensagem” coerente e unívoca. Para a AD, o texto mantém uma relação constitutiva com exterioridade, e com ela, nas palavras de Orlandi (2001), “[...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2001, p. 15).

2.1 Silêncio e silenciamento

Como a questão do silenciamento (do nome, da história), o qual atravessa o falar sobre mulheres mortas na pandemia, se coloca nos textos de Debora Diniz de forma basilar (“Ramon

e eu queremos que cada pessoa morta seja mais do que um número”), propõe-se a pensar o silêncio discursivamente.

Na obra *As formas do silêncio*, Eni Orlandi (2007a [1992]) trabalha a especificidade do silêncio na constituição dos sentidos, de modo a demonstrar o silêncio como materialidade significativa, propondo um deslocamento da noção de que o não verbal é apenas “margem” na produção de sentidos. Nessa obra, Orlandi (2007a) desenvolve o silêncio como fundante na prática da linguagem, como condição da significação. A partir disso, propõe uma perspectiva discursiva para o trabalho com o silêncio, que atente aos efeitos de sentido, e aos seus movimentos. Desse modo, para não descaracterizá-lo, Orlandi (2007a) pontua o silêncio deve ser observado

[...] *indiretamente*. Mais do que “marcas” (paradigma da demonstração), temos “pistas” (conjecturas). Para analisar o silêncio é assim preciso fazer intervir a teoria enquanto crítica. [...] O método de que necessitamos deve então ser “histórico” (discursivo), e fazer apelo à “interdiscursividade”, trabalhando com os entremeios, os reflexos indiretos, os efeitos” (p. 55-56).

Orlandi (2007a) ainda delimita as diferentes formas de silêncio: 1) o silêncio fundante, que é a “possibilidade, para o sujeito, de trabalhar sua contradição constitutiva”, que significa o “não-dito” e que permite “recuos significantes” (p. 24); e 2) o silêncio de dimensão política, que se corresponde ao fato de que “[...] ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. [...] um recorte entre o que se diz e o que não se diz [...]” (ORLANDI, 2007a [1992], p. 73).

O silenciamento desses sentidos “possíveis, mas indesejáveis”, subdivide a autora, pode ser a) constitutivo; ou b) local. O silêncio constitutivo diz respeito ao fato de que, para “[...] dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras) [...]” (ORLANDI, 2007a, p. 24). Essa necessidade se assenta na condição de incompletude da língua, que, para significar, deve se inscrever no repetível histórico (interdiscurso), na memória discursiva, por meio de uma filiação discursiva (e ideológica), e que torna um sentido possível (ORLANDI, 2007b). Por seu turno, o silêncio local (ou silenciamento) pode ser entendido como a efetiva interdição do dizer: a censura. Como um acontecimento discursivo, Orlandi (2007a, p. 76) considera que a censura funciona como “[...] interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas”, ou seja, “[...] proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos”.

Essas considerações sobre os silêncios local e constitutivo (política do silêncio) ao mesmo tempo em que alargam a noção de silenciamento, compreendendo-o também como uma condição do dizer (silêncio constitutivo), reforça o efeito da interdição do dizer sobre a

identidade do sujeito, tendo em vista que: “Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proibem-se certas ‘posições do sujeito’”. (ORLANDI, 2007a, p. 76).

A consideração dessa política do silêncio em suas duas dimensões – constitutiva e local – são condutoras deste trabalho de interpretação, que se realiza em cima das “pistas” deixadas pela materialidade significativa não-verbal do silêncio.

3. As mulheres de @reliquia.rum

É possível afirmar que as mulheres – e umas mais do que outras – possuem uma condição específica na nossa sociedade, como sujeitos historicamente cerceados na sua constituição como tais, e que têm uma memória de séculos ligada à esfera da reprodução da vida e do âmbito privado.

Efeitos dessa história também produzem os sentidos do silenciamento feminino, a impossibilidade de a maioria das mulheres a ocuparem certos espaços – físicos e discursivos. Como afirma Orlandi (2007a, p. 76) sobre o silêncio local: “Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proibem-se certas ‘posições do sujeito’”. (2007, p. 76). Ainda que o trabalho de Orlandi (2007a) pense o silêncio local pela via de um regime autoritário, considero possível abranger a ordem do silenciamento para a condição feminina, sobretudo a partir dos sentidos que @reliquia.rum evocou em seus textos e nas respostas a eles nos comentários. Para Orlandi (2007a), na censura, como o sujeito “[...] só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito.” (p. 79).

A questão da identidade do sujeito vem associada à necessidade de um *nome*, sem o qual seu estatuto fica relegado ao de objeto, despossuído de sua subjetividade, de sua diferença. Como observou-se na publicação de 23 de março de 2020, a identidade de Cleonice Gonçalves foi suprimida das divulgações de sua morte. Nos comentários da publicação de Diniz, lê-se a pergunta de uma usuária: “Qual é o nome dela? Queremos saber!”. Ter acesso ao nome tem uma dimensão política, e relativa a um coletivo, a um “nós” (“queremos”). Na maioria das publicações, Diniz reforça a ausência de informações sobre a mulheres mortas, sobretudo às não concernem possíveis causas da doença (idade, comorbidades, etc). Em publicação de 11 de outubro de 2020, coloca: “Pareço que repito a notícia. Ela morreu, outros homens morreram. Sobre ela? Só que não tinha doenças. Nada mais. Há o cansaço da pandemia até mesmo na

economia das notícias” (RELIQUIA.RUM, n. p., 2020). Por outro lado, na publicação de 26 de março de 2020, Diniz homenageou uma mulher conhecida pelo público – e seu gesto de manter o anonimato se manteve:

Figura 2 – Publicação de 26 de março de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-NdAflhvkP/>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

No gesto da autora, a homenageada é apresentada como uma maestrina e reforça: “Um título ainda raro para as mulheres”. Finaliza com as observações: “Seu nome é conhecido. Há lamento público na arte”. Com isso, a proposta da página de falar de “gente comum” se desencontra. Entretanto, há aqui uma preservação do anonimato da maestrina, e a pontuação de que seu nome é “conhecido” (e não anônimo) e de que há um “lamento público” (e não privado) trabalham no sítio dos sentidos em que a página trabalha, do íntimo e do político, atentando à desigualdade de gênero. Apesar do anonimato da postagem, o nome da maestrina foi apontado por algumas usuárias que interagiram com ela, e o perfil de Instagram da homenageada foi também marcado em um deles: “@naomi.munakata.37 descanse em paz”.

A necessidade de um nome se repete em outras postagens, como a de 8 de abril de 2020:

Figura 3 – Publicação de 8 de abril de 2020



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/B-uSp7ml6pW/>>. Acesso em 25 jan. 2021.

Às mulheres ficou legado o trabalho doméstico em várias das suas instâncias: gerenciamento do lar, educação dos filhos, cuidado afetivo e sexual do marido, dentre outras atribuições que também possuem suas especificidades de acordo com classe e raça. Isso atualmente vem sendo chamado por teóricas marxistas femininas de reprodução social, que, em oposição à esfera da produção de bens e serviços (voltadas à mão-de-obra masculina), trata-se de um trabalho não-remunerado e que tem efeitos na precariedade de trabalhos cuja mão-de-obra é majoritariamente feminina (considerados uma extensão do lar): serviço doméstico, enfermagem, magistério, etc.

Na publicação acima, há uma possibilidade de elo (feminino) que se dá a partir da ocupação da enfermagem (“Não se conheciam. Se juntaram no cuidado da pandemia”). Em lugares distintos do Brasil, de diferentes faixas etárias, as duas homenageadas são ligadas pelo trabalho do cuidado em saúde, acometido massivamente pela pandemia, que expôs essas mulheres ainda mais à contaminação do vírus. O gesto da autora manteve o anonimato na publicação, o que gerou questionamento de uma usuária: “Não vai botar os nomes? Pq se está botando idade, profissão, lugar...”. Quando outra usuária pergunta o porquê de colocar os nomes, a primeira respondeu: “para evitar um registro estetizante que apaga a visibilidade dos historicamente invisibilizados nesse país e do quanto a desigualdade atravessa a produção dessas mortes”.

Perceber o gesto de Diniz como um “registro estetizante” denota que o silêncio em torno dos nomes, mesmo que tenha uma intenção, tem um efeito de silenciamento (“apagar a visibilidade dos historicamente invisibilizados”). O silêncio local, a invisibilidade, o apagamento, dentre outros fatos ligados à subalternização dos sujeitos, possuem uma memória que é interpelada pelos autores da página. Ao mesmo tempo em que, por questões éticas, oculta-

se o nome em notícias e obituários, a divulgação das mortes na pandemia é heterogênea – por vezes prioriza pessoas influentes (quem tem direito ao nome?) ou casos específicos.

A condição da linguagem, como considera a análise de discurso, é a incompletude, o que tornam o dizer e o silenciar ações mobilizadas conjuntamente, consistindo no silêncio constitutivo. A ausência de informações (que não dizem respeito à doença) sobre as vítimas nas notas de falecimentos, nas notícias, dentre outras formas de divulgação é um silenciamento de ordem constitutiva, pois evita sentidos que não condizem com a veiculação da notícia por morte de COVID-19. Por outro lado, há ainda uma historicidade relativa à interdição do dizer e à ocupação de determinados lugares quando se trata de mulheres, correspondendo ao silêncio local. Pelos gestos das publicações de @reliquia.rum, e pelos efeitos verificáveis principalmente pelos comentários, os sentidos desses silenciamentos se cruzaram: o que, no silenciamento necessário do nome, é um silenciamento da sua condição de sujeito?

4. Considerações finais

A intenção deste trabalho foi realizar um trajeto entre a página @reliquia.rum, sua autoria na elaboração de colagens e textos-descrição sobre mulheres mortas na pandemia do Sars-CoV-2, as elaborações de Eni Orlandi (2007b) sobre o silêncio e o silenciamento, e a própria possibilidade de interpretação dos efeitos do silêncio dessas postagens. A partir do questionamento do por que a página homenageia mulheres, foi possível apreender que a autora realizou um recorte de gênero para mobilizar sentidos de invisibilidade e visibilidade, íntimo e político, público e privado, desigualdade social: sentidos que se cruzam com aqueles trazidos pela pandemia e pela situação de vulnerabilidade social a que estamos submetidos. As colagens, por sua vez, conferem uma representação artístico-poética (não automatizada) da mulher homenageada. Arte que se utiliza de imagens já existentes, criando um elo entre as mulheres do hoje e do ontem.

Quanto ao silêncio das postagens, foi possível apreender um gesto de localizar essas mulheres homenageadas naquilo que as remete a um coletivo historicamente subalternizado (“Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país”, “título ainda raro para mulheres”, “Se juntaram no cuidado”).

O silenciamento é um dos fatores da subalternização da mulher, que cerceou (e cerceia) sua presença em determinados lugares – físicos e discursivos –, e que afetou (e afeta) sua identidade. O silêncio constitutivo das notícias, obituários, dentre outras divulgações das vítimas da COVID-19, quando se trata de mulheres, produz sentidos que convocaram a memória de um

silenciamento de outra ordem, o local (censura), cruzando os sentidos desses silenciamentos. Esse recorte de gênero proposto por Diniz, conduzido pela interpelação do silenciamento, propõe um elo entre as mulheres do ontem – as das colagens-relicários, que representam um período da História em que os direitos da mulher eram quase inexistentes – e do hoje – a dos textos, que foram vitimadas pelo COVID-19 e que se tornam números, estatísticas, tendo traços da sua subjetividade omitidos. Por meio de um gesto que possibilita a leitura do corpo feminino como algo historicamente marcado pelo silenciamento, os autores, apontam o político que atravessa a vida das mulheres vitimadas pelo COVID-19 e das antepassadas. Os sentidos dessa abordagem, como o requerimento pelos nomes (“Qual é o nome dela? Queremos saber!”, “Não vai botar os nomes?”, “registro estetizante que apaga a visibilidade dos historicamente invisibilizados”), dão pistas da polissemia do silêncio, de seus sentidos deslizantes (não óbvios).

Referências

MELO, M. L. de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon, *UOL*, Rio de Janeiro, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas, Pontes, 2007b.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: F, GADET; T. HAK (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

RELIQUIA.RUM. *A morte as aproxima pela profissão*. Brasil. 8 abr. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-uSp7ml6pW/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome*. Rio de Janeiro. Instagram: @reliquia.rum. 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-GACxAB0EY/>>. Acesso em: 7 out. 2020.

RELIQUIA.RUM. *Ela era maestrina, um título ainda raro para as mulheres*. São Paulo. 26 mar. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-NdAfIhvkP/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *O luto é uma experiência íntima, mas também pública*. Brasil. 23 mar. 2020. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-GBh8KhwJQ/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RELIQUIA.RUM. *Parece que repito a notícia*. Brasil. 11 out. 2020. Uberaba. Instagram: @reliquia.rum. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGOMhzFnFfB/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

A REPETIÇÃO, ELO ENTRE A NORMATIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO REVELADO PELO EX

Fábio Pacheco Piantoni¹⁶⁷ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O presente artigo analisa por meio dos dispositivos da Análise Materialista do Discurso dois títulos de notícias publicados no mesmo dia sobre o ex-presidiário. Discute o papel da repetição materializada na pequena partícula discursiva (ex) e como ela, a repetição, é o ELO entre a normatização e a subjetivação. O esforço está em aproximar os conceitos de Foucault aos de Pêcheux e demonstrar que o discurso sobre o anormal, ou ainda o anormalizado, também são constructos ideológicos e que fazem pensar o banido e o ex-presidiário como resultado de falhas. Centra-se primeiramente em discutir como a repetição cria a materialidade do que o *eu* deve ser e se repetir em sua existência, depois reclama o papel das cidades como espaços recalçados para subjetivações autorizadas pela ideologia dominante, e por fim discute o processo de banimento dos sujeitos que não devem se repetir no núcleo urbano. O combustível da análise está em deslocar a falsa transparência de sentido do *ex*, para enfim demonstrar a justificação da expulsão e exposição daqueles que não se devem repetir em si mesmos.

Palavras-chave: Performatividade. Análise Materialista do Discurso. Normatização. Subjetivação.

Abstract:

This article analyzes through Materialistic Discourse Analysis's devices two news headlines published on the same day about the ex-convict. It discusses the role of repetition materialized in the small discursive particle (ex) and how, a repetition, is the link entre standardization and subjectification. The effort is to bring Foucault's concepts closer to Pêcheux and demonstrate that discourse about abnormal, or even anormalized, are also ideological constructs that make to think both banished and ex-convict as a result of failures. It first focus on discuss how repetition creates materiality of what Self should be and if repeats in your existence, and then claims the city roles like repressed spaces to subjectivations authorized from dominant ideology, and finally discuss the process of banishment from subjects that should not be repeated on urban nucleus. The fuel of this analysis lies in displacing the ex's false transparency of its meaning, to finally demonstrate the justification for expelling and exposure from those who should not repeat on themselves.

Keywords: Performativity. Materialistic Discourse Analysis. Standardization. Subjectivation

A materialidade da *forma existência* do sujeito se dá pela repetição, é na repetição que o *eu* acontece concretamente, o *seu* vir a existir. Repetição múltipla e infinita no recorte local/espacial/temporal. Palavras, sons, cenas, espaços, imagens, sensações, caminhos se repetem para a fundição de um *eu* e para um *eu*. O repetir-se é a forma material, concreta e espacial cuja *forma existência* se solidifica, o *eu* “encontrará” no processo de se repetir na repetição a significação normativa da própria imagem de ser.

¹⁶⁷ Mestrando pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Pesquisa focada em subjetivações, forma-sujeito e sentidos na dispersão do discurso sobre o egresso do sistema prisional.

Esse processo de encontros sistematizados/concretizados pela repetição é o ELO – *ele*; *ela*¹⁶⁸ – entre a determinação do sujeito já dado em imagem de sua existência e a forma normal no qual o *eu*, já subjetivado em sujeito, entende como normativa da existência. Em um duplo jogo, a repetição se encarrega de determinar a imagem de sujeito em sua *forma existência* e de colar, nesta forma, o núcleo da normatização, uma vez que o cerne do que é normal também é dado pela e na repetição. A norma repetível é a encarregada de formular zonas de identificação e subjetivação.

O cotidiano, entendido como elemento material em determinado espaço marcado geograficamente e temporalmente que também se repete, é peça chave para a *forma existência* repetir-se na repetição que gerará, por sua vez, o local necessário para o *eu* performatizar a própria imagem. Esta repetição performativa em um cotidiano abrirá espaço para a verificação da possibilidade de *existência material* enquanto *eu* em determinada imagem ou não. O sujeito em sua *forma existência* se reconhecerá na repetição, e por ela os constructos da norma. A *forma existência normatizada* (e pacificada) é o caminho completado pelo *eu* em uma matriz de repetições – aí está o que chamamos de performance.

De acordo com as descrições acima, é possível pensar as cidades em sua forma material como substrato do cotidiano moderno, cidades que se constroem nas sombras da própria repetição. A sombra não deve ser entendida como o bloqueio da luz impedida de prosseguir fisicamente, mas sim como recalque demarcado pela própria repetição, repetir-se territorial e discursivo que abre clareiras e que ao mesmo tempo aprofunda o solo para a construção do social. Seus habitantes são frutos da normatização criada por aquilo que se repete socialmente e determinados em um núcleo regido e matricial do repetível. Arrebatados e arrematados pela matriz daquilo que é repetível no cotidiano citadino, os sujeitos da *forma existência normatizada* são protegidos e consumidos ao se tornarem homens, mulheres, moradores, trabalhadores e cidadãos. Assimilados, tornam-se produtos e produtores daquilo que se repete. A fim de garantir a reprodução da norma, cidades abrigam em seus sulcos aqueles que irão se repetir. Na forma material concreta física, a fim de garantir a reprodução, distribuem espaços geográficos em um triplo efeito: 1. o de proteção dos sujeitos já normatizados, 2. a viabilização do trânsito dos próprios sujeitos e 3. o banimento de determinada forma-sujeito.

¹⁶⁸ O termo encontra-se em destaque devido a seu valor polissêmico e à sua importância epistemológica. A primeira tentativa proposta é a de sobrepor os estudos foucaultianos a respeito da normatização e o pensamento de Pêcheux acerca da subjetivação do sujeito. Outra tentativa recai no campo semântico, *elo* que funciona na e pela linguagem, que aponta para o interior dela aquilo posto em sua exterioridade. Sujeito *eu* irremediavelmente interno, cuja participação do *ele* e *ela*, exteriores ao si próprio do eu, se dá pela repetição, o que resulta no espaço recalçado do próprio ser.

A cidade é o espaço privilegiado também para “produção” e reprodução do conhecimento, para a materialização do estabilizado e para observação das cristalizações das posições sujeito. Segundo Pachukanis (1988 [1929]), ela também é lugar de normatização ao se caracterizar como palco principal para a consolidação da forma jurídica, forma esta que, dado seu funcionamento enunciativo/discursivo, será um dos dispositivos ideológicos que funcionará na interpelação do indivíduo em sujeito de direitos.

A cidade é grande plataforma moderna que produz, pela repetição, o lugar vazio, espaço aberto da identificação. Nela está “aquele que...” (PÊCHEUX, 2014, p. 145), “aquele que ... *trabalha*: o trabalhador”, “aquele que ... *mora*: o morador”, “aquele que ... *a ama e protege*: o cidadão”. Cabe ressaltar que estes espaços são apenas esvaziados enquanto movimento de completude, o que derivará por meio da subjetivação do sujeito sua própria representação, mas que também abrigam conflitos em seus interiores, o embate (a repetição da luta e do confronto) ideológico entre as diferentes posições do sujeito (ZOPPI-FONTANA, 2002), posições que também produzem diversas representações capazes de interpretarem o espaço urbano (p. 177).

Zoppi-Fontana (2002), em seu artigo “Cidade e Discurso: paradoxos do real, do imaginário, do virtual”, chama a atenção sobre uma dimensão específica da cidade, ou seja, sua dimensão discursiva. Ela esclarece que a dimensão discursiva é “a dimensão dos processos discursivos que constituem as imagens de cidade e de cidadão/cidadão que orientam as práticas do espaço urbano” (p. 39). Desta forma, é possível pensar a cidade em como ela significa, “quais são os sentidos produzidos nela e sobre ela pelos diversos discursos que a configuram e interpretam” (ibidem), sentidos que extrapolam a ordem do dizer e que irão produzir práticas efetivas de convivência e aceitação ou não daquilo que pertence ao meio: o que deve e não deve ser reproduzido – novamente a performance.

Mas o que dizer das formas-sujeito¹⁶⁹ banidas da matriz cotidiana cidadina de repetições? Os banidos de sua sombra são as *formas existência* que falharam na repetição no cerne normativo? Ou a questão do banimento deverá ser posta na determinação do sujeito, inscrevê-la no campo da desidentificação (PÊCHEUX, 2014, p.201). Cremos ser impossível escapar da determinação do repetível. Cabe, portanto, deslocar o banimento para o campo da repetição que compõe a norma ou ainda na possibilidade de falha na matriz de determinação. Mais, é possível colocar o banimento do cotidiano urbano na pretensa saturação do repetível, saturação

¹⁶⁹ O termo corresponde aos desdobramentos que Pêcheux (2014) faz a partir de Althusser. Toma-se como referência a famosa definição do linguista: “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma-sujeito. A forma-sujeito, de fato é a forma existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (nota 14: 150)

da performatividade? Cada deslocamento dado com o propósito de compreender o banido da repetição cotidiana urbana gera implicações.

A primeira implicação é pensada junto com Foucault e vem por meio da questão: os banidos de sua sombra são as *formas existência* que falharam na repetição do cerne normativo? Posta sob as concepções foucaultianas, a *forma banimento* se deu em meio a um conjunto de repetições discursivas que caminharam ao longo da história, mas que nunca perdeu *seu status principal*, a expulsão do corpo e da imagem do indivíduo do núcleo citadino.

Foucault em *Vigiar e Punir*, no *Anormal*, no *Em defesa da sociedade*, assim como nas conferências realizadas no Brasil e publicadas na obra *A verdade e as formas jurídicas*, abrem caminho para pensar o corpo daquele que falha dentro dos processos representativos da cidade, o não aceitável para conviver sob o recalque das performatividades autorizadas e validadas pelo direito, ou seja, domínios de saber a partir de práticas sociais (FOUCAULT, 2013, p. 17). Este seu posicionamento leva a romper com aquilo que chama de marxismo acadêmico, uma vez que enxerga um defeito muito grave, o de:

supor, no fundo, que o sujeito humano, o sujeito do conhecimento, as próprias formas de conhecimento são de certo modo dados prévia e definitivamente, e que as condições econômicas, sociais e políticas de existência não fazem mais do que depositar-se ou imprimir-se neste sujeito definitivamente dado (p. 18).

Para ele, o saber do homem, da própria individualidade, tanto do indivíduo normal como aquele considerado anormal, dentro ou fora da regra, nasce de práticas sociais, de práticas sustentadas e definidas pelas práticas de controle e vigilância. O que permite pensar, com a ajuda de um deslocamento, a cidade como a produtora do banimento e criadora da prisão, e que a constituição do cidadão, ou seja, de um sujeito de conhecimento da ação urbana e das práticas performativas na/da cidade, se dá através do conjunto de estratégias que povoam as práticas sociais citadinas. Para Foucault (2013), são estas análises históricas que permitem a localização da emergência de outras formas de subjetividade. Ele ainda coloca as práticas jurídicas/judiciárias entre as mais importantes.

De acordo com o filósofo francês, as práticas judiciárias são a maneira encontrada entre os homens do ocidente para arbitrarem os danos e as responsabilidades, um modo encontrado para julgar homens em função dos erros cometidos e de impor reparações de algumas de suas ações e punição de outras. Entendemos que o gesto do homem arbitrar sobre o outro homem se repetiu indefinidamente na *polis*, gerando regras, práticas regulares que se mantiveram e também mudaram ao longo da história. Todo este processo foi e está afundado na *memória*. Memória, entendida no campo da Análise Materialista do Discurso, como algo do dizer que se

estabiliza por meio de processos calcados na repetição (ZOPPI-FONTANA, 2002). A memória se tece na e pela linguagem, segundo Courtine (1994, apud ZOPPI-FONTANA, 2002, p.177), o que se torna interessante ao analista é a memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história.

A repetição dos conjuntos de definições sobre o infrator, o delinquente, o criminoso e o anormal acontece dentro das repetições da norma repetida na história. Estas figuras foram criadas à sombra de uma norma regente, dominadora e interpelativa, e que foram descoladas ao longo dos séculos e reinterpretadas pela ideologia dominante. Sob esta ótica, o anormal, o criminoso, o delinquente e o infrator não estão fora da norma, pelo contrário, estão dentro de uma norma que impõe seu banimento. Assim, devem ser retirados para não mais repetir no cotidiano citadino e sim em um campo determinado politicamente como fora da cidade.

A figura do anormal/criminoso é a repetição de uma outra norma, afilhada a norma geral e dominante, portanto o anormal está dentro de um *normal*, no entanto não aceita pela matriz geral como matriz do repetível. É colocado nestes termos porque a repetição do que se entende como anormal não é capaz de gerar o máximo da repetição, caso se leve em conta o jogo duplo de determinação e normatização pelo repetível. Ou seja, se uma outra norma normalizada – mas não aceitável – se repete e esta é incapaz de gerar o reproduzir das determinações para o cotidiano, deve ser posta de lado no empenho de se repetir em outro padrão.

Entende-se, aqui, o sujeito banido como aquela *forma-sujeito* que não deverá mais se repetir em determinado cotidiano das cidades. A *ele/ela* está vetada a repetição nas sombras e pelas sombras da própria forma do repetir, a ele é imposto um apagão da memória tida oficial, seu abismo se concentra na não atualização da memória, condenado a reproduzir em outro campo extra cidade, lembranças do outro que se foi e o que se é.

O banido será expulso das sombras da cidade e obrigado a repetir-se na repetição em um território vazio do cotidiano citadino, sem as sombras geradas pela repetição normatizada. Ao banido será negada a rua e toda sua linguagem, será negado o movimento dos carros e todo seu simbolismo, estará vetada a rotina do cotidiano de quem vive sob a tutela da cidade e toda sua cidadania. Da convivência nas praças até as compras nos shoppings, das refeições em família até os cigarros depois do sexo, a ele, toda forma de se repetir gerada no cotidiano e para a cidade estará negada.

Negação não somente de sua forma-sujeito de cidadão de direitos, mas sim uma negação material de sua performatividade enquanto *forma existência*. A forma existência material e a consolidação das subjetivações se darão em outro espaço. A beira das sombras recalçadas da

cidade, o sujeito da não repetição do cotidiano, da não *forma existência normatizada*, banido do repetível normatizado estará confinado a conceber a *imagem existência* naquilo no vazio de experiências cotidianas e na escuridão de memória. Os muros que separam os banidos do nosso tempo são os muros das cadeias e das prisões, muros que indicam os limites do repetível normatizado de um outro repetir-se sequer compreendido, um abismo da não repetição do como deve ser.

Enquanto primeira implicação levantada anteriormente, a forma não aceitável de cidadão não é algo que está fora da norma, pelo contrário, e parafraseando Pêcheux (2014), o banido “é aquele que...”, pela norma, norma do que não se repete, ou seja, a normatividade da não repetição. A ideologia assimila a *não normatização* em seu núcleo e por ela se dissimula que o criminoso e todas as formas não aceitáveis são consideradas anormais, ou melhor, *anormatizadas*. Processo no qual autoriza-se socialmente e juridicamente a retirada daquele que não se repete como deveria se repetir. Retoma-se a questão: somente se não enxergar o caráter dissimulatório da ideologia revestida pela normalização/normatização é possível a afirmação de que o banido é resultado de uma falha.

Passa-se à segunda implicação, desta vez em Pêcheux (2014). A realocação da repetição no espaço que falha, falha materializada em forma de lapso ou por meio de contradição, explicaria a necessidade de expulsão da matriz daquilo que falhou. Assim, o banimento estaria socialmente autorizado por ser a causa daquilo que falha no cotidiano repetível e dissimulado pela ideologia como não normatização. O modelo matricial de repetição incorpora a falha e se reajusta, trazendo-a para dentro do próprio modelo. Em alguns casos, a falha torna-se a fonte material para repetições equivalentes a ela ou semelhantes. A incorporação causaria o reajuste necessário para apagar a falha, o recalque da falha prontamente normatizado e logo reproduzível, o que tornaria *o mesmo* da repetição ou sobreposições impossíveis de serem demonstrados.

Em outras palavras, a estrutura incorpora a falha e a normatiza, mas pelos processos demonstrativos regidos pela ideologia, a revela como algo potencialmente errado, incomum, incoerente com as formas de se representar no espaço urbano. A falha é a performaticidade daquilo que é determinado para não acontecer, faz parte da estrutura, no entanto é posta como acontecimento daquilo que não deveria acontecer. Processo este sistematizado por um outro sistema, o Direito.

Sistema entendido, em Althusser (1999), como sistema formal sistematizado, sem existência própria que se apoia no Aparelho Repressor do Estado, na ideologia jurídica e na

ideologia moral. Sua repressividade moral é materializada no Código Penal e dá forma ao arquivo. Entende-se o arquivo como algo que indexa às palavras a estabilização e a atestação de sentidos que produz o efeito de fechamento (ORLANDI, 2003, p.15). O Código Penal tem em seu fundamento a necessidade do não esquecimento das consequências das pretensas falhas e é nele que se encontra a normatização do banimento. Mais uma vez, o Código Penal não é apenas o conjunto de ações a serem tomadas para aquele sujeito que falha a cidade, ele é a forma material da expulsão do sujeito normatizado pelo processo “*aquele que ... não deve ser*”.

O código penal, ou de condutas, também dissimula pelos Aparelhos Ideológicos de Estado a não normatização, o anormal/anormatizado. Como exemplo se têm a escola e seus dispositivos. São regulamentos internos que precisam ser obedecidos, são regulamentos que determinam as formas punitivas, seja com advertências, suspensões e até mesmo o banimento por meio da expulsão. Já se repete nos bancos escolares a total rejeição do anormal. Pensar os procedimentos de lidar com o anormal já é a própria normatização do anormal. Verdadeiro duelo de contradições.

A falha, portanto, não está na subjetivação do *sujeito que não deve se repetir* na cidade, a falha se dá pela infinita repetição gerada na necessidade ideológica de evidenciar o anormatizado como fora da norma, ou seja, aquela sobre o qual não recai a normatização. Nos exemplos abaixo está proposta uma descrição dos funcionamentos citados.

Enunciado 01¹⁷⁰:

Ex-presidiário é morto a tiros no Bairro Rodolfo Teófilo, em Fortaleza
Vítima usava tornozeleira eletrônica e já respondia por crimes como tráfico de drogas, ameaça e associação criminosa.

Enunciado 02¹⁷¹:

Ex-presidiário é morto a tiros ao tentar visitar esposa no Jorge Teixeira
Segundo levantamento da polícia, assassinato possui relação pela disputa de território do tráfico de drogas entre facções criminosas

Ambas as manchetes foram publicadas dia 04 de janeiro de 2021 e elas nos ajudarão a compreender melhor os processos de banimento *daquele que não deve se repetir*, das consequências do abuso de ser o que não deve e a falha gerada pela própria repetição dissimulatória da não normatização. São notícias que povoam *sites de internet* sempre repetindo

¹⁷⁰ EX-PRESIDIÁRIO é morto a tiros no Bairro Rodolfo Teófilo, em Fortaleza. *G1*, Fortaleza, 4 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/04/ex-presidiario-e-morto-a-tiros-no-bairro-rodolfo-teofilo-em-fortaleza.ghtml>> Acesso em: 6 jan. 2021.

¹⁷¹ ANTUNES, J. Ex-presidiário é morto a tiros ao tentar visitar a esposa no Jorge Teixeira. *A crítica*, Manaus, 4 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/hoje/news/ex-presidiario-sai-para-visitar-esposa-e-morto-a-tiros-no-jorge-teixeira>> Acesso em: 6 jan. 2021.

a mesma performatividade do que foi banido e não pode voltar ao convívio social. Da repetição sintática às questões ideológicas, se tem um conjunto de repetições a fim de provocarem determinados efeitos de sentido. Imbricado na estrutura sintática da língua, repete-se e não por acaso, o verbo *matar*. Sintaticamente, o verbo matar é monovalente, ou seja, há a necessidade de saturação de apenas uma entrada, que no caso é a entrada do sujeito. No entanto, o verbo é utilizado na voz passiva, garantindo assim a entrada de mais um componente sintático, o agente da passiva. Curiosamente, nos dois enunciados, o agente garantidor do ato de matar é apagado, focalizando apenas o modo da consumação da morte, *a tiros*. Tiros que foram disparados por um autor silenciado. O lugar do fato é marcado por meio da nominalização dos bairros, marcando assim locais situados na cidade. Em E01, a cidade ganha materialidade ao ser situada na enunciação. Em E02, a cidade é silenciada, mas se materializa por um processo metonímico ao se nomear o bairro.

Apaga-se o agente da morte enquanto se explicita no primeiro dizer o sujeito que é morto. Quem morre a tiros é um *ex*. O *ex*, em sua natureza transparente, marca em si mesmo o rompimento do que era no passado e o que se torna no presente, dando ares de um *acontecimento discursivo*¹⁷². No entanto, o *ex* é capaz de mais. Ele transporta para a atualização discursiva o que *era antes*. Um *antes*, nos casos dos exemplos, marcado semanticamente pelo tempo e espaço. Espaço *habitado* que ficou registrado em sua nominalização, habitação transposta e vivida dentro de um espaço temporal. O *ex* traz de volta o presídio e todo o Código Penal que resultou nele, assim como todo o ordenamento jurídico opera para fazer esse retorno funcionar. Desde a Constituição Federal, como o art. 5º, até toda legislação extravagante ao Código Penal e ao Código de Processo Penal (SIGALES-GONÇALVES, 2021). No entanto, o *ex* não apagará este tempo/espaço/discurso da forma-sujeito, pelo contrário, funcionará a atualização do que sempre foi e sempre será. Como diz Pêcheux (2014), as palavras não se significam em si mesmas, elas sempre são dependentes das formações discursivas¹⁷³ que as revestem.

¹⁷² Conceito retirado de Pêcheux (2004) e desenvolvido por Zoppi-Fontana em *Acontecimento, Arquivo, Memória: às margens da lei*. Zoppi-Fontana (2002, p. 176) nos explica que determinadas questões do sujeito são postas em campos discursivos instáveis e conflitivos, lugar no qual diferentes formações discursivas colidem em movimentos de enfrentamento e acomodação. Estes movimentos produzem rupturas na memória discursiva, o que se materializará como acontecimento discursivo.

¹⁷³ Zoppi-Fontana (2002) traz o conceito de Formação Discursiva: “FD representam regiões e estabilização da memória discursiva que se organiza por processos de reformulação parafrástica em movimento contínuo de reconfiguração” (p. 179). Dois termos em sua formulação chamam a atenção: reformulação e reconfiguração. Termos tais que possuem em si a materialidade da repetição presente no prefixo *re*. A repetição não só está presente, como ela é a própria produtora de espaços, “regiões”, a que desgasta a estrutura e abre espaço para a memória e a organização dela.

Cabe a mesma definição para partículas significativas que nem sempre são palavras – nesta reflexão, um prefixo? Um prefixo é capaz de dissimular sua evidência e passar ileso? De acordo com os processos significativos é possível notar que sim. Ambas enunciações marcam a morte do sujeito por tiros de algo e alguém silenciados. E o *ex* estabelece uma segunda e terceira morte: do corpo daquele que não deve se repetir e da voz do não repetível, além de funcionar como repetição e exposição do repetível.

A voz do banido das sombras da cidade, mas que retorna, é sentenciada ao silêncio, entendido como forma material de não repetição. Ela não deve ecoar, reverberar. Tem que se ter a sua morte, para que ela morra, o corpo tem que morrer. Tamanho é o silenciamento que são necessárias múltiplas mortes. A primeira é a da voz encarnada no corpo. Aquela registrada nas tatuagens, cicatrizes e marcas da prisão. A morte da voz que fala também é extinta com a morte do corpo. Mais adiante, a morte precisa entrar na matriz da repetição. A peça-chave na linguagem para que a morte na repetição flua é o *ex*.

O *ex* repete a morte do corpo enquanto voz que fala, assim como repete a morte do sujeito, ou melhor, do banido, o que foi preso sob as sombras de cidade, obrigado a se repetir sem o privilégio do cotidiano urbano. O *ex* expõe a repetição da morte. O *ex* explorará a exposição da repetição da morte. Assim, o *ex* age como gerador da matriz, repetindo a repetição infinitamente, o eterno retorno do banido materializado na inscrição do *ex*-presidiário. Este é o primeiro efeito de sentido que escapa a repetição do *ex* na enunciação para a morte do sujeito, *daquele que não deve se repetir*.

No olho da notícia também há repetições e outra falha, algo que rompe com a mecânica da ideologia de esconder que a *não normatização* também é norma. Repete-se em ambas enunciações a relação do sujeito com a associação criminosa, estratégia ideológica de reprodução da forma-sujeito da não normatividade. Uma associação direta e quase transparente de que o *ex*-presidiário é o criminoso, o infrator, o anormal. O que escapa no dizer é justamente a emersão dos dispositivos de controle e vigilância, compostos e formatados pelo Aparelho Repressor de Estado, presente na E01: *tornozeleira eletrônica*; e E02: *levantamento da polícia*.

Na repetição da discursividade se dá o confronto de algo que escapa. Conforme descrição acima há falhas, escapa a transparência da enunciação do *ex* e a pressa em associar o a forma-sujeito *àquele que não deve ser* à criminalidade. Leitura possível e plausível não pela confrontação do dito, mas sim pelo jogo do silenciamento. Como já posto anteriormente, silencia-se o autor do tiro, o consumidor do disparo, o direto responsável pelo ato de matar. Quem causa a morte do *ex*-presidiário? Um segundo silenciamento torna-se visível quando é

colocada a questão da nominalização. Por que nomear/ determinar determinada forma-sujeito com *ex*? Opta-se, portanto, pela rememoração de determinado sujeito, justamente para determinar o sujeito. Opta-se por atualizar o presídio ao nomear *presidiário*, conseqüentemente opta-se por manter viva a memória dos códigos que regem a ida até lá, ao invés de *Egresso*, conforme a LEP¹⁷⁴: Opta-se pela nomeação genérica e exclusiva do da forma-sujeito *daquele que não deve ser*, ao invés da forma genérica de *homem*, ou até mesmo a forma singular do nome próprio.

Dois silenciamentos que confrontam internamente com as repetições e com as falhas das próprias repetições eclodem, confronto do dizer e do não dito, em nominalização, em discursividade e materialidade: *vítima*. A enunciação 01 marca o ex-presidiário, *aquele* que já respondia por crimes e associação criminosa, como *vítima*. Resta somente perguntar, *vítima* de quem? Da morte? Da enunciação? Da situação? Ou *vítima* de uma ideologia que pressupõe sua retirada, seu banimento incontornável? Na enunciação E02, a relação de *vítima* não está associada diretamente, mas está posta. O Ex-presidiário é aquele que *ao tentar visitar esposa*, marcação discursiva também não casual. Oração subordinada reduzida infinitiva que nomeia o ato e o sujeito que o executa, este é, o esposo que visita a esposa. Não há relação da forma-sujeito esposo que visita esposa à presença da não normatividade. O esposo ocupa o interior da casa, casa que ocupa o espaço da cidade, cidade transitável para o ato de visitar.

A eclosão do confronto se materializa em dizer – *vítima* e *esposo* que tenta visitar esposa. O sujeito que deixa escapar a falha diante o confronto é o sujeito que tem a voz e a verdade do dizer – ainda mais, representante do dizível, autorizado e validade socialmente, ou seja, o sujeito entrelaçado à necessidade de informar e ao jogo de se esconder. Sujeito detentor dos meios de comunicação, dos dispositivos de reprodução fonte da própria repetição, a *mídia*. Todo dizer das enunciações passa pela boca deste sujeito, que assustadoramente é o representante oficial e legal de múltiplas *formas existências* dadas na materialidade discursiva.

Mídia encarada sob a ótica marxista, compreendida nos modelos dos Aparelhos Ideológicos de Estado, a superestrutura que movimenta o dizer. Sua mecânica material e concreta se dá pela repetição de fatos, gestos, opiniões, enfim, do discurso, e sua performance é garantida pela transparência dissimulatória da ideologia. Mídia que no seu auto ritual de repetição se esconde e falha. Mídia, no materialismo foucaultiano, dispositivo de controle,

¹⁷⁴ Lei de Execução Penal sancionada em 11 de julho de 1984. Na SEÇÃO VIII, é instituída outra nominalização para o ex-presidiário. O Art. 26 define o que se considera egresso para os feitos da Lei: I. o liberado definitivo, pelo prazo de 1 (um) ano a contar da saída do estabelecimento; II – o liberado condicional, durante o período de prova.

vigilância e dispersão. Ambas concepções materiais dos objetos sócio-históricos são complementares. E, sobre elas, é possível assentar a rua, o bairro, a cidade, a metrópole. Redutos da repetição e da falha. Repetição do cotidiano normatizado e da forma-sujeito *daquele que não deve ser*. Espaço no qual o *eu* “encontrará” no processo de se repetir na repetição a significação normativa da própria imagem de ser. Caso não consiga, será banido em absoluto por meio de três mortes: a do corpo, a do sujeito, a da voz que não deve se repetir.

Referências

ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL, Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. *Lei de Execução Penal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 07 jan. 2021.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Machado e Eduardo Martins. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2013.

_____. *Segurança, território e população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Tradução de Eduardo Brandão. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. ed. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ORLANDI, E. P. (Ed.). *Para uma enciclopédia sobre a cidade*. Campinas: Pontes, 2003.

PACHUKANIS, E. B. *Teoria geral do direito e marxismo*. São Paulo: Editora Acadêmica, 1988.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SIGALES-GONÇALVES, J. S. Comentários ao trabalho final da disciplina Seminários de Linguística IV, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp. Mensagem recebida por fabio.piantoni@gmail.com em 26 jan. 2021.

ZOPPI-FONTANA, M. Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei. *Revista Leitura*, nº 30, Maceió: 2002, pp. 175-205.